

Scott Hahn & Curtis Mitch

*O livro do*

# GÊNESIS

*Cadernos de estudo bíblico*



ECCLESIAE



DR. SCOTT HAHN é Ph.D. em Teologia Sistemática pela Marquette University. Seus estudos acadêmicos têm sido publicados em diversos meios católicos. É autor de vários livros, incluindo os *bestsellers* *O banquete do Cordeiro* e *Todos os caminhos levam a Roma*, escrito com sua esposa Kimberly.

Atualmente é professor de Teologia e de Sagrada Escritura na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.

---



CURTIS MITCH é mestre em Teologia e pesquisador do St. Paul Center for Biblical Theology. Especializou-se no estudo da Sagrada Escritura e vem contribuindo com seus artigos e ensaios em diversas publicações católicas.

Atualmente é professor convidado de Teologia e Estudos Bíblicos na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.

---

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

Através de inúmeras notas históricas e teológicas, comentários incisivos e ferramentas de estudo, a sabedoria dos Padres da Igreja e o ensinamento do Magistério iluminam cada uma dessas páginas e fazem o livro do Gênesis ganhar vida.

“A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras ‘inspirada’, ‘única’ ou ‘inerrante’. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nos é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós ‘tirámos’ de suas páginas sagradas”.



“A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto”.



“Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de ‘espiritualizá-lo demais’, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: “Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal” (cf. CIC 116). Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo”.

**E**ste livro conduz o leitor por um profundo estudo do Gênesis, usando como guia o próprio texto bíblico e as diretrizes da própria Igreja Católica para sua interpretação. Cada página traz várias observações e oferece novos esclarecimentos e comentários dos renomados professores Scott Hahn e Curtis Mitch, especialistas em estudo bíblico, além de algumas interpretações feitas pelos Padres da Igreja, há muito consagradas. Essas notas de estudo ajudam a tornar explícito aquilo que o autor do livro do Gênesis freqüentemente fica pressuposto, além de fornecerem também preciosas informações históricas, culturais, geográficas e teológicas, pertinentes ao Velho Testamento.

Neste estudo ainda incluem-se quadros, ensaios sobre determinados tópicos e estudos específicos sobre determinadas palavras; há em cada página uma seção de referências facilmente utilizável e, para cada capítulo, são propostas algumas questões para aprofundar o entendimento pessoal da santa Palavra de Deus. Há ainda um ensaio introdutório que abarca questões de autenticidade, data, destinatários, estrutura e temas do livro do Gênesis, além de um esquema de sua estrutura e diversos mapas.



[www.ecclesia.com.br](http://www.ecclesia.com.br)

*O livro do*  
GÊNESIS

CADERNOS DE ESTUDO BÍBLICO

*O livro do*  
**GÊNESIS**

Com introdução, comentários e notas de  
*Scott Hahn e Curtis Mitch*  
e questões para estudo de  
*Dennis Walters*

Tradução de Alessandra Lass



ECCLESIAE

O livro do Gênesis: Cadernos de estudo bíblico  
1ª edição – outubro de 2015 – CEDET

Título original: *Catholic Study Bible: Genesis* – © Ignatius Press.

Os direitos desta edição pertencem ao  
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico  
Rua Ângelo Vicentin, 70 • CEP: 13084-060 – Campinas – SP  
Telefone: 19-3249-0580  
*e-mail*: [livros@cedet.com.br](mailto:livros@cedet.com.br)

*Editor:*

Diogo Chiuso

*Editor-assistente:*

Thomaz Perroni

*Tradução:*

Alessandra Lass

*Revisão:*

Roger Campanhari

*Editoração:*

Virginia Morais

*Conselho Editorial:*

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Diogo Chiuso

Silvio Grimaldo de Camargo

✉ ECCLESIAE – [www.ecclesiae.com.br](http://www.ecclesiae.com.br)

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

## ÍNDICE

### INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO • 7

- Inspiração e inerrância bíblica* • 8
- Autoridade bíblica* • 9
- Os sentidos da Sagrada Escritura* • 10
- Crêterios para a interpretação da Bíblia* • 13
- Usando este estudo* • 15
- Colocando tudo em perspectiva* • 17
- Uma nota final* • 17

### INTRODUÇÃO AO LIVRO DO GÊNESIS • 19

- Autoria e data* • 19
- Estrutura* • 21
- Título* • 22
- Base literária* • 22
- Temática* • 23
- Perspectiva cristã* • 24

### ESQUEMA DO LIVRO DO GÊNESIS • 27

### O PRIMEIRO LIVRO DE MOISÉS CONHECIDO COMO GÊNESIS • 29

- Quadro: A estrutura dos Sete Dias* • 34
- Estudo da palavra: Imagem e semelhança (Gn 1, 26)* • 35
- Mapa: As nações de Gn 10* • 59
- Mapa: As viagens de Abraão* • 65
- Ensaio sobre um tópicO: A aliança abraâmica* • 67
- Estudo da palavra: Anjo do Senhor (16, 10)* • 74
- Estudo da palavra: Descendência (22, 18)* • 89
- Ensaio sobre um tópicO: O sacrifício de Isaac* • 91
- Mapa: Jacó retorna à Canaã* • 114
- Estudo da palavra: Israel (32, 28)* • 114
- Estudo da palavra: Sonho (37, 5)* • 126
- Mapa: José e seus irmãos* • 126
- Ensaio sobre um tópicO: Bênçãos e primogenitura* • 148

### QUESTÕES PARA ESTUDO • 155

## INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO

VOCÊ ESTÁ SE APROXIMANDO da “palavra de Deus”. Esse é o título mais freqüentemente atribuído à Bíblia pelos cristãos e é uma expressão rica em significado. Esse é também o título atribuído à segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Deus Filho – Jesus Cristo, que se encarnou para a nossa salvação “e é chamado pelo nome de Palavra de Deus” (Ap 19, 13; cf. Jo 1, 14).<sup>1</sup>

A palavra de Deus é a Sagrada Escritura. A Palavra de Deus é Jesus. Essa associação sutil entre a palavra *escrita* de Deus e sua Palavra *eterna* é intencional e presente na tradição da Igreja desde a primeira geração de cristãos. “Toda a Escritura divina é um único livro, e este livro é Cristo, ‘já que toda Escritura divina fala de Cristo, e toda Escritura divina se cumpre em Cristo’<sup>2</sup>” (CIC 134). Isto não significa que a Escritura é divina da mesma maneira que Jesus é divino. Ela é, antes, divinamente inspirada e, como tal, é única na história da literatura universal, assim como a Encarnação da Palavra eterna é única na história da humanidade.

Podemos dizer ainda que a palavra inspirada assemelha-se à Palavra encarnada em muitos e importantes aspectos. Jesus Cristo é a Palavra de Deus encarnada; em sua humanidade, Ele é como nós em todas as coisas, exceto no pecado. A Bíblia, enquanto obra escrita pelo homem, é como qualquer outro livro, exceto pelo fato de não conter erros. Tanto Cristo quanto a Sagrada Escritura nos são dados “para nossa salvação”,<sup>3</sup> diz o Concílio Vaticano II, e ambos nos fornecem a revelação definitiva de Deus. Portanto, nós não podemos conceber um sem o outro – a Bíblia sem Jesus, ou Jesus sem a Bíblia. Um é a chave interpretativa do outro. É por que Cristo é o sujeito e o assunto de toda a Escritura que São Jerônimo afirma que “ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”<sup>4</sup> (CIC 133).

Ao aproximarmo-nos da Bíblia, então, nós nos aproximamos de Jesus, a Palavra de Deus; e para que o encontremos de fato, devemos abordá-lo através de um estudo devoto e piedoso da palavra inspirada de Deus, a Sagrada Escritura.

---

1 Jo 1, 14: “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”. A tradução brasileira dos textos bíblicos utilizada ao longo de todo este estudo é a da Bíblia da CNBB.

2 Cf. Hugo de São Vítor, *De arca Noe*, 2, 8: PL 176, 642; cf. *ibid.*, 2, 9: PL 176, 642-643.

3 Cf. *Dei Verbum*, 11.

4 *Dei Verbum*, 25; cf. S. Jerônimo, *Commentarii in Isaiam*, Prologus: CCL 73, 1 (PL 24, 17).

## INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA BÍBLICA<sup>5</sup>

A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras “inspirada”, “única” ou “inerrante”. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nos é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós “tiramos” de suas páginas sagradas.

Esses princípios são válidos independentemente do que estamos lendo – uma reportagem de jornal, um aviso de “procura-se”, uma propaganda, um cheque, uma prescrição médica, uma nota de despejo... O modo como lemos essas coisas (ou até, se as lemos ou não) depende muito de nossas noções pré-conceituadas a respeito da autoridade e confiabilidade de suas fontes – e também do potencial que têm de afetar diretamente nossa vida. Em alguns casos, a má interpretação da autoridade de um documento pode levar a conseqüências terríveis; noutros casos, pode nos impedir de desfrutar certas recompensas das quais temos o direito. No caso da Bíblia, tanto as conseqüências quanto as recompensas envolvidas têm valor definitivo.

O que quer dizer a Igreja, então, ao endossar as palavras de São Paulo – “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3, 16)? Uma vez que, nessa passagem, o termo “inspirada” pode ser entendido como “soprada por Deus”, segue-se então que Deus soprou sua palavra na Escritura assim como você e eu sopramos ar quando

---

5 Na linguagem cotidiana, o termo “errante” costuma significar “andar a esmo”, “andar sem rumo” ou “vaguear”; “inerrante”, nesse sentido, se diria de algo que “anda com propósito”, “com destino certo”. No entanto, o termo é empregado aqui no sentido estrito de “sem erros”, mesmo – e assim também “inerrante” quer dizer “que não erra”. Poder-se ia dizer “infalível”, porém o autor faz uma clara distinção entre esses dois termos – “inerrante” e “infalível” – quando diz, mais à frente, que “o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade”. A distinção esclarece que o autor está se referindo à *escrita* da Bíblia como *inerrante*, enquanto que se refere à *interpretação* do que foi escrito como *infalível* – dois adjetivos distintos para duas etapas distintas da relação com o texto sagrado: a escrita e a interpretação da escrita. Ambas são feitas pelo próprio Espírito Santo e, portanto, não podem falsear. Na *Carta Encíclica Divino Aflante Spiritu*, de setembro de 1943, o Papa Pio XII diz da doutrina da inerrância bíblica: “O primeiro e maior cuidado de Leão XIII foi expor a doutrina relativa à verdade dos Livros Sagrados e defendê-la dos ataques contrários. Por isso em graves termos declarou que não há erro absolutamente nenhum quando o hagiógrafo, falando de coisas físicas, ‘se atém ao que aparece aos sentidos’, como escreveu o Angélico [Sto. Tomás de Aquino], exprimindo-se ‘ou de modo metafórico, ou segundo o modo comum de falar usado naqueles tempos e usado ainda hoje em muitos casos na conversação ordinária mesmo pelos maiores sábios’. De fato, ‘não era intenção dos escritores sagrados, ou melhor, do Espírito Santo que por eles falava – são palavras de Sto. Agostinho –, ensinar aos homens essas coisas – isto é, a íntima constituição do mundo visível – que nada importam para a salvação’. [...] Nem pode ser acusado de erro o escritor sagrado, ‘se aos copistas escaparam algumas inexatidões na transcrição dos códices’ ou ‘se é incerto o verdadeiro sentido de algum passo’. Enfim, é absolutamente vedado ‘coarctar a inspiração unicamente a algumas partes da Sagrada Escritura ou conceder que o próprio escritor sagrado errou’, pois que a divina inspiração ‘de sua natureza não só exclui todo erro, mas exclui-o e repele-o com a mesma necessidade com que Deus, suma verdade, não pode ser autor de nenhum erro. Esta é a fê antiga e constante da Igreja”.

falamos. Isso significa que Deus é o autor primordial da Bíblia. Certamente Ele se serviu também de autores humanos para essa tarefa, mas não é que Ele simplesmente os assistiu enquanto escreviam, ou então aprovou posteriormente aquilo que tinham escrito. Deus Espírito Santo é *essencialmente* o autor da Escritura, enquanto que os escritores humanos o são *instrumentalmente*. Esses autores humanos escreveram francamente tudo aquilo – e somente aquilo – que Deus queria: é a palavra de Deus nas exatas palavras de Deus. Esse milagre da dupla-autoria se estende a toda a Escritura e a cada uma de suas partes, de modo que tudo o que os seus autores humanos afirmam, Deus também afirma através de suas palavras.

O princípio da inerrância bíblica decorre logicamente do princípio de sua divina autoria. Afinal de contas, Deus não mente, e nem erra. Sendo a Bíblia divinamente inspirada, nela não pode haver erro algum quanto àquilo que seus autores, tanto o divino quanto os humanos, afirmam ser verdadeiro. Isso quer dizer que o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade – a saber, o de que é garantido que a Igreja sempre nos ensinará a verdade em tudo aquilo que disser respeito à fé e à moral. É claro que o manto da inerrância sempre cobrirá também o campo das questões de fé e moral, mas ele se estende para mais longe ainda, no sentido de nos assegurar de que todos os fatos e eventos da história de nossa salvação estão apresentados de modo exato na Escritura. A inerrância bíblica é a nossa garantia de que as palavras e os feitos de Deus narrados na Bíblia são verdadeiros e lá estão unificados, declarando numa só voz as maravilhas de seu amor salvífico.

A garantia da inerrância bíblica não quer dizer, no entanto, que a Bíblia é uma enciclopédia universal, que serve a todos os propósitos e cobre todos os campos de estudo. A Bíblia não é, por exemplo, um compêndio das ciências empíricas – e não deve ser tratada como tal. Quando os autores bíblicos relatam fatos de ordem natural, podemos ter a certeza de que estão falando de modo puramente descritivo e “fenomenológico”, de acordo com a maneira como as coisas se apresentaram aos seus sentidos.

### AUTORIDADE BÍBLICA

Implícito nessas doutrinas<sup>6</sup> está o desejo de Deus de se fazer conhecido por todo o mundo e de estabelecer uma relação de amor com cada homem, mulher e criança que Ele criou. Deus nos deu a Escritura não apenas para nos informar ou nos motivar; mais do que tudo, Ele quer nos salvar. É este o principal propósito que perpassa cada página da Bíblia – e cada palavra sua, na verdade.

---

6 As doutrinas da inspiração, da inerrância e da dupla-autoria da Bíblia.

No intuito de se revelar, Deus usa aquilo que os teólogos chamam de “acomodação”. Às vezes Ele se inclina para se comunicar conosco por “condescendência” – ou seja, Ele fala à maneira dos homens, como se Ele tivesse as mesmas paixões e fraquezas que nós temos (por exemplo, quando Deus diz que “se arrependeu” de ter feito o homem sobre a Terra, em Gn 6, 6). Noutras vezes, Ele se comunica conosco por “elevação” – ou seja, dotando as palavras humanas de um poder divino (por exemplo, através dos profetas). Os inúmeros exemplos de acomodação divina na Bíblia são a expressão do modo sábio e paternal de proceder de Deus. Com efeito, um pai sensitivo fala com seus filhos tanto por condescendência, usando um palavreado infantil, ou por elevação, trazendo o entendimento do filho a um nível mais maduro.

A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto.

Esse teste é válido e aplicável não só aos fiéis leigos, como também aos teólogos da Igreja e até aos seus membros da mais alta hierarquia – inclusive para o seu Magistério. Recentemente, o Concílio Vaticano II enfatizou que a Escritura deve ser “como que a alma da sagrada teologia”.<sup>7</sup> O Papa Emérito Bento XVI, ainda enquanto Cardeal Ratzinger, ecoou esse ensinamento com as próprias palavras, insistindo que “os *teólogos normativos* são os autores da Sagrada Escritura” (grifo nosso). Ele nos lembra que a Escritura e o ensinamento dogmático da Igreja estão entrelaçados de forma tão firme ao ponto de serem inseparáveis: “O dogma é, por definição, nada mais que a interpretação da Escritura”. Os dogmas já definidos de nossa fé, portanto, guardam em si a interpretação infalível da Igreja daquilo que está na Escritura, e a teologia é uma reflexão posterior sobre eles.

#### OS SENTIDOS DA SAGRADA ESCRITURA

Como a Bíblia é, ao mesmo tempo, de autoria divina e humana, é necessário, para lê-la coerentemente, que dominemos um tipo de leitura distinto daquele ao qual estamos acostumados. Primeiramente, temos que lê-la de acordo com seu sentido *literal*, ou seja, do mesmo modo como lemos qualquer outro escrito humano. Neste estágio inicial, devemos nos empenhar na descoberta do significado originário que tinham as palavras e expressões usadas pelos escritores bíblicos à época em que primeiramente foram escritas e recebidas por seus contemporâneos. Isso quer dizer,

<sup>7</sup> Cf. *Dei Verbum*, 24.

entre outras coisas, que não devemos interpretar tudo que lemos “literalmente”, como se a Escritura nunca falasse de forma figurada ou simbólica (porque frequentemente fala!). Pelo contrário: a lemos de acordo com as regras de escrita que governam seus diferentes gêneros literários, que variam dependendo do que estamos lendo – se é uma narrativa, um poema, uma carta, uma parábola ou uma visão apocalíptica. A Igreja nos exorta a ler os livros sagrados dessa maneira a fim de nos fazer compreender, com segurança, o que os autores bíblicos estavam se esforçando para explicar ao povo de Deus a cada texto.

O sentido literal, no entanto, não é o único da Escritura; nós interpretamos suas sagradas páginas também de acordo com seus sentidos *espirituais*. Dessa forma, buscamos compreender o que o Espírito Santo está tentando nos dizer para além daquilo que afirmaram conscientemente os escritores humanos. Enquanto que o sentido literal da Escritura descreve realidades históricas – fatos, ensinamentos, eventos –, os sentidos espirituais desvelam os profundos mistérios abrigados através das realidades históricas. Os sentidos espirituais são para o literal o que a alma é a para o corpo. Você é capaz de distingui-los; porém, se tentar separá-los, a consequência imediata é fatal. São Paulo foi o primeiro a insistir nisso e já alertava para as consequências: “Deus [...] nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do espírito; pois a letra mata, e o Espírito é que dá a vida” (2Co 3, 5-6).

A tradição católica reconhece três sentidos espirituais que se erguem sobre o alicerce do sentido literal da Escritura (cf. CIC 115):

**Alegórico.** O primeiro é o alegórico, que revela o significado espiritual e profético da história da Bíblia. As interpretações alegóricas expõem como as personagens, os eventos e as leis da Escritura podem apontar para além deles mesmos, em direção ou a grandes mistérios ainda por vir (como no caso do Antigo Testamento), ou aos frutos de mistérios já revelados (como no Novo Testamento). Os cristãos frequentemente lêem o Antigo Testamento dessa forma para descobrir de que modo o mistério da Nova Aliança do Cristo já estava contido no da Antiga – e também de que modo a Antiga Aliança foi manifestada plena e finalmente na Nova. A compreensão alegórica é também latente no Novo Testamento, especialmente no relato da vida e da obra de Jesus nos evangelhos. Sendo Cristo a cabeça da Igreja e a fonte de sua vida espiritual, tudo aquilo que foi realizado por Ele enquanto viveu no mundo antecipa aquilo que Ele continua realizando em seus membros através da Graça. O sentido alegórico fortalece a virtude da fé.

**Moral.** O segundo sentido espiritual da Escritura é o moral, ou tropológico, que revela como as ações do povo de Deus, no Antigo Testamento, e a vida de Jesus, no Novo, nos incitam a criar hábitos virtuosos em nossa própria vida. Nesse sentido, da Escritura se tiram alertas contra vícios e pecados, assim como nela se encontra a inspiração para se perseguir a pureza e a santidade. O sentido moral fortalece a virtude da caridade.

**Anagógico.** O terceiro sentido espiritual é o anagógico, que nos ascende à glória celeste: mostra-nos como um incontável número de eventos contidos na Bíblia prefigura nossa união final com Deus na eternidade; revela-nos como as coisas *visíveis* na Terra são imagens das coisas *invisíveis* do Céu. O sentido anagógico leva-nos a contemplar nosso destino e, portanto, é próprio para o fortalecimento da virtude da esperança.

Junto do sentido literal, esses sentidos espirituais extraem a totalidade daquilo que Deus quer nos dizer através de sua Palavra e, portanto, abarcam o que a antiga tradição chamava de “sentido total” da Sagrada Escritura.

Tudo isso significa que os feitos e eventos narrados na Bíblia são dotados de um sentido que vai além do que é imediatamente aparente ao leitor. Em essência, esse sentido é Jesus Cristo e a salvação que, morrendo, Ele nos concedeu. Isso é correto sobretudo nos livros do Novo Testamento, que explicitamente proclamam Jesus; porém é também verdadeiro para o Antigo Testamento, que fala de Jesus de um modo mais camuflado e simbólico. Os autores humanos do Antigo Testamento nos revelaram tudo que lhes era possível revelar, mas eles não podiam, à distância em que estavam, ver claramente que forma tomariam os eventos futuros. Só o Espírito Santo, autor divino da Bíblia, podia prever a obra salvífica do Cristo (e assim o fez), da primeira página do livro do Gênesis adiante.

O Novo Testamento, portanto, não aboliu o Antigo. Ao contrário, o Novo cumpriu o Antigo e, assim o fazendo, levantou o véu que mantinha escondida a face da noiva do Senhor. Uma vez removido o véu, vemos de súbito o mundo da Antiga Aliança cheio de esplendor. Água, fogo, nuvens, jardins, árvores, montanhas, pombas, cordeiros – todas essas coisas são detalhes memoráveis na história e na poesia do povo de Israel. Mas agora, vistas à luz de Jesus Cristo, são muito mais que isso. Para o cristão que sabe ver, a água simboliza o poder salvífico do batismo; o fogo é o Espírito Santo; o cordeiro imaculado, o próprio Cristo crucificado; Jerusalém, a cidade da glória celestial.

Essa leitura espiritual da Escritura não é novidade alguma. De fato, logo os primeiros cristãos já liam a Bíblia dessa maneira. São Paulo descreve Adão como sendo um “tipo” que prefigurava Jesus Cristo (Rm 5, 14).<sup>8</sup> Um “tipo” é algo, ou alguém, ou um lugar ou um evento – reais – do Antigo Testamento que prenuncia algo maior do Novo Testamento. É desse termo que vem a palavra “tipologia”, referente ao estudo de como o Antigo Testamento prefigura Cristo (CIC 128-130). Em outro trecho, São Paulo retira significados mais profundos da história dos filhos de Abraão,

---

8 Rm 5, 14: “Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, o qual é *figura* daquele que devia vir” (grifo adicionado). As traduções deste trecho (não só as brasileiras) preferem o termo *figura* à palavra *tipo*, que aparece em algumas traduções inglesas. O termo latino encontrado na Vulgata é *forma*. Aqui, mantém-se o termo *tipo* pela associação imediata que se faz com o conceito de *tipologia* – NE..

declarando: “Isto foi dito em alegoria” (Gl 4, 24).<sup>9</sup> Ele não está sugerindo que esses eventos distantes nunca aconteceram de fato; ele está dizendo que os eventos não só aconteceram mesmo como *também* significam algo maior ainda por vir.

O Novo Testamento, depois, descreve o Tabernáculo da antiga Israel como sendo a “imitação e sombra das realidades celestes” (Hb 8, 5) e a Lei Mosaica como “uma sombra dos bens futuros” (Hb 10, 1). São Pedro, por sua vez, nota que Noé e sua família foram “salvos por meio da água” que, de certo modo, “representava” o sacramento do Batismo, “que agora salva vocês” (1Pd 3, 20-10). É interessante saber que a palavra grega que aí foi traduzida para “representava” é originalmente um termo que denota o cumprimento ou contrapartida de um antigo “tipo”.

Não é preciso, no entanto, que busquemos justificar a leitura espiritual da Bíblia considerando apenas os discípulos. Afinal de contas, o próprio Jesus lia o Antigo Testamento assim. Ele se referia a Jonas (Mt 12, 39), a Salomão (Mt 12, 42), ao Templo (Jo 2, 19) e à serpente de bronze (Jo 3, 14) como “sinais” que apontavam para ele mesmo. Vemos no evangelho de Lucas, quando Cristo conversa com os discípulos no caminho para Emaús, que “começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele” (Lc 24, 27). Foi precisamente essa interpretação espiritual do Antigo Testamento que causou um profundo impacto nesses viajantes, antes tão desencorajados, e deixou seus corações “ardendo” dentro deles (Lc 24, 32).

### CRITÉRIOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Nós também devemos aprender a discernir o “sentido total” da Escritura e o modo como nele estão incluídos o sentido literal e os espirituais. Contudo, isso não significa que devemos “exagerar na interpretação”, buscando significados na Bíblia que não estão de fato nela. A exegese espiritual não é um vôo irrestrito da imaginação. Pelo contrário, é uma ciência sagrada que procede de acordo com certos princípios e permanece sob a responsabilidade da sagrada tradição, o Magistério, e da ampla comunidade de intérpretes bíblicos (tanto os vivos quanto os mortos).

Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de “espiritualizá-lo demais”, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: “Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal” (cf. CIC

---

9 Gl 4, 24: “*Simbolicamente* isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças [...]” (grifo adicionado). Novamente há divergências terminológicas: as traduções ora utilizam o termo *simbolicamente*, ora o termo *alegoria*. O termo latino encontrado na Vulgata é *allegoriam*. A tradução brasileira aqui escolhida, especificamente para este caso, é a da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002; assim, mantém-se o termo *alegoria* no sentido de concordar com a uniformidade terminológica do restante da introdução – NE.

116).<sup>10</sup> Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo.

Felizmente, a Igreja nos deu diretrizes de estudo da Sagrada Escritura. O caráter único e a autoria divina da Bíblia nos clamam a lê-la “com o espírito”.<sup>11</sup> O Concílio Vaticano II delineou de forma prática esse conselho direcionando-nos a ler a Escritura de acordo com três critérios específicos:

1. Devemos “prestar muita atenção ‘ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira’” (CIC 112);
2. Devemos “ler a Escritura dentro ‘da Tradição viva da Igreja inteira’” (CIC 113);
3. Devemos “estar atento[s] ‘à analogia da fé’” (CIC 114; cf. Rm 12, 6).

Esses critérios nos protegem de muitos perigos que iludem alguns leitores da Bíblia, do mais novo estudante ao mais prestigiado erudito. Ler a Escritura fora de contexto é uma tremenda armadilha, provavelmente a mais difícil de escapar. Num desenho animado memorável dos anos 50, um jovem garoto, debruçado sobre as páginas da Bíblia, dizia à sua irmã: “Não me perturbe agora; estou tentando achar um versículo da Escritura que fundamente meus preconceitos”. Não há dúvida de que um texto bíblico, privado de seu contexto original, pode ser manipulado a dizer algo completamente diferente daquilo que seu autor realmente intencionava.

Os critérios da Igreja nos guiam justamente porque definem em que consistem os “contextos” autênticos de cada passagem bíblica. O primeiro critério dirige-nos ao contexto literário de cada verso, no que se inclui não apenas as palavras e parágrafos que o compõem e o circundam, mas também todo o corpo de escritos do autor bíblico em questão e, ainda, toda a extensão dos escritos da Bíblia. O contexto literário *completo* de qualquer parte da Escritura inclui todo e qualquer texto desde o Gênesis até o Apocalipse – já que a Bíblia é um livro unificado, não uma coleção de livros separados. Quando a Igreja canonizou o livro do Apocalipse, por exemplo, ela reconheceu que ele seria incompreensível se lido separadamente do contexto mais amplo de toda a Bíblia.

O segundo critério posiciona firmemente a Bíblia no contexto de uma comunidade que valoriza sua “tradição viva”. Tal comunidade é o Povo de Deus através dos séculos. Os cristãos viveram sua fé por bem mais que um milênio antes da invenção da imprensa. Por séculos, só alguns fiéis possuíam cópias dos evangelhos e, aliás, só poucas pessoas sabiam ler. Ainda assim, eles absorveram o evangelho – através dos

10 Cf. Sto. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* I, 1, 10, ad 1.

11 Cf. *Dei Verbum*, 12.

sermões dos bispos e clérigos, através de oração e meditação, através da arte cristã, através das celebrações litúrgicas e através da tradição oral. Essas eram as expressões de uma “tradição viva”, de uma cultura de viva fé que se estende da antiga Israel à Igreja contemporânea. Para os primeiros cristãos, o evangelho não podia ser entendido à parte dessa tradição. Assim também é conosco. A reverência pela tradição da Igreja é o que nos protege de qualquer tipo de provincianismo cultural ou cronológico, como alguns modismos acadêmicos que surgem, arrebatam uma geração inteira de intérpretes e logo são rejeitados pela próxima geração.

O terceiro critério coloca a Escritura dentro do quadro da fé. Se cremos que a Escritura é divinamente inspirada, temos de crer também que ela é internamente consistente e coerente com todas as doutrinas nas quais os cristãos crêem. É importante lembrar que os dogmas da Igreja (como o da Presença Real, o do papado, o da Imaculada Conceição) não foram *adicionados à* Escritura; eles são, de fato, a interpretação infalível *da* Escritura feita pela Igreja.

#### USANDO ESTE ESTUDO

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

**Introduções.** Nós fizemos uma introdução ao texto bíblico que, na forma de ensaio, abarca as questões sobre sua autoria, a data de sua composição, seus objetivos e propósitos originais e seus temas mais recorrentes. Esse conjunto de informações históricas ajuda o leitor a compreender e a se aproximar do texto nos seus próprios termos.

**comentários.** Os comentários feitos em toda página ajudam o estudante a ler a Escritura com conhecimento. De forma alguma eles esgotam os significados do texto sagrado, mas sempre providenciam um material informativo básico que auxilia o leitor a encontrar o sentido do que lê. Frequentemente, esses comentários servem para deixar explícito aquilo que os escritores sagrados tomavam por implícito. Eles também trazem um grande número de informações históricas, culturais, geográficas e teológicas pertinentes à narrativa inspirada – informações que podem ajudar o leitor a suprimir a distância entre o mundo bíblico e o seu próprio.

**Notas e referências.** Junto do texto bíblico e de seus comentários, em cada página são listadas numerosas notas que fazem referência a outras passagens da Escritura relacionadas àquela que o leitor está estudando. Essas notas de acompanhamento são essenciais para todo e qualquer estudo sério. São também um ótimo meio de se ver como o con-

teúdo da Escritura “se encaixa” numa unidade providencial. Junto às notas e referências bíblicas, os comentários também apontam a determinados parágrafos do *Catecismo da Igreja Católica* (CIC). Eles não são “provas doutrinárias”, e sim um auxílio para que a interpretação da Bíblia por parte do estudante esteja de acordo com o pensamento da Igreja. Os parágrafos do *Catecismo* mencionados ou tratam diretamente de algum texto bíblico ou tratam, então, de um tema mais amplo da doutrina que lança uma luz essencial ao texto bíblico relacionado.

**Ensaaios sobre tópicos, Estudos de palavras e Quadros.** Esses recursos trazem ao leitor um entendimento mais profundo a respeito de determinados detalhes. Os *ensaaios sobre tópicos* abordam grandes temas no sentido de explicá-los de modo mais minucioso e teológico do que o que se usa nos comentários gerais, relacionando-os com frequência às doutrinas da Igreja. Os comentários, inclusive, são ocasionalmente complementados de um *estudo de palavras* que coloca o leitor em contato com as antigas linguagens da Escritura. Isso deveria ajudar o estudante a apreciar e a entender melhor a terminologia que foi inspirada e que percorre todos os textos sagrados. Também neste livro estão incluídos vários quadros que resumem muitas informações bíblicas “num piscar de olhos”.

**Ícones.** Os seguintes ícones, intercalados ao longo dos comentários, correspondem cada qual a um dos três critérios de interpretação bíblica promulgados pela Igreja. Pequenas bolas pretas (●) indicam a que passagem (ou a que passagens) cada ícone se aplica.



Os comentários marcados pelo ícone do livro relacionam-se ao primeiro critério interpretativo, o do “conteúdo e unidade” da Escritura, a fim de que se torne explícito o modo como determinada passagem do Antigo Testamento ilumina os mistérios do Novo. Muitas das informações contidas nesses comentários explicam o contexto original das citações e indicam a maneira e o motivo pelos quais aquele trecho tem ligação direta com Cristo e com a Igreja. Por esses comentários, o leitor é capaz de desenvolver sua sensibilidade à beleza e à unidade do plano salvífico de Deus, que perpassa ambos os Testamentos.



Os comentários marcados pelo ícone da pomba relacionam-se ao segundo critério interpretativo e examinam as passagens em questão à luz da “tradição viva” da Igreja. Como o mesmo Espírito Santo foi quem inspirou os sentidos espirituais da Escritura e é quem guia agora o Magistério que a interpreta, as informações contidas nesses comentários seguem essas duas vias da interpretação. Por um lado, referem-se aos ensinamentos doutrinários da Igreja da maneira como são apresentados por vários papas e concílios ecumênicos; por outro lado, eles expõem (e parafraseiam) as interpretações espirituais de vários Padres Antigos, Doutores da Igreja e santos.



Os comentários marcados pelo ícone das chaves relacionam-se ao terceiro critério interpretativo, o da “analogia da fé”. Neles é possível decifrar como um mistério

da fé “desvenda” e explica outro. Esse tipo de comparação entre alguns pontos da fé cristã evidencia a coerência e unidade dos dogmas definidos, ou seja, da interpretação infalível da Escritura feita pela Igreja.

#### COLOCANDO TUDO EM PERSPECTIVA

Talvez tenhamos deixado por último o mais importante aspecto de todo este estudo: a vida interior individual do leitor. O que tiramos ou deixamos de tirar da Bíblia depende muito do modo como a abordamos. Se não mantivermos uma vida de oração consistente e disciplinada, jamais teremos a reverência, a profunda humildade ou a graça necessária para ver a Escritura como ela de fato é.

Você está se aproximando da “palavra de Deus”. Mas, por milhares de anos – desde muito antes de tecer-lhe no ventre de sua mãe –, a Palavra de Deus se aproxima de você.

#### UMA NOTA FINAL

O livro que tem nas mãos é apenas uma pequena parte de um trabalho muito maior que ainda está em andamento. Guias de estudo como este estão sendo preparados para *todos* os livros da Bíblia e serão publicados gradualmente, à medida que forem sendo finalizados. Nosso maior objetivo é publicar um grande estudo bíblico que, num único volume, inclua o texto completo da Escritura junto de todos os comentários, quadros, notas, mapas e os outros recursos encontrados nas páginas seguintes. Enquanto isso não acontece, cada livro será publicado individualmente, na esperança de que o povo de Deus possa já se beneficiar deste trabalho antes mesmo que esteja completo.

Aqui incluímos ainda uma longa lista de *questões de estudo*, ao final, para deixar este formato o mais útil possível, não apenas para o estudo individual, mas também para discussões em grupo. As questões foram projetadas para fazer o estudante tanto *compreender* quanto *meditar* a Bíblia, aplicando-a à própria vida. Rogamos a Deus para que faça bom uso dos seus e dos nossos esforços para renovar a face da Terra!

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DO GÊNESIS

## AUTORIA E DATA

Em nenhum lugar o livro do Gênesis identifica seu autor. A vasta extensão da tradição judaica e cristã credita a obra, juntamente com o resto do Pentateuco (os livros do Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), a Moisés. Isto significaria que o Gênesis começou a ser escrito durante o período de vida do legislador, que foi datado nos anos de 1.400 ou 1.200 a.C. A erudição moderna abandonou em grande parte a tradição da autoria mosaica em favor de uma teoria de autoria múltipla. Esse paradigma mais recente, chamado hipótese documentária, sustenta que o Gênesis (e o Pentateuco como um todo) é trabalho de vários escritores, cujas contribuições foram unidas em uma única obra literária muito depois do tempo de Moisés.

Estudiosos dos documentos geralmente afirmam que o Gênesis é um composto de duas fontes de narrativa épica (identificados como “J” e “E” para as fontes Javista e Eloísta), que foram unidas e mais tarde expandidas pelos acréscimos de um escritor sacerdotal (identificado como “S” para a fonte Sacerdotal). Nesta hipótese, a composição do Gênesis começou por volta de 900 a.C. e chegou ao fim por volta de 400 a.C., em algum momento após o retorno dos judeus do exílio babilônico. A maioria dos que adotam essa visão reconhece que as histórias no Gênesis são geralmente muito mais antigas do que a sua forma escrita, e algumas admitiriam que certas partes do seu conteúdo pudessem ser de fato mosaicas na origem.

Estudos sobre o livro do Gênesis dentro do seu contexto no Oriente Próximo tendem a confirmar tanto a antigüidade como a autenticidade de suas tradições. Pode-se interpretar que a evidência comparativa sugere uma origem para as histórias do Gênesis no segundo milênio a.C. em um tempo mais ou menos contemporâneo com o Moisés histórico. Por exemplo, o enredo de Gn 1-11 mostra afinidades marcantes com as histórias da criação e do dilúvio da Mesopotâmia que datam do início do segundo milênio. Paralelamente se estende tanto para as grandes linhas da história primitiva (*Lista de reis da Suméria, Conto do dilúvio sumério, Epopéia de Atrahasis*), quanto para os detalhes específicos sobre a criação (*Enuma Elish*), o dilúvio (*Epopéia de Gilgamesh*), bem como a origem de diversas línguas humanas (*Enmerkar*).

De forma semelhante, as narrativas patriarcais de Gn 12-50 são compatíveis com o nosso conhecimento das condições culturais do antigo Oriente Próximo, no início do segundo milênio. Os nomes dos patriarcas são característicos dos modelos de

nomes arcaicos prevalentes naquele tempo (por exemplo, Isaac, Jacó, Ismael, José); as viagens dos patriarcas em terras do Oriente Próximo espelham a liberdade de mobilidade que então prevalecia (por exemplo, Gn 11, 31; 12, 4-5. 9-10; 13, 1; 24, 10; 28, 6-7; 37, 28); e a situação descrita em Gn 14, 1-4 se encaixa com as condições geopolíticas da grande Mesopotâmia antes de o reino da Antiga Babilônia ganhar o controle da região por volta de 1.750 a.C. e tornar as alianças entre monarcas locais uma coisa do passado. Além disso, vários dos costumes legais e domésticos encerrados na vida dos patriarcas encontram semelhanças em textos do segundo milênio da Babilônia, Mari e Nuzi (ver comentários sobre Gn 15, 3; 16, 1-6; 31, 39).

Nenhuma dessas evidências exige estritamente que o Gênesis seja datado de antes do primeiro milênio a.C.. No entanto, pode-se dizer que favorecem uma maior antiguidade à obra do que é comumente aceito. Por exemplo, é verdade que parte da literatura do Oriente Próximo paralela às histórias primordiais do Gênesis continuou a ser bem lida (e atualizada) no primeiro milênio, mas praticamente todas as obras em questão foram compostas pela primeira vez no segundo ou terceiro milênio.

Datar as histórias de Gn 1-11 em torno do tempo de Moisés e da fundação da nação Israel coloca-as perto do período de composição, quando as obras deste tipo particular eram produzidas no Oriente Próximo. Assim, também, parece mais provável que as histórias compiladas em Gn 12-50, cuja confiabilidade histórica é firmemente confirmada (ver comentários sobre 12, 1; 50, 26), tomaram forma escrita antes do fim do segundo milênio. De qualquer forma é difícil acreditar que as lembranças autênticas do período patriarcal sobreviveram intactas por muito tempo após o período de Moisés. Isso exigiria uma tradição oral extraordinariamente tenaz que os estudiosos geralmente não estão dispostos a aceitar.

Além disso, dada a evolução das condições sociais, culturais e políticas no Oriente Próximo, é pouco provável que os autores que trabalhavam durante o período da monarquia israelita e até mesmo mais tarde poderiam recriar com precisão as circunstâncias da vida nos tempos patriarcais. Se tivessem sido os primeiros a colocar o livro do Gênesis em forma escrita, muito provavelmente teriam descrito antepassados de Israel em situações e ambientes reflexivos de seus próprios tempos e experiências. Os dados comparativos podem, assim, ser interpretados como coerentes com a tradição da autoria mosaica, mesmo se não conseguem demonstrar isso de forma conclusiva.

Também é de relevância que, no século XX, a Pontifícia Comissão Bíblica tenha abordado por duas vezes a questão da origem do Pentateuco. Apesar dos seus pronunciamentos não serem hoje considerados ensinamentos dogmáticos da Igreja *per se*, eles ilustram a sabedoria da Igreja em advertir estudiosos contra uma rejeição prematura e acrítica das tradições antigas associadas à Bíblia. Na sua primeira intervenção, a Comissão considerou que os argumentos modernos utilizados para apoiar

a hipótese documentária foram suficientemente fortes para derrubar a tradição da autoria mosaica.

A Comissão, assim, não insistiu que Moisés escreveu o texto inteiro do Pentateuco com a própria mão, mas considerou vários cenários compatíveis com a tese tradicional: (1) Moisés pode ter utilizado secretários para ajudar com a escrita; (2) ele pode ter incorporado fontes orais e escritas à obra; e (3) diz-se que escribas em séculos posteriores podem ter feito modificações e acréscimos ao texto em um esforço de modernizar o Pentateuco para as gerações posteriores de leitores.<sup>12</sup> A segunda intervenção da Comissão convidou os estudiosos a examinar ainda mais as fontes e composição do Pentateuco com as ferramentas da crítica literária moderna e com a ajuda das ciências afins.

Um estudo assim feito determinaria por certo a grande e profunda influência de Moisés como autor e como legislador, mesmo que se descobrisse que o desenvolvimento da Lei de Moisés aconteceu após o tempo de Moisés.<sup>13</sup>

Na análise final, a cultura católica não é obrigada a abraçar qualquer visão particular da autoria e data do Gênesis (ou Pentateuco).

Os estudiosos são livres para investigar os antecedentes históricos do livro no âmbito doutrinal de inspiração divina da Escritura e sem críticas da tradição da Igreja. Permite-se uma gama de pontos de vista, da autoria mosaica substancial do Gênesis à origem mosaica de suas fontes e tradições, à noção de que o Gênesis se deve a Moisés de uma forma mais indireta. Ainda assim, por razões expostas acima e em outros lugares, continua a ser uma posição defensável que o livro do Gênesis seja substancialmente mosaico, pelo menos na antigüidade das suas tradições e, possivelmente, em sua autoria também.

## ESTRUTURA

O Gênesis pode ser dividido nitidamente em dois movimentos principais. Os capítulos 1-11 cobrem as eras distantes da história primitiva, enquanto que os capítulos 12-50 cobrem o curto espaço de história patriarcal. Esses dois movimentos, diferindo em escopo e perspectiva, criam um efeito afunilado: a narrativa primordial é cósmica em escopo; se estende por eras que não podem ser datadas; e apresenta um mundo que é constantemente derrotado pelo pecado. Em contraste, a narrativa patriarcal estreita o foco para uma única família, em vez da família humana como um todo; reduz o ritmo da história para quatro gerações; e descreve o plano de Deus de restaurar o mundo para um estado de bênção.

---

12 *Sobre a autenticidade do Pentateuco mosaico*, 27 de junho de 1906.

13 Carta ao Cardeal Suhard, 16 de janeiro de 1948.

Dentro dessas duas metades, a estrutura interna do Gênesis é demarcada pela fórmula recorrente “estas são as gerações” ou “estes são os descendentes” ou “esta é a história” (hebraico: *‘elleh toledot*). Onze vezes a expressão hebraica subjacente ocorre no Gênesis, cada vez apontando o caminho para uma nova fase ou desenvolvimento na história, geralmente com referência a um ancestral significativo (2, 4; 5, 1; 6, 9; 10, 1; 11, 10. 27; 25, 12. 19; 36, 1. 9; 37, 2).

## TÍTULO

O título hebraico para Gênesis consiste na sua frase de abertura, *bereshit*, ou seja, “no princípio”. A Septuaginta grega intitula o livro como Gênesis, que significa “origem” ou “nascimento”, como faz a Vulgata Latina. Essas rubricas indicam corretamente que o Gênesis é um livro dos começos. Ele narra a origem do mundo (capítulo 1), a origem da raça humana (capítulo 2), a origem do pecado e do sofrimento (capítulo 3), a origem das nações (capítulo 10), a origem das línguas (capítulo 11), bem como a origem de Israel como uma família tribal descendente de Abraão, Isaac e Jacó (capítulos 12-50).

## BASE LITERÁRIA

Uma interpretação correta do Gênesis depende em parte de uma avaliação correta de sua forma literária. Isso provou ser um desafio formidável no caso de Gn 1-11, que resiste à classificação simples entre os gêneros sobreviventes da literatura antiga. A Igreja Católica nunca tomou uma posição oficial sobre sua forma, apesar das várias declarações feitas no século XX oferecerem orientações importantes para a sua interpretação. A primeira é uma resposta da Pontifícia Comissão Bíblica, que afirmou que os três primeiros capítulos do Gênesis recontam “coisas que realmente aconteceram”, com a dupla condição de que o Gênesis não oferece uma descrição estritamente científica da criação, e de que nem tudo que foi declarado nesses capítulos seja entendido de uma forma estritamente literal.<sup>14</sup>

Várias décadas depois, a Comissão Bíblica enviou uma carta ao arcebispo de Paris alegando que Gn 1-11 é uma “descrição popular” do início do mundo que expressa verdades fundamentais em “linguagem figurada”.<sup>15</sup> O Papa Pio XII referiu-se a essa carta em uma encíclica de 1950, quando esclareceu que os primeiros onze capítulos do Gênesis “referem-se à história em um verdadeiro sentido” e por isso não devem ser reduzidos para o nível de “mitos”.<sup>16</sup> Mais recentemente, o Catecismo da Igreja Católica afirma a criação do mundo, junto com a santidade original e a queda do

14 *Sobre o caráter histórico de Gênesis*, 1-3, 30 de junho, 1909.

15 Carta ao Cardeal Suhard, 16 de janeiro 1948.

16 *Cf. Humani Generis*, 38 -39.

primeiro casal, como eventos históricos reais que a Escritura descreve em formas simbólicas e figurativas (CIC 337, 362, 375, 390, 396).

Guiados por esses pronunciamentos e informados pela erudição bíblica contemporânea, parece melhor dizer que Gn 1-11 ocupa uma posição única entre história e mito. Por um lado, esses capítulos oferecem um relato histórico dos tempos primitivos que explica a existência e condições do mundo como nós o conhecemos. A historicidade das coisas tais como a criação do cosmos por Deus, a criação do homem e da mulher, a unidade da raça humana, o teste e queda do homem a partir de um estado de graça e inocência original, etc., não pode ser comprometida, pois estas constituem os pilares essenciais da visão bíblica do mundo e permanecem como pressupostos básicos da fé cristã.

Por outro lado, os primeiros onze capítulos do Gênesis apresentam semelhanças notáveis com as tradições mitológicas do antigo Oriente Próximo. Esses antigos mitos da origem estão repletos de imagens poéticas e representações simbólicas dos mistérios que dizem respeito a realidades divinas e humanas. Naturalmente, o Gênesis difere dos mitos dos vizinhos de Israel ao ter um fundamento objetivo na história, e em vários pontos o Gênesis é antimitológico em intenção (ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4). No entanto, isso não impediu o escritor sagrado de utilizar formas culturais comuns de expressão, também utilizadas pelos criadores de mito do mundo antigo, a fim de fazer a sua descrição da história primitiva compreensível para seus contemporâneos.

Analisando todas as coisas, então, Gn 1-11 pode ser considerado histórico em substância, mas mítico na expressão. Sua narrativa é ancorada em realidades e acontecimentos do passado, e ainda a sua descrição desses eventos faz uso do simbolismo poético e modos figurativos de discurso que já tiveram uma circulação ampla nos tempos bíblicos. Para a forma literária das narrativas patriarcais em Gn 12-50, ver comentário sobre 12, 1 – 50, 26.

#### TEMÁTICA

O livro do Gênesis é uma introdução histórica e teológica da Bíblia. Ele estabelece as bases indispensáveis para o resto da revelação bíblica. Por esta razão, o livro adota uma perspectiva universal e religiosa: o mundo é o palco do drama do Gênesis, e Deus é o principal Ator por trás das cenas da história e das relações humanas que ele registra. Esta perspectiva ampla é mais evidente nos primeiros capítulos, que englobam a criação divina do cosmo, a formação e queda da raça humana, a epidemia de propagação da corrupção moral e espiritual, o dilúvio universal, e a dispersão dos povos sobre a Terra (capítulos 1-11). Mas a preocupação com o mundo em geral, embora menos evidente na superfície, permanece no centro das narrativas

patriarcais, em que as promessas de Deus para o futuro continuam a impulsionar a continuidade da história (capítulos 12-50).

Em muitos aspectos, a teologia do Gênesis expressa sua preocupação com “alianças”. Isso não é estranho em si mesmo, uma vez que as alianças foram uma parte muito importante da vida social e política no antigo Oriente Próximo. Mas ao contrário dos seus complementos antigos, várias alianças no Gênesis envolvem Deus, e não simplesmente como testemunha ou executor de um acordo humano, mas como um parceiro em pleno direito de forjar laços de aliança com o mundo e prometendo o seu amor e lealdade à raça humana. Deus faz assim alianças com a criação (ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4), com Adão (2, 15-17), com Noé e o mundo (9, 8-17), e com Abraão e seus descendentes (15, 18-21; 17, 1-21; 22, 16-18, etc.). Duas dessas alianças, a adâmica e a abraâmica, ocasionam eventos que marcam o ponto mais baixo e o ponto mais alto da narrativa do Gênesis. (1) A aliança adâmica é o vínculo primordial que une a família humana com Deus, o Criador, em um estado de bênção. No entanto, quando essa relação é colocada em teste, a aliança é rompida pela rebelião do primeiro casal (3, 6) e as bênçãos originais são trocadas pela disciplina das maldições divinas (3, 16-19). Daquele ponto em diante, tudo vai para baixo, quando a trama chega ao fundo sob a avalanche de iniquidade humana que se segue, com inveja, homicídio, bigamia, violência, impureza, e orgulho causando estragos em todo o mundo (4, 6-11. 19. 23; 6, 11; 9, 22; 11, 1-9). (2) A aliança abraâmica é a solução de Deus à aliança adâmica rompida. No início, sua aliança com Abraão é simplesmente a promessa de uma nova pátria (15, 18; 17, 8) e uma futura dinastia de reis (17, 6. 16). Mas, ao cume da história do Gênesis, quando Abraão é testado como Adão foi, Deus responde à fé e obediência do patriarca jurando uma aliança para restaurar as suas bênçãos para o mundo pela descendência de Abraão (22, 16-18). É esse compromisso, de acordo com o Novo Testamento, que prevê o plano universal da redenção de Deus em Jesus Cristo (At 3, 25-26; Gl 3, 10-29).

O livro de Gênesis, então, é protológico, bem como profético. Ele rememora a fase inicial da existência humana como a fase inicial da história da salvação, enfocando as gerações que abriram o caminho para a fundação de Israel como um povo da aliança. Mas também aguarda com expectativa a realização futura do plano divino, quando as maldições da aliança adâmica são lentamente, mas finalmente, revertidas pelas bênçãos da abraâmica. Na medida em que a rebelião e a desavença do homem com o Senhor são dilemas não resolvidos dentro do enredo do Gênesis, o livro apresenta-se como o primeiro capítulo nessa narrativa maior da história da redenção.

#### PERSPECTIVA CRISTÃ

O cristianismo vê o mistério da salvação profetizado e prefigurado de várias ma-

neiras no Gênesis. (1) O primeiro homem, Adão, é o modelo do homem divino, Jesus Cristo, que assume a liderança sobre a raça humana para reparar os danos causados pela rebelião de Adão (capítulos 2-3; Rm 5, 12-21). (2) As bênçãos do Éden, com seus rios correntes e a árvore da vida, apontam para as bênçãos da vida eterna que nos esperam no Céu (2, 8-14; Ap 22, 1-5). (3) A derrota da serpente se realiza quando Cristo reina vitorioso na vida dos seus discípulos (3, 15; Rm 16, 20). (4) As águas furiosas do dilúvio prefiguram as águas salvadoras do batismo (capítulos 6-8; 1Pe 3, 20-21). (5) Melquisedec, o rei-sacerdote que oferece pão e vinho, é um modelo de Cristo Rei e de sua oferta sacerdotal da Eucaristia sob os mesmos sinais visíveis (14, 17-20; Mt 26, 26-29; Hb 7, 1-19). (6) Abraão é o arquétipo do crente, e sua fé no poder e na bondade de Deus é a mesma fé que anima a vida dos fiéis cristãos (15, 1-6; Rm 4, 1-12; Gl 3, 6-9). (7) A oferta e libertação de Isaac, não poupado por seu pai em angústia, prenunciam a morte e ressurreição de Jesus, o Filho amado, que não foi poupado por seu pai, mas foi entregue para a salvação do mundo (22, 1-14; Rm 8, 32; Hb 11, 17-19). (8) A expectativa de um governante universal da linhagem real de Judá é realizada em Cristo, que reina sobre todas as nações como o Leão da tribo de Judá (49, 9-11; Ap 5, 5).

# ESQUEMA DO LIVRO DO GÊNESIS

## **I. A História Primitiva (1-11)**

1. A história da criação (1, 1 – 2, 25)
2. A queda de Adão e Eva (3, 1-24)
3. Os descendentes de Adão (4, 1 – 5, 32)
4. A história do dilúvio (6, 1 – 9, 19)
5. Os descendentes de Noé (9, 20 – 10, 32)
6. A torre de Babel (11, 1-9)
7. Os descendentes de Shem (11, 10 – 32)

## **II. A História Patriarcal (12-50)**

1. A história de Abraão (12, 1 – 25, 11)
2. Os descendentes de Ismael (25, 12-18)
3. A história de Isaac (25, 19 – 26, 35)
4. A história de Jacó (27, 1 – 35, 29)
5. Os descendentes de Esaú (36, 1-43)
6. A história de José (37, 1 – 48, 22)
7. A bênção das doze tribos (49, 1-27)
8. A morte de Jacó e José (49, 28 – 50, 26)

# O PRIMEIRO LIVRO DE MOISÉS CONHECIDO COMO

# GÊNESIS

**1 Os seis dias da criação e o sábado** – <sup>1</sup>No princípio, Deus criou o céu e a terra. <sup>2</sup>A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. <sup>3</sup>Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz se fez. <sup>4</sup>Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz das trevas. <sup>5</sup>À luz Deus chamou “dia” e às trevas chamou “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: o primeiro dia. <sup>6</sup>Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, separando umas das outras”. <sup>7</sup>E Deus fez o firmamento. Separou as águas debaixo do firmamento, das águas acima do firmamento. E assim se fez. <sup>8</sup>Ao firmamento Deus chamou “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: o segundo dia. <sup>9</sup>Deus disse: “Juntem-se num único lugar as águas que estão debaixo do céu, para que apareça o solo firme”. E assim se fez. <sup>10</sup>Ao solo firme Deus chamou “terra” e ao ajuntamento das águas, “mar”. E Deus viu que era bom. <sup>11</sup>Deus disse: “A terra faça brotar vegetação: plantas, que dêem semente, e árvores frutíferas, que dêem fruto sobre a terra, tendo em si a semente de sua espécie”. E assim se fez. <sup>12</sup>A terra produziu vegetação: plantas, que dão a semente de sua espécie, e árvores, que dão seu fruto com a semente de sua espécie. E Deus viu que era bom. <sup>13</sup>Houve uma tarde e uma manhã: o terceiro dia. <sup>14</sup>Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite. Que sirvam de sinais para marcar as festas, os dias e os anos. <sup>15</sup>E, como luzeiros no firmamento do céu, sirvam para iluminar a terra”. E assim se fez. <sup>16</sup>Deus fez os dois grandes luzeiros, o luzeiro maior para presidir ao dia e o luzeiro menor para presidir à noite, e também as estrelas. <sup>17</sup>Deus colocou-os no firmamento do céu para iluminar a terra, <sup>18</sup>presidir ao dia e à noite e separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. <sup>19</sup>Houve uma tarde e uma manhã: o quarto dia. <sup>20</sup>Deus disse: “Fervilhem as águas de seres vivos e voem pássaros sobre a terra, debaixo do firmamento do céu”. <sup>21</sup>Deus criou os grandes monstros marinhos e todos os seres vivos que nadam fervilhando nas águas, segundo suas espécies, e todas as aves segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. <sup>22</sup>Deus os abençoou, dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas do mar, e que as aves se multipliquem sobre a terra”. <sup>23</sup>Houve uma tarde e uma manhã: o quinto dia. <sup>24</sup>Deus disse: “Produza a terra seres vivos segundo suas espécies, animais domésticos, animais pequenos e animais selvagens, segundo suas espécies”. E assim se fez. <sup>25</sup>Deus fez os animais selvagens segundo suas espécies, os animais domésticos segundo suas espécies e todos os animais pequenos do chão segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. <sup>26</sup>Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão”. <sup>27</sup>Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele o criou. <sup>28</sup>E Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a! Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem pelo chão”. <sup>29</sup>Deus disse: “Eis que vos dou, sobre toda a terra, todas as plantas que dão semente e todas as árvores que produzem seu fruto com sua semente, para vos servirem de alimento. <sup>30</sup>E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os animais que se movem pelo chão, eu lhes dou todos os vegetais para alimento”. E assim se fez. <sup>31</sup>E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: o sexto dia.

COMENTÁRIOS

**1, 1 – 2, 25:** O Gênesis começa com dois relatos da criação. O primeiro é grande em extensão e majestoso em tom; salienta o senhorio de Deus sobre todas as coisas e descreve suas ações como uma voz onipotente que traz o mundo à existência (1, 1 – 2, 4). O segundo é uma perspectiva mais restrita e mais reservada na descrição; enfatiza a proximidade do Senhor à sua criação e descreve suas ações em termos mais humanos (2, 5-25). É possível que fossem relatos independentes, uma vez que têm datas diferentes de origem. Independentemente disso, sua justaposição em Gênesis faz uma representação equilibrada da transcendência e imanência de Deus em relação ao mundo (CIC 289).

**1, 1 – 2, 4:** O primeiro relato da criação afirma um evento cósmico no início da história. Ele não oferece uma interpretação literal nem uma descrição científica de como o mundo foi feito; ao contrário, afirma verdades teológicas sobre Deus e a criação de uma forma simbólica (CIC 337). O relato não deve ser interpretado como um calendário revelado sobre a seqüência histórica real da criação, nem a previsão científica do autor do cosmo deve ser confundida com o ensino divinamente inspirado sobre a constituição física do mundo natural. Seus principais ensinamentos incluem o seguinte: (1) O universo inteiro deve sua existência a Deus como Criador e Senhor. (2) Cada parte da criação é boa aos olhos de Deus. (3) Deus estabeleceu uma hierarquia entre as coisas criadas, como pode ser visto no movimento ascendente do relato, de coisas inanimadas a criaturas animadas à raça humana como a coroa do mundo material. (4) A criação manifesta

o poder de Deus, que pronuncia a existência do universo, a sabedoria de Deus, que organiza todas as coisas em uma sinfonia de beleza natural e harmonia, e a bondade de Deus, que concede vida e bênção gratuitamente. (5) A história da criação expõe um interesse apologético na luta contra as visões de mundo mitológico do antigo Oriente Próximo. De acordo com os mitos pagãos, um panteão de divindades existia no começo; os deuses foram incorporados na natureza e tinham necessidades e imperfeições humanóides; o mundo nasceu de uma luta entre os deuses; e o homem foi criado apenas para ser explorado pelos deuses. Em contraste, o Gênesis ensina que existe apenas um Deus, que ele está fora do tempo, que ele é totalmente distinto do mundo natural, e que ele abençoou a humanidade, tornando o homem portador de sua imagem. Além dessas considerações, a estrutura de sete dias do relato é mais bem visualizada como um artifício literário para comunicar os seguintes pontos: (6) Seis dias de trabalho seguidos por um dia de descanso ressaltam a obrigação do homem de deixar de lado o seu trabalho e honrar o Criador em todo sétimo dia (Ex 20, 8-11). (7) A criação do mundo em sete dias é paralela à construção do Tabernáculo de acordo com sete mandamentos (Ex 40, 16-33) e a dedicação do Templo em sete dias (1 Rs 8,65), depois de sete anos de construção (1 Rs 6, 38). Além disso, a descrição de que Deus descansa no sétimo dia (2, 2-3) tem ligações com os antigos conceitos de um templo, que é considerado um lugar de descanso divino (2Cr 6, 41; Sl 132, 14; Eclo 24, 11; Is 66, 1). A semana da criação no Gênesis reflete,

assim, a crença de que o mundo é um santuário cósmico (ver Ensaio sobre um Tópico: Teologia do Templo em 2º Crônicas, 5). (8) Sete dias de discurso divino sugere que Deus estabeleceu uma aliança com a criação. Não só a palavra hebraica para “sete” compartilha uma raiz comum com o verbo “jurar uma aliança” (ver 21, 27-32), mas na tradição judaica posterior diz-se que Deus fundou o mundo através de seu juramento (1 Henoc 69, 15-27; Sifre Deuteronômio 330; sobre a criação, ver CIC 282-87, 337-44).

**1, 1: “No princípio”** – O momento em que o tempo e o espaço irromperam em existência por um ato criativo de Deus. A data do evento não pode ser determinada a partir dos dados bíblicos.

**“Criou”:** A expressão hebraica sugere a capacidade única de Deus de criar *ex nihilo*, ou seja, a partir do nada, sem dependência de materiais pré-existentes. É assim que a criação passou a ser entendida na teologia judaica (2Mc 7, 28) e teologia cristã (Rm 4, 17; CIC 290, 296-97).

**“O céu e a terra”:** a totalidade da criação, que inclui todas as coisas visíveis e invisíveis, materiais e espirituais (Ne 9, 6; Cl 1,16).



**1, 2: “terra estava deserta”** – A primeira coisa criada, como retratado na descrição, é uma massa amorfa de terra submersa em água. É concebida como a matéria-prima a partir da qual Deus, em seguida, molda o mundo em suas partes reconhecíveis.

**“Abismo”:** O oceano cósmico que forma os mares (Sl 33, 7) e foi concebido para ser a base da Terra na cosmologia semita (Ex 20, 4). Aqui se diz engolir a terra (Sl 104, 6) an-

tes da terra seca emergir das suas profundezas (1, 9).

**“Espírito de Deus”:** Alguns traduzem esta frase como “um vento de Deus” ou mesmo “um vento forte”. Ambas as traduções são possíveis do ponto de vista gramatical. No entanto, a tradução RSV<sup>17</sup> é preferível, porque (1) a mesma expressão é usada em outras partes do Pentateuco como uma referência ao Espírito de Deus (Gn 41, 38; Ex 31, 3; 35, 31; Nm 24, 2), (2) em outras partes da Bíblia, o Espírito divino está associado à obra criadora de Deus (Jó 33, 4; Sl 104, 30), e (3) a interpretação preferida ao longo da história cristã a toma como uma referência para o Espírito Santo (CIC 703).

**“Pairava”:** Isto é, pairando ou esvoaçando como uma águia sobre os seus filhos (Dt 32, 11).

- *Alegoricamente*,<sup>18</sup> o Espírito Santo foi transportado sobre as águas como que em cima de um carro, e trouxe à luz o mundo recém-nascido como um tipo de batismo.



**1, 3: “Deus disse”** – O universo é criado pela comunicação divina (Sl 33, 6-9). Em vários mitos da criação do Oriente Próximo, o mundo surgiu a partir de um conflito entre deuses rivais; no Gênesis, a palavra de Deus sai incontestada, não encontrando nenhuma resistência ou rival.

- De acordo com o Novo Testamento, a palavra criadora não é simplesmente um poder, mas uma Pessoa-Deus, o Filho, por quem to-

<sup>17</sup> A *Revised Standard Version* (RSV) é uma tradução da Bíblia para o inglês publicada na metade do século XX. É baseada na tradução do Novo Testamento feita por William Tyndale em 1525 – NT.

<sup>18</sup> Cf. São Jerônimo, *Cartas*, 69.

das as coisas foram feitas (Jo 1, 1-3; Hb 1, 2; CIC 291).

• Quem tiver atenção vai reconhecer o Pai, o Filho, e o Espírito no início. O Pai cria o céu e a terra, o Espírito se move sobre as águas, e o Filho, que age enquanto o Pai está falando, separa a luz das trevas.<sup>19</sup>

**1, 4: “boa”** – Indica que a criação corresponde perfeitamente ao propósito divino para o qual ela foi feita. A ênfase sobre a bondade do mundo natural pontua o relato (1, 10. 12. 18. 21. 25. 31).

**1, 5: “dia [...] noite”** – A organização do tempo, com os seus ciclos recorrentes de luz e trevas, é a obra do primeiro dia.

**“Dia”:** A palavra hebraica *yom* é capaz de designar vários períodos de tempo, mas normalmente denota um dia de vinte e quatro horas. No entanto, os sete “dias” da criação não se destinam a ser interpretados como história literal. Tendo em mente a natureza simbólica do relato (CIC 337), a enumeração de “dias” tem a finalidade de promover a observância do sábado, entre outras coisas (ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4). Talvez a mais clara indicação de que Gênesis emprega linguagem temporal em sentido figurado é o fato de que a luz é criada no primeiro dia, juntamente com a noite e a manhã, e no entanto o sol e a lua não são criados até o quarto dia.

**1, 6: “firmamento”** – O termo hebraico está relacionado com um verbo que significa “bater o martelo”<sup>20</sup> (ver Ex 39, 3). Isso su-

gere que os antigos israelitas imaginavam o firmamento como uma placa metálica colocada sobre o mundo como um telhado ou cúpula, segurando as águas acima da terra e separando-as dos mares abaixo. Essa cosmologia antiga tem uma base fenomenológica: aos sentidos isolados, o céu se parece com uma enorme abóbada, e sua coloração azulada pode sugerir a idéia de um oceano suspenso acima. Os leitores modernos devem reconhecer que visão de mundo do autor vem dos seus pressupostos culturais, não das suas afirmações inspiradas. Assim, os pressupostos cosmológicos do autor não devem ser tomados como proposições reveladas para serem aceitas pela fé. A Igreja, seguindo a sabedoria de Santo Agostinho,<sup>21</sup> sustenta que a Bíblia não contém qualquer ensinamento propriamente científico sobre a natureza do universo físico.<sup>22</sup>

**1, 8: “céu”** – Também pode ser traduzido como “céus” (o termo hebraico é um plural arcaico). É incerto qual conceito os israelitas tinham de múltiplos céus. Na tradição judaica posterior, o nível mais baixo dos céus era considerado a atmosfera, e o nível mais alto a morada de Deus. Diferentes formas da tradição contavam três céus (2Cor 12, 2; Testamento de Levi 2, 7-10) ou sete céus (Talmud, b. Hagigah 12b). A Escritura alhures conceitua os céus como uma tenda cósmica (Sl 104, 2; Is 40, 22), que é esticada sobre a terra (Is 42, 5; Zc 12, 1).

**1, 14: “dias e anos”** – Os ciclos solares e lunares determinavam as estações agrícolas e litúrgicas do calendário israelita (Sl 104, 19; Os 2,11; Gl 4,10; CIC 347).

19 Cf. Santo Ambrósio, *O Espírito Santo*, 2, 1.

20 O termo é derivado do hebraico *raqá*, designando a ação de expandir (um metal) batendo-o com um martelo, o processo de se fazer uma placa metálica. Por isso algumas traduções bíblicas usam a palavra “expansão” em vez de “firmamento” – NT.

21 Cf. *Sobre a interpretação literal do Gênesis*, 2, 9.

22 Cf. Leão XIII, *Providentissimus Deus*, 39.

**1, 16: “luzeiro maior [...] luzeiro menor [...] estrelas”** – Israel foi proibida de adorar esses luzeiros, que foram divinizados como deuses no mundo do Oriente Próximo (Dt 4, 19). Isso pode explicar por que o sol e a lua não são mencionados pelo nome no relato da criação, pois os termos hebraicos lembram os nomes do sol semita e dos deuses lunares. Passagens posteriores no Gênesis comparam o sol, a lua e as estrelas a uma família representada por pai, mãe e filhos (15, 5; 22, 17; 37, 9-10).

**1, 21: “monstros marinhos”** – grandes animais aquáticos distintos dos pequenos, que são chamados de “seres vivos” (1, 20). Os monstros do mar são símbolos do mal na poesia bíblica, assim como representavam forças primitivas do caos na mitologia cananéia (Sl 74, 13-14; Is 27, 1; Ez 29, 3). Em contraste com esses mitos, o Gênesis insiste que Deus criou os seres poderosos do mar; não são poderes pré-existentes que Deus enfrentou como rivais no começo.

**1, 22: “abençoou”** – Deus dotou-os com o poder criativo de reproduzir sua espécie. O dom divino da fertilidade é sempre visto como uma bênção na Bíblia, especialmente em relação à procriação humana (1, 28; Dt 28, 4; 30, 19; Sl 128, 3-4; CIC 1652).

 **1, 26: “Façamos”** – A expressão plural não implica a crença em vários deuses. Ela pode ser interpretada como (1) um plural de majestade, no qual Deus fala como um rei que representa sua corte ou a plenitude da sua autoridade (cf. Esdras 4, 18); (2) um plural de deliberação, no qual Deus decide criar o homem depois de considerar suas opções (Is 6, 8); (3) um plural de auto-exorta-

ção, no qual Deus exorta-se em ação (11, 7); ou (4) um plural de assembléia, em que Deus dirige a sua intenção ao exército celestial de anjos (cf. Jó 38, 4-7).

- A tradição cristã detecta nessa expressão um indício de que o próprio Deus é uma comunhão de pessoas divinas, mais tarde revelado como a Trindade (Mt 28, 19; 2Cor 13, 14). A Escritura indica alhures que a criação é a obra não só do Pai, mas também do Filho (Jo 1, 1-3; Hb 1, 2) e do Espírito (Jó 33, 4; Sl 104, 30).

 **1, 27: “homem e mulher”** – A distinção sexual entre homem e mulher é querida por Deus, bem como o seu propósito de reproduzir a raça humana (1, 28).

- A imagem de Deus não é portada apenas por indivíduos, mas também se expressa através do homem e da mulher como um casal. A partir da imagem da família natural, então, pode-se inferir que Deus, no mistério da sua vida interior, é uma comunidade de pessoas unidas por um laço de amor e vida compartilhada.<sup>23</sup>

**1, 28: “submetei-a”** – O hebraico significa “pôr em sujeição” (2Cr 28, 10; Jr 34, 11). O homem não tem licença para abusar da criação, mas é chamado a aproveitar o seu potencial para o bem. Ele deve usar suas habilidades criativas para gerir os recursos da terra para a construção da civilização humana. Na teologia do Gênesis, o homem é o administrador do mundo de Deus, não o seu proprietário ou mestre em qualquer sentido absoluto (CIC 373, 2415-17)

**1, 29: “todas as plantas”** – O homem e os animais recebem uma dieta de produ-

<sup>23</sup> Cf. João Paulo II, *Mulieris dignitatem*, 7.

ção natural (1, 30). Não são carnívoros no início, uma vez que o derramamento de sangue, necessário para o consumo de carne, é incompatível com a harmonia entre as criaturas que reina no estado primitivo. Quando a desarmonia do pecado invadiu o mundo os animais foram dados como alimento, e

apenas como uma concessão divina (9, 3-4).

**1, 31: “muito bom”** – Deus está satisfeito e contente com todo o conjunto da criação. Essa avaliação final vem após ele aprovar suas partes individuais (1, 4. 10. 12. 18. 21. 25).

## QUADRO: A ESTRUTURA DOS SETE DIAS

O Gênesis retrata o mundo recém-criado em um estado de caos primitivo. Submerso em água e envolto em trevas, é um lugar impróprio para habitação e vida. O autor transmite essa idéia, descrevendo-a como “deserta e vazia” (Gn 1, 2). Este duplo problema do deserto e vazio é importante porque prepara o terreno para os dias da criação que se seguem, em que Deus impõe ordem sobre o caos em duas fases: nos dias 1-3, ele forma o mundo em suas dimensões temporais e espaciais, e no dia 4-6 ele enche o mundo com seus condutores designados. O Gênesis organiza, assim, o relato da criação de forma simétrica, com os primeiros três dias correspondentes aos segundos três dias.<sup>24</sup> O sétimo dia se destaca como o dia em que Deus descansou de sua obra. Inerente a este formato literário está a mensagem que o cosmos, na sua ordem e concepção artística, testemunha a consumada sabedoria do Criador (cf. Sl 19, 1; Sb 13, 5; Rm 1, 20).

Deserto

Dia 1. Dia e Noite

Dia 2. Mar e Céu

Dia 3. Terra e Vegetação

Vazio

Dia 4. Sol, Lua e Estrel

Dia 5. Peixes e Pássaros

Dia 6. Homem e Animais

**Dia 7. O Sábado de Descanso**

<sup>24</sup> Cf. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, 1, 70, 1.

### ESTUDO DA PALAVRA: IMAGEM E SEMELHANÇA (GN 1, 26)

*Tselem e demut* (hebraico): o primeiro termo muitas vezes denota uma “representação” física de algo em duas (Ez 23, 14) ou três dimensões (Nm 33, 52; 1Sm 6, 5; Ez 16, 17), e o segundo termo refere-se a um “modelo” (2Rs 16,10) ou “semelhança” visível de algo (Is 40, 18; Ez 1, 5). O Gênesis associa esse par de palavras com autoridade real, como quando o primeiro homem e a primeira mulher recebem o domínio para governar sobre a criação (Gn 1, 26); com o conceito relacional de filiação, como quando um pai produz uma imagem de si mesmo em um filho (Gn 5, 3); e com a santidade da vida humana, como quando o Senhor promete vingar a dignidade da vida humana contra a violência assassina (9, 5-6). Um complexo semelhante de idéias circulou na ideologia política do antigo Oriente Próximo, em que os reis da Mesopotâmia e Egito eram considerados “filhos” formados na “imagem” da sua divindade protetora. Assim, o que era tipicamente a prerrogativa de um monarca em distinção dos seus súditos, o Gênesis aplica a toda a pessoa humana em distinção das plantas e animais. Outros aspectos da imagem divina incluem a inteligência do homem racional, a sua dignidade de pessoa, a sua consciência moral, e sua capacidade única de um relacionamento pessoal com Deus (CIC 343, 355–58).



A CRIAÇÃO DE EVA

Gustave Doré (1832-1883), *Ilustrações da Bíblia*

**2**<sup>1</sup>Assim foram concluídos o céu e a terra com todos os seus elementos. <sup>2</sup>No sétimo dia, Deus concluiu toda a obra que tinha feito; e no sétimo dia repousou de toda a obra que fizera. <sup>3</sup>Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nesse dia Deus repousou de toda a obra da criação.

2, 1–3: Ex 20, 11. 2, 2: Hb 4, 4. 10.

### COMENTÁRIOS

**2, 2: “repousou”** – Deus instituiu o sábado dando o exemplo para a sua observância. Para o homem, portar a imagem de Deus significa arcar com a responsabilidade de imitar Deus no ritmo semanal de trabalho e descanso (Ex 20, 8-11). Assim, o ponto não

é que Deus se cansou depois de criar o mundo, mas que temos necessidade de descanso quando trabalhados em imitação dele. A rigor, o trabalho divino de manter o universo continua ao longo da história (Jo 5, 16-17; Hb 1, 3), assim como o seu trabalho de cria-

ção, por exemplo, cada vez que ele cria uma alma humana no momento da concepção<sup>25</sup> (CIC 366, 2172-73). O sábado, que é separado para a adoração a Deus e para a contemplação de suas obras, é o sinal de sua aliança com a criação (Ex 31, 12-17; CIC 346).

- O Novo Testamento interpreta o descanso semanal do sábado como sinal do descanso

eterno que nos espera no céu (Hb 4, 1-10).

**2, 3: “santificou”** – Deus santifica o sétimo dia e faz com que seja um dia santo (Is 58, 13). A lição é que o trabalho é ordenado à adoração, para que o homem não se torne um escravo do seu trabalho e deixe de reconhecer sua total dependência do Senhor (CIC 347, 2175-76).

**Outro relato da criação** – <sup>4</sup>Essa é a história da criação do céu e da terra. <sup>5</sup>Quando o Senhor Deus fez a terra e o céu, <sup>6</sup>ainda não havia nenhum arbusto do campo sobre a terra e ainda não tinha brotado a vegetação, porque o Senhor Deus ainda não tinha enviado chuva sobre a terra, e não havia ninguém para cultivar o solo. <sup>7</sup>Mas brotava da terra uma fonte, que lhe regava toda a superfície. <sup>8</sup>Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele tornou-se um ser vivente. <sup>9</sup>Depois, o Senhor Deus plantou um jardim em Éden, a oriente, e pôs ali o homem que havia formado. <sup>10</sup>E o Senhor Deus fez brotar do solo toda sorte de árvores de aspecto atraente e de fruto saboroso, e, no meio do jardim, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. <sup>11</sup>De Éden nascia um rio que irrigava o jardim e, de lá, se dividia em quatro braços. <sup>12</sup>O primeiro chamava-se Fison; ele banha toda a terra de Hévilá, onde se encontra o ouro, <sup>13</sup>um ouro muito puro, como também o bdélio e a pedra de ônix. <sup>14</sup>O nome do segundo rio é Geon, o rio que banha toda a terra de Cuch. <sup>15</sup>O nome do terceiro rio é Tigre. Corre a oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates. <sup>16</sup>O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para o cultivar e guardar. <sup>17</sup>O Senhor Deus deu-lhe uma ordem, dizendo: “Podes comer de todas as árvores do jardim. <sup>18</sup>Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deves comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás”. <sup>19</sup>E o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe corresponda”. <sup>20</sup>Então o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e apresentou-os ao homem para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse. <sup>21</sup>E o homem deu nome a todos os animais domésticos, a todas as aves do céu e a todos os animais selvagens, mas não encontrou uma auxiliar que lhe correspondesse. <sup>22</sup>Então o Senhor Deus fez vir sobre o homem um profundo sono, e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. <sup>23</sup>Depois, da costela tirada do homem, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou-a ao homem. <sup>24</sup>E o homem exclamou: “Destas vezes sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘humana’ porque do homem foi tirada”. <sup>25</sup>Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne. <sup>26</sup>O homem e sua mulher estavam nus, mas não se envergonhavam.

2, 7: 1Cor 15, 45. 47. 2, 9: Ap 2, 7; 22, 2. 14. 19.

2, 24: Mt 19, 5; Mc 10, 7; 1Cor 6, 16; Ef 5, 31.

**2, 4-25:** O segundo relato da criação descreve a formação do primeiro casal humano. A narrativa é histórica no conteúdo, mas simbólica na descrição (CIC 362, 375), a sua mensagem é transmitida através de imagens, uma vez conhecidas na literatura

épica e mítica do antigo Oriente Próximo. O cenário é o jardim do Éden, que representa o estado de graça. O homem, que é criado fora do jardim, é colocado nele por Deus (2, 8) para mostrar sua elevação a um nível de bem-aventurança divina que está acima do seu estado natural (CIC 374-78). A sa-

25 Cf. Pio XII, *Humani Generis*, 36.

cralidade desta situação inicial é sublinhada por indicações de que o Gênesis imagina o Paraíso como um santuário primitivo. Assim como o Tabernáculo e Templo de tempos posteriores, o jardim é (1) adentrado a partir do oriente (3, 24; Ex 27, 13; Ez 47, 1), (2) a casa de guardiões angélicos chamados querubins (3, 24; 1Rs 6, 23-28), (3) decorado com árvores (2, 9; Js 24, 26; 1Rs 6, 29-32), (4) a fonte das águas sagradas (2, 10; Ez 47, 1-12; Jl 3, 18), e (5) o lugar onde Deus habita com o seu povo sobre a terra (3, 8; Lv 26, 12; 2Sm 7, 6). De acordo com uma tradição judaica, Éden é o Santo dos Santos, ou seja, a propriedade mais sagrada dentro do templo cósmico do mundo (Livro dos Jubileus 8, 19). Ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4.

**2, 4: “Essa é a história”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**“Senhor Deus”:** O primeiro termo em hebraico é *“Yahweh”*, o nome pessoal de Deus venerado por Israel. O segundo termo é o substantivo comum para uma divindade e é usado em todo o primeiro relato da criação (1, 1 – 2, 4). Usados em conjunto, o Gênesis ensina que o Deus de Israel (*“Yahweh”*) não é outro senão o Criador do universo (*“Deus”*).

**2, 5: “nenhum arbusto”** – No segundo relato da criação, o homem é formado antes da vegetação e dos animais; no primeiro relato, o homem é criado após a vegetação e os animais (1, 11. 20-26). A discrepância não constitui uma contradição na medida em que o primeiro relato não pretende ser uma descrição cronológica dos estágios reais de criação. Ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4.



**2, 7: “Deus formou o ser humano”** – Evoca a imagem de um oleiro molhando um vaso de barro (Jó 10, 9; Is 45, 9). Há um jogo de palavras em hebraico entre *“homem”* (*‘adam*) e a *“terra”* (*‘adamah*) a partir da qual ele é feito (Eclo 33, 10). A criação do homem a partir do pó ou da argila é um tema antigo semelhante na literatura egípcia (*Grande Hino a Khnum*) e mesopotâmica (*Atrahasis; Gilgamesh*).

**“Pó”:** Símbolo da mortalidade humana (3, 19).

**“Sopro da vida”:** O princípio animador que faz do homem um ser vivente como os animais (ver 2, 19; 7, 21-22). No entanto, o homem é o único que Deus fez um composto de matéria e espírito, um ser que possui um corpo e uma alma racional (Sb 15, 11; CIC 362-66). A animação de corpos humanos pelo sopro divino encontra semelhanças em textos egípcios (*Instrução para o rei Merikare; Grande Hino a Aton*).

- De acordo com a teologia católica, Adão não foi criado apenas com a vida natural ou biológica, mas foi infundido com a vida sobrenatural da graça e santidade. Assim, desde o seu primeiro suspiro, Adão era *“justo”* (Ec 7, 29) *“filho de Deus”* (Lc 3, 38; CIC 374-76).

**2, 8: “jardim”** – A Septuaginta grega traduz como *“paraíso”*. Ver o Estudo da palavra: Paraíso em 2ª Coríntios 12, 3.

**“A oriente”:** Isto é, a oriente da Palestina. Os dados geográficos em 2, 10-14 sugerem uma localização na Mesopotâmia (atual Iraque).

**2, 9: “árvore da vida”** – Um antigo símbolo da imortalidade e da sabedoria divina

(Pr 3, 18). Pensava-se que seu fruto conferia a vida eterna (3, 22).

**“Conhecimento do bem e do mal”:** Não é uma consciência moral de certo e errado que o homem possuía desde o início como uma criatura racional, mas a autoridade legal para determinar o que é o bem e o mal (ver 2Sm 14, 17; 1Rs 3, 9). Adão supõe exercer esta autoridade sobre a ordem moral, embora ela pertença exclusivamente a Deus. Ultrapassando seus limites, ele tentará libertar-se dos limites de ser uma criatura que é feita para amar e servir a Deus com a submissão livre de sua vontade (Eclo 15, 15; CIC 396). Ver comentário sobre 3, 6 e 3, 22.

**2, 15-17:** Os termos e condições da aliança adâmica (Eclo 14,17). A árvore da vida e a árvore ameaçadora da morte representam as sanções idênticas da aliança: a bênção e a maldição (ver Dt 30,19). Adão deveria aprender com esses limites que Deus não é igual a ele, mas seu Pai e Senhor. O arranjo é uma provação projetada para testar a fé e obediência filial de Adão.

**2, 15: “cultivar e guardar”** – O comando para “guardar” o jardim pode ser traduzido como um comando para estar em “guarda”, como em 3, 24. Neste caso, uma ameaça à ordem do paraíso está implícita, e a aparição da serpente em 3, 1 é antecipada. Além disso, os dois verbos hebraicos em questão são usados em outras partes do Pentateuco para as funções litúrgicas de sacerdotes e levitas que servem como ministros e guardiões do Tabernáculo (Nm 3, 7-8; 8, 26; 18, 5-6). O seu uso aqui implica que o trabalho do homem de cultivar e manter a guarda sobre o jardim é também uma forma de serviço divino. A tradição rabínica, portanto, considerava Adão um sacerdote (Gênesis Rabá 16,

7). Para o Éden como um santuário sagrado, ver comentário sobre 2, 4-25.

**2, 17: “morrerás”** – A mortalidade bem como a morte espiritual do afastamento de Deus são a maldição por transgredir a aliança adâmica (Eclo 14,17; CIC 1008).

**2, 18: “uma auxiliar que lhe corresponda”** – Antecipa a criação da mulher, embora outros seres vivos sejam formados primeiro (2, 19). O fato da mulher vir por último não é o resultado de tentativa e erro, mas é a maneira de Deus ensinar o homem que ele é fundamentalmente diferente dos animais, apesar de certos recursos naturais e funções que têm em comum. Formas de vida inferiores não podem fornecer o amor, a ajuda e o companheirismo que o homem precisa para ser completo.

**2, 20: “deu nomes”** – Primeiro ato da soberania de Adão sobre o reino animal (1, 26). No mundo antigo, nomear algo era exercer autoridade sobre ele.



**2, 21-24:** A instituição da aliança do casamento, que é projetado por Deus para ser íntimo (uma só carne, 2, 24), heterossexual (homem e mulher, 2, 23), de apoio mútuo (auxiliar, 2, 18), e procriador (multiplicai-vos, 1, 28). Para indicações de que a Bíblia considera o casamento uma aliança, ver Ez 16, 8 e Ml 2, 14.

- Jesus ensina a partir deste texto que Deus criou o casamento como a união permanente dos cônjuges (Mt 19, 3-9). Como tal, ela simboliza o vínculo indissolúvel entre Cristo e sua noiva espiritual, a Igreja (Ef 5, 21-33).



**2, 22: “da costela”** – A primeira mulher é criada a partir da substância do

primeiro homem (1Cor 11, 8). Sua distinção sexual do homem mostra que os dois são literalmente “feitos um para o outro”. Ela ser retirada do seu lado e não da sua cabeça ou dos pés também é significativo, isso mostra que ela é igual em dignidade ao homem, e não está acima dele ou abaixo dele (CIC 369, 371).

• *Alegoricamente*,<sup>26</sup> o sono de Adão prenuncia a morte de Cristo; e Eva, que vem do lado de Adão, é um protótipo da Igreja, a verdadeira mãe de todos os viventes.

**2, 23: “meus ossos [...] minha carne”**  
– Uma expressão para parentesco natural (29, 14; Jz 9, 2). A noiva torna-se parente do noivo e sua família, mediante a aliança de casamento.

**“Mulher [...] Homem”**: O poema faz um jogo de palavras com “homem” (*‘ish*) e “mulher” (*‘ishshah*), que são também os termos para “esposo” e “esposa” no hebraico bíblico.

**2, 24: “unirá”** – O termo indica fidelidade ao parceiro em uma relação de aliança (Dt 10, 20; 30, 20; Js 23, 8).

**2, 25: “nus [...] não se envergonhavam”**  
– Aponta para a inocência e integridade original de Adão e Eva. Neste ponto, as suas vidas estão intocadas pelo pecado, e seu desejo sexual está sob completo controle. A expressão também aponta para a sua vulnerabilidade, uma vez que o termo “nu” (*‘arummim*) assemelha-se ao termo “astuto” (*‘arum*), que caracteriza a serpente no versículo seguinte (3, 1).

## NOTAS

26 Cf. Tertuliano, *Sobre a Alma*, 43.

**3 A queda do homem** – <sup>1</sup>A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse: ‘Não comais de nenhuma das árvores do jardim?’” <sup>2</sup>A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. <sup>3</sup>Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus nos disse: ‘Não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morreréis.’” <sup>4</sup>Mas a serpente respondeu à mulher: “De modo algum morreréis. <sup>5</sup>Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal”. <sup>6</sup>A mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para obter conhecimento. Colheu o fruto, comeu dele e o deu ao marido a seu lado, que também comeu. <sup>7</sup>Então os olhos de ambos se abriram, e, como reparassem que estavam nus, teceram para si tangas com folhas de figueira. <sup>8</sup>Quando ouviram o ruído do Senhor Deus, que passeava pelo jardim à brisa da tarde, o homem e a mulher esconderam-se do Senhor Deus no meio das árvores do jardim. <sup>9</sup>Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou: “Onde estás?” <sup>10</sup>Ele respondeu: “Ouvi teu ruído no jardim. Fiquei com medo, porque estava nu, e escondi-me”. <sup>11</sup>Deus perguntou: “E quem te disse que estavas nu? Então comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer?” <sup>12</sup>O homem respondeu: “A mulher que me deste por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi”. <sup>13</sup>Então o Senhor Deus perguntou à mulher: “Por que fizeste isso?” E a mulher respondeu: “A serpente enganou-me, e eu comi”. <sup>14</sup>E o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e entre todos os animais selvagens. Rastejarás sobre teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida. <sup>15</sup>Porci inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”. <sup>16</sup>À mulher ele disse: “Multiplicarei os sofrimentos de tua gravidez. Entre dores darás à luz os filhos. Teus desejos te arrastarão para teu marido, e ele te dominará”. <sup>17</sup>Ao homem ele disse: “Porque ouviste a voz da tua mulher e comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer, amaldiçoado será o solo por tua causa. Com sofrimento tirarás dele o alimento todos os dias de tua vida. <sup>18</sup>Ele produzirá para ti espinhos e ervas daninhas, e tu comerás das ervas do campo. <sup>19</sup>Comerás o pão com o suor do teu rosto, até voltares ao solo, do qual foste tirado. Porque tu és pó e ao pó hás de voltar”. <sup>20</sup>O homem chamou à sua mulher “Eva”, porque ela se tornou a mãe de todos os viventes. <sup>21</sup>E o Senhor Deus fez para o homem e sua mulher roupas de pele com as quais os vestiu. <sup>22</sup>Então o Senhor Deus disse: “Eis que o homem tornou-se como um de nós, capaz de conhecer o bem e o mal. Não ponha ele agora a mão na árvore da vida, para dela comer e viver para sempre”. <sup>23</sup>E o Senhor Deus o expulsou do jardim de Éden, para que cultivasse o solo do qual fora tirado. <sup>24</sup>Tendo expulso o ser humano, postou a oriente do jardim de Éden os querubins, com a espada fulgurante a cintilar, para guardarem o caminho da árvore da vida.

3, 1: Ap 12, 9; 20, 2. 3, 4: 2Cor 11, 3. 3, 13: 2Cor 11, 3.

3, 14-15: Ap 12, 9; 20, 2. 3, 17-18: Hb 6, 8. 3, 22. 24: Ap 2, 7; 22, 2. 14. 19.

#### COMENTÁRIOS

**3, 1-24:** O relato da queda afirma um acontecimento primitivo usando linguagem figurada (CIC 390). Ele indica que o homem, no início da sua história, se rebelou contra o seu Criador e trouxe o pecado e a miséria ao mundo. Como o Gênesis mostra, os efeitos imediatos do homem e da mulher transgredindo a aliança original (2, 16-17) incluem vergonha (3, 7), contenda (3, 12), sofrimento (3, 16-19), e separação do Se-

nhor (3, 23-24). Seus efeitos duradouros, incluindo a morte (3, 19) e uma propensão desordenada para o mal (6, 5), são passados para toda a família humana (CIC 390, 400). Para a propagação do pecado original (natureza humana privada da graça santificante) e as más inclinações (a concupiscência) que vêm com ele, ver comentário sobre Rm 5, 12 e 7, 23.

**3, 1: “a serpente”** – Um agente pessoal do mal que a Escritura mais tarde identifica como Satanás (Ap 12, 9). A serpente era comumente considerada (1) uma imagem mítica que representa o diabo (ou, pelo menos, o diabólico) de uma forma literária, (2) a forma visível assumida pelo demônio no jardim, ou (3) uma serpente real, cujo corpo é possuído e manipulado pelo diabo, tanto quanto os demônios são capazes de falar por meio de criaturas corporais e controlar suas ações (cf. Mc 5, 1-13). Seja qual for o caso, Satanás foi impulsionado pela inveja para roubar do homem suas bênçãos e trazer a morte ao mundo (2, 24; CIC 391, 2539). Jesus refere-se, portanto, a ele como “um homicida desde o princípio” (Jo 8, 44). Nota-se, também, que o termo hebraico *Nahash* muitas vezes refere-se a uma cobra (49, 17), mas em textos poéticos e apocalípticos pode se referir a uma serpente do mar draconiana que representa a oposição ao Senhor (Jó 26, 13; Is 27, 1; Am 9, 3). No antigo Oriente Próximo, as serpentes eram um símbolo da divindade e da fertilidade, bem como a ameaça de caos cósmico.

**“Astuto”:** No sentido de “esperto”. Observe que Satanás usa meias-verdades para seduzir e enganar: ele afirma que o casal não vai morrer (3, 4), que os seus olhos se abrirão (3, 5), e que eles vão se tornar semelhantes a Deus (3, 5). Essas garantias todas parecem se tornar realidade em um nível, já que depois de comer o fruto proibido, Adão e Eva continuam a viver por muitos anos (5, 5), seus olhos são abertos (3, 7), e, em certo sentido tornam-se como Deus (3, 22). No entanto, à luz das intenções de Deus, esses ganhos prometidos vêm a ser dolorosas perdas (CIC 392, 2847).

**“Não comais de nenhuma das árvores [...]?”:** A pergunta insinua que Deus é um obstáculo à satisfação humana. Em particular, levanta dúvidas sobre a generosidade e a boa vontade do Senhor, como se Adão e Eva recebessem mais privações do que provisões de Deus. Esta é uma completa distorção do auxílio divino em 2, 16 (CIC 215).

**3, 3: “nem sequer o toqueis”** – Uma adição curiosa ao mandamento divino em 2, 17. Pode implicar que Eva está começando a acolher a sugestão da serpente que Deus é excessivamente restritivo (3, 1; CIC 399).

**3, 4: “de modo algum morreréis”** – A contradição impertinente de 2, 17 que nega a veracidade de Deus e sua palavra.

**3, 5: “Deus sabe”** – A acusação faz com que Deus pareça ciumento e egoísta, como se ele estivesse retendo o casal das melhores bênçãos da vida a fim de salvaguardar as suas prerrogativas. Satanás, entretanto, está posando como um amigo que tem em mente os maiores interesses da mulher.

**“Como Deus, conhecedores”:** A expressão também pode ser traduzida: “como deuses, conhecedores...” (Como na LXX grega e na Vulgata latina). Qualquer tradução implica a crença de que divindades possuem poderes e perfeições que não são partilhadas por seres humanos.



**3, 6: “marido”** – Estas palavras são seguidas no texto hebraico pela frase “com ela”, indicando que Adão estava presente quando Eva cometeu o pecado.

**“Também comeu”:** Ao contrário de Eva, que foi enganada pela serpente depois de travar um diálogo com ela (3, 13; 1Tm 2, 14), Adão se curva sem resistência aos desejos de

sua esposa (3, 17) e se afirma contra o mandamento dado a ele pelo Senhor (2, 17). A tradição diz que Adão, depois de ter abandonado a sua confiança em Deus, cometeu um pecado de orgulho em querer ser “como Deus, conhecedor do bem e do mal” (3, 5). Seu desejo não era de discernir a diferença entre o bem e o mal, mas determinar o que era bom e mau para si mesmo, independentemente de Deus<sup>27</sup> (CIC 397-98). Ver comentário sobre 2, 9.

- Na teologia de Paulo, Cristo é a imagem oposta de Adão. Assim como Adão, por sua transgressão, fez-nos pecadores, sujeitos à morte, também Cristo, pela sua obediência, garantiu a graça que nos faz herdeiros da vida eterna (Rm 5, 12-21; 1 Cor 15, 20-22).

- Cristo venceu o diabo com as mesmas armas que o diabo usou contra nós: uma virgem, uma árvore, e a morte. Esses sinais da nossa morte tornaram-se agora os sinais da nossa vitória. Em vez de Eva, há Maria; em vez da árvore do conhecimento, há a madeira da cruz; e, em vez da morte de Adão, há a morte de Cristo.<sup>28</sup>

**3, 7: “teceram tangas”** – O casal, despertado pela desordem do pecado, tentou cobrir sua vergonha e culpa. O esforço é insatisfatório, pois Deus os cobre com peles de animais em 3, 21, talvez uma leve insinuação de que o pecado deve ser tratado com sacrifício de sangue (Lv 17, 11; Hb 9, 22).

**3, 8-13:** Interrogado pelo Senhor, Adão transfere a culpa para Eva (3, 12), e Eva transfere a culpa para a serpente (3, 13). O pecado semeou divisão e discórdia entre os

cônjuges, além de abalar sua relação com Deus (CIC 1606-7).

**3, 8: “passeava”** – Uma descrição humanóide de Deus que sublinha a sua proximidade com o homem e a mulher no Éden. A expressão em hebraico descreve alhures que o Senhor habita em seu santuário no meio de Israel (Lv 26, 12; 2Sm 7, 6). Ver comentário sobre 6, 6.

**3, 9: “Onde estás?”** – Não um inquirido literal do paradeiro de Adão, mas um convite para Adão confessar suas faltas e buscar o perdão.

**3, 14: “sobre teu ventre”** – Animais que se movem sobre o ventre são considerados abominação pela Lei Mosaica (Lv 11, 42).

**“Comerás pó”:** Expressa o sofrimento de uma derrota humilhante (Sl 72, 9; Is 65, 25; Mq 7,17).



**3, 15: “Porei inimizade”** – Um verso crucial no Gênesis, que alguns pensam ser uma etiologia que explica a origem do medo instintivo que o homem tem de cobras. Mais provavelmente, o antagonismo proverbial entre homens e cobras foi evocado com a finalidade de simbolizar a luta contínua do homem contra o pecado e o mal, que é personificada pela serpente (cf. 4, 7; Eclo 21, 2). Em qualquer caso, nenhuma interpretação capta o sentido pleno do texto, que prevê um eventual triunfo da mulher e sua prole sobre Satanás depois de um período prolongado de hostilidade.

**“Tua descendência”:** cúmplices do diabo em fazer o mal, incluindo homens ímpios, que constituem a sua descendência espiritual (Jo 8, 44). No Gênesis, Caim e sua linha de descendentes ímpios são os pri-

27 Cf. João Paulo II, *Dominum et Vivificantem*, 36.

28 Cf. São João Crisóstomo, *Sermão sobre o cemitério e a cruz*.

meiros a cumprir esse papel (4, 8. 17-24; 1Jo 3, 12).

**“E a dela”:** Os descendentes justos da mulher, inicialmente vinculados a Abel (4, 4) e à linhagem piedosa de Set (4, 26; 5, 6-32).

**“Esta”:** O hebraico pode ser lido individualmente (“esta”) ou coletivamente (“estas”). A primeira interpretação judaica conhecida desse texto considera a descendência da mulher um homem individual (grego *autos*, “ele” na LXX grega).

**“Ferirá”:** Ou “esmagará” (como em Jó 9, 17). A vitória sobre o enganador satânico está assegurada: a serpente vai sofrer um ferimento fatal na cabeça, enquanto a descendência da mulher vai sofrer apenas uma mordida no calcanhar. Ao menos uma tradição judaica conecta este triunfo com a vinda de um rei messiânico (*Palestinian Targum*).

- A tradição cristã dá a este texto uma interpretação messiânica (Cristo é o indivíduo que atropela o diabo sob os pés: Hb 2, 14; 1Jo 3: 8),<sup>29</sup> uma interpretação eclesiológica (a Igreja é a prole que compartilha sua vitória: Rm 16, 20; Ap 12, 17), e uma interpretação mariológica (Maria é a mulher prometida que carrega o Redentor).<sup>30</sup> Esta passagem há muito tem sido chamada de “primeiro evangelho” (Latim *Protoevangelium*) e destaca-se como a primeira revelação da misericórdia de Deus nas Escrituras (CIC 410-11).

**3, 16-19:** O sofrimento é imposto como consequência temporal do pecado. Eva e seus descendentes vão sofrer como esposas (dominação do cônjuge) e mães (parto doloroso). Adão e seus descendentes vão sofrer

como provedores da família (trabalho penoso por comida; CIC 1609).



**3, 17: “amaldiçoado”** – A maldição de frivolidade e de decadência domina a Terra, fazendo da produção de alimentos um processo extremamente tedioso. Isso contrasta com a superabundância de alimentos que era facilmente acessível no jardim (2, 9. 16). Ver comentário sobre Rm 8, 22.

**“Sofrimento”:** o trabalho em si não é uma maldição da queda, já que ao homem foi confiado o cultivo do solo desde o início (2, 15). O ponto é que o trabalho vai agora se tornar extenuante.

- Jesus aceitou os espinhos, a fim de anular a maldição que levou espinhos ao solo, e ele foi sepultado na terra, para que o solo, amaldiçoado pelo pecado, pudesse receber uma bênção. Da árvore do jardim veio o pecado, mas o pecado expirou com a árvore do Salvador.<sup>31</sup>

**3, 19: “ao pó há de voltar”** – A morte física, que é a separação do corpo e da alma, é parte da maldição herdada pelos descendentes de Adão (Rm 5, 14; 1Cor 15, 22). Uma vez o ventre do homem (2, 7), o solo torna-se agora o túmulo do homem (Ecl 12, 7; CIC 400).

**3, 20: “chamou a sua mulher”** – O nome hebraico para “Eva” (*hawwah*) assemelha-se ao termo “vivente” (*hay*).

**3, 22: “tornou-se como um de nós”** – O homem representou o papel de um deus ao presumir que exerce domínio sobre a ordem moral e redefine o que é o bom e mal em oposição ao seu Criador (cf. Is 5, 20). Só dessa forma desordenada sua transgressão o fez

<sup>29</sup> Cf. Santo Irineu, *Contra as Heresias*, 3, 23, 7.

<sup>30</sup> Cf. Vaticano II, *Lumen Gentium*, 55.

<sup>31</sup> Cf. São Cirilo de Jerusalém, *Catequese 13*, 18-19.

como Deus. Adão teria atingido a verdadeira piedade se tivesse humildemente obedecido ao Pai como Jesus fez (Fl 2, 5-8). Para possíveis significados do plural “nós”, ver comentário sobre 1, 26.

**3, 23: “Deus o expulsou”** – Pela expulsão e exílio, Adão descobre que o efeito mais devastador do pecado é a separação de Deus e de suas bênçãos.

**3, 24: “querubins”** – Representam os anjos, que guardam a santidade da presença de Deus no jardim como fazem mais tarde

no Tabernáculo de Moisés (Ex 25, 18) e no Templo de Salomão (1 Rs 6, 23-28; CIC 332). Para outras ligações entre o Éden e estes santuários israelitas, ver comentário sobre 2, 4-25.

**“Guardarem”**: Sentinelas angelicais são postas para impedir o casal corrompido de entrar novamente no Paraíso. Isso pode ser considerado um ato de misericórdia divina, para que o homem caído não coma da árvore da vida e “viva para sempre” em um estado de separação espiritual de Deus (3, 22).

**4** Caim e Abel – <sup>1</sup>O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, dizendo: “Ganhei um homem com a ajuda do Senhor”. <sup>2</sup>Tornou a dar à luz e teve Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim pôs-se a cultivar o solo. <sup>3</sup>Aconteceu, tempos depois, que Caim apresentou ao Senhor frutos do solo como oferta. <sup>4</sup>Abel, por sua vez, ofereceu os primeiros cordeirinhos e a gordura das ovelhas. E o Senhor olhou para Abel e sua oferta, <sup>5</sup>mas não deu atenção a Caim com sua oferta. Caim ficou irritado e com o rosto abatido. <sup>6</sup>Então o Senhor perguntou a Caim: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? <sup>7</sup>Não é verdade que, se fizeres o bem, andarás de cabeça erguida? E se fizeres o mal, não estará o pecado espreitando-te à porta? A ti vai seu desejo, mas tu deves dominá-lo”. <sup>8</sup>Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos ao campo!” Mas, quando estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou. <sup>9</sup>O Senhor perguntou a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” – <sup>10</sup>“Que fizeste?”, perguntou ele. “Do solo está clamando por mim a voz do sangue do teu irmão! <sup>11</sup>Por isso, agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue de teu irmão que tu derramaste. <sup>12</sup>Quando cultivares o solo, ele te negará seus frutos e tu virás a ser um fugitivo, vagueando sobre a terra”. <sup>13</sup>Caim disse ao Senhor: “Meu castigo é grande demais para que eu o possa suportar. <sup>14</sup>Se hoje me expulsas deste chão, devo esconder-me de ti, quando estiver fugindo e vagueando pela terra; quem me encontrar vai matar-me”. <sup>15</sup>Mas o Senhor lhe disse: “Se matarem Caim, ele será vingado sete vezes”. O Senhor pôs então um sinal em Caim, para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse. <sup>16</sup>Caim afastou-se da presença do Senhor e foi habitar na região de Nod, a leste de Éden.

---

4, 4: Hb 11, 4. 4, 8: 1Jo 3, 12.

---

#### COMENTÁRIOS

**4, 1-26:** A profecia de 3, 15 começa a se materializar na história, com a descendência da serpente (Caim, 1Jo 3, 12) atacando a prole justa da mulher (Abel, Hb 11, 4). A família humana continua a se afastar gradualmente à medida que a linhagem de Caim se torna cada vez mais ímpia (4, 19. 23-24)

e a linhagem de Set desenvolve uma relação estreita com o Senhor (4, 26; 5, 22; 6, 9). Ver comentário sobre 3, 15.

**4, 1: “se uniu”** – Um eufemismo bíblico para relações sexuais.

**“Um homem”**: O nome hebraico

“Caim” (*Qayin*) assemelha-se à expressão “ganhei” (*qaniti*).

**“Ajuda do Senhor”:** Homem e mulher só podem gerar crianças em cooperação com Deus (Sl 139, 13). Esta é uma das razões por que as crianças são sempre consideradas uma bênção divina na Bíblia (1, 28; 22, 17; Sl 127; 128).

**4, 4: “primeiros cordeirinhos”** – animais primogênitos representam as melhores escolhas do rebanho, ou seja, aqueles que são adequados como oferendas divinas (Ex 13, 2). Abel oferece, assim, o seu melhor para Deus como um ato de sacrifício de fé (Hb 11, 4). Caim, no entanto, parece oferecer algo menor – ao menos não há nenhuma indicação de que seu sacrifício foi feito com as “primícias” da sua colheita. Na medida em que o ato de culto exterior é um reflexo da disposição interior do adorador, não é nenhuma surpresa que Deus olhou com favor sobre a oferta de Abel, mas não a de Caim (4, 5). Ver comentário sobre Lv 1, 9.

**4, 6: “irritado”** – Caim está furioso com o favor mostrado a Abel e se considera vítima de injustiça. Em vez de tentar imitar seu irmão, ele permite que a inveja tome posse e, por fim, decide eliminá-lo. Caim segue assim o caminho do diabo, que é o caminho da inveja que leva ao assassinato (2, 24; Jo 8, 44; 1Jo 3, 12; CIC 2538-39).

**4, 7: “espreitando-te”** – O pecado é como um predador pronto para atacar o de-

satento. Embora advertido para resistir a essa força mortal, Caim é inteiramente dominado por ela: além do seu culto negligente (4, 5), ele se ressentido de Abel em seu coração (4, 5), o assassina com as mãos (4, 8), e em seguida, mente a Deus com a sua língua (4, 9). A realidade do pecado em tempos primitivos pressupõe que a lei moral natural está em vigor e que proíbe crimes como fratricídio (CIC 401, 2259).

**4, 8: “Vamos ao campo”** – Sugere que o assassinato de Abel é um ato premeditado, em vez de um crime passional.

**4, 9: “Onde está [...] Abel?”** – Deus questiona o pecador, a fim de atrair à contrição e dar-lhe uma oportunidade para a confissão. Caim recusa essa misericórdia como Adão tinha feito antes dele (3, 9-12).

**4, 10: “está clamando por mim [...] a voz do sangue”** – Ou seja, por vingança (Is 26, 21; Ap 6, 10; CIC 1867, 2268).

**4, 11: “serás amaldiçoado”** – Caim é banido do solo que ele cultivou como fazendeiro (4, 2). Ele agora é forçado a vagar sem rumo e sem descanso em um estado de exílio (4, 16).

**4, 13: “grande demais para que eu o possa suportar”** – Um grito infantil de autopiedade.

**4, 15: “um sinal”** – um sinal visível da proteção e da misericórdia divina. Parece que Caim teme represálias de sua família pelo assassinato de Abel inocente (5, 4).



**Os primórdios da civilização** – <sup>17</sup>Caim uniu-se a sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. Caim construiu uma cidade e lhe deu o nome de seu filho, Henoc. <sup>18</sup>Henoc gerou Maviael, Maviael gerou Matusael, e Matusael gerou Lamec. <sup>19</sup>Lamec casou-se com duas mulheres; uma se chamava Ada e a outra, Sela. <sup>20</sup>Ada deu à luz Jabel, que foi o antepassado dos nômades, donos de rebanhos. <sup>21</sup>O nome de seu irmão era Jubal, antepassado de todos os tocadores de cítara e flauta. <sup>22</sup>Sela teve um filho, Tubalcaim, que fabricava todo tipo de instrumentos de bronze e ferro. Noema era a irmã de Tubalcaim. <sup>23</sup>Lamec disse às suas mulheres: “Ada e Sela, ouvi minha voz; mulheres de Lamec, escutai o que eu digo! Matei um homem por uma ferida, um jovem por causa de um arranhão. <sup>24</sup>Se Caim for vingado sete vezes, Lamec o será setenta e sete vezes”. <sup>25</sup>Adão uniu-se de novo à sua mulher. Ela deu à luz um filho, a quem chamou Set. “O Senhor – dizia ela – concedeu-me outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou”. <sup>26</sup>Set também teve um filho, a quem chamou de Enós. Foi então que se começou a invocar o nome do Senhor.

**4, 17-24:** Os descendentes de Caim eram tecnologicamente avançados e moralmente degradados. Para sua credibilidade, eles foram os pioneiros da urbanização (4, 17), da cultura pastoral (4, 20), da música instrumental (4, 21) e da metalurgia (4, 22). Para sua vergonha, no entanto, foram os primeiros a se envolver em assassinato (4, 23), poligamia (4, 19), e violência vingativa (4, 23-24). O objetivo de apresentar a genealogia dessa forma não quer dizer que o progresso científico é mau ou incompatível com as obrigações religiosas. Pelo contrário, isso mostra que os avanços da civilização material vêm com o risco de declínio moral e espiritual. Quanto mais a cultura está encantada com realizações humanas, mais ela corre o risco de esquecer Deus e as suas responsabilidades em relação a ele.

**4, 24: “setenta e sete vezes”** – O número setenta e sete (ou possivelmente quatrocentos e noventa) significa vingança ilimitada.

**4, 25: “um filho”** – O nome hebraico “Set” (*shet*) assemelha-se à palavra “designado” (*shat*).

**4, 26: “invocar o nome”** – Uma referência a oração e adoração (Ml 1, 11), em que o nome de Deus é louvado (Sl 66, 2. 4) e invocado seu auxílio (Jl 2, 32). As ações religiosas dos Patriarcas são freqüentemente descritas nestes termos (12, 8; 13, 4; 21, 33; 26, 25). O significado da declaração, neste contexto, é difícil de determinar. Talvez denote a retomada do culto público desde que Caim e Abel ofereceram sacrifícios a Deus pela primeira vez, um evento que provocou o ciúme e terminou em derramamento de sangue (4, 3-8). O verbo **começou** levaria assim o sentido de “começou de novo” (CIC 2569).

**“O Senhor”:** Indica que o único Deus verdadeiro, conhecido por Israel como *Yahweh* ou Senhor, era adorado desde os primeiros tempos. Para a revelação do nome divino, ver comentário sobre Ex 6, 3.



**5** A descendência de Adão até Noé – <sup>1</sup>Eis a lista dos descendentes de Adão. Quando Deus criou o ser humano, ele o criou à semelhança de Deus. <sup>2</sup>Criou-os homem e mulher, e os abençoou. E no dia em que os criou, Deus os chamou de “ser humano”. <sup>3</sup>Adão tinha cento e trinta anos quando gerou um filho, à sua semelhança e imagem, e chamou-o Set. <sup>4</sup>Adão viveu mais oitocentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>5</sup>Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos e depois morreu. <sup>6</sup>Set tinha cento e cinco anos quando gerou Enós. <sup>7</sup>Viveu mais oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. <sup>8</sup>Ao todo, Set viveu novecentos e doze anos e depois morreu. <sup>9</sup>Enós tinha noventa anos quando gerou Cainã. <sup>10</sup>Viveu mais oitocentos e quinze anos e gerou filhos e filhas. <sup>11</sup>Ao todo, Enós viveu novecentos e cinco anos e depois morreu. <sup>12</sup>Cainã tinha setenta anos quando gerou Malaleel. <sup>13</sup>Viveu mais oitocentos e quarenta anos e gerou filhos e filhas. <sup>14</sup>Ao todo, Cainã viveu novecentos e dez anos e depois morreu. <sup>15</sup>Malaleel tinha sessenta e cinco anos quando gerou Jared. <sup>16</sup>Viveu mais oitocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas. <sup>17</sup>Ao todo, Malaleel viveu oitocentos e noventa e cinco anos e depois morreu. <sup>18</sup>Jared tinha cento e sessenta e dois anos quando gerou Henoc. <sup>19</sup>Viveu mais oitocentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>20</sup>Ao todo, Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos e depois morreu. <sup>21</sup>Henoc tinha sessenta e cinco anos quando gerou Matusalém. <sup>22</sup>Depois de gerar Matusalém, Henoc andou com Deus trezentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>23</sup>Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos. <sup>24</sup>Como Henoc andasse com Deus, desapareceu, pois Deus o havia arrebatado. <sup>25</sup>Matusalém tinha cento e oitenta e sete anos quando gerou Lamec. <sup>26</sup>Viveu mais setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. <sup>27</sup>Ao todo, Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove anos e depois morreu. <sup>28</sup>Lamec tinha cento e oitenta e dois anos quando gerou um filho, <sup>29</sup>a quem deu o nome de Noé, dizendo: “Este nos consolará do trabalho e do cansaço de nossas mãos, causados pela terra que o Senhor amaldiçoou”. <sup>30</sup>Depois de gerar Noé, Lamec viveu mais quinhentos e noventa e cinco anos e gerou filhos e filhas. <sup>31</sup>Ao todo, Lamec viveu setecentos e setenta e sete anos e depois morreu. <sup>32</sup>Noé tinha quinhentos anos quando gerou Sem, Cam e Jafé.

5, 1: Gn 1, 27. 5, 24: Hb 11, 5.

## COMENTÁRIOS

**5, 1-32:** A genealogia de Adão pela linhagem de Set. Alguns contrastes entre a linhagem de Set e a linhagem de Caim em 4, 17-24 são destacados, principalmente na segunda (Caim, Set) e sétima geração (Lamec, Henoc). Na segunda geração, Caim funda uma cidade e a “nomeia” como seu filho, Henoc (Gn 4, 17); Set e seu filho, Enós, em vez de procurarem a sua própria glória, invocam o “nome” do Senhor (4, 25-26). Na sétima geração, Lamec exibe sua reputação de assassino e bígamo (4, 18-24); Henoc, no entanto, caminha com Deus e é arrebatado ao céu (5, 21-24). Caim, portanto, gera uma linhagem familiar ímpia, e Set, uma linhagem familiar justa. Isto é confirmado pelo dilúvio que se segue: destrói a linhagem de

Caim, mas a linhagem de Set é preservada por meio do justo Noé (5, 32; 6, 9).

**5, 1: “descendentes”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**5, 3: “semelhança e imagem”** – Termos aqui associados à filiação em relação a um pai. Ver Estudo da palavra: Imagem e Semelhança em 1, 26.

**5, 4: “filhos e filhas”** – Crianças sem nome de Adão e Eva. O fato de que descendências masculinas e femininas nasceram para o primeiro casal explica como casamentos aconteciam em tempos primitivos e como o mundo tornou-se preenchido a partir de um único par humano. O casamento entre irmãos e irmãs era uma questão de

necessidade no início, mesmo que a união sexual entre parentes próximos mais tarde tenha sido proibida (Lv 18, 6-18).<sup>32</sup>

**5, 5: “novecentos e trinta anos”** – A idade de Adão está dentro da faixa de setecentos e setenta e sete (Lamec, 5, 31) a novecentos e sessenta e nove anos (Matusalém, 5, 27) que caracteriza a era antes do dilúvio. Não existe ainda nenhuma solução indiscutível para o mistério desses enormes tempos de vida. A antropologia moderna sustenta que a espécie humana (chamada *Homo sapiens*) tem cerca de quarenta mil anos de idade, que o homem pré-histórico vivia uma vida relativamente curta, e que a longevidade humana lentamente aumentou em vez de diminuir ao longo dos milênios. A Bíblia, no entanto, assim como antigos escritos do Oriente Próximo (por exemplo, *Lista dos Reis da Suméria*) concordam em dar aos antigos uma vida imensamente longa, especialmente antes do dilúvio. Várias abordagens têm sido tomadas para explicar esse fenômeno no Gênesis. (1) Alguns consideram as idades reais e mantêm a verdade literal das genealogias; no entanto, isso resulta em alocar Adão menos de dois mil anos antes de Abraão e fazer a raça humana ter apenas cerca de seis mil anos de idade. (2) Outros propuseram a conversão dos “anos” em “meses”, mas isso cria uma situação em que alguns dos personagens são crianças na época que dizem ter gerado os seus próprios filhos. (3) Ainda outros levam os nomes dos Patriarcas para se referir a “clãs” ao invés de indivíduos, no entanto, isso não consegue explicar por que alguns dos nomes se referem claramente a indiví-

32 Cf. Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, 15, 16.

duos, tais como Adão, Caim, Henoc e Noé. (4) Talvez a melhor hipótese, e que ajudaria a explicar tanto os dados bíblicos como do Oriente Próximo, é que dar aos personagens primitivos vidas extremamente longas era uma forma de conceituar a grande antigüidade da humanidade. Em outras palavras, isso pode ser simplesmente uma técnica literária usada para afirmar a idade notável da própria raça humana.

**5, 21-24:** Sete gerações de Adão, **Henoc** andou com Deus na justiça e foi levado para o céu sem experimentar a morte (Hb 11, 5). De acordo com as tradições posteriores, Henoc foi um modelo de arrependimento (Eclo 44, 16), um profeta visionário (Jd 14-15), e autor de livros apocalípticos não-bíblicos (por exemplo, 1Henoc, 2Henoc; CIC 2569).

**5, 29: “deu o nome”** – O nome hebraico “Noé” (*noah*) assemelha-se à expressão “trazer alívio” (*naham*).

NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

**6** **Corrupção da humanidade** – <sup>1</sup>Quando o ser humano começou a procriar-se sobre o solo da terra e gerou filhas, <sup>2</sup>os filhos de Deus viram que as filhas dos humanos eram bonitas e escolheram as que lhes agradassem como mulheres para si. <sup>3</sup>E o Senhor disse: “Meu espírito não animará o ser humano para sempre. Sendo apenas carne, não viverá mais do que cento e vinte anos”. <sup>4</sup>(Havia então gigantes na terra, mesmo depois que os filhos de Deus se uniram às filhas dos humanos e lhes geraram filhos. São eles os heróis renomados dos tempos antigos.) <sup>5</sup>O Senhor viu o quanto havia crescido a maldade das pessoas na terra e como todos os projetos de seus corações tendiam unicamente para o mal. <sup>6</sup>Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o ser humano na terra e ficou com o coração magoado. <sup>7</sup>E o Senhor disse: “Vou exterminar da face da terra o ser humano que criei e, com ele, os animais, o que se move pelo chão e até as aves do céu, pois estou arrependido de os ter feito”. <sup>8</sup>Noé, porém, encontrou graça aos olhos do Senhor. Noé constrói a arca <sup>9</sup>Esta é a história de Noé: Noé era homem justo e íntegro entre os contemporâneos e sempre andava com Deus. <sup>10</sup>Gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé.

6, 4: Nm 13, 33.

## COMENTÁRIOS

**6, 1-4:** Um evento crucial na narrativa do Gênesis, em que a linhagem justa de Set (filhos de Deus) casou-se com a linhagem ímpia de Caim (filhos dos homens) e tornou-se corrompida (com exceção de Noé, 6, 8-9). No cume da violência e decadência moral se espalhando sobre a Terra, este é o ultraje final que leva Deus a derramar sua ira nas águas do dilúvio. Essa interpretação aparece na tradição rabínica<sup>33</sup> e nos Padres da Igreja.<sup>34</sup> Outra interpretação, também representada na antigüidade cristã e judaica, afirma que os filhos de Deus não são homens, mas anjos rebeldes chamados sentinelas que tomaram a forma de homens e tiveram relações sexuais com as mulheres.<sup>35</sup> Ver comentário sobre Judas 6.

**6, 2: “viram [...] bonitas [...] escolheram”** – As mesmas expressões em hebraico são usadas na mesma seqüência em 3, 6, dando a entender que os filhos de Deus re-

plicaram o pecado original de Eva.

**6, 3: “Meu espírito”** – O sopro da vida que Deus infunde no homem para torná-lo vivo (2, 7; Jó 27, 3; Ecl 12, 7).

**“Cento e vinte anos”:** Parece impor um limite de modo que o tempo de vida do homem não será mais de cento e vinte anos. Embora o tempo de vida das gerações subsequentes comece a cair a partir deste ponto, o limite nunca tem o vigor máximo até o final do Pentateuco, quando Moisés morre aos cento e vinte anos de idade (Dt 34, 7). Outra possibilidade é que os cento e vinte anos referem-se, não a uma vida útil reduzida, mas a um tempo de tolerância em que Deus concede uma oportunidade para que os pecadores se arrependam antes do início do dilúvio.<sup>36</sup>

**6, 4: “gigantes”** – Lembrados como um povo de magnífica força e estatura desde os tempos antigos (Nm 13, 31-33).

**6, 6: “o Senhor arrependeu-se”** – A expressão não deve ser tomada literalmente,

33 Gênesis Rabá 26, 5-7; b. Sanhedrin 108<sup>a</sup>.

34 Cf. São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Gênesis*, 22, 8; Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, 15, 23; Santo Efrém, *Comentário sobre Gênesis*, 6, 3.

35 *I Henoc* 6-7; *Livro dos Jubileus*, 5, 1; 7, 21; São Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 5, 2; São Clemente de Alexandria, *Cristo Mestre*, 3, 2.

36 Cf. São Jerônimo, *Perguntas hebraicas sobre o Gênesis*, 6, 3; São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Gênesis*, 25, 4.

como se Deus pudesse ser movido ou arrastado por uma onda emocional de arrependimento. As Escrituras ensinam que Deus não muda como o homem (Ml 3, 6), nem se arrepende como o homem (Nm 23, 19). A Bíblia freqüentemente descreve os pensamentos e ações de Deus em termos humanos, a fim de tornar o mistério de Deus mais compreensível para as mentes humanas. Outra classe de expressões figurativas ou antropomórficas inclui aquelas que descrevem Deus como tendo características físicas, tais como mãos (Ex 7, 5), braços (Os 11, 3), pés (Ex 24, 10), cabelo branco (Dn 7, 9) e um rosto (Sl 27, 8). Essas e outras figuras de linguagem ajudam a comunicar a natureza pessoal de Deus.



### 6, 9 – 9, 19: Noé e o dilúvio.

(1) Em termos de composição, o relato pode ter sido compilado a partir de duas histórias de dilúvio independentes que foram habilmente entrelaçadas. Os estudiosos que sustentam esse ponto de vista baseiam sua hipótese sobre alegadas tensões dentro do relato e, normalmente, falam da narrativa do dilúvio como um composto de tradições javistas (J) e sacerdotais (S). (2) Comparativamente, o episódio no Gênesis tem afinidades com outras histórias de dilúvios da Mesopotâmia antiga, especialmente o Épico de Gilgamesh. (3) Cronologicamente, o dilúvio tem a duração de dez meses e meio: as águas sobem por quarenta dias (7, 4), permanecem por um total de cinco meses (7, 24), e, em seguida, recuam por cinco meses e meio (8, 3-13). (4) Teologicamente, a inundação traz uma nova criação, a purifica-

ção do velho mundo das manchas do sangue da violência (4, 10. 23; 6, 11). Vários paralelos com a história da criação mostram isso: a terra é mais uma vez engolida pelo abismo (1, 2; 7, 11); a água se retira da terra (1, 9; 8, 13); Noé e sua família são abençoados e tornam-se fecundos para se multiplicarem (1, 28; 9, 1); o domínio do homem sobre os animais é reafirmado (1, 26; 9, 2); uma fonte de alimento é dada (1, 29; 9, 3); e Deus renova o seu compromisso de continuar os ciclos diários e sazonais (1, 14; 8, 22).

- O Novo Testamento interpreta o dilúvio como um prenúncio do Batismo, que purifica o fiel do pecado e confere a graça da salvação em Cristo (1Pe 3, 20-21; CIC 701,1219).

- *Alegoricamente*,<sup>37</sup> a arca de Noé é uma figura da Igreja una, e o batismo do mundo, que a purificou e redimiu, corresponde ao batismo salvador da Igreja. A família de Noé é salva pela água e madeira, assim como a família de Cristo é salva pelo batismo, o que representa o sofrimento da cruz. E como cada espécie de animal estava a bordo da arca, assim os fiéis de todas as nações são incluídos na Igreja.<sup>38</sup>

**6, 9: “história”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**“Justo e íntegro”**: Significa que Noé viveu segundo a lei de Deus (cf. Lc 1, 6). Neste ponto, no início da história, ele observou a lei moral natural inscrita no coração (Rm 2, 14-15). Sua obediência ao Senhor continua ao longo da narrativa (6, 22; 7, 5. 16).

37 Cf. São Cipriano, *Cartas*, 68.

38 Cf. Santo Agostinho, *Contra Faustum*, 12, 14-15.

**Noé constrói a arca conforme a ordem divina** – <sup>11</sup>Mas a terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência. <sup>12</sup>E Deus viu que a terra estava perversa: toda a humanidade tinha pervertido sua conduta na terra. <sup>13</sup>Então, Deus disse a Noé: “Decidi pôr fim a toda a humanidade, pois por sua causa a terra está cheia de violência. Vou exterminá-los com a terra. <sup>14</sup>Constrói para ti uma arca de madeira resinosa, divide-a em compartimentos e calafeta-a com piche por dentro e por fora. <sup>15</sup>A arca terá as seguintes dimensões: uns cento e cinqüenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura. <sup>16</sup>No alto da arca farás, como arremate, uma clarabóia de meio metro. No lado da arca abrirás uma porta e farás na arca um primeiro, um segundo e um terceiro andar. <sup>17</sup>E eu, eu vou mandar um dilúvio sobre a terra, a fim de exterminar toda a carne com sopro de vida debaixo do céu. Tudo o que existe na terra perecerá. <sup>18</sup>Contigo, porém, estabelecerei minha aliança: entrarás na arca com teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos. <sup>19</sup>E de cada ser vivo, de tudo o que é carne, farás entrar contigo na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para conservá-los vivos. <sup>20</sup>De cada espécie de ave, de cada espécie de animal doméstico, de cada espécie dos animais pequenos do chão virá a ti um casal, para que os conserves vivos. <sup>21</sup>Quanto a ti, recolhe de tudo o que se pode comer e armazena-o junto a ti, para servir de alimento a ti e a eles”. <sup>22</sup>E Noé executou tudo conforme Deus lhe tinha ordenado.

**6, 14-22:** Noé é instruído a construir uma arca (6, 14-16), carregá-la com animais (6, 19-20), estocá-la com alimentos (6, 21), e, em seguida, embarcar nela com sua família (6, 18; 7, 1).

**6, 14:** “**madeira resinosa**” – Uma espécie não identificada de madeira.

**6, 15:** “**comprimento [...] largura [...] altura**” – Com um côvado de dezoito polegadas, a arca media cerca de cento e cinqüenta metros de comprimento, vinte e cinco metros de largura e quinze metros de altura, quase do tamanho de um navio de guerra naval. A parte interior foi dividida em três andares ou conveses (6, 16).

**6, 18:** “**estabelecerei a minha aliança**” – Ou, “confirmarei a minha aliança”. A expressão hebraica indica a renovação de uma aliança já existente, em vez da ratificação de uma aliança inteiramente nova. Entendido dessa maneira, pressupõe a aliança inicial de Deus com a criação. Ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4.

## NOTAS

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

**7**O grande dilúvio – <sup>1</sup>O Senhor disse a Noé: “Entra na arca com todos os de tua casa. Tu és o único justo que encontrei nesta geração. <sup>2</sup>De todos os animais puros toma sete casais, o macho com a fêmea, e dos animais impuros, um casal, o macho com a fêmea. <sup>3</sup>Também das aves do céu levarás sete casais, o macho com a fêmea, para que suas espécies se conservem vivas sobre a face da terra. <sup>4</sup>Pois, dentro de sete dias farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. Exterminarei da face da terra todos os seres vivos que fiz”. <sup>5</sup>Noé executou tudo conforme o Senhor lhe havia ordenado. <sup>6</sup>Noé tinha seiscentos anos quando as águas do dilúvio inundaram a terra. <sup>7</sup>Noé entrou na arca com os filhos, a mulher e as mulheres dos filhos, diante das águas do dilúvio. <sup>8</sup>Tanto dos animais puros como dos impuros, das aves e de tudo o que se move pelo chão, <sup>9</sup>entrou na arca com Noé sempre um casal, o macho com a fêmea, conforme Deus havia ordenado a Noé. <sup>10</sup>Passados sete dias, as águas do dilúvio inundaram a terra. <sup>11</sup>No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no dia dezessete do mês, nesse dia rebentaram todas as fontes do abismo e se abriram as cataratas do céu. <sup>12</sup>Choveu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. <sup>13</sup>Nesse mesmo dia entraram na arca Noé e os filhos Sem, Cam e Jafé, a mulher dele e as três mulheres dos filhos. <sup>14</sup>Além deles, entraram todas as espécies dos animais selvagens, dos animais domésticos, dos animais que se movem pelo chão, das aves e de todos os pássaros que voam. <sup>15</sup>Vieram para junto de Noé, na arca, dois a dois, representando todas as criaturas que têm sopro de vida. <sup>16</sup>De todas as espécies de criaturas entraram machos e fêmeas, como Deus havia ordenado. E o Senhor fechou a porta da arca atrás de Noé. <sup>17</sup>Durante quarenta dias, o dilúvio se abateu sobre a terra. As águas subiram e ergueram a arca, que se elevou acima da terra. <sup>18</sup>As águas cresceram e aumentaram muito sobre a terra, de modo que a arca começou a flutuar na superfície das águas. <sup>19</sup>As águas cresceram tanto sobre a terra que cobriram as montanhas mais altas que há debaixo do céu. <sup>20</sup>As águas subiram uns oito metros acima das montanhas. <sup>21</sup>Pereceram todas as criaturas que se moviam na terra, aves, animais domésticos, animais selvagens e todos os animais que fervilham pelo chão, bem como todos os seres humanos. <sup>22</sup>Morreu tudo o que respirava pelo nariz e vivia em terra firme. <sup>23</sup>Assim foram exterminados todos os seres que havia na face da terra: tanto os seres humanos, como os animais grandes e pequenos e as aves do céu foram exterminados da terra. Restaram apenas Noé e os que estavam com ele na arca. <sup>24</sup>As águas dominaram sobre a terra durante cento e cinquenta dias.

7, 7: Mt 24, 38; Lc 17, 27.

#### COMENTÁRIOS

**7, 1: “todos os de tua casa”** – Uma família de oito pessoas, ao todo: Noé, sua esposa, seus três filhos e suas três noras (7, 13; 1Pe 3, 20).

**7, 2: “sete casais”** – Adicionado ao comando geral de tomar “dois” de cada animal a bordo da arca (6, 19). A justificativa para este requisito adicional emerge do contexto mais amplo da história: os pares únicos de animais impuros partirão para repovoar a Terra depois do dilúvio, enquanto que são necessários sete pares de animais puros para que os sacrifícios pudessem ser oferecidos depois do dilúvio sem tornar os animais pu-

ros extintos (8, 20). O número sete também pode simbolizar a aliança que se segue (Ver comentário sobre 1, 1 – 2, 4).

**“Puro”:** Apto a ser sacrificado (8, 20) e comido (Lv 11, 47).

**7, 4: “quarenta dias”** – Um período simbólico de testes. Ver comentário sobre Lc 4, 2.

**7, 11: “abismo [...] cataratas”** – Retrata-se as águas do dilúvio surgindo do fundo do oceano jorrando pelas aberturas no firmamento sólido superior (cf. Sl 78, 23; Jn 2, 3; Ml 3, 10). Ver comentário sobre 1, 2 e 1, 6.

**7, 19: “montanhas [...] cobriram”** – Re-

corda a condição da Terra no início, antes de Deus chamar de volta as águas, no terceiro dia da criação (1, 9; Sl 104, 6-9).

**7, 20: “oito metros”** – As águas sobem cerca de oito metros acima das montanhas. Além de salientar a extensão do julgamento divino, o autor também enxerga isso como a provisão de Deus para impedir a arca de

encalhar nos picos submersos.

**7, 21: “pereceram todas as criaturas”** – O dilúvio é um desastre universal, afogando toda a população humana, juntamente com todos os animais e aves da Terra. As únicas criaturas terrestres que devem escapar das águas do julgamento estão a bordo da arca.

**8 O fim do dilúvio** – <sup>1</sup>Então Deus se lembrou de Noé e de todos os animais selvagens e domésticos que estavam com ele na arca. Fez soprar um vento sobre a terra, e as águas começaram a baixar. <sup>2</sup>Fecharam-se as fontes do Abismo e as comportas do céu, e a chuva parou de cair. <sup>3</sup>Pouco a pouco as águas foram se retirando da terra. Ao término de cento e cinquenta dias começaram a diminuir. <sup>4</sup>No dia dezessete do sétimo mês, a arca pousou sobre os montes de Ararat. <sup>5</sup>As águas continuaram diminuindo até o décimo mês. E no primeiro dia desse mês apareceram os cumes das montanhas. <sup>6</sup>Passados mais quarenta dias, Noé abriu a janela que tinha feito na arca <sup>7</sup>e soltou um corvo, que voava indo e vindo até que secassem as águas sobre a terra. <sup>8</sup>Depois soltou uma pomba para ver se as águas já se haviam retirado do solo. <sup>9</sup>Mas a pomba não achou onde pousar e voltou para junto dele na arca. É que as águas ainda cobriam toda a superfície da terra. Noé estendeu a mão para fora, apanhou a pomba e recolheu-a na arca. <sup>10</sup>Depois esperou mais sete dias e tornou a soltar a pomba. <sup>11</sup>Pela tardinha, a pomba voltou com uma folha de oliveira recém arrancada no bico. Assim Noé compreendeu que as águas se haviam retirado da terra. <sup>12</sup>Esperou outros sete dias e soltou a pomba, e ela não voltou mais. <sup>13</sup>Foi no ano seiscentos e um da vida de Noé, no primeiro mês, no dia primeiro do primeiro mês, que as águas tinham secado sobre a terra. Noé abriu o teto da arca, olhou e viu que a superfície do solo estava seca. <sup>14</sup>Foi no dia vinte e sete do segundo mês que a terra ficou enxuta. <sup>15</sup>Então Deus falou a Noé: <sup>16</sup>“Sai da arca com tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos. <sup>17</sup>Traze para fora também todas as espécies de animais que estão contigo, aves, animais domésticos e animais que se movem pelo chão, para que se propaguem pela terra, sejam fecundos e se multipliquem sobre a terra”. <sup>18</sup>Saiu, pois, Noé da arca com os filhos, a mulher e as mulheres dos filhos. <sup>19</sup>Saíram também todos os animais selvagens e domésticos, todas as aves e todos os animais que se movem pelo chão, todos segundo suas espécies.

2, 40: Jz 13, 24; 1Sm 2, 26.

#### COMENTÁRIOS

**8, 1: “Deus se lembrou de Noé”** – Tanto o ponto intermediário como o ponto crítico da narrativa do dilúvio, quando Deus começa a drenar as águas que prevalecem sobre a terra.

**“Vento”:** O termo hebraico também pode ser traduzido como “Espírito”. Junto

com outras semelhanças com a história da criação, esse detalhe recorda como o Espírito de Deus pairava sobre as águas primordiais (1, 2), antes da terra surgir (1, 9). Ver comentário sobre 6, 9 – 9, 19.

**8, 4: “Ararat”** – A região montanhosa da Armênia histórica (Is 37, 38; Jr 51, 27). É

conhecida em textos assírios antigos como o reino de Urartu, que era localizado perto das nascentes dos rios Tigre e Eufrates (no leste da Turquia).

**8, 6-12:** Noé envia um corvo e uma pomba em busca de terra habitável. O corvo, que é forçado a voltar, é uma espécie impura (Lv 11, 15), enquanto que a pomba, que nunca retorna de sua missão final, é selecionada dos pares extras de aves puras a bordo da arca (7, 3). Ver comentário sobre 7, 2.

**8, 11: “de folha de oliveira”** – Um símbolo tradicional da paz.

**8, 13: “o primeiro mês, o dia primeiro”** – As águas desaparecem antes do início do novo ano, o que significa um novo começo para o mundo. Isto marca dez meses e meio desde que o dilúvio começou (7, 11). Noé e sua família ficam a bordo da arca por mais dois meses, o que significa que viveram na embarcação por mais de um ano (8, 14-16).

**8, 17: “sejam fecundos e se multipliquem”** – A renovação da bênção e do mandato atribuído aos peixes e aves na criação (1, 22).

**A promessa de Deus a Noé** – <sup>20</sup>Então Noé construiu um altar para o Senhor, tomou animais e aves de todas as espécies puras e ofereceu holocaustos sobre o altar. <sup>21</sup>O Senhor aspirou o agradável odor e disse consigo mesmo: “Nunca mais tornarei a amaldiçoar a terra por causa do gênero humano, por serem más desde a infância as inclinações do coração humano; nunca mais tornarei a castigar todos os seres vivos como acabei de fazer. <sup>22</sup>Enquanto a terra durar, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais hão de cessar”.

**8, 20 – 9, 17:** A aliança de Noé. Ratificada em resposta à obediência de Noé (6, 22) e expressa no sinal do arco-íris (9, 13), apresenta Deus tomando sobre si a obrigação incondicional – apesar da persistência do pecado (8, 21) – de manter a estabilidade da ordem natural (8, 22), sem a ameaça de outro dilúvio (9, 11). A aliança de Noé é uma renovação da aliança que Deus estabeleceu com a criação no início. Ver comentário sobre 6, 18.

 **8, 21: “más [...] as inclinações do coração”** – As águas da inundação limpam a residência do homem, mas deixam seu coração inalterado. Ver o Estudo da palavra: Coração em Dt 30, 6.

- O problema do pecado aguarda a sua solução final nas águas do batismo, que purificam o coração do pecado e o renovam com a vida

e o amor do Espírito (At 2, 38; 15, 8-9; Rm 5, 5; CIC 1219).



**9** **A aliança com Noé** – <sup>1</sup>Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. <sup>2</sup>Sereis causa de medo e de espanto para todos os animais da terra, todas as aves do céu, os bichos que se movem pelo chão e todos os peixes do mar. Eu os entrego todos em vossas mãos. <sup>3</sup>Tudo o que vive e se move vos servirá de alimento. Entrego-vos tudo, como já vos dei os vegetais. <sup>4</sup>Contudo, não deveis comer carne com vida, isto é, com o sangue. <sup>5</sup>Da mesma forma pedirei contas do vosso sangue, que é a vossa vida, a qualquer animal. E da vida do homem pedirei contas a seu irmão. <sup>6</sup>Quem derramar sangue humano, por mãos humanas terá seu sangue derramado, porque Deus fez o ser humano à sua imagem. <sup>7</sup>Quanto a vós, sede fecundos e multiplicai-vos, povoai a terra e multiplicai-vos nela”. <sup>8</sup>Deus disse a Noé e a seus filhos: <sup>9</sup>“De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, <sup>10</sup>com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca. <sup>11</sup>Estabeleço convosco a minha aliança: não acontecerá novamente que toda a carne seja exterminada pelas águas de um dilúvio. Não haverá mais dilúvio para devastar a terra”. <sup>12</sup>E Deus disse: “Eis o sinal da aliança que estabeleço entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, por todas as gerações futuras. <sup>13</sup>Ponho meu arco nas nuvens, como sinal de aliança entre mim e a terra. <sup>14</sup>Quando eu cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris nas nuvens. <sup>15</sup>Então me lembrarei de minha aliança convosco e com todas as espécies de seres vivos, e as águas não se tornarão mais um dilúvio para destruir toda carne. <sup>16</sup>Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o contemplarei como recordação da aliança eterna entre Deus e todas as espécies de seres vivos sobre a terra”. <sup>17</sup>Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e toda a carne sobre a terra”.

9, 4: Lv 7, 26-27; 17, 10-14; Dt 12, 16. 23.

#### COMENTÁRIOS

**9, 1: “sede fecundos, multiplicai-vos”** – A renovação da bênção e do mandato dados ao primeiro casal na criação (1, 28). Noé torna-se assim um novo Adão, que gera a família humana depois do dilúvio por meio dos seus três filhos (9, 7. 18-19).

**9, 2: “em vossas mãos”** – Reafirma o domínio do homem sobre o reino animal (1, 26; CIC 2417).

**9, 3: “vos servirá de alimento”** – A dieta humana de plantas e frutas pode agora ser completada com as carnes, desde que seja drenado de sangue (9, 4). Na Bíblia, o sangue é considerado uma substância sagrada, porque tem em si a vida da criatura, que deve ser respeitada (Lv 17, 10-14). Ver comentário sobre 1, 29.

**9, 6: “seu sangue derramado”** – O assassinato é um crime contra a sacralidade

da vida humana, e o homem é totalmente responsável pela destruição dessa vida (CIC 2258). O homicídio, assim, merece a mais dura pena: a pena de morte (Lv 24, 17). O Senhor pode delegar aos homens, sejam eles particulares (Nm 35, 19) ou estados (Rm 13, 4), a autoridade judiciária para vingar mortes injustas. No entanto, de acordo com as normas do Antigo Testamento, uma política de estrita proporção (uma vida é tirada por uma vida perdida) deve ser observada; caso contrário, um único homicídio pode desencadear uma vingança de sangue contínua que deixa muitas pessoas mortas como resultado.

**9, 13: “meu arco”** – O termo hebraico para arco-íris é o mesmo termo usado para caça (27, 3) ou arco militar (Lm 2, 4). Isso deu origem a diferentes explicações sobre

o sinal. (1) Alguns consideram o arco-íris como um sinal de paz. Retratam Deus pendurando seu arco no céu, aposentando-o do serviço, mostrando que terminou sua batalha contra o mundo pecaminoso. (2) Outros interpretam o arco-íris como sinal de juramento da aliança de Deus. Eles visionam o arco puxado para trás e apontado para o céu,

significando que Deus estará sempre fiel à sua promessa, pois ele se ameaça com uma maldição caso deixe de respeitar os termos da aliança de Noé.

**9, 16: “aliança eterna”** – A aliança de Noé permanece em vigor enquanto “a terra permanece” (8, 22), ou seja, “por todas as gerações futuras” (9, 12) (CIC 71).

**A promessa de Deus a Noé** – <sup>18</sup>Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o antepassado de Canaã. <sup>19</sup>Esses três eram os filhos de Noé, pelos quais se povoou toda a terra. <sup>20</sup>Noé começou a praticar a agricultura e plantou uma vinha. <sup>21</sup>Bebeu vinho e se embriagou, ficando despido dentro da tenda. <sup>22</sup>Cam, o antepassado de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam fora. <sup>23</sup>Sem e Jafé, porém, puseram o manto nos ombros e, caminhando de costas, cobriram a nudez do pai. Como estavam de costas, não viram a nudez do pai. <sup>24</sup>Despertando da embriaguez, Noé ficou sabendo o que fizera o filho mais novo e <sup>25</sup>disse: “Maldito seja Canaã! Que se torne o último dos escravos de seus irmãos”. <sup>26</sup>E acrescentou: “Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo. <sup>27</sup>Que Deus faça prosperar Jafé, que ele habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo”. <sup>28</sup>Depois do dilúvio, Noé viveu trezentos e cinqüenta anos. <sup>29</sup>Quando morreu, tinha completado novecentos e cinqüenta anos de idade.

**9, 20-27:** Apresenta a próxima fase da história do Gênesis, mostrando que, assim como a linhagem familiar de Adão se divide entre os justos (Set) e os ímpios (Caim), assim a linhagem familiar de Noé divide-se em os bem-aventurados (Sem) e os malditos (Cam). A linhagem semita é uma continuação da justa linhagem setita através de Noé (5, 1-32).

**9, 20: “praticar a agricultura”** – Isto é, após o dilúvio. Os primeiros agricultores a aparecer no Gênesis são Adão (2, 15) e Caim (4, 2). Outra tradução possível é: “Noé, um homem do solo, foi o primeiro a plantar uma vinha”.

**9, 22: “viu a nudez do pai”** – Diversamente interpretado no sentido de “ele olhou perversamente sobre seu pai nu” (voyeurismo), que “ele emasculou seu pai” (castração), ou que “ele abusou sexualmente de seu pai”

(incesto homossexual). Mais provavelmente é uma expressão idiomática para incesto materno, em que (1) a nudez de um pai é uma forma indireta de se referir à nudez de sua esposa (como em Lv 18, 7), e (2) “ver” a nudez é sinônimo de “descobrir” a nudez de um parente próximo para se envolver em relações sexuais (como em Lv 20, 17). Assim entendido, Cam é culpado de ter relações sexuais com sua mãe, e isso explica por que uma maldição cai, não em si mesmo, mas em seu filho, Canaã, que parece ser a criança concebida dessa união pecaminosa (9, 25). De outra forma é difícil entender por que Canaã, que não desempenha qualquer papel na história, é mencionado cinco vezes no contexto imediato (9, 18. 22. 25. 26. 27). O relato da perversidade de Cam alimenta assim a história de fundo de como ele se tornou o pai de Canaã e dos cananeus. Para



**10** Nações descendentes de Noé – <sup>1</sup>Eis os descendentes dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. Eles tiveram filhos depois do dilúvio. <sup>2</sup>Filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. <sup>3</sup>Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. <sup>4</sup>Filhos de Javã: Elisa e Társis, Cetim e Rodanim. <sup>5</sup>Destes se separaram as populações das ilhas, cada qual segundo seu país, língua, família e nação. <sup>6</sup>Filhos de Cam: Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. <sup>7</sup>Filhos de Cuch: Saba, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Filhos de Regma: Sabá e Dadá. <sup>8</sup>Cuch gerou Nemrod, o primeiro a se tornar valente neste mundo. <sup>9</sup>Era um caçador valente diante do Senhor. Por isso é que se diz: “Caçador valente diante do Senhor, como Nemrod”. <sup>10</sup>As capitais de seu reino foram: Babel, Arac, Acad e Calane na terra de Senaar. <sup>11</sup>Dali se originou Assur, que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale <sup>12</sup>e Resen, a grande cidade que fica entre Nínive e Cale. <sup>13</sup>Mesraim gerou os ludeus, os anameus, os laabeus, os neftuenses, <sup>14</sup>os fetruseus, caslueus e os castoreus, dos quais descendem os filisteus. <sup>15</sup>Canaã gerou Sidon, o primogênito, e Het, <sup>16</sup>bem como os jebuseus, os amorreus, gergeseus, <sup>17</sup>os heveus, os araceus, os sineus, <sup>18</sup>os arádios, os samareus e os emateus. Depois de se dispersarem as famílias dos cananeus, <sup>19</sup>o território cananeu se estendia desde Sidônia, na direção de Gerara, até Gaza; e na direção de Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. <sup>20</sup>São esses os filhos de Cam, segundo as famílias, línguas, territórios e nações. <sup>21</sup>Sem, antepassado de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé, também teve uma descendência. <sup>22</sup>São filhos de Sem: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. <sup>23</sup>Filhos de Aram: Hus, Hul, Geter e Mes. <sup>24</sup>Arfaxad gerou Salé, e Salé, Héber. <sup>25</sup>Héber teve dois filhos, um dos quais se chamou Faleg, pois no seu tempo o país se dividiu. O irmão se chamava Jectá. <sup>26</sup>Jectá gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, <sup>27</sup>Aduram, Uzal, Decla, <sup>28</sup>Ebal, Abimael, Sabá, <sup>29</sup>Ofir, Hévila e Jobab. Todos esses são filhos de Jectá <sup>30</sup>e habitavam a região desde Mesa até Sefar, a montanha oriental. <sup>31</sup>São esses os filhos de Sem, segundo as famílias, línguas, regiões e nações. <sup>32</sup>Todos esses são clãs dos filhos de Noé, segundo as suas descendências e por nações. A partir deles se espalharam os povos pela terra, depois do dilúvio.

#### COMENTÁRIOS

**10, 1-32:** A lista das nações, um inventário da diversidade nacional, geográfica e lingüística do antigo Oriente Próximo. (1) Em termos numéricos, lista um total de setenta nações: catorze de Jafé (10, 2-5), trinta de Cam (10, 6-20), e vinte e seis de Sem (10, 21-31). (2) Genealogicamente, afirma a unidade da família humana decorrente de três filhos de Noé (10, 32). (3) Cronologicamente, é anterior à narrativa da Torre de Babel (11, 1-9), mas apresenta um mapa do mundo e as suas línguas como existiam após o incidente de Babel. (4) Geograficamente, descreve um padrão geral de migração e fixação com os jafetitas concentrados na Ásia Menor e nas ilhas do Mediterrâneo, os hamitas espalhados por todo o norte da África e até a Síria Palestina, e os semitas

estabelecidos na Mesopotâmia e em toda a Península Arábica. A Palestina está situada no centro deste mapa-múndi, reforçando a importância central da Terra Santa na visão teológica do mundo de Israel (Ez 5, 5; 38, 12).

**10, 1: “Estas são as gerações”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e da narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**10, 6-20:** Cam é retratado como progenitor de tradicionais inimigos de Israel: os egípcios (10, 6), os cananeus (10, 6), os babilônios (10, 10), os assírios (10, 11), os filisteus (10, 14), e os jebuseus (10, 16).

**10, 10: “Babel, Arac, Acad”** – Cidades na baixa Mesopotâmia.

**10, 19: “Sidônia [...] até Gaza”** – A terra dos cananeus, que está destinada a se tornar a Terra Prometida de Israel por meio da aliança com Abraão (17, 8).

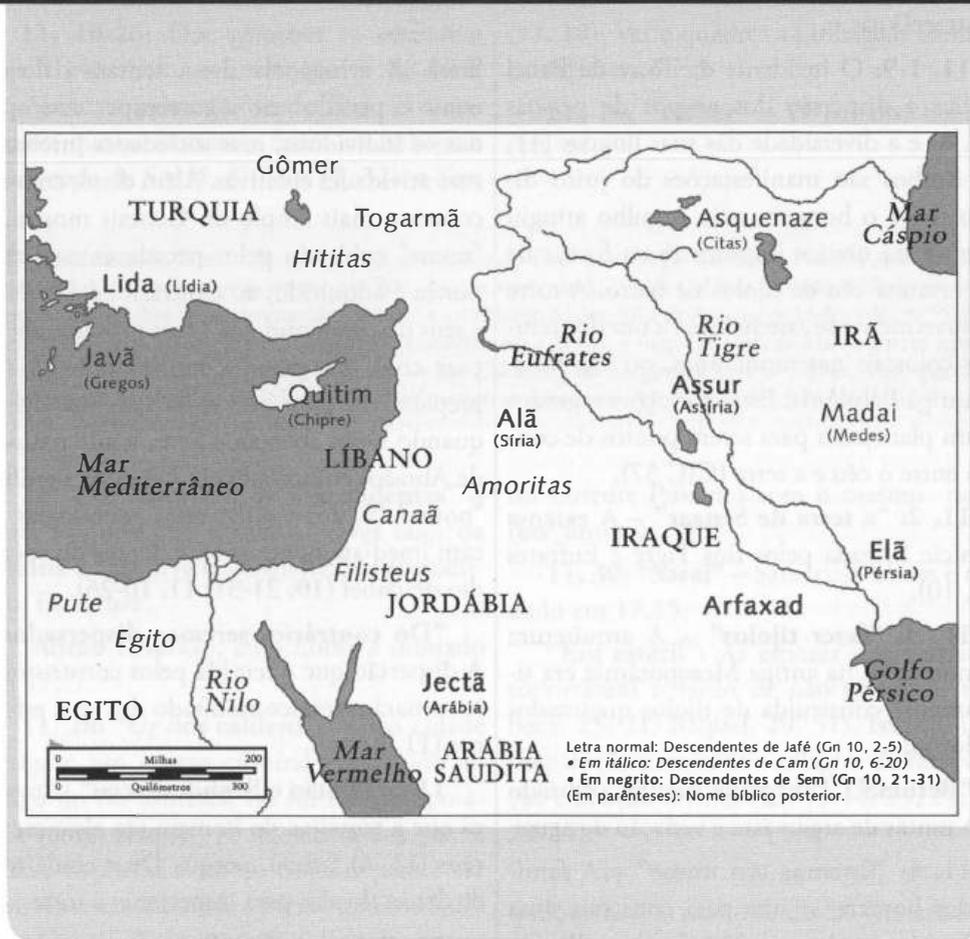
**10, 21: “Sem”** – O ancestral homônimo de todos os povos semitas. Os israelitas, descendentes de Sem através dos Patriarcas, estão entre esse grupo, mas os dois não são equivalentes. Os semitas constituem uma fa-

mília muito maior de pessoas espalhadas por todo o Oriente Médio.

**“Héber”:** O ancestral homônimo de todos os povos hebreus. Abraão descendeu de Sem por meio de Héber e era, portanto, um heberita ou hebreu (14, 13).

**10, 24: “Arfaxade [...] Salé”** – O nome “Cainá” aparece entre estes dois nomes na Septuaginta grega e em Lc 3, 36.

MAPA: AS NAÇÕES DE Gn 10



**11** **A torre de Babel** – <sup>1</sup>A terra inteira tinha uma só língua e usava as mesmas palavras. <sup>2</sup>Ao migrarem do oriente, os homens acharam uma planície na terra de Senaar, e ali se estabeleceram. <sup>3</sup>Disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e cozê-los ao fogo”. Utilizaram tijolos como pedras e betume como argamassa. <sup>4</sup>E disseram: “Vamos construir para nós uma cidade e uma torre que chegue até o céu. Assim nos faremos um nome. Do contrário, seremos dispersados por toda a superfície da terra”. <sup>5</sup>Então o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. <sup>6</sup>E o Senhor disse: “Eles formam um só povo e todos falam a mesma língua. Isto é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem. <sup>7</sup>Vamos descer ali e confundir a língua deles, de modo que não se entendam uns aos outros”. <sup>8</sup>E o Senhor os dispersou daquele lugar por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. <sup>9</sup>Por isso a cidade recebeu o nome de Babel, Confusão, porque foi lá que o Senhor confundiu a linguagem de todo mundo, e de lá dispersou os seres humanos por toda a terra. De Sem a Abraão.

#### COMENTÁRIOS

**11, 1-9:** O incidente da Torre de Babel explica a dispersão dos grupos de pessoas (11, 8) e a diversidade das suas línguas (11, 9). Ambos são manifestações do juízo divino sobre o homem, cujo orgulho atingiu uma altura nova e imponente na forma de um arranha-céu de tijolos de barro. A torre provavelmente se assemelhava a um dos templos colossais nas montanhas, ou zigurates, da antiga Babilônia. Estas elevações sagradas foram planejadas para serem pontos de contato entre o céu e a terra (CIC 57).

**11, 2: “a terra de Senaar”** – A extensa planície irrigada pelos rios Tigre e Eufrates (10, 10).

**11, 3: “fazer tijolos”** – A arquitetura monumental na antiga Mesopotâmia era tipicamente construída de tijolos queimados no forno.

**“Betume”:** Um piche natural utilizado para juntas de argamassa e vedação de água.

**11, 4: “faremos um nome”** – A família dos homens se une para construir uma civilização secular que glorifica a realização humana e a força da unidade social e po-

lítica. A arrogância dessa tentativa ilustra como o pecado veio a corromper, não apenas os indivíduos, mas sociedades inteiras e suas atividades coletivas. Além disso, como o contexto mais amplo do Gênesis mostra, o “nome” cobiçado pelos pecadores na Babel nunca é adquirido; ao contrário, é a Abraão e seus descendentes que Deus promete abençoar com um grande “nome” (12, 2). Os preparativos para isso já haviam sido feitos quando Deus abençoou Sem, o antepassado de Abraão, cujo nome em hebraico significa “nome” (9, 26) e cujas duas genealogias ficam imediatamente antes e depois do episódio de Babel (10, 21-31; 11, 10-26).

**“Do contrário, seremos dispersados”:** A dispersão que é temida pelos construtores se tornará o trágico resultado dos seus esforços (11, 8).

**11, 5: “Então o Senhor desceu”** – Implica que a tentativa do homem em alcançar os céus (11, 4) falhou, porque Deus ainda tem de descer do alto para inspecionar a torre.

**11, 7: “Vamos”** – Ecoa as palavras dos construtores em 11, 3 e 11, 4.

**11, 9: “Babel”** – O nome “Babilônia” (babel), que significa “portão de Deus”, as-  
semelha-se a palavra hebraica para “confundi” (balal).

**Descendentes de Sem** – <sup>10</sup>Estes são os descendentes de Sem: Sem tinha cem anos quando gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. <sup>11</sup>Sem viveu mais quinhentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>12</sup>Arfaxad tinha trinta e cinco anos de idade quando gerou Salé. <sup>13</sup>Viveu mais quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. <sup>14</sup>Salé tinha trinta anos de idade quando gerou Héber. <sup>15</sup>Viveu mais quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. <sup>16</sup>Héber tinha trinta e quatro anos de idade quando gerou Faleg. <sup>17</sup>Viveu mais quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. <sup>18</sup>Faleg tinha trinta anos quando gerou Reu. <sup>19</sup>Viveu mais duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas. <sup>20</sup>Reu tinha trinta e dois anos quando gerou Sarug. <sup>21</sup>Viveu mais duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas. <sup>22</sup>Sarug tinha trinta anos quando gerou Nacor. <sup>23</sup>Viveu mais duzentos anos, e gerou filhos e filhas. <sup>24</sup>Nacor tinha vinte e nove anos quando gerou Taré. <sup>25</sup>Viveu mais cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas. <sup>26</sup>Taré tinha setenta anos quando gerou Abrão, Nacor e Arã.

**11, 10-26:** Dez gerações se estendem a partir de Sem, o primogênito de Noé, até Abrão, o primogênito de Taré. O autor mostra que os Patriarcas ficam na linhagem abençoada de Set (5, 3), Noé (5, 32), e Sem (11, 10). Ver o quadro: a Linhagem Familiar de Adão em Gn 5.

**11, 16: “Héber”** – O pai dos hebreus (10, 21).

**Descendentes de Taré** – <sup>27</sup>Estes são os descendentes de Taré: Taré foi pai de Abrão, Nacor e Arã. Arã foi pai de Ló, <sup>28</sup>e morreu antes de seu pai Taré, em sua terra natal, Ur dos Caldeus. <sup>29</sup>Abrão e Nacor ambos casaram; a mulher de Abrão chamava-se Sarai e a de Nacor, Melca, filha de Arã, pai de Melca e Jesca. <sup>30</sup>Sarai era estéril e não tinha filhos. <sup>31</sup>Taré tomou consigo o filho Abrão, o neto Ló, filho de Arã, e a nora Sarai, mulher de seu filho Abrão, e os fez sair de Ur dos Caldeus, para dirigir-se à terra de Canaã. Mas, quando chegaram a Harã, ali se estabeleceram. <sup>32</sup>Taré morreu aos duzentos e cinco anos de idade, em Harã.

**11, 27: “estes são os descendentes”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

no Oriente Próximo com o mesmo nome (ou similar).

**“Abrão”:** Abraão, cujo nome é mudado em 17, 5.

**11, 30: “Sarai”** – Sara, cujo nome é mudado em 17,15.

**11, 28: “Ur dos caldeus”** – Uma cidade antiga e um centro cultural construído ao longo do rio Eufrates, no sul da Mesopotâmia (atual Iraque). A referência aos povos tribais conhecidos como caldeus parece ser uma nota acrescentada ao texto após o século IX a.C. para distinguir esta cidade das outras

**“Era estéril”:** As esposas dos Patriarcas suportaram o fardo de não ter filhos (Rebeca, 25, 21; Raquel, 29, 31). Isto foi uma preparação para vários milagres de intervenção e bênção divinas (18, 13-14; 25, 21; 30, 22-24).

**11, 31: “Arã”** – Uma cidade seiscentos quilômetros a noroeste de Ur (na atual Síria). É mencionada várias vezes nas tábuas de

Mari, que remontam ao século XVIII a.C.

**11, 32: “Taré morreu”** – Tomado em conjunto com as informações em 11, 26 e 12, 4, este versículo implica que Taré permaneceu em Ará sessenta anos completos depois que Abrão deixou a cidade de Canaã. O

Pentateuco Samaritano difere quanto a este ponto, dizendo que Taré viveu até os cento e quarenta e cinco em vez de duzentos e cinco anos, o que significa que morreu no mesmo ano que Abrão saiu de Ará. Estevão segue esta cronologia Samaritana em Atos 7, 4.

**12** O chamado de Abrão – <sup>1</sup>O Senhor disse a Abrão: “Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar. <sup>2</sup>Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. <sup>3</sup>Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra”. <sup>4</sup>Abrão partiu, como o Senhor lhe havia dito, e Ló foi com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos ao partir de Hará. <sup>5</sup>Ele levou consigo sua mulher Sarai, o sobrinho Ló e todos os bens que possuíam, além dos escravos que haviam adquirido em Hará. Assim partiram rumo à terra de Canaã, e ali chegaram. <sup>6</sup>Abrão atravessou o país até o santuário de Siquém, até o carvalho de Moré. Os cananeus viviam então nessa terra. <sup>7</sup>O Senhor apareceu a Abrão e lhe disse: “Darei esta terra à tua descendência”. Abrão ergueu ali um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido. <sup>8</sup>De lá, deslocou-se em direção ao monte que fica a oriente de Betel, e ali armou as tendas, tendo Betel a ocidente e Hai a oriente. Também ali ergueu um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor. <sup>9</sup>Depois, de acampamento em acampamento, Abrão foi até o deserto do Negueb.

---

12, 1: At 7, 3; Hb 11, 8. 12, 2: Gn 15, 5; 17, 4-5; 18, 18; 22, 17; 28, 14; 32, 12; 35, 11; 46, 3. 12, 3: Gn 18, 18; 22, 17-18; 26, 4; 28, 14; Gl 3, 8. 12, 7: Gn 13, 15; 15, 18; 17, 8; 24, 7; 26, 3; 28, 4. 13; 35, 12; 48, 4; At 7, 5; Gl 3, 16.

---

#### COMENTÁRIOS

**12, 1 – 50, 26:** As narrativas patriarcais. São muitas vezes classificadas como contos populares, lendas ou sagas épicas; alguns até mesmo as consideram criações livres de uma era posterior. No entanto, as histórias dos Patriarcas são mais consideradas como história familiar genuína. Não só os personagens e os eventos principais têm uma afirmação sólida de historicidade, mas também uma série de detalhes de apoio foi verificada pela pesquisa moderna. Várias considerações favorecem a autenticidade de Gênesis 12-50 e tornam improvável que esses capítulos tenham sido fabricados por contadores de histórias posteriores ou substancialmente alterados com elementos não-históricos no curso de uma

longa transmissão oral. (1) As histórias patriarcais são sóbrias e contidas ao lidar com o milagroso. Atenção é dada a Deus e suas ações, mas não de modo a suprimir as dimensões autenticamente humanas da narrativa. (2) Os relatos dão a impressão de serem objetivos. Nenhum esforço óbvio é feito para idealizar os Patriarcas ao esconder suas fraquezas ou desculpar suas falhas. Apesar de serem os pais fundadores do povo santo de Deus, às vezes são retratados em uma luz pouco elogiosa: por exemplo, Abraão e Isaac não são muito verdadeiros (20, 2. 13; 26, 7); Jacó e Rebeca são enganosos (27, 5-29); Judá gera dois filhos com uma prostituta (38, 12-30); e a maioria dos filhos de Jacó – antepas-

sados das tribos de Israel – lutava contra a inveja e o ódio (37, 4. 11). (3) Os patriarcas vivem em desacordo com as normas da Torá posteriormente estabelecidas por Israel: por exemplo, Abraão casou-se com sua meia-irmã paterna (20, 10, ao contrário de Lv 18, 11); Jacó casou-se com duas irmãs ao mesmo tempo (29, 21-30, ao contrário de Lv 18, 18); Jacó consagrou as colunas sagradas (28, 18; 35, 14, ao contrário de Dt 16, 22); e Judá e Simeão desposaram mulheres cananéias (38, 2; 46, 10; Ex 6, 15, ao contrário de Dt 7, 1-3). Histórias de heróis religiosos provavelmente não seriam contadas desta forma, a menos que se acreditasse serem fundamentadas em fatos históricos. (4) Os Patriarcas sempre aparecem como forasteiros e peregrinos na terra de Canaã. Isso provavelmente não seria o caso se as suas histórias fossem invenções posteriores; mais provavelmente, propagandistas pátrios teriam feito deles nativos de Canaã, dando assim uma reivindicação ancestral a Israel da Terra Prometida, e não simplesmente uma afirmação teológica baseada em uma antiga aliança com o Senhor (17, 7-8). (5) Os Patriarcas se encaixam confortavelmente dentro do ambiente cultural, social e religioso da Idade do Bronze Médio (2000-1500 a.C.). Descobertas arqueológicas, embora ainda não comprovem a existência dos Patriarcas como indivíduos, confirmam o modo de vida geral retratado no Gênesis, bem como características específicas relacionadas com a adoção, a maternidade de aluguel, restituição, e até mesmo o preço dos escravos. Ver comentário sobre 15, 3; 16, 1-6; 31, 39; 37, 28.

**12, 1 – 25, 11:** A história de Abraão, o bisavô de Israel. Ele é elevado na história

bíblica como um dos pilares da fé, justiça e obediência (Hb 11, 8-19). Mas mais do que apenas um modelo de confiança heróica em Deus, Abraão é apresentado no Gênesis como um mediador divinamente escolhido das bênçãos em todo o mundo (12, 3; 18, 17-18; 22, 17-18). Esta promessa é reafirmada com Isaac em 26, 3-5 e Jacó em 28, 13-14 (CIC 144-47). Ver Ensaio sobre um Tópico: A aliança abraâmica.

**12, 1 – 25, 11: “vai [...] que eu vou te mostrar”** – Um convite para andar pela fé e não pela visão (Hb 11, 8; CIC 2570).

**12, 3: “famílias da terra”** – Remete a 10, 32 e toda a família humana que descende dos filhos de Noé após o dilúvio (CIC 56).

**“Serão abençoadas”:** Uma promessa recorrente nas narrativas patriarcais (18, 18; 22, 18; 26, 4; 28, 14). Embora traduzido na RSV como reflexivo, o verbo também pode ser processado na voz passiva: “serão abençoadas”. Esta é a forma como o texto foi entendido na tradição judaica primitiva (LXX grega de Gn 12, 3 e Eclo 44, 21) e no Novo Testamento (At 3, 25; Gl 3, 8).

**12, 6-9:** O giro inicial de Abrão por Canaã se move de Siquém, no planalto central para Betel, vinte quilômetros ao sul e, em seguida, para baixo ao Negueb, no sul da Palestina. Em uma leitura literal da cronologia bíblica, Abrão chegou a Canaã em torno de 2090 a.C..

**12, 7: “darei esta terra”** – A primeira vez nas Escrituras que Canaã (12, 5) é designada como a Terra Prometida destinada à família de Abraão (13, 15; 15, 7; 17, 8).

**“Ergueu ali um altar”:** Abrão não só examina a terra de Canaã (13, 14-17), ele a

santifica como um lugar de adoração ao er-  
guer altares em Siquém (12, 7), Betel (12, 8),  
Hebron (13, 18), e Moriá (22, 2. 9), e com  
o plantio de uma árvore sagrada em Bersa-  
béia (21, 33). Além da construção de altares,  
o que implica a prática do sacrifício ritual  
(8, 20; 46, 1), a religião patriarcal também

inclui o dízimo (14, 20; 28, 22), libações  
(35, 14), e invocar o nome do Senhor em  
oração (12, 8; 21, 33; 26, 25). Os próprios  
patriarcas realizaram atos de culto público e  
serviram como sacerdotes nas suas famílias.  
Ver Ensaio sobre um Tópico: Sacerdócio no  
Antigo Testamento em Nm 18.

**Abrão e Sarai no Egito** – <sup>10</sup>Houve, porém, uma fome no país. Abrão desceu ao Egito para morar ali por algum tempo, porque a fome assolava a terra. <sup>11</sup>Perto de entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: “Eu sei que és uma mulher bonita. <sup>12</sup>Quando te virem, os egípcios vão dizer: ‘Esta é a mulher dele’, e me matarão, conservando-te viva. <sup>13</sup>Dize, por favor, que és minha irmã, para que me tratem bem por tua causa e, graças a ti, eu salve minha vida”. <sup>14</sup>Quando Abrão entrou no Egito, os egípcios viram que sua mulher era muito bonita. <sup>15</sup>Ao vê-la, os ministros do faraó a elogiaram muito diante dele, de modo que a mulher foi levada ao palácio do faraó. <sup>16</sup>Quanto a Abrão, foi muito bem tratado por causa dela, ganhando ovelhas, bois e jumentos, escravos e escravas, mulas e camelos. <sup>17</sup>O Senhor, porém, castigou com grandes pragas o faraó e sua corte por causa de Sarai, mulher de Abrão. <sup>18</sup>O faraó mandou chamar Abrão e lhe disse: “Por que me fizeste isso? Por que não me contaste que ela era tua mulher? <sup>19</sup>Por que disseste: ‘É minha irmã’, levando-me a tomá-la por esposa? E agora, aqui tens tua mulher. Toma-a e vai embora”. <sup>20</sup>O faraó deu ordens a seus homens que o despachassem com a mulher e tudo o que possuía.

12, 10-20: Gn 20, 1-18; 26, 7-11.



**12, 10 – 13, 1:** Tão logo Abrão chega em Canaã sua família é forçada para o Egito. Paralelos com a história do Êxodo mostram que Abraão renova o acontecimento de Êxodo: como Israel, o patriarca viaja ao Egito por causa da fome em Canaã (12, 10; 42, 1-5), mas ele se retira (13, 1; Ex 12, 41), com grande riqueza (12, 16; Ex 12, 35-36), porque Deus envia pragas sobre a casa do faraó (12, 17; Ex 7-12).

**12, 13: “és minha irmã”** – Tecnicamente uma meia-verdade, pois Sarai e Abrão têm mães diferentes, mas compartilham o mesmo pai biológico (20, 12). Como resultado dessa tática, Sarai é retirada de Abrão para o harém real do faraó (12, 15). Episódios semelhantes aparecem em 20, 1-18 e 26, 6-11.

**12, 16: “escravas”** – Talvez foi assim que Sarai adquiriu Hagar, sua serva egípcia (16, 1).

NOTAS

---

---

---

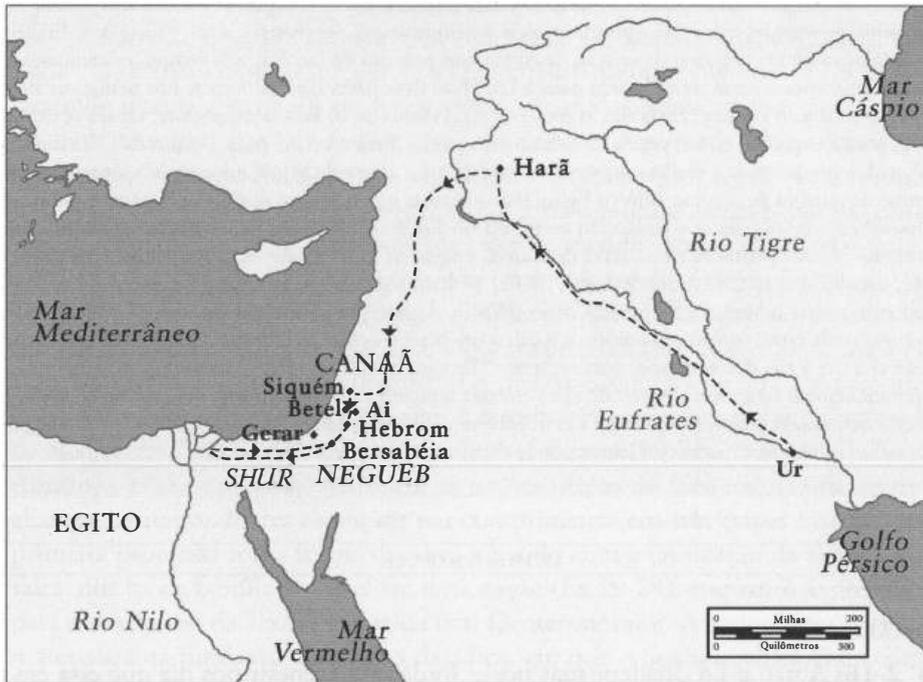
---

---

---

---

MAPA: AS VIAGENS DE ABRAÃO



**13** **Abrão e Ló se separam** – <sup>1</sup>Abrão subiu do Egito ao deserto do Negueb, com a mulher, com todos os bens e em companhia de Ló. <sup>2</sup>Abrão era muito rico em rebanhos, prata e ouro. <sup>3</sup>Do Negueb voltou para Betel, de parada em parada, até o lugar onde tinha acampado antes, entre Betel e Hai. <sup>4</sup>Chegando ao lugar onde antes tinha erguido um altar, Abrão invocou o nome do Senhor. <sup>5</sup>Ló, que acompanhava Abrão, também tinha ovelhas, gado e tendas. <sup>6</sup>A região já não bastava para os dois; o tamanho de seus rebanhos não permitia mais que morassem no mesmo lugar. <sup>7</sup>Surgiram discórdias entre os pastores que cuidavam da criação de Abrão e os pastores de Ló. Naquele tempo, os cananeus e os fereseus ainda viviam nessa terra. <sup>8</sup>Abrão disse a Ló: “Não deve haver discórdia entre nós nem entre nossos pastores, pois somos irmãos. <sup>9</sup>Estás vendo toda esta terra diante de ti? Pois bem, peço-te, separa-te de mim. Se fores para a esquerda, eu irei para a direita; se fores para a direita, eu irei para a esquerda”. <sup>10</sup>Levantando os olhos, Ló viu que toda a região em torno do Jordão, até a altura de Segor, era por toda a parte irrigada; era como um jardim do Senhor, como o Egito. (Isso era antes que o Senhor destruísse Sodoma e Gomorra.) <sup>11</sup>Ló escolheu, então, para si a região em torno do rio Jordão e dirigiu-se para oriente. Assim os dois se separaram. <sup>12</sup>Abrão permaneceu na terra de Canaã, enquanto Ló se estabeleceu nas cidades próximas do Jordão, armando suas tendas até Sodoma. <sup>13</sup>Ora, os habitantes de Sodoma eram perversos e pecavam gravemente contra o Senhor. <sup>14</sup>O Senhor disse a Abrão, depois que Ló se separara dele: “Levanta os olhos e, do lugar onde estás, contempla o norte e o sul, o oriente e o ocidente. <sup>15</sup>Toda esta terra que estás vendo, eu a darei a ti e à tua descendência, para sempre. <sup>16</sup>Tornarei tua descendência como a poeira do chão. Só quem puder contar os grãos de poeira do chão contará também a tua descendência. <sup>17</sup>Levanta-te e percorre esta terra de ponta a ponta, porque será a ti que a darei”. <sup>18</sup>Abrão desarmou suas tendas e foi morar junto ao carvalho de Mambré, perto de Hebron, onde ergueu um altar para o Senhor.

13, 15: At 7, 5; Gl 3, 16.

#### COMENTÁRIOS

**13, 2-18:** Abrão e Ló dividem suas poses e seguem caminhos separados. O ponto é que Ló, de livre e espontânea vontade, escolhe colocar-se fora da terra da promessa e em uma terra de corrupção moral (perto de Sodoma, 13, 12).

**13, 8:** “irmãos” – Literalmente, “irmãos”, um termo usado para várias relações familiares além de irmãos biológicos do sexo masculino. A relação entre Abrão e Ló é a de tio e sobrinho (11, 27).

**13, 10:** “altura de Segor” – Ló prefere o vale do Mar Morto ao término do rio

Jordão. O Gênesis nos diz que essa era uma região exuberante e fértil antes de Deus tê-la queimada com fogo e enxofre (19, 24-29; Dt 29, 23).

**13, 14-17:** Reitera a promessa feita a Abraão em 12, 7. Jacó receberá essa mesma promessa (terra, 13, 15; 28, 13), estando no mesmo lugar (Betel, 13, 3; 28, 19) e aparecendo nas mesmas quatro direções (pontos cardeais, 13, 14; 28, 14).

**13, 18:** “Hebron” – Na região montanhosa da baixa Palestina, cerca de vinte quilômetros ao sul de Jerusalém.



## ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: A ALIANÇA ABRAÂMICA

A história de Abraão começa com a voz de Deus chamando-o para uma nova terra (Gn 12, 1) e prometendo-lhe bênçãos extraordinárias para o futuro (Gn 12, 23). A promessa divina era tripla: (1) fazer de Abraão uma grande nação, (2) tornar grande o seu nome, e (3) torná-lo um instrumento de bênção para o mundo inteiro. A primeira promessa está intimamente ligada ao dom da terra, que é a base necessária para a construção de uma nação. A segunda está intimamente ligada com a realeza dinástica, que envolve a exaltação e propagação de um nome real. A terceira é uma promessa de bênção em todo o mundo mediada por sua prole. Dentro do Gênesis, estas três promessas são no devido tempo atualizadas para a condição de alianças divinas. A primeira promessa torna-se uma aliança em Gn 15, 7-21, em que Deus jura resgatar a família de Abraão da opressão de uma nação má e dar-lhe uma nova pátria. A segunda promessa torna-se uma aliança em Gênesis 17, 1-21, em que Deus institui o rito da circuncisão e jura levantar uma dinastia de reis da linhagem de Abraão. A terceira promessa torna-se um juramento da aliança em Gn 22, 16-18, em que o Senhor jura multiplicar a descendência de Abraão e usá-la para abençoar todas as nações. Além do Gênesis, as promessas e alianças correspondentes alcançam seu cumprimento em três etapas históricas. A primeira promessa toma forma durante o Êxodo com a ratificação da aliança mosaica, que tece a família de Israel em uma nação (Ex 19-24), enquanto se preparam para tomar posse da Terra Prometida (em Deuteronomio). A segunda promessa se materializa na fundação da aliança davídica, em que o Senhor coloca Davi como rei, jurando dar-lhe um grande nome (2Sm 7, 9), e um trono eterno (Sl 89, 3-4; 132, 11-12). A terceira promessa trata da realização na Nova Aliança conforme bênçãos universais são derramadas sobre o mundo por Jesus Cristo, o descendente messiânico de Abraão (Mt 1, 1; At 3, 25-26; Gl 3, 14).

### PROMESSAS

1. Grande Nação
2. Grande Nome
3. Bênção às Nações

### ALIANÇAS

- Gênesis 15
- Gênesis 17
- Gênesis 22

### CUMPRIMENTOS

- Aliança Mosaica
- Aliança Davídica
- Nova Aliança

**14** **Cativeiro e resgate de Ló** – <sup>1</sup>No tempo de seu reinado, Amrafel, rei de Senaar, Arioc, rei de Elasar, Codorlaomor, rei de Elam, e Tadal, rei de Goim, <sup>2</sup>declararam guerra contra Bara, rei de Sodoma, Bersa, rei de Gomorra, Senaab, rei de Adama, Semeber, rei de Seboim e contra o rei de Bela (que é Segor). <sup>3</sup>Estes últimos se haviam concentrado no vale de Sidim (que agora é o mar Morto). <sup>4</sup>Durante doze anos haviam servido a Codorlaomor, mas no décimo terceiro ano se rebelaram. <sup>5</sup>No décimo quarto ano veio Codorlaomor com os reis aliados e derrotou os refáitas em Astarot Carnaim, os zuzitas em Ham, os emitas na planície de Cariataim <sup>6</sup>e os hurritas nos montes de Seir até El-Fará, junto ao deserto. <sup>7</sup>Voltando, vieram a En-Mispat (que é Cades) e devastaram todo o território dos amalecitas e o dos amorreus, que moravam em Asasantamar. <sup>8</sup>Saíram-lhes ao encontro os reis de Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Bela (que é Segor). Puseram-se em ordem de batalha, no vale de Sidim, <sup>9</sup>contra Codorlaomor, rei de Elam, Tadal, rei de Goim, Amrafel, rei de Senaar e Arioc, rei de Elasar. Eram quatro reis contra cinco. <sup>10</sup>Havia no vale de Sidim muitos poços de betume. Postos em fuga, os reis de Sodoma e Gomorra caíram neles, enquanto os sobreviventes fugiram para a montanha. <sup>11</sup>Os vencedores saquearam todos os bens e provisões de Sodoma e Gomorra e se retiraram. <sup>12</sup>Levaram também consigo Ló, sobrinho de Abrão, que morava em Sodoma, com todos os seus bens. <sup>13</sup>Um dos fugitivos foi informar a Abrão, o hebreu, que morava junto ao carvalho do amorreu Mambré, irmão de Escol e Aner, aliados de Abrão. <sup>14</sup>Quando Abrão soube que seu parente fora seqüestrado, mobilizou trezentos e dezoito escravos nascidos em sua casa e perseguiu os reis até Dã. <sup>15</sup>Dividiu a tropa e caiu sobre eles de noite, ele com os seus escravos, derrotando-os e perseguindo-os até Hoba, ao norte de Damasco. <sup>16</sup>Recuperou todos os bens, seu parente Ló com todos os bens, as mulheres e sua gente.

#### COMENTÁRIOS

**14, 1-12:** Uma aliança de quatro reis da Mesopotâmia (14, 1) gera guerra em cinco reis vassallos do vale do Mar Morto (14, 2). Sob a liderança de Codorlaomor, a coalizão oriental domina toda a região e saqueia as cidades de Sodoma e Gomorra (14, 11). O sobrinho de Abrão, Ló, está entre os prisioneiros de guerra que estão sendo transportados de volta para a Mesopotâmia (14, 12).

**14, 5-6:** A subjugação dos povos e assentamentos no leste do rio Jordão (Dt 2, 10-20).

**14, 13: “o hebreu”** – Abrão é um descendente de Héber. Ver comentário sobre 10, 21.

**“Aliados de Abrão”:** Ou “senhores de Abrão”. A expressão implica que Abrão fez um pacto tratado com Mambré, Escol e Aner que obriga estes homens a ajudá-lo como seu vassalo em tempo de necessidade.

**14, 14: “Dã”** – Uma cidade no extremo norte da Palestina em homenagem a Dã, quinto filho de Jacó (30, 4-6). Nos dias de Abrão era conhecido como “Lais” (Jz 18, 27-29).

**14, 16: “todos os bens”** – Os despojos de pessoas e bens que Abrão recuperou do exército da Mesopotâmia durante sua incursão noturna (14, 15).



**Melquisedec abençoa Abrão** – <sup>17</sup>Quando Abraão voltava, depois da vitória contra Codorlaomor e os reis aliados, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Save (que é o vale do Rei). <sup>18</sup>Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como sacerdote de Deus Altíssimo, <sup>19</sup>abençoa Abrão, dizendo: “Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador do céu e da terra. <sup>20</sup>Bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou teus inimigos em tuas mãos”. E Abrão entregou-lhe o dízimo de tudo. <sup>21</sup>O rei de Sodoma disse a Abrão: “Entrega-me as pessoas e fica com os bens”. <sup>22</sup>Abrão, porém, respondeu ao rei de Sodoma: “Levanto minha mão para o Senhor, o Deus Altíssimo, Criador do céu e da terra, e juro: <sup>23</sup>nem um fio, nem uma correia de sandália, nem coisa alguma tomarei do que é teu, para que não digas: ‘Enriqueci Abrão’. <sup>24</sup>Nada para mim! Apenas o que os guerreiros comeram e a parte devida aos homens que me acompanharam, Aner, Escol e Mambré; só eles receberão cada qual sua parte”.

14, 17–20: Hb 7, 1–10.

**14, 17: “Vale do Rei”** – Nas proximidades de Jerusalém (cf. 2Sm 18, 18).



**14, 18: “Melquisedec”** – Um título e um nome real que significa “rei de justiça” (Hb 7, 2). Ele é a primeira pessoa na Bíblia a ser chamada de sacerdote, e é mencionado em outras partes do Antigo Testamento apenas em Sl 110, 4. A identidade de Melquisedec é um mistério. Os estudiosos modernos tendem a vê-lo como um sacerdote pagão do deus cananeu El, embora esta divindade fosse considerada o pai dos deuses na mitologia cananéia, e não o “criador do céu e da terra” (14, 19). Na tradição judaica, Melquisedec é nomeado nos Manuscritos do Mar Morto como um juiz celeste e libertador escatológico (11, Melquisedec) ou é identificado como Sem, o primogênito de Noé (*Targum Neofiti* em Gn 14, 18), uma figura antiga que vive mais que Abraão, de acordo com uma leitura literal das genealogias do Gênesis (11, 10-26; 25, 7). A tradição cristã o vê como um tipo de Messias sacerdotal-real (Hb 5-7) e identificou-o como um anjo, como uma manifestação do Cristo pré-encarnado, ou como o patriarca Sem.

Ver Ensaio sobre um Tópico: a ordem de Melquisedec em Hb 7.

**“Salém”**: um nome mais curto para a antiga Jerusalém, como indicado pela Escritura (Sl 76, 2) e o testemunho da tradição judaica (por exemplo, Manuscritos do Mar Morto, 1 *Qap* Gn 22, 13). Canonicamente, é significativo que Jerusalém seja um centro de realeza e sacerdócio sob Melquisedec mesmo antes de se tornar a capital política e espiritual de Israel sob Davi (2Sm 5-6).

**“Pão e vinho”**: Os elementos de uma refeição comemorativa. Podem ter sido porções de comunhão de um sacrifício de ações de graças oferecido a Deus depois de uma campanha bem sucedida (14, 17), ou podem sugerir que uma aliança é forjada entre Abraão e Melquisedec e é selada com uma refeição sagrada (cf. 31, 44-46; Js 9, 14-15).

- *Alegoricamente*,<sup>39</sup> nas ações do sacerdote Melquisedec, o sacramento do Senhor está prefigurado; pois Melquisedec é uma espécie de Jesus Cristo, que ofereceu o pão e o vinho de Melquisedec, ou seja, seu corpo e sangue. Esta interpretação, compartilhada por mui-

<sup>39</sup> São Cipriano, *Cartas*, 63, 4.

tos Padres da Igreja, está implícita no Cânone Romano da Missa (“Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebestes a oferta de Abel, o sacrifício de Abraão e os dons de Melquisedec”; CIC 1333).

**“Deus Altíssimo”:** O hebraico é *‘el’elyon*, um título dado ao Senhor em 14, 22.

**14, 19: “Bendito seja Abrão”** – Bênçãos são invocadas sobre os outros pelos Patriarcas (9, 26-27; 27, 27-29) e sacerdotes no Pentateuco (Lv 9, 22; Nm 6, 22-27).

**14, 20: “entregou-lhe o dízimo”** – Antecipa a Lei mosaica posterior, que exigia que as tribos leigas de Israel pagassem o dízimo para a tribo clerical de Levi a fim de obter serviços espirituais (Nm 18, 21-24). Ver comentário sobre Hb 7, 4-10.

**14, 22: “juro”** – Literalmente, “Eu levantei minha mão”, um gesto que acompanhava os juramentos na antiguidade bíblica (Dt 32, 40; Ap 10, 5-6).

**15** **A aliança de Deus com Abrão** – <sup>1</sup>Depois desses acontecimentos, o Senhor falou a Abrão numa visão, dizendo: “Não temas, Abrão! Eu sou teu escudo protetor; tua recompensa será muito grande”. <sup>2</sup>Abrão respondeu: “Senhor Deus, que me haverás de dar? Eu me vou sem filhos, e o herdeiro de minha casa é Eliezer de Damasco”. <sup>3</sup>E acrescentou: “Como não me deste descendência, um escravo nascido em minha casa será meu herdeiro”. <sup>4</sup>Então veio-lhe a palavra do Senhor: “Não será esse o teu herdeiro; um dos teus descendentes será o herdeiro”. <sup>5</sup>E, conduzindo-o para fora, disse-lhe: “Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz!” E acrescentou: “Assim será tua descendência”. <sup>6</sup>Abrão teve fé no Senhor, que levou isso em conta de justiça. <sup>7</sup>E disse-lhe: “Eu sou o Senhor que te fez sair de Ur dos Caldeus, para te dar esta terra em posse”. <sup>8</sup>Abrão lhe perguntou: “Senhor Deus, como poderei saber que eu vou possuí-la?” <sup>9</sup>E o Senhor lhe disse: “Traz-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos e um carneiro de três anos, além de uma rola e uma pombinha”. <sup>10</sup>Abrão trouxe tudo e cortou os animais pelo meio, menos as aves, dispondo as respectivas partes uma na frente da outra. <sup>11</sup>Aves de rapina se precipitavam sobre os cadáveres, mas Abrão as afugentava. <sup>12</sup>Quando o sol já ia descendo, um sono profundo caiu sobre Abrão, que foi tomado de grande e misterioso terror. <sup>13</sup>E o Senhor disse a Abrão: “Fica sabendo que tua descendência viverá como estrangeiros numa terra que não lhes pertence. Serão reduzidos à escravidão e oprimidos durante quatrocentos anos. <sup>14</sup>Mas eu farei o julgamento da nação que os escravizará, e depois sairão dali com grandes riquezas. <sup>15</sup>Quanto a ti, irás reunir-te em paz com teus pais e serás sepultado depois de uma velhice feliz. <sup>16</sup>Na quarta geração, eles voltarão para cá, pois a culpa dos amorreus ainda não se completou”. <sup>17</sup>Quando o sol se pôs e a escuridão chegou, apareceu um braseiro fumegante e uma tocha de fogo, que passaram por entre as partes dos animais esquartejados. <sup>18</sup>Naquele dia, o Senhor fez aliança com Abrão, dizendo: “A teus descendentes darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates: <sup>19</sup>terra dos quenitas, dos quenezitas, dos cadmonitas, <sup>20</sup>dos heteus, dos fereseus, dos refaítas, <sup>21</sup>dos amorreus, dos cananeus, dos gergeseus e dos jebuseus”.

15, 4: Gn 17, 16. 21; 18, 10; 21, 2. 15, 5: Rm 4, 18; Hb 11, 12. 15, 6: Rm 4, 3. 9. 22. 23; Gl 3, 6.

15, 13-14: At 7, 6-7. 15, 18: Gn 17, 2. 7. 9-14. 21.

#### COMENTÁRIOS

**15, 1-6:** Um momento crítico na jornada espiritual de Abrão. Ele se apega à promessa do Senhor de muitos descendentes (13, 16) e uma herança de terra (12, 7; 13, 14-15), mas é forçado a lutar com o problema não resolvido de não ter filhos

(15, 2). Mais tarde, em 22, 1-14, Deus lhe concede a oportunidade de ser testado e considerado fiel (1Mc 2, 52; CIC 2374, 2570).

**15, 3: “um escravo”** – Um casal sem filhos adotar um herdeiro legal é uma prática do Oriente Médio conhecida a partir das tábuas Nuzi do século XV a.C. e a partir de um antigo texto babilônico de Larsa.

**15, 4: “o teu herdeiro”** – Literalmente, “aquele que vem do seu corpo”. A criança em vista é Isaac, cuja concepção será um milagre divino (21, 1-3) e que vai crescer para herdar o estado de Abrão (25, 5).

 **15, 6: “teve fé no Senhor”** – Abrão confia na promessa de descendência apesar da idade avançada (12, 4) e da incapacidade da sua esposa ter filhos (11, 30). Esta não é a primeira vez que ele colocou sua fé em Deus na narrativa do Gênesis. Muito antes deste ponto, vemos Abrão construindo uma relação de confiança com o Senhor: ele obedece à voz do Senhor (12, 1), constrói altares em honra do Senhor (12, 7; 13, 18), chama o Senhor em oração (12, 8), e faz um juramento em nome do Senhor (14, 22-23). Desde o dia em que Deus o chamou, toda a vida de Abrão foi uma aventura de fé (como observado em Hb 11, 8-19).

- O Novo Testamento considera Abrão o modelo de fiel dos tempos antigos. Com ele aprendemos que a fé é o fundamento indispensável de uma relação viva com Deus em todos os tempos (Rm 4, 1-25; Gl 3, 6-9).

**“Justiça”:** Indica um relacionamento correto com Deus. A justiça é estabelecida ao colocar fé na palavra de Deus e pela adesão fiel à sua aliança (Dt 6, 25; Sl 106, 31).

Abrão é considerado um amigo leal de Deus precisamente nesses termos (Tg 2, 23).

 **15, 7: “Eu sou o Senhor”** – Deus vai abordar Israel nestes termos no Sinai (Ex 20, 2).

- A ligação é tipológica bem como verbal: tanto aqui como durante o Êxodo, ele leva seus eleitos (Abraão, Israel) de uma terra de idolatria (Ur, no Egito) para a Terra da Promessa (Js 24, 2-3. 14).

**15, 8: “como poderei saber [...]?”** – Até este ponto, Abrão recebeu apenas promessas de terra (12, 7; 13, 15; 15, 7). Ora, Deus ameniza suas incertezas ao fortalecer sua promessa com um juramento de aliança (15, 18). Para a certeza alcançada quando Deus acrescenta um juramento a uma promessa, ver Hb 6, 13-18.

**15, 9: “novilha [...] cabra [...] carneiro [...] rola [...] pombinha”** – Antecipa os sacrifícios considerados adequados pela lei levítica posterior (Lv 1, 2. 10. 14).

**15, 10: “cortou os animais pelo meio”** – A cerimônia de ratificação da aliança. Dividir carcaças de animais e caminhar entre os pedaços é uma representação ritual da ameaça de maldição que um membro da aliança invoca sobre si mesmo quando faz o juramento para ratificar o acordo (Jr 34, 18). Aqui é Deus, aparecendo como fumaça e fogo, que se coloca sob a ameaça de maldição quando se move através dos animais abatidos e jura conceder terra para a família de Abrão (15, 17-21). Ver Ensaio sobre um tópico: A Aliança Abraâmica em Gênesis 12.

**“Menos as aves”:** Antecipa uma exigência da lei levítica posterior (Lv 1, 17).



**16** **O nascimento de Ismael** – <sup>1</sup>Sarai, mulher de Abrão, não lhe havia dado filhos. Mas ela tinha uma escrava egípcia chamada Agar. <sup>2</sup>Sarai disse a Abrão: “Já que o Senhor me fez estéril, une-te à minha escrava, para ver se, por meio dela, eu possa ter filhos”. Abrão atendeu ao pedido de Sarai. <sup>3</sup>(Isso foi quando Abrão habitava na terra de Canaã fazia dez anos.) Sarai, esposa de Abrão, tomou a escrava egípcia, Agar, e deu-a como mulher a Abrão, seu marido. <sup>4</sup>Ele uniu-se a Agar e ela concebeu. Percebendo-se grávida, começou a olhar com desprezo para a sua Senhora. <sup>5</sup>Sarai disse a Abrão: “Tu és responsável pela injúria que estou sofrendo. Fui eu mesma que pus minha escrava em teus braços, mas ela, assim que ficou grávida, começou a desprezar-me. O Senhor seja juiz entre mim e ti”. <sup>6</sup>Abrão disse para Sarai: “Olha, a escrava é tua. Faze dela o que bem entenderes”. Então Sarai a maltratou tanto que ela fugiu. <sup>7</sup>Um anjo do Senhor encontrou-a junto à fonte do deserto, no caminho de Sur, <sup>8</sup>e disse-lhe: “Agar, escrava de Sarai, de onde vens e para onde vais?” Ela respondeu: “Estou fugindo de Sarai, minha Senhora”. <sup>9</sup>E o anjo do Senhor lhe disse: “Volta para tua Senhora e põe-te sob as suas ordens”. <sup>10</sup>E o anjo do Senhor acrescentou: “Multiplicarei a tua descendência de tal forma que ninguém a poderá contar”. <sup>11</sup>Por fim o anjo do Senhor disse: “Olha, estás grávida, darás à luz um filho e o chamarás Ismael, porque na tua aflição o Senhor te escutou. <sup>12</sup>Ele será semelhante a um jumento selvagem, sua mão estará contra todos, e a mão de todos contra ele. Ele habitará separado de todos os seus irmãos”. <sup>13</sup>Ela invocou, então, o nome do Senhor que lhe havia falado: “Tu, o Deus que olha para mim”, pois ela disse: “Aqui cheguei a ver Aquele que olha para mim”. <sup>14</sup>Por isso aquele poço se chamou poço de Laai-Roí (isto é, “d’Aquele que vive e olha para mim”). Fica entre Cades e Barad. <sup>15</sup>Agar deu a Abrão um filho. Abrão pôs o nome de Ismael ao filho que Agar lhe deu. <sup>16</sup>Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar deu à luz Ismael.

## COMENTÁRIOS

**16, 1-6:** afligida pela infertilidade, Sarai toma uma decisão fatal de dar a Agar o abraço de seu marido. Sucede-se tensão na casa (16, 4), retaliação (16, 6), e o nascimento de um filho selvagem e contencioso (16, 12). Achados arqueológicos demonstraram que a maternidade de aluguel por meio de uma serva ou concubina foi de fato praticada no antigo Oriente Próximo. Casais sem filhos podiam recorrer a tais medidas para produzir um herdeiro da família.<sup>40</sup> As ações de Sarai são compreensíveis no contexto deste costume nacional. Para outros exemplos desta prática no Gênesis, ver 30, 1-6 e 30, 9-13.

**16, 2: “possa ter filhos”** – Evidências sugerem que a esposa legítima de um homem tinha direitos maternos sobre a criança nascida de uma mãe de aluguel.

**“Abrão atendeu”:** Uma nota ominosa lembrando como Adão ouviu a voz de sua esposa no jardim (3, 17). Talvez ele também prefigurasse o que se segue: a palavra hebraica para “ouviu” (*Yishma*) é a raiz do nome “Ismael” (*yishma’el*), que é a criança que nasceu como resultado do conselho de Sarai.

**16, 3: “egípcia”** – Agar é descendente de Cam (10, 6). Isso faz do seu filho, Ismael, meio-camita (através de Agar) e meio-semita (através de Abrão).

**16, 6: “maltratou”** – O mesmo verbo é traduzido como “oprimiu” em 15, 13. Isso configura uma reversão no Pentateuco: a opressão de Agar vai ter efeito contrário quando o bisneto de Sarai, José, é levado como escravo para o Egito pelos “ismaelitas” (39, 1) e a família de Israel que o segue é “oprimida” pelos egípcios (Ex 1, 12).

<sup>40</sup> Atestado nas tábuas Nuzi e no *Código de Hamurabi* da Babilônia, 144-45.

**16, 7: “no caminho de Sur”** – A rota do deserto que leva de Canaã para o Egito. Está implícito que Agar está voltando a sua terra natal (16, 1).

**16, 10: “multiplicarei a tua descendência”** – Numerosos descendentes vão nascer de Agar (por meio de Ismael, 17, 20), assim como de Abrão (por meio de Isaac, 15, 4-5). Para a genealogia de Ismael, ver 25, 12-18.

**16, 12: “um jumento selvagem”** – Agressivo e indomável, Ismael será um ha-

bitante do deserto e arqueiro habilidoso, sempre discutindo com seus parentes (21, 20-21).

**16, 13: “cheguei a ver Aquele”** – Os antigos acreditavam que ver Deus diretamente traria morte instantânea (32, 30; Ex 33, 20; Jz 13, 22).

**16, 16: “oitenta e seis anos”** – Ismael nasce onze anos após Abrão ter pisado pela primeira vez na terra de Canaã (12, 4-5).

### ESTUDO DA PALAVRA: ANJO DO SENHOR (16, 10)

*Mal'ak YHWH* (hebraico): O “anjo” ou “mensageiro” de Javé. Às vezes, essa figura parece ser um mensageiro de Deus enviado do Céu para falar em nome de Deus (Gn 22, 11-18; Jz 6, 12). Em outras ocasiões, no entanto, parece ser uma manifestação real de Deus e um ressoar de sua própria voz divina (Ex 3, 2-6). Por razões teológicas e outras, este mensageiro é mais provavelmente um anjo que medeia as palavras de Deus para o mundo e manifesta sua presença divina em formas visíveis e audíveis. Diz-se que o anjo do Senhor é dotado de sabedoria divina (2Sm 14, 17), e entre suas muitas tarefas, ele é chamado para liderar o povo de Israel (Ex 23, 20), para frustrar os inimigos de Israel (Nm 22, 31-34), para enviar juízos divinos sobre Israel (2Sm 24, 16), e anunciar o nascimento de crianças notáveis em Israel (Gn 16, 11; Jz 13, 3), incluindo o Messias (Mt 1, 20-21). A Bíblia também se refere a essa figura celeste como “o anjo de Deus” (Gn 21, 17; 31, 11; Ex 14, 19).



**17** **O sinal da aliança** – <sup>1</sup>Abrão tinha noventa e nove anos, quando o Senhor lhe apareceu e lhe disse: “Eu sou o Deus Poderoso. Anda na minha presença e sê íntegro. <sup>2</sup>Quero estabelecer contigo minha aliança e multiplicar sobremaneira a tua descendência”. <sup>3</sup>Abrão prostrou-se com o rosto em terra, e Deus lhe disse: <sup>4</sup>“De minha parte, esta é a minha aliança contigo: tu serás pai de uma multidão de nações. <sup>5</sup>Já não te chamarás Abrão: Abraão será teu nome, porque farei de ti o pai de uma multidão de nações. <sup>6</sup>Eu te tornarei extremamente fecundo. De ti farei nações e terás reis como descendentes. <sup>7</sup>Estabeleço minha aliança entre mim e ti e teus descendentes para sempre, uma aliança eterna, para que eu seja Deus para ti e para teus descendentes. <sup>8</sup>A terra em que vives como estrangeiro, toda a terra de Canaã, eu a darei como propriedade perpétua a ti e a teus descendentes. Eu serei o Deus deles”. <sup>9</sup>Deus disse a Abraão: “De tua parte, guardarás a minha aliança, tu e tua descendência, para sempre. <sup>10</sup>Esta é a minha aliança que deveis observar, aliança entre mim e vós e tua descendência futura: todo varão entre vós deverá ser circuncidado. <sup>11</sup>Circuncidareis a carne do prepúcio: esse será o sinal da aliança entre mim e vós. <sup>12</sup>No oitavo dia do nascimento serão circuncidados todos os meninos, de cada geração, mesmo os filhos dos escravos nascidos em casa ou comprados de algum estrangeiro, e que não fazem parte de tua descendência. <sup>13</sup>Seja circuncidado tanto o escravo nascido em casa como o comprado a dinheiro. Assim trareis em vossa carne o sinal de minha aliança para sempre. <sup>14</sup>O incircunciso, porém, aquele que não circuncidar a carne de seu prepúcio, seja eliminado do povo, porque violou minha aliança”. <sup>15</sup>Deus disse ainda a Abraão: “Quanto à tua mulher, Sarai, já não a chamarás Sarai, mas Sara, Princesa. <sup>16</sup>Eu a abençoarei e também dela te darei um filho. Eu a abençoarei, e ela será mãe de nações; dela nascerão reis de povos”. <sup>17</sup>Abraão prostrou-se com o rosto em terra e começou a rir, dizendo consigo mesmo: “Será que um homem de cem anos vai ter um filho e que, aos noventa anos, Sara vai dar à luz?” <sup>18</sup>E, dirigindo-se a Deus, disse: “Quem dera que ao menos Ismael pudesse viver em tua presença”. <sup>19</sup>Mas Deus respondeu: “Na verdade é Sara, tua mulher, que te dará um filho, a quem chamarás Isaac. Com ele estabelecerei minha aliança, uma aliança perpétua para sua descendência. <sup>20</sup>E também a respeito de Ismael atendo a teu pedido: eu o abençoarei e o tornarei fecundo e extremamente numeroso. Será pai de doze chefes, e dele farei uma grande nação. <sup>21</sup>Quanto à minha aliança, porém, eu a estabelecerei com Isaac, o filho que Sara te dará no ano que vem, por este tempo”. <sup>22</sup>Tendo acabado de falar com Abraão, Deus subiu e o deixou. <sup>23</sup>Abraão tomou o filho Ismael, bem como todos os escravos nascidos em sua casa ou comprados a dinheiro, todos os varões de sua casa, e circuncidou-lhes a carne do prepúcio naquele mesmo dia, como Deus lhe tinha ordenado. <sup>24</sup>Abraão tinha noventa e nove anos quando circuncidou a carne de seu prepúcio. <sup>25</sup>Seu filho Ismael tinha treze anos quando foi circuncidado. <sup>26</sup>Naquele mesmo dia foram circuncidados Abraão e seu filho Ismael, <sup>27</sup>juntamente com todos os homens de sua casa, tanto os que nela nasceram como os comprados de estrangeiro.

17, 5: Rm 4, 17. 17, 7: Lc 1, 55; Gl 3, 16. 17, 8: At 7, 5. 17, 10: At 7, 8. 17, 11-14: Gn 17, 24; 21, 4.

## COMENTÁRIOS

**17, 1-21:** A aliança abraâmica da circuncisão. Ela segue o padrão de um tratado de aliança do Oriente Próximo, o que significa que uma parte superior, ou suserana (Deus, 17, 1-8) estabelece obrigações para uma parte inferior ou vassala (Abraão, 17, 9-13), sob a ameaça de uma maldição (eliminado, 17, 14). Essa é a segunda de três alianças que Deus faz com o patriarca. Ver Ensaio sobre

um tópico: A Aliança Abraâmica em Gn 12.

**17, 1: “noventa e nove anos”** – Marca treze anos desde o nascimento de Ismael (16, 16).

**“Deus Poderoso”:** O hebraico é *‘el shaddai*, o nome de Deus conhecido no período patriarcal (28, 3; 35, 11; Ex 6, 3; Jó 5, 17). O significado do nome é incerto, possivelmente “Deus da montanha”.



**17, 4: “pai [...] nações”** – Diversos povos antigos descendem de Abraão: os israelitas (de Isaac e Jacó, 21, 1-3; 35, 22-26), os ismaelitas (de Ismael, 17, 20; 25, 12-18), os edomitas (de Esaú, 36, 1-43), e os madianitas e outros (dos filhos de sua segunda esposa, Cetura, 25, 1-4).

- O Novo Testamento revela que Deus destinou Abraão para ser o pai espiritual de todos os que imitarem sua fé, independentemente da sua nacionalidade (Rm 4, 11-12; Gl 3, 6-9; CIC 59, 1819).

**17, 5: “Abrão [...] Abraão”** – O nome original, que significa “pai exaltado”, é expandido para significar “pai de uma multidão”. Nos tempos bíblicos, uma mudança de nome sinalizava uma mudança em sua missão e destino (17, 15; 35, 10; Jo 1, 42).

**17, 6: “reis como descendentes”** – Uma dinastia real nascerá de Abraão e Sara (17, 16) através da linhagem genealógica de seu bisneto, Judá (49, 8-10). Essa promessa é realizada pela primeira vez com a fundação da monarquia israelita sob o rei Davi (do filho de Judá, Farés, Rute 4, 18-22) e chega ao seu cumprimento final em Jesus, o Messias (do filho real de Davi, Salomão, Mt 1, 1-18).



**17, 11: “sinal da aliança”** – A circuncisão é o sinal da aliança com Abraão e mais tarde irá servir como um rito de iniciação à vida litúrgica de Israel (Ex 12, 48; Lv 12, 3). Teologicamente, a circuncisão da carne aponta para dentro, para a circuncisão do coração, ou seja, convoca os descendentes de Abraão a cortar a teimosia da natureza humana caída, a fim de seguir os caminhos do Senhor irreprensivelmente (17, 1; Dt 10, 16). Historicamente, a circuncisão era

praticada entre muitos povos do Oriente Próximo (Jr 9, 25-26) e ainda é observada hoje como um rito religioso entre judeus (aos oito dias, como Isaac, 17, 12) e muçulmanos (aos treze anos, como Ismael, 17, 25).

- O batismo é a contraparte da circuncisão como o rito de iniciação da Nova Aliança. Com o batismo, no entanto, que é administrado para homens e mulheres da mesma forma, a graça do sacramento produz a circuncisão interior do coração que o corte da carne meramente representa (Rm 2, 28-29; Cl 2, 11-12). Ver comentário sobre Dt 30, 6.

**17, 14: “eliminado”** – A maldição por transgredir a aliança da circuncisão é representada pelo próprio rito: a menos que o prepúcio seja extirpado, o infrator será extirpado do povo da aliança.

**17, 15-21:** A promessa de Deus de dar a Abraão um filho em 15, 4 passa a ser definida de forma mais precisa: o menino será Isaac (não Ismael); sua mãe será Sara (não Agar); e ele vai nascer no próximo ano (não no futuro indeterminado).

**17, 15: “Sarai [...] Sara”** – Variações do mesmo nome, ambos significam “princesa”. Suas implicações reais se tornam mais proeminentes com a promessa de que Sara vai ser mãe de “reis” (17, 16).

**17, 17: “começou a rir”** – O hebraico *yitshaq* é idêntico em forma ao nome de “Isaac” (17, 19). Sara tem a mesma reação à notícia do nascimento dele em 18, 12. Para um jogo de palavras semelhantes que liga Abraão a Ismael, ver comentário sobre 16, 2.

**17, 21: “aliança [...] com Isaac”** – A eleição de Isaac como herdeiro tira Ismael do plano divino para a família de Abraão. Este

aspecto é demonstrado na narrativa do Gênesis quando Agar e Ismael são expulsos do acampamento de Abraão e deserdados (21, 8-14). Ver Ensaio sobre um tópico: Bênçãos e Primogenitura em Gn 48.

**17, 25: “treze anos”** – Algumas evidências sugerem que os meninos egípcios eram circuncidados na puberdade, por volta dos treze anos. Esta idade enfatizaria que Ismael era um egípcio como sua mãe, Agar (25, 12).

**18** O filho prometido a Abraão e Sara – <sup>1</sup>Depois o Senhor apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. <sup>2</sup>Levantando os olhos, Abraão viu, perto dele, três homens de pé. Assim que os viu, saiu correndo ao seu encontro, prostrou-se por terra <sup>3</sup>e disse: “Meu Senhor, se mereci teu favor, peço-te, não prossigas viagem sem parar junto a mim, teu servo. <sup>4</sup>Mandarei trazer um pouco de água para lavar vossos pés e descansareis debaixo da árvore. <sup>5</sup>Farei servir um pouco de pão para refazerdes as forças, antes de continuar a viagem. Pois foi para isso mesmo que passastes junto a vosso servo”. Eles responderam: “Faze como disseste”. <sup>6</sup>Abraão entrou logo na tenda onde estava Sara e lhe disse: “Toma depressa três medidas da mais fina farinha, amassa uns pães e assa-os”. <sup>7</sup>Depois, Abraão correu até o rebanho, pegou um bezerro bem bonito e o entregou a um criado para que o preparasse sem demora. <sup>8</sup>A seguir foi buscar coalhada, leite e o bezerro assado e serviu tudo para eles. Enquanto comiam, Abraão ficou de pé, junto deles, debaixo da árvore. <sup>9</sup>Eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?” – “Está na tenda”, respondeu ele. <sup>10</sup>Um deles disse: “No ano que vem, por este tempo, voltarei a ti, e Sara, tua mulher, já terá um filho”. Sara ouviu isso na entrada da tenda, atrás dele. <sup>11</sup>Ora, Abraão e Sara já eram velhos, muito avançados em idade, e ela já não tinha as regras das mulheres. <sup>12</sup>Por isso, Sara se pôs a rir em seu íntimo, dizendo: “Acabada como estou, terei ainda tal prazer, sendo meu marido já velho?” <sup>13</sup>E o Senhor disse a Abraão: “Por que Sara riu? Pois ela disse: ‘Acaso ainda terei um filho, sendo já velha?’ <sup>14</sup>Existe alguma coisa impossível para o Senhor? No ano que vem, por este tempo voltarei e Sara já terá um filho”. <sup>15</sup>Sara negou que tivesse rido: “Não ri”, disse ela, pois estava com medo. Mas ele insistiu: “Sim, tu riste”.

18, 10: Rm 9, 9. 18, 12: 1Pe 3, 6. 18, 14: Mt 19, 26; Mc 10, 27; Lc 1, 37; Rm 9, 9.

## COMENTÁRIOS



**18, 1-15:** Deus, aparecendo como um viajante, vem para a tenda de Abraão e Sara, para reafirmar sua promessa de um filho (15, 4; 17, 19). Abraão o saúda, e também a seus companheiros, como um anfitrião zeloso e atento, fazendo todo o possível para garantir o seu conforto (18, 4-8).

- Abraão é provavelmente um dos modelos de hospitalidade mencionados em Hb 13, 2.

**18, 1: “carvalho de Mambré”** – Perto da cidade de Hebron, no sul da Palestina, onde

Abraão vive desde sua separação de Ló (13, 18).

**“Calor do dia”:** Quando sombra e repouso são mais necessários.



**18, 2: “três homens”** – Identificados no contexto como o Senhor (18, 1) e dois de seus anjos (19, 1). Após esse encontro, os dois anjos são enviados para inspecionar Sodoma (18, 22; 19, 13), enquanto Abraão é deixado para negociar com o Senhor sobre o destino de cidade (18, 22-33). A tradição cristã muitas vezes viu os três visi-

tantes como uma imagem da Santíssima Trindade.

- Abraão viu três figuras, mas adorou apenas uma, pois há um só Deus, um só Senhor, e um só Espírito. Há unidade de honra, porque há unidade de poder.<sup>41</sup>

**18, 3: “Meu Senhor”** – O hebraico é *‘adonay*, um título usado exclusivamente para Deus na Bíblia.



**18, 6: “três medidas”** – Uma para cada convidado, para um total de cerca de meio alqueire.

- *Moralmente*,<sup>42</sup> as três medidas de farinha são a fé, esperança e caridade. Essas virtudes contêm todos os frutos da Igreja, de modo que, se a pessoa possui todas as três, ela pode

receber toda a Trindade no banquete do seu coração.

**18, 11: “as regras das mulheres”** – Aos noventa anos de idade, Sara já passou pela menopausa (17, 17).

**18, 12: “Sara se pôs a rir”** – Um jogo de palavras com o nome de Isaac, que significa “ele ri”. Ver comentário sobre 17, 17.



**18, 14: “Existe alguma coisa impossível para o Senhor?”** – A pergunta é retórica, dando a entender que nada é impossível para Deus (Jr 32, 17; CIC 269).

- Este versículo, que prepara a concepção milagrosa de Isaac, repercute mais tarde quando o anjo Gabriel anuncia à Maria a concepção virginal de Jesus (Lc 1,37; CIC 489).



ABRAÃO E OS ANJOS

Guillaume Doré (1832-1883), *Ilustrações da Bíblia*

41 Cf. Santo Ambrósio, *O Espírito Santo*, 2, 4.

42 São Cesário de Arles, *Sermões*, 83, 5.

**Abraão intercede por Sodoma** – <sup>16</sup>Os homens levantaram-se e voltaram os olhos em direção de Sodoma. Abraão os acompanhava para deles se despedir. <sup>17</sup>O Senhor disse consigo: “Acaso poderei ocultar a Abraão o que vou fazer? <sup>18</sup>Pois Abraão virá a ser uma nação grande e forte, e nele serão abençoadas todas as nações da terra. <sup>19</sup>De fato, eu o escolhi para que ensine seus filhos e sua casa a guardarem os caminhos do Senhor, praticando a justiça e o direito, a fim de que o Senhor cumpra a respeito de Abraão o que lhe prometeu”. <sup>20</sup>Então o Senhor disse: “O clamor contra Sodoma e Gomorra cresceu, e agravou-se muito o seu pecado. <sup>21</sup>Vou descer para verificar se as suas obras correspondem ou não ao clamor que chegou até mim”. <sup>22</sup>Partindo dali, os homens se dirigiram a Sodoma, enquanto Abraão ficou ali na presença do Senhor. <sup>23</sup>Então, aproximando-se, Abraão disse: “Vais realmente exterminar o justo com o ímpio? <sup>24</sup>Se houvesse cinqüenta justos na cidade, acaso os exterminarias? Não perdoarias o lugar por causa dos cinqüenta justos que ali vivem? <sup>25</sup>Longe de ti proceder assim, fazendo morrer o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio! Longe de ti! O juiz de toda a terra não faria justiça?” <sup>26</sup>O Senhor respondeu: “Se eu encontrar em Sodoma cinqüenta justos, perdoarei por causa deles a cidade inteira”. <sup>27</sup>Abraão prosseguiu e disse: “Sou bem atrevido em falar a meu Senhor, eu que sou pó e cinza. <sup>28</sup>Se dos cinqüenta justos faltarem cinco, destruirás por causa dos cinco a cidade inteira?” O Senhor respondeu-lhe: “Não a destruirei se achar ali quarenta e cinco justos”. <sup>29</sup>Insistiu ainda Abraão e disse: “E se forem só quarenta?” Ele respondeu: “Por causa dos quarenta, não a destruirei”. <sup>30</sup>Abraão tornou a insistir: “Não se irrite o meu Senhor, se ainda falo. E se não houver mais do que trinta justos?” Ele respondeu: “Também não o farei se encontrar somente trinta”. <sup>31</sup>Tornou Abraão a insistir: “Já que me atrevi a falar a meu Senhor: e se houver apenas vinte justos?” Ele respondeu: “Não a destruirei, por causa dos vinte”. <sup>32</sup>E Abraão disse: “Que meu Senhor não se irrite, se falar só mais uma vez: e se houver apenas dez?” E ele respondeu: “Por causa dos dez, não a destruirei”. <sup>33</sup>Tendo acabado de falar a Abraão, o Senhor partiu, e Abraão voltou para sua tenda.

---

18, 18: Gn 12, 3; At 3, 25; Gl 3, 8.

---

**18, 19: “caminhos do Senhor”** – No tempo dos Patriarcas, o caminho da justiça e retidão era conhecido pelos ditames da lei natural inscrita no coração (26, 5; Rm 2, 13-15).

**18, 21: “Vou descer para verificar”** – Deus é retratado em termos humanos, como se tivesse que investigar Sodoma e Gomorra

na fonte original a fim de confirmar os relatos da sua maldade. Ver comentário sobre 6, 6.

**18, 22-33:** Abraão intercede por Sodoma negociando com o Senhor. O diálogo centra-se no caráter de Deus, cuja justiça não negligencia nem a retidão, nem a maldade e cuja misericórdia está disposta a poupar os

ímpios da destruição em massa por causa dos justos. Estes temas terminam no episódio seguinte, quando a justiça divina cai sobre Sodoma (19, 24) e a misericórdia divina poupa Ló (19, 16) e a cidade a que ele foge (19, 21-22).

**19, 1-23:** Os anjos que aparecem como homens vêm para inspecionar Sodoma e retirar Ló (CIC 332). Eles são enviados para destruir várias cidades do vale do Mar Morto (19, 29) conhecidas por sua injustiça (Is 3, 9), desrespeito para com os pobres (Ez 16, 49), e luxúria antinatural (Jd 7).

**19** **A imoralidade de Sodoma** – <sup>1</sup>De tarde, os dois anjos chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade. Ao vê-los, Ló se levantou, saiu-lhes ao encontro, prostrou-se com o rosto em terra <sup>2</sup>e disse: “Meus Senhores, rogo-vos que venhais à casa de vosso servo para lavardes os pés e pernoitardes. Amanhã cedo, ao despertar, seguireis vosso caminho”. Mas eles responderam: “Não, nós vamos passar a noite na praça”. <sup>3</sup>Ló insistiu muito com eles, de modo que foram com ele para casa, onde lhes preparou um jantar e alguns pães, e eles comeram. <sup>4</sup>Ainda não foram dormir, quando os homens da cidade, os habitantes de Sodoma, cercaram a casa; moços e velhos, vieram todos sem exceção. <sup>5</sup>Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram à tua casa esta noite? Traze-os cá até nós, para termos relações com eles”. <sup>6</sup>Ló saiu à porta, fechou-a atrás de si <sup>7</sup>e lhes disse: “Por favor, meus irmãos, não façais semelhante maldade. <sup>8</sup>Vede, tenho duas filhas ainda virgens. Vou trazê-las para fora. Podeis fazer com elas o que bem entenderdes; mas nada façais a estes homens, pois vieram acolher-se sob o meu teto”. <sup>9</sup>Eles lhe disseram: “Fora daqui! Este indivíduo veio como imigrante e pretende ser juiz? Pois bem. Vamos te fazer algo pior do que a eles”. Avançaram violentamente sobre Ló e já estavam para arrombar a porta. <sup>10</sup>Mas os hóspedes intervieram, puxaram Ló para dentro de casa e fecharam a porta. <sup>11</sup>Feriram de cegueira os homens que estavam fora, desde o menor até o maior, de modo que não podiam mais encontrar a porta.

#### COMENTÁRIOS

**19, 1: “sentado à porta”** – Pode indicar que Ló é um ancião respeitado da cidade, ou seja, alguém que julga disputas civis (Dt 21, 18-21).

**“Prostrou-se”:** Ló saúda os visitantes com os mesmos gestos de hospitalidade do Oriente Próximo mostrado por Abraão (18, 2-8).

**19, 5: “para termos relações com eles”** – Mais do que apenas um pecado contra a hospitalidade, a multidão pressiona para abusar dos homens que visitam de forma perversa, homossexual. Essa forma de depravação sexual, que é uma grave ofensa contra Deus e a natureza (Rm 1, 26-27), era

desenfreada entre os povos nativos de Canaã (Lv 18, 22-25). Pecados homossexuais eram punidos com a morte na antiga Israel (Lv 20, 13; CIC 1867, 2357-59).

**19, 8: “tenho duas filhas”** – Uma descrição pouco elogiosa de Ló, que está disposto a colocar em risco suas próprias filhas para garantir a proteção de seus convidados. A rejeição da sua proposta acentua a preferência desordenada dos sodomitas pelos homens em vez das mulheres.

**19, 11: “feriram de cegueira”** – Um lampejo de julgamento angelical arranja tempo suficiente para Ló e sua família fugirem da cidade antes da sua destruição.

**Sodoma e Gomorra destruídas** – <sup>12</sup>Os dois homens disseram a Ló: “Se tens aqui ainda algum parente, genro, filho ou filha, tudo o que tens na cidade, tira-o daqui. <sup>13</sup>Vamos destruir este lugar, pois grande é o clamor contra ele diante do Senhor. Ele nos enviou para destruir a cidade. <sup>14</sup>Ló foi então falar com os genros que estavam para casar-se com suas filhas e lhes disse: “Levantai-vos e saí deste lugar, porque o Senhor vai destruir a cidade”. Mas os genros julgaram que estivesse brincando. <sup>15</sup>Ao raiar da aurora, os anjos insistiram com Ló, dizendo: “Levanta-te, toma tua mulher e as duas filhas que tens, para não morreres também tu por causa do castigo da cidade”. <sup>16</sup>Como ele hesitasse, os homens tomaram-no pela mão, a ele, à mulher e às duas filhas – pois o Senhor tinha compaixão dele –, fizeram-nos sair e deixaram-nos fora da cidade. <sup>17</sup>Uma vez fora, disseram: “Trata de salvar tua vida. Não olhes para trás, nem pares em parte alguma desta região, mas fuge para a montanha, se não quiseres morrer”. <sup>18</sup>Ló respondeu: “Não, meu Senhor, eu te peço! <sup>19</sup>O teu servo encontrou teu favor, e foi grande tua bondade comigo, conservando-me a vida. Mas receio não poder salvar-me na montanha, antes que a calamidade me atinja e eu morra. <sup>20</sup>Eis aqui perto uma cidade onde poderei refugiar-me. É um povoado. Permite que me salve ali. É bem pequena, mas salvaria minha vida”. <sup>21</sup>E ele lhe disse: “Pois bem, concedo-te também este favor: não destruirei a cidade de que falas. <sup>22</sup>Refugia-te lá depressa, pois nada posso fazer enquanto não tiveres entrado na cidade”. Por isso foi dado àquela cidade o nome de Segor, Pequena. <sup>23</sup>O sol estava nascendo quando Ló entrou em Segor. <sup>24</sup>O Senhor fez então chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. <sup>25</sup>Destruiu as cidades e toda a região, junto com os habitantes das cidades e até a vegetação do solo. <sup>26</sup>Ora, a mulher de Ló olhou para trás e tornou-se uma estátua de sal. <sup>27</sup>Abraão levantou-se bem cedo e foi até o lugar onde antes tinha estado com o Senhor. <sup>28</sup>Deixando pairar seu olhar na direção de Sodoma e Gomorra e da região toda, viu levantar-se do chão uma densa fumaça, como a fumaça de uma fornalha. <sup>29</sup>Mas Deus, ao destruir as cidades da região, lembrou-se de Abraão e salvou Ló da catástrofe que arrasou as cidades onde Ló havia morado.

---

19, 24-25: Lc 17, 29. 19, 26: Lc 17, 32. 19, 28: Ap 9, 2.

---

**19, 16: “hesitasse”** – A hesitação implica um apego por Sodoma. Os mesmos afetos podem ser vistos na mulher de Ló, quando ela olha para trás à cidade em chamas com saudade (19, 26).

**19, 22: “Segor”** – Originalmente prevista à destruição, juntamente com as outras cidades do vale (19, 21). Segor é poupada no

último minuto por conta do justo Ló (18, 22-23; 2Pd 2, 7-8). Seu nome em hebraico significa “pequeno”, o que confirma a observação de que a cidade é “um povoado” (19, 20).

**19, 24-29:** O Senhor pulveriza as cidades do vale com enxofre e fogo. O evento traz morte e destruição a toda a região,

deixando-a uma terra queimada e devastada. A memória dessa catástrofe serve como um aviso para os ímpios e se destaca como uma ilustração do juízo de Deus sobre o pecado (Dt 29, 23; 2Pd 2, 6). Da mesma forma, a destruição de uma população inteira de pecadores, o resgate de uma única família, e o relato de um pecado sexual em que o pai que sobreviveu gera prole hostil a Israel são todos paralelos na narrativa do dilúvio e suas consequências (capítulos 6-9).

**19, 26: “estátua de sal”** – A mulher de Ló se torna parte da paisagem, assemelhando-se a uma das formações de sal natural na Bacia do Mar Morto ao Sul.

**19, 29: “cidades da região”** – Sodoma e Gomorra, bem como Adama e Seboim (14, 2; Dt 29, 23).

**“Deus [...] lembrou-se de Abraão”:** Esta é a segunda vez que Ló é resgatado pela intervenção oportuna do seu tio Abraão (14, 12-16; 18, 22-33).

**A origem vergonhosa dos moabitas e amonitas** – <sup>30</sup>Ló subiu de Segor e foi morar nas montanhas com as duas filhas, pois tinha medo de ficar em Segor. Instalou-se numa gruta com as duas filhas. <sup>31</sup>A mais velha disse à mais nova: “Nosso pai já está velho e aqui não há homens com quem possamos casar-nos, como faz todo mundo. <sup>32</sup>Vamos embriagar nosso pai com vinho e dormir com ele, para ter filhos dele”. <sup>33</sup>Embriagaram o pai, naquela noite, e a mais velha foi dormir com ele sem que ele nada percebesse, nem quando ela se deitou nem quando se levantou. <sup>34</sup>No dia seguinte a mais velha disse à mais nova: “Ontem à noite dormi com o pai. Vamos embriagá-lo também esta noite, e tu vais dormir com ele para gerar descendência de nosso pai”. <sup>35</sup>Também naquela noite embriagaram o pai, e a mais nova dormiu com ele. Ele, porém, nada percebeu, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. <sup>36</sup>Assim as duas filhas de Ló ficaram grávidas do próprio pai. <sup>37</sup>A mais velha deu à luz um filho a quem chamou Moab, que é o antepassado dos atuais moabitas. <sup>38</sup>Também a mais nova deu à luz um filho a quem chamou Ben-Ami, que é o antepassado dos atuais amonitas.

**19, 30-38:** A origem vergonhosa dos vizinhos orientais de Israel, os moabitas e os amonitas. Essas nações se mostraram inimigas de Israel durante sua jornada do Êxodo (Nm 22, 1-6; 25, 1-3; Dt 23, 3-4). O episódio lembra a embriaguez de Noé que parece ser a origem incestuosa dos cananeus em 9, 18-27.

**19, 30: “medo de ficar em Segor”** – A inversão do medo original de Ló em habitar nas colinas (19, 17-20).

**19, 31: “aqui não há homens”** – As ir-

mãs parecem pensar que a devastação da região é uma calamidade mundial. Alguns interpretam o incesto que segue como um caso de justiça poética, ou seja, Ló é obrigado a pagar a penalidade amarga por oferecer suas filhas de forma imprudente para os sodomitas pervertidos (19, 8).

**19, 37: “Moab”** – Assemelha-se à expressão hebraica “de um pai”.

**19, 38: “Ben-Ami”** – Significa “filho do meu povo”.

**20** **Abraão e Sara em Gerara** – <sup>1</sup>Abraão partiu dali para a região do deserto do Negueb e habitou entre Cades e Sur, vivendo como migrante em Gerara. <sup>2</sup>Abraão dizia de Sara, sua mulher: “Ela é minha irmã”. Então Abimelec, rei de Gerara, mandou que lhe trouxessem Sara. <sup>3</sup>Mas, durante a noite, Deus apareceu a Abimelec num sonho e lhe disse: “Vais morrer por causa da mulher que tomaste, pois ela tem marido”. <sup>4</sup>Abimelec, que não se havia aproximado dela, respondeu: “Meu Senhor, matarias mesmo gente inocente? <sup>5</sup>Acaso não foi ele que me disse: ‘Ela é minha irmã?’ E não foi ela que me disse: ‘Ele é meu irmão?’ Agi com consciência reta e mãos inocentes”. <sup>6</sup>E Deus lhe disse no sonho: “Bem sei que fizeste isto de boa fé. Por isso te impedi de pecares contra mim e não consenti que a tocassem. <sup>7</sup>Portanto devolve a mulher a seu marido, pois sendo ele um profeta, rogará por ti e viverás. Mas se não a devolveres, fica sabendo que deverás morrer, tu com todos os teus”. <sup>8</sup>De manhã, ao despertar, Abimelec chamou todos os seus servidores e contou tudo o que acontecera, e os homens ficaram com muito medo. <sup>9</sup>Depois chamou Abraão e lhe disse: “Que foi que nos fizeste? E que fiz de errado contra ti para atraíres sobre mim e meu reino um tão grande pecado? Fizeste comigo o que não se deve fazer”. <sup>10</sup>E Abimelec perguntou a Abraão: “O que pretendias ao fazer isso?” <sup>11</sup>Abraão lhe respondeu: “Eu pensei comigo: ‘Certamente não há temor de Deus neste lugar e vão matar-me por causa de minha mulher’. <sup>12</sup>Além do mais, ela é realmente minha irmã, filha de meu pai mas não de minha mãe, e se tornou minha mulher. <sup>13</sup>Desde que Deus me fez emigrar da casa de meu pai, eu pedi a ela: ‘Faze-me o favor de dizer em todos os lugares aonde chegarmos que sou teu irmão’”. <sup>14</sup>Abimelec tomou então ovelhas e bois, escravos e escravas e os deu a Abraão. Devolveu a Abraão a sua mulher Sara <sup>15</sup>e lhe disse: “Tens minha terra à tua disposição; mora onde bem entenderes”. <sup>16</sup>E para Sara disse: “Olha, dei a teu irmão mil moedas de prata. Sirvam-te elas como reparação moral diante de toda gente, e assim estarás justificada”. <sup>17</sup>Abraão intercedeu por Abimelec, e Deus curou Abimelec, sua mulher e suas servas, para poderem ter filhos. <sup>18</sup>(Pois o Senhor tinha tornado estéréis todas as mulheres na casa de Abimelec, por causa de Sara, mulher de Abraão.)

## COMENTÁRIOS

**20, 1-18:** curta permanência de Abraão em Gerar. O episódio mostra Deus assegurando o cumprimento das suas promessas a Abraão, protegendo sua esposa, Sara, que acabará por ter um filho (21, 1). Apesar de ter sido levada para o harém real (20, 2), ela é intocada por Abimelec (20, 6) e entregue de volta em segurança ao patriarca (20, 14). Para relatos semelhantes no Gênesis, ver 12, 10-20 e 26, 1-11.

**20, 1: “partiu dali”** – Dos carvalhos de Mambré em Hebron, aonde Abraão havia mudado seu acampamento depois da partida de Ló (13, 18; 14, 13; 18, 1).

**“Gerar”:** Na região árida de Negeb no sul da Palestina.

**20, 2: “Abimelec”** – O nome significa

“meu pai é rei”. Pode ser um título ou nome do trono do monarca local. Isaac encontra outro rei deste nome na mesma cidade anos mais tarde (26, 1).

**20, 3: “sonho”** – Muitas vezes um canal de instrução divina na Bíblia. Ver Estudo da Palavra: Sonho em 37, 5.

**20, 7: “profeta”** – A primeira ocorrência desse termo na Escritura. Neste contexto, significa não que Abraão tem o dom de prever o futuro, mas que ele é um intercessor poderoso e amigo de Deus (cf. Nm 14, 19-20; 21, 7; Dt 34, 10).

**20, 9: “tão grande pecado”** – O adultério era amplamente reconhecido como uma grave injustiça no antigo Oriente Próximo, como era também em Israel (Ex 20, 14; Lv 18, 20).

**20, 12: “minha irmã”** – Abraão e Sara têm o mesmo pai biológico, mas não a mesma mãe. O patriarca salienta esta conexão familiar para sua própria proteção. Proibições contra os casamentos entre parentes próxi-

mos não surgiram até que a Torá fosse dada a Israel (Lv 18, 11).

**20, 18: “tornado estéreis”** – A casa real de Abimelec está temporariamente acometida de infertilidade.

**21** **O nascimento de Isaac** – <sup>1</sup>O Senhor deu atenção a Sara, como havia prometido, e cumpriu o que lhe dissera. <sup>2</sup>Sara concebeu e deu a Abraão um filho na velhice, no tempo que Deus lhe havia predito. <sup>3</sup>Abraão deu o nome de Isaac ao filho que lhe nascera de Sara. <sup>4</sup>Abraão circuncidou o filho Isaac no oitavo dia, como Deus lhe havia ordenado. <sup>5</sup>Abraão tinha cem anos quando lhe nasceu o filho Isaac. <sup>6</sup>E Sara disse: “Deus me fez sorrir, e todos os que souberem vão sorrir comigo”. <sup>7</sup>E acrescentou: “Quem teria dito a Abraão que Sara haveria de amamentar filhos? Pois eu lhe dei um filho na velhice”.

---

21, 4: At 7, 8.

---

#### COMENTÁRIOS

**21, 1-14:** O nascimento de Isaac e o batimento de Ismael. Estes eventos centrais garantem que apenas Isaac vai herdar as promessas da aliança feitas a Abraão (17, 21; 21, 12).

**21, 3: “Isaac”** – O nome significa “ele ri”, lembrando como Abraão e Sara sorriram quando Deus lhes prometeu uma criança em sua idade avançada (17, 17; 18, 12). A mesma resposta se espera de todos os que ouvem sobre o milagre (21, 6).

**21, 4: “oitavo dia”** – Como exigido pela aliança com Abraão (17, 12).

#### NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

**Expulsão de Agar e Ismael** – <sup>8</sup>Entretanto, o menino cresceu e foi desmamado. Abraão fez um grande banquete no dia em que Isaac foi desmamado. <sup>9</sup>Mas Sara viu o filho que a egípcia Agar dera a Abraão brincando com seu filho Isaac. <sup>10</sup>E disse a Abraão: “Manda embora essa escrava e seu filho, pois o filho de uma escrava não pode ser herdeiro com o meu filho Isaac”. <sup>11</sup>Abraão ficou muito desgostoso com isso, por se tratar de um filho seu. <sup>12</sup>Mas Deus lhe disse: “Não te aflijas a propósito do menino e da escrava. Atende a tudo o que Sara te pedir, pois é por Isaac que terás uma descendência que levará teu nome. <sup>13</sup>Mas também do filho da escrava farei uma nação, por ser descendência tua”. <sup>14</sup>Abraão levantou-se de manhã, tomou pão e um odre de água, que deu a Agar e lhe pôs aos ombros. Depois entregou-lhe o menino e despediu-a. Ela foi-se embora e andou vagueando pelo deserto de Bersabéia. <sup>15</sup>Quando acabou a água do odre, largou o menino debaixo de um arbusto <sup>16</sup>e foi sentar-se em frente dele, à distância de um tiro de arco. Pois dizia consigo: “Não quero ver o menino morrer”. Assim ficou sentada em frente do menino e chorava em alta voz. <sup>17</sup>Deus ouviu o choro do menino e, de lá dos céus, o anjo de Deus chamou Agar, dizendo: “Que tens, Agar? Não tenhas medo, pois Deus ouviu o choro do menino do lugar onde está. <sup>18</sup>Levanta-te, toma o menino e segura-o pela mão, porque farei dele uma grande nação”. <sup>19</sup>Deus abriu os olhos de Agar, e ela viu um poço d’água. Encheu então o odre de água e deu de beber ao menino. <sup>20</sup>Deus estava com o menino, que cresceu e ficou morando no deserto, tornando-se um jovem arqueiro. <sup>21</sup>Morou no deserto de Farã, e sua mãe escolheu para ele uma mulher egípcia.

21, 10: Gl 4, 30. 21, 12: Rm 9, 7; Hb 11, 18.

**21, 8: “desmamado”** – Com cerca de três anos de idade (2Mc 7, 27).



**21, 9: “brincando”** – O hebraico é “rir”, aqui no sentido negativo de “rir de”. Para a aflição de Sara, o adolescente Ismael está insultando ou zombando do pequeno Isaac.

- Paulo posteriormente interpreta isso como um ato de perseguição (Gl 4, 29).

**21, 10: “não pode ser herdeiro”** – Sara pressiona Abraão para deserdar Ismael e expulsá-lo do acampamento.

**21, 17: “o anjo de Deus”** – O mesmo mensageiro celestial que falou com Agar na primeira vez que ela deixou o acampamento de Abraão (16, 7-14). Ver o Estudo da Palavra: Anjo do Senhor, em Gn 16, 7.

**21, 21: “deserto de Farã”** – Abrange a extensão do nordeste da Península do Sinai.



**Abraão e Abimelec fazem uma aliança** – <sup>22</sup>Por aquele tempo, Abimelec e Ficol, chefe do exército, vieram dizer a Abraão: “Deus está contigo em tudo o que fazes. <sup>23</sup>Portanto, jura-me por Deus, aqui mesmo, que não me enganarás, nem a meus filhos, nem a meus descendentes, e que terás comigo e com a terra na qual estás andando a mesma lealdade que eu tive contigo”. <sup>24</sup>E Abraão disse: “Eu juro”. <sup>25</sup>Ora, Abraão queixou-se a Abimelec por causa de um poço de água de que se haviam apoderado os servos de Abimelec. <sup>26</sup>“Não sei quem fez isso”, respondeu Abimelec. “Como não me informaste de nada, só hoje fiquei sabendo”. <sup>27</sup>Abraão tomou, então, ovelhas e bois e os deu a Abimelec, e assim firmaram aliança entre si. <sup>28</sup>Abraão separou sete ovelhinhas do rebanho, <sup>29</sup>e Abimelec perguntou-lhe: “Para que servem essas sete ovelhinhas que separaste?” <sup>30</sup>Abraão respondeu: “Para que as recebas de minha mão e elas me sirvam de prova de que eu cavei este poço”. <sup>31</sup>Por isso o lugar foi chamado Bersabéia, porque ali os dois fizeram juramento. <sup>32</sup>Tendo feito aliança em Bersabéia, Abimelec e Ficol, chefe do exército, partiram de volta à terra dos filisteus. <sup>33</sup>Abraão plantou em Bersabéia um tamarindeiro e ali invocou o nome do Senhor, o Deus Eterno. <sup>34</sup>Abraão residiu muito tempo na terra dos filisteus.

---

21, 31: Gn 26, 33.

---

**21, 22-34:** A aliança de paz mútua entre Abraão e Abimelec. Ela segue o padrão de uma aliança de parentesco ou paridade entre iguais no Oriente Próximo. Ambas as partes fazem um juramento solene durante a cerimônia de ratificação (21, 31), invocando o nome de Deus (21, 23) e expressando seus compromissos mútuos através de uma declaração verbal (21, 30) e da ação ritual (21, 28).

**21, 31: “Bersabéia”** – Traduz-se “poço de sete” ou “poço do juramento”. Os dois significados estão relacionados, uma vez que

o número sete tem a mesma raiz do verbo jurar no hebraico bíblico. Neste episódio, Abraão encena seu juramento, dando “sete” cordeiros como testemunhas da aliança (21, 30) para sua legítima propriedade do bem apreendido pelos servos de Abimelec (21, 25).

**21, 33: “tamarindeiro”** – Um marco sagrado, plantada como um memorial das bênçãos de Deus a Abraão, durante sua estada na terra de Canaã. Ver comentário sobre 12, 7.



**22** Deus testa Abraão – <sup>1</sup>Depois desses acontecimentos, Deus pôs Abraão à prova. Chamando-o, disse: “Abraão!” E ele respondeu: “Aqui estou”. <sup>2</sup>E Deus disse: “Toma teu filho único, Isaac, a quem tanto amas, dirige-te à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre o monte que eu te indicar”. <sup>3</sup>Abraão levantou-se bem cedo, encilhou o jumento, tomou consigo dois criados e o seu filho Isaac. Depois de ter rachado lenha para o holocausto, pôs-se a caminho para o lugar que Deus lhe havia ordenado. <sup>4</sup>No terceiro dia, Abraão levantou os olhos e viu de longe o lugar. <sup>5</sup>Disse então aos criados: “Esperai aqui com o jumento, enquanto eu e o menino vamos até lá. Depois de adorarmos a Deus, voltaremos a vós”. <sup>6</sup>Abraão tomou a lenha para o holocausto e a pôs às costas do seu filho Isaac, enquanto ele levava o fogo e a faca. Os dois continuaram caminhando juntos. <sup>7</sup>Isaac falou para seu pai Abraão e disse: “Pai!” – “O que queres, meu filho?” respondeu ele. O menino disse: “Temos o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” <sup>8</sup>Abraão respondeu: “Deus providenciará o cordeiro para o holocausto, meu filho”. Os dois continuaram caminhando juntos. <sup>9</sup>Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão ergueu ali o altar, colocou a lenha em cima, amarrou o filho e o pôs sobre a lenha do altar. <sup>10</sup>Depois estendeu a mão e tomou a faca a fim de matar o filho para o sacrifício. <sup>11</sup>Mas o anjo do Senhor gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão!” Ele respondeu: “Aqui estou!” <sup>12</sup>E o anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino e não lhe faças mal algum. Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu único filho”. <sup>13</sup>Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num espinheiro. Pegou o carneiro e ofereceu-o em holocausto no lugar do seu filho. <sup>14</sup>Abraão passou a chamar aquele lugar “O Senhor providenciará”. Hoje se diz: “No monte em que o Senhor aparece”. <sup>15</sup>O anjo do Senhor chamou Abraão pela segunda vez, do céu <sup>16</sup>e lhe falou: “Juro por mim mesmo – oráculo do Senhor – já que agiste deste modo e não me recusaste teu único filho, <sup>17</sup>eu te abençoarei e tornarei tua descendência tão numerosa como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar. Teus descendentes conquistarão as cidades dos inimigos. <sup>18</sup>Por tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra, porque me obedeceste”. <sup>19</sup>Abraão retornou até aos criados e, juntos, puseram-se a caminho de Bersabéia, onde Abraão passou a residir.

22, 1-18: Hb 11, 17-19. 22, 9-10. 12: Tg 2, 21. 22, 16-17: Lc 1, 73; Hb 6, 13-14; 11, 12. 22, 18: At 3, 25; Gl 3, 16.

## COMENTÁRIOS

**22, 1-19:** O sacrifício de Isaac, recordando como Abraão “amarrou” seu filho para o sacrifício (22, 9). O evento é às vezes chamado de *Aqedah*, o termo de “amarracão” em hebraico. Para sua importância, ver Ensaio sobre um tópico: O sacrifício de Isaac.

**22, 1: “Aqui estou”** – A resposta de alguém pronto e desejoso a aceitar a vontade de Deus (Ex 3, 4; 1Sm 3, 4; Is 6, 8).



**22, 2: “filho único”** – Segue a leitura da Vulgata Latina. O texto hebraico afirma que Isaac é o “único filho” de Abraão, acrescentando a nuance que é “único” e “precioso”. A expulsão e de-

serdação de Ismael no capítulo anterior é pressuposto (21, 8-14). A LXX grega traduz o hebraico “filho único”, como “filho amado” em todas as suas três ocorrências (22, 2. 12. 16).

- O epíteto de “filho amado” é dado a Jesus em seu batismo (Mt 3, 17) e transfiguração (Mt 17, 5).

- Isaac é um tipo de Cristo, pois ele era um filho como Cristo era um filho, e ele carregou a madeira do seu sacrifício, assim como o Senhor levou o madeiro da Cruz.<sup>43</sup> O Senhor levou sua cruz como Isaac carregou a lenha; e

<sup>43</sup> Cf. São Clemente de Alexandria, *O Pedagogo*, 1, 5, 23.

o carneiro, preso pelos chifres no espinheiro, prefigura Jesus coroado de espinhos e, em seguida, morto em sacrifício.<sup>44</sup>

**“Moriá”:** O futuro local do Templo de Jerusalém, segundo a Escritura (2Cr 3, 1) e a tradição judaica (*Livro dos Jubileus* 18, 13; Josephus, *Antigüidades* 1, 226).

**22, 5: “voltaremos”** – Pela fé, Abraão antecipa o retorno seguro de Isaac, se necessário, por uma ressurreição dos mortos (Hb 11, 17-19).

**22, 9: “amarrou o filho”** – O texto não especifica a idade de Isaac, apenas que ele é velho o suficiente para falar e carregar a lenha (22, 6-7). A tradição judaica acreditava que ele era um homem adulto, vinte e cinco (Josephus, *Antigüidades* 1, 227) ou trinta e sete anos (*Targum Neofiti* em Ex 12, 42). Isso sugeriria que Isaac deu consentimento para ser amarrado e sacrificado, uma noção encontrada em antigos escritos judaicos e cristãos (Josephus, *Antigüidades* 1, 232; 4Mc 13, 12; São Clemente de Roma, *1 Clemente* 31).

**22, 11: “anjo do Senhor”** – Enviado para resgatar Isaac e recompensar Abraão por sua obediência (22, 15-18). Ver o Estudo da Palavra: Anjo do Senhor, em Gn 16, 7.

 **22, 12: “não me recusaste o teu único filho”** – Abraão aprendeu a lição da entrega total a Deus.

• Paulo faz alusão a esse versículo quando ele se admira que Deus, o Pai, não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-o para ser sacrificado pelo mundo (Rm 8, 32).



**22, 14: “O Senhor providenciará”** – O hebraico é *YHWH yir’eh*, “o Senhor vai ver”. A idéia é que Deus vai “ver para” proporcionar um cordeiro para o sacrifício (22, 8).

• O anúncio em João 1, 29 que Jesus é o “Cordeiro de Deus” está ligado, em parte, a esta profecia.



**22, 16-18:** Deus faz um juramento incondicional de abençoar o mundo através da descendência de Abraão (CIC 706).

• O juramento divino de Gn 22 é central para a discussão de Paulo em Gálatas 3, 6-18. Ele indica que Deus assumiu a responsabilidade total de abençoar Israel e os gentios, apesar dos seus pecados e as maldições mais tarde impostas pela aliança mosaica. Para Paulo, o ato que provoca o juramento (a amarração de Isaac) prefigura o ato que cumpre o juramento (a crucificação de Jesus).

**22, 16: “por mim mesmo”** – Homens fazem juramento invocando o nome do Senhor. Deus, que não tem nenhum superior para invocar, deve jurar por seu próprio nome para garantir o cumprimento de sua promessa. Para o significado disso, ver Hb 6, 13-18.

**22, 18: “serão abençoados”** – Ver comentário sobre 12, 3.

**“Porque me obedeste”:** A obediência de Abraão é recompensada com bênçãos para seus descendentes e para o mundo (26, 4-5). Isso está em contraste com Adão, que obedeceu à voz de sua esposa, em vez do Senhor (3, 17) e trouxe maldições sobre seus descendentes e o mundo (Rm 5, 12; 1Cor 15, 22).

<sup>44</sup> Cf. Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, 16, 32.

**Os filhos de Nacor** – <sup>20</sup>Depois desses acontecimentos, Abraão recebeu uma notícia nestes termos: “Também Melca deu filhos a Nacor, teu irmão. <sup>21</sup>Hus é o primogênito e os irmãos são Buz, Camuel, pai dos arameus, <sup>22</sup>Cased, Azau, Feldas, Jedlaf e Batuel”. <sup>23</sup>Batuel foi o pai de Rebeca. São esses os oito filhos que Melca deu a Nacor, irmão de Abraão. <sup>24</sup>Também sua concubina, de nome Roma, deu à luz Tabé, Gaam, Taás e Maaca.

**22, 20-24:** Os filhos do irmão mais novo de Abraão, Nacor, que vivem na alta Mesopotâmia (11, 27). Esta é a primeira introdução da esposa de Isaac, Rebeca, na narrativa do Gênesis.

#### ESTUDO DA PALAVRA: DESCENDÊNCIA (22, 18)

*Zera'* (hebraico): um substantivo que significa “semente” ou “prole”. Pode se referir à semente semeada em um campo (Ez 17, 5), à produção de um campo (Dt 28, 38), ou sêmen masculino (Lv 15,12). Como a palavra portuguesa “lápiz”, o termo hebraico pode ser usado individualmente ou coletivamente, referindo-se a um ou muitos. Uma semente individual é simplesmente o filho de seus pais (Gn 4, 25; 21, 13); uma semente coletiva pode ser uma família ou nação que nasce de um ancestral comum (Gn 46, 6). Ambas as possibilidades são inerentes em Gn 22, 18, em que a semente de Abraão (traduzida como “descendência”) refere-se a sua prole natural, Isaac, mas também prevê sua prole nacional, Israel. Através do primeiro, o segundo é eleito para mediar bênçãos divinas para o mundo (26, 4; 28, 14). Paulo vê Isaac e Israel como modelos da descendência messiânica de Abraão, Jesus Cristo (Gl 3, 16).



**23** **A morte e o sepultamento de Sara** – <sup>1</sup>Sara viveu cento e vinte e sete anos <sup>2</sup>e morreu em Cariat Arbe, que é Hebron, na terra de Canaã. Abraão veio fazer luto por Sara e chorá-la. <sup>3</sup>Depois levantou-se de junto da falecida e assim falou aos heteus: <sup>4</sup>“Sou estrangeiro e hóspede no vosso meio. Cedei-me em propriedade entre vós um lugar de sepultura onde possa sepultar minha esposa que morreu”. <sup>5</sup>Os heteus responderam a Abraão: <sup>6</sup>“Por favor, escuta-nos, Senhor! Tu, que és um chefe poderoso entre nós, sepulta a falecida no melhor dos nossos sepulcros. Ninguém de nós te negará uma sepultura para tua falecida”. <sup>7</sup>Abraão levantou-se, prostrou-se diante dos donos daquela terra, os heteus, <sup>8</sup>e disse-lhes: “Se deversas quereis que sepulte minha falecida esposa, atendei-me e pedi por mim junto a Efron filho de Seor, <sup>9</sup>para que me ceda a gruta de Macpela, que lhe pertence e que está nos fundos de seu terreno. Que a venda a mim pelo seu preço, como propriedade funerária em vosso meio”. <sup>10</sup>Efron estava sentado entre os heteus. Efron, o heteu, respondeu a Abraão em presença dos heteus e de todos os que vieram até a porta da cidade: <sup>11</sup>“Por favor, escuta-me, Senhor! Eu te dou de presente o campo, com a gruta que nele se encontra. Dou-o na presença de meus compatriotas. Sepulta a tua falecida”. <sup>12</sup>Abraão tornou a prostrar-se diante dos donos daquela terra <sup>13</sup>e assim falou a Efron, para que todos ouvissem: “Faze o favor de escutar-me: eu te pagarei o preço do terreno. Aceita-o para que possa sepultar ali minha falecida”. <sup>14</sup>Efron respondeu a Abraão: <sup>15</sup>“Escuta-me, Senhor! O que é para mim e para ti um terreno no valor de quatrocentos siclos (quatro quilos) de prata, para sepultar tua falecida?” <sup>16</sup>Abraão concordou com Efron e pesou diante dos heteus a prata que este havia pedido: quatrocentos siclos de prata, segundo seu peso no mercado. <sup>17</sup>E assim o campo de Efron em Macpela, em frente de Mambré, tanto o terreno como a gruta que se encontra nele e todas as árvores dentro dos limites do terreno, <sup>18</sup>tornaram-se propriedade de Abraão, na presença dos heteus e dos que vieram até a porta da cidade. <sup>19</sup>Depois, Abraão sepultou sua mulher Sara na gruta do campo de Macpela, em frente de Mambré, que é Hebron, na terra de Canaã. <sup>20</sup>Assim o terreno com a gruta passaram dos heteus para Abraão, como propriedade funerária.

---

23, 4: Hb 11, 9. 13. 23, 16-17: At 7, 16.

---

#### COMENTÁRIOS

**23, 1-20:** Abraão compra terras no sul de Canaã como uma sepultura para Sara. O capítulo detalha a negociação e compra do imóvel e salienta que Abraão recusou-se a aceitá-lo como um presente. Este campo é a única porção de terra que já pertence a Abraão pessoalmente, mas a compra do terreno antecipa a aquisição integral de Canaã por seus descendentes (12, 7; 17, 8).

**23, 3: “os heteus”** – Os descendentes de “Het” (10, 15), uma das dez nações que ocupavam Canaã antes de sua conquista pelos israelitas (15, 18-21).

**23, 4: “estrangeiro”** – Um estrangeiro residente entre os nativos, mas que não possui nenhuma propriedade.

**23, 9: “gruta de Macpela”** – Abraão será enterrado com Sara nessa mesma caverna (2, 9-10), assim como Isaac e sua esposa, Rebeca, Jacó e sua primeira esposa, Lia (49, 29-32). A tradição samaritana estabelece o local de sepultamento dos Patriarcas, não em Hebron, mas em Siquém, no centro de Palestina. Estevão segue essa tradição samaritana em Atos 7, 16.

**23, 10: “os que vieram até a porta”** – Não transeuntes, mas os anciãos ou oficiais da cidade que supervisionam transações legais (cf. Rt 4, 1-2).

**23, 15: “quatrocentos ciclos de prata”** – Um preço muito alto.

## ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: O SACRIFÍCIO DE ISAAC

O drama do livro do Gênesis atinge sua maior intensidade em 22, 1-19, a comovente história de Abraão que oferece seu amado filho como um sacrifício no Monte Moriá. Tão memorável é o evento e seu resultado que se destaca como um dos momentos decisivos da história da salvação. Se Abraão não tivesse demonstrado fé heróica, não há como dizer como a grande narrativa da Bíblia teria se desenvolvido a partir dali.

A questão é como interpretar o significado do episódio. Para alguns, a história é um protesto contra os rituais de sacrifício de crianças que assolaram o mundo bíblico. Ao deter a faca, o Senhor mostra que ele rejeita, em vez de exigir, esse tipo de selvageria em nome da religião. Para outros, a história é uma lição de confiar em Deus e obedecer a sua palavra, mesmo quando as circunstâncias da vida parecem contradizer as suas promessas. Estender a nossa fé para além dos limites confortáveis é considerado o caminho para a bênção que Abraão proclama para nós pelo seu exemplo.

Ambas as leituras fornecem compreensões genuínas de Gênesis 22. Porém mais pode ser dito sobre as dimensões espirituais e teológicas do episódio. Na tradição interpretativa do judaísmo e do cristianismo, o sacrifício de Isaac é um acontecimento de importância histórica monumental. É um dos poucos eventos na Escritura que têm um efeito duradouro sobre a forma dos planos de Deus para o futuro e para o mundo.

### SIGNIFICADO ESPIRITUAL

Para Abraão pessoalmente, o sacrifício de Isaac marca o ápice da sua relação evolutiva com o Senhor. Desde o seu chamado em Gênesis 12, a fé de Abraão em Deus tem sido gradualmente aprofundada e amadurecida até o ponto em que, em Gênesis 22, Deus julga conveniente testar a intensidade do seu compromisso. Capítulos anteriores descrevem como o enredo se desenvolve para chegar a este momento culminante.

(1) Inicialmente Abraão é convidado a deixar a sua casa e partir para a terra de Canaã em direção do Senhor (Gn 12, 1-2). (2) Mais tarde, ele é convidado a sacrificar animais de seus rebanhos (Gn 15, 9-10), para que o Senhor possa tranquilizar as suas dúvidas remanescentes pela ratificação de uma aliança (Gn 15, 18-20). (3) Em seguida, o patriarca é convidado a sacrificar parte de si mesmo em uma aliança da circuncisão na idade de noventa e nove anos (Gn 17, 1-21). (4) Por fim, o Senhor pede pela vida de Isaac, herdeiro amado de Abraão (Gn 22, 1-2). Não existe maior sacrifício para um pai do que isso, ainda mais que as promessas de Deus para abençoar Abraão estão literalmente atadas a Isaac sobre o altar (cf. Gn 17, 19).

Portanto, é assim que Abraão aprende a lição da entrega confiante ao Senhor. Em cada etapa do processo, mais lhe é pedido, até que tudo o que Abraão tem de mais valioso, é entregue a Deus; nada é retido. Cada vez que é convocado ao sacrifício, ele é convidado a amar o Criador mais do que as suas criaturas e estimar o Doador divino acima de seus dons mais preciosos. Mesmo quando promessas e credibilidade de Deus estão por um fio, o único curso aceitável é confiar-nos a Ele com fé. Como Abraão seguiu este curso, ele se mostra como aquele que teme a Deus (Gn 22,12). Isto é importante porque a Bíblia exalta o “temor do Senhor” como a virtude religiosa preeminente, a própria essência do que significa possuir a sabedoria e viver retamente aos olhos do Todo-Poderoso (Ex 20, 20; Jó 1, 1; 28, 28; Sl 111, 10; Pr 1, 7).

### IMPORTÂNCIA TEOLÓGICA

Na teologia judaica primitiva, o sacrifício ou “amarrção” de Isaac é um evento que reverbera ao longo da história do povo da aliança. Diz-se, por exemplo, que Isaac teve um papel ativo em Moriá, oferecendo-se como uma vítima voluntária e que os méritos de sua ação foram reservados para a redenção de Israel em dias futuros. Assim, os acontecimentos da salvação, como o êxodo do Egito, o perdão das pessoas após a apostasia do bezerro de ouro, e a travessia do Jordão para a Terra Prometida se tornaram possíveis pelo sacrifício de Isaac. Da mesma forma, os ministérios de culto do Templo, especialmente o holocausto diário e o sacrifício da Páscoa anual, foram considerados memoriais litúrgicos da oferta de Isaac. Nesses e em outros aspectos, acredita-se que o sacrifício de Isaac garantiu benefícios duradouros para os descendentes de Abraão. De uma perspectiva cristã, o sacrifício de Isaac aponta para a salvação do mundo pelo Messias. A antecipação disso repousa sobre uma leitura profética e tipológica de Gênesis 22. Profeticamente, o juramento divino para abençoar o mundo por meio de Abraão em Gênesis 22, 16-19 se cumpre em Jesus Cristo como a descendência messiânica de Abraão (Gl 3, 16). Através dele as bênçãos da aliança de Deus com Abraão, destinadas a todas as famílias e nações, são derramadas para a salvação de Israel e dos gentios (Mt 28, 19; At 3, 25-26; Gl 3, 14). Desta forma, as maldições da aliança adâmica são superadas pelas bênçãos da aliança abraâmica cumprida pelo Messias (cf. Rm 5, 12-21). Tipologicamente, a oferta de Isaac serve como uma prévia de como a redenção do mundo seria realizada. Como Isaac, Jesus é o Filho único amado (Mt 3, 17; Jo 3, 16) que não é poupado por seu pai, mas é oferecido em sacrifício (Rm 8, 32).

Assim também, como Isaac é devolvido vivo para os braços de seu pai, graças à intervenção de Deus (Gn 22, 12), a vida de Jesus é restaurada na sua ressurreição (Hb 11, 17-19). Com base neste fundamento do Novo Testamento, os Padres da Igreja passaram a correlacionar Isaac carregando a lenha (Gn 22, 6) com Jesus carregando a sua própria cruz (Jo 19, 17), para vincular a libertação de Isaac no terceiro dia após o anúncio da morte (Gn 22, 4), com a libertação de Jesus da morte no terceiro dia (Mt 16, 21), e ver o carneiro preso pelos chifres num espinheiro (Gn 22, 13) como uma representação de Jesus, Cordeiro sacrificial (Jo 1, 29), coroado de espinhos (Jo 19, 2). Por fim, diz-se que o sacrifício de Isaac ocorreu em Moriá (Gn 22, 2), que não é outro senão a elevação montanhosa de Jerusalém (2Cr 3, 1), a cidade onde Jesus foi chamado a oferecer sua vida em sacrifício. Dadas estas características proféticas e tipológicas notáveis, não é nenhuma surpresa a tradição cristã colocar Gênesis 22 ao lado de outras passagens do Antigo Testamento, como Isaías 53, que descrevem mais claramente a obra do Messias para a nossa redenção.

**24** O casamento de Isaac e Rebeca – <sup>1</sup>Abraão já era velho, avançado em anos, e o Senhor o havia abençoado em tudo. <sup>2</sup>Abraão disse ao mais antigo dos criados da casa, administrador de todos os seus bens: “Põe a mão debaixo de minha coxa <sup>3</sup>e jura-me pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não escolherás para meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais eu moro. <sup>4</sup>Pelo contrário, irás à minha terra natal buscar entre os meus parentes uma mulher para meu filho Isaac”. <sup>5</sup>E o criado lhe disse: “E se a mulher não quiser vir comigo para cá, deverei levar teu filho para a terra donde saístes?” <sup>6</sup>Abraão respondeu: “Guarda-te de levar meu filho de volta para lá. <sup>7</sup>O Senhor, Deus do céu, tirou-me da casa de meu pai e de minha terra natal e me jurou: ‘À tua descendência darei esta terra’. Ele

mesmo enviará seu anjo diante de ti e tu vais trazer de lá uma mulher para meu filho. <sup>8</sup>Ora, se a mulher não quiser vir contigo, ficarás livre deste juramento. Mas de maneira alguma levarás meu filho de volta para lá”. <sup>9</sup>Então o criado pôs a mão sob a coxa de seu senhor Abraão e prestou-lhe juramento nos termos propostos. <sup>10</sup>O criado tomou dez camelos de seu senhor e se pôs a caminho, levando consigo tudo o que seu senhor tinha de melhor, e dirigiu-se à Mesopotâmia, à cidade de Nacor. <sup>11</sup>Fez descansar os camelos fora da cidade, junto a um poço d’água, já de tarde, à hora em que as mulheres costumam ir apanhar água. <sup>12</sup>E disse: “Senhor, Deus de meu senhor Abraão, que o dia de hoje me seja favorável. Mostra-te benigno com meu senhor Abraão. <sup>13</sup>Vou ficar junto à fonte, enquanto as moças da cidade vêm buscar água. <sup>14</sup>Para eu saber que te mostras benigno com meu senhor, vamos combinar o seguinte: se eu disser a determinada moça: ‘Inclina o cântaro, por favor, para eu beber’ e ela responder: ‘Bebe, que vou dar de beber também aos camelos’, será esta que destinas a teu servo Isaac”. <sup>15</sup>Ora, ainda não tinha acabado de falar, quando chegou Rebeca filha de Batuel, filho de Melca, a mulher de Nacor, irmão de Abraão. Ela trazia o cântaro no ombro. <sup>16</sup>A jovem era muito bela, virgem, e nenhum homem a tinha conhecido. Desceu à fonte, encheu o cântaro e tornou a subir. <sup>17</sup>O criado lhe correu ao encontro e disse: “Por favor, dá-me de beber um pouco de água do teu cântaro”. – <sup>18</sup>“Bebe, meu Senhor”, respondeu ela, e logo abaixou o cântaro, apoiando-o sobre a mão, para dar-lhe de beber. <sup>19</sup>Depois de lhe ter dado de beber, ela disse: “Vou tirar água também para os camelos, a fim de beberem à vontade”. <sup>20</sup>Esvaziou depressa o cântaro no bebedouro, correu de novo ao poço para apanhar mais e tirou água para todos os camelos. <sup>21</sup>O homem a observava em silêncio e se perguntava se o Senhor tinha tornado bem sucedida sua viagem ou não. <sup>22</sup>Quando os camelos acabaram de beber, o homem pegou para ela um anel de cinco gramas de ouro, dois braceletes de cem gramas de ouro <sup>23</sup>e lhe perguntou: “De quem és filha? Dize-me, por favor: não haveria em casa de teu pai um lugar para eu pernoitar?” <sup>24</sup>Ela respondeu: “Sou filha de Batuel, o filho que Melca deu a Nacor”. <sup>25</sup>E acrescentou: “Em nossa casa há palha em abundância e lugar para pernoitar”. <sup>26</sup>Então o homem ajoelhou-se e adorou o Senhor, <sup>27</sup>dizendo: “Bendito seja o Senhor, Deus de meu senhor Abraão, que não negou sua amizade e fidelidade a meu senhor, conduzindo-me à casa do irmão de meu senhor”. <sup>28</sup>A jovem correu para casa e contou à mãe o que acontecera. <sup>29</sup>Rebeca tinha um irmão, de nome Labão. Ele saiu correndo até à fonte em busca do homem, <sup>30</sup>pois tinha visto o anel e os braceletes na mão da irmã e tinha ouvido quando ela dizia: “Assim me falou o homem”. Encontrou o homem com os camelos, parado junto à fonte <sup>31</sup>e disse-lhe: “Vem, abençoado do Senhor! Por que continuas parado aí fora? Já preparei a casa e um lugar para os camelos”. <sup>32</sup>Enquanto o homem entrou em casa, Labão descarregou os camelos e deu-lhes palha e forragem; e ao homem, bem como a seus companheiros, deu-lhes água para lavarem os pés. <sup>33</sup>Depois serviram-lhe comida, mas o homem disse: “Não comerei enquanto não falar de meu assunto”. Labão respondeu: “Fala, pois”. <sup>34</sup>Então ele falou: “Sou um criado de Abraão. <sup>35</sup>O Senhor tem abençoado muito meu senhor, e ele se tornou rico. Deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, escravos e escravas, camelos e jumentos. <sup>36</sup>Sara, a mulher de meu Senhor, depois de velha, deu-lhe ainda um filho, que recebeu todos os seus bens. <sup>37</sup>O meu Senhor fez-me jurar e ordenou: ‘Não escolhas para o meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, em cuja terra eu moro. <sup>38</sup>Ao contrário, vai à casa de meu pai e dos meus parentes, para trazer uma mulher para meu filho’. <sup>39</sup>Eu disse a meu senhor: ‘E se a mulher não quiser vir comigo?’ <sup>40</sup>Ele me respondeu: ‘O Senhor, em cuja presença eu ando, enviará contigo seu anjo e dará feliz êxito à viagem: tu escolherás dentre meus parentes e da casa de meu pai uma mulher para meu filho. <sup>41</sup>Ficarás livre do juramento quando fores até os meus parentes; se eles te negarem a mulher, estarás livre do juramento’. <sup>42</sup>Ao chegar hoje à fonte, eu disse: ‘Senhor, Deus de meu senhor Abraão, peço-te que eu tenha êxito na viagem que estou fazendo. <sup>43</sup>Vou colocar-me junto à fonte de água. A jovem que vier buscar água e a quem eu disser: Dá-me de beber, por favor, um pouco de água de teu cântaro, <sup>44</sup>e que responder: Bebe, não somente tu, mas tirarei água também para os camelos, essa deverá ser a mulher que o Senhor destinou para o filho do meu senhor’. <sup>45</sup>Não havia ainda acabado de dizê-lo para mim mesmo, quando vi Rebeca vindo com o cântaro ao ombro. Ela desceu à fonte e tirou água. Então eu lhe falei: ‘Dá-me de beber, por favor’. <sup>46</sup>Ela logo baixou o cântaro de cima do ombro e disse: ‘Bebe, que eu vou dar de beber aos camelos’. Eu bebi e ela deu de beber também aos camelos. <sup>47</sup>Perguntei-lhe: ‘De quem és filha?’ Ela respondeu: ‘Sou filha de Batuel filho de Nacor, nascido de Melca’. Então pus-lhe o anel no nariz e os braceletes nas mãos, <sup>48</sup>ajoelhei-me para adorar o Senhor, bendizendo o Senhor, Deus de meu senhor Abraão, que me tinha guiado pelo caminho certo a fim de escolher a filha de seu irmão para esposa do seu filho. <sup>49</sup>Portanto, dizei-me se estais dispostos ou não a demonstrar amizade e fidelidade a meu senhor, a fim de que eu saiba o que fazer”. <sup>50</sup>Labão e Batuel responderam: “Isso vem do Senhor; nós não podemos dizer-te nada que não seja de sua vontade. <sup>51</sup>Aí tens Rebeca, leva-a contigo, para que seja a esposa do filho de teu amo, conforme a palavra do Senhor”. <sup>52</sup>Quando o criado de Abraão ouviu estas palavras, prostrou-se em terra diante do Senhor. <sup>53</sup>Tirou da bagagem os objetos de prata e ouro e os vestidos e os deu a Rebeca. Ofereceu também presentes ao irmão e à mãe. <sup>54</sup>Então com os companheiros se pôs a comer e beber e foi dormir. Pela manhã, ao levantar,

disse o criado: “Deixai-me voltar para junto de meu Senhor”. <sup>55</sup>O irmão e a mãe de Rebeca disseram: “Fique a jovem conosco ainda uns dez dias, depois partirá”. <sup>56</sup>Ele respondeu: “Não retardeis minha volta, já que o Senhor deu feliz êxito à minha viagem. Deixai-me partir para que volte a meu Senhor”. <sup>57</sup>Disseram-lhe: “Vamos chamar a jovem e perguntar sua opinião”. <sup>58</sup>Chamaram Rebeca e lhe perguntaram: “Queres ir com este homem?” E ela respondeu: “Quero”. <sup>59</sup>Deixaram, pois, partir sua irmã Rebeca, juntamente com sua ama de leite, o criado de Abraão e seus homens. <sup>60</sup>Abençoaram Rebeca, dizendo: “Tu, irmã nossa, multiplica-te aos milhares e os teus descendentes conquistem as cidades inimigas”. <sup>61</sup>Rebeca levantou-se com suas criadas, montaram nos camelos e acompanharam o homem. E assim o criado levou Rebeca e partiu. <sup>62</sup>Isaac andava perto do poço de Laai-Roi; ele morava, então, na região do Negueb. <sup>63</sup>Assim, ao cair da tarde, saiu para passear pelo campo e, erguendo os olhos, viu camelos chegando. <sup>64</sup>Rebeca também, erguendo os olhos, viu Isaac. Ela desceu do camelo <sup>65</sup>e perguntou ao criado: “Quem é aquele homem que vem caminhando pelo campo ao nosso encontro?” O criado respondeu: “É o meu senhor”. Ela puxou o véu e se cobriu. <sup>66</sup>Então o criado contou a Isaac tudo o que havia feito. <sup>67</sup>E Isaac introduziu Rebeca na tenda de Sara, sua mãe, e recebeu-a por esposa. Isaac amou-a, consolando-se assim da morte da mãe.

#### COMENTÁRIOS

**24, 1-67:** Abraão comissiona seu criado mais antigo para encontrar uma noiva para Isaac. A história detalha como Deus, na sua providência, supervisiona o processo e garante o sucesso da missão.

**24, 2: “a mão debaixo da minha coxa”** – Os quadris ou coxas representam o local do poder de procriação do homem (Jó 40, 16; Hb 7, 10). Colocar a mão debaixo da coxa é um gesto de juramento, o que significa que a parte que jura invoca uma maldição de esterilidade sobre si mesmo, se deixar de manter sua promessa (Dt 33, 11). Aqui o juramento faz que o último pedido de Abraão em vida acarrete que seu servo morra antes de Isaac se casar. Para um juramento semelhante imposto pelo envelhecimento de Jacó, ver 47, 29-31.

**24, 3: “filhas dos cananeus”** – Antecipa a restrição mosaica posterior que proíbe os israelitas de se casar com cananeus (9, 25; Dt 7, 1-4).

**24, 7: “seu anjo”** – Um olheiro celeste será enviado à frente para prosperar a missão.

Isso parece ser o anjo que vai levar Israel para a Terra Prometida (Ex 23, 20). Ver o Estudo da Palavra: O Anjo do Senhor, em Gn 16, 7.

**24, 10: “dez camelos”** – Levados para acomodar a comitiva de homens de Abraão (24, 32), bem como Rebeca e suas servas na viagem de regresso (24, 61). Embora os camelos não fossem amplamente utilizados como animais de carga até depois de 1000 a.C., há evidências no Egito de uma domesticação limitada de camelos no Oriente Próximo que remonta ao terceiro milênio a.C.. O Egito é precisamente onde a família de Abraão disse ter adquirido esses animais em 12, 16.

**“Nacor”:** Localizada na alta Mesopotâmia. Uma cidade com esse nome é mencionada nas tábuas Mari do século XVIII a.C..

**24, 11: “poço d’água”** – Além disso, o ambiente onde Jacó conheceu sua esposa, Raquel (29, 1-14), e onde Moisés encontrou sua esposa, Séfora (Ex 2, 15-22).

**“De tarde”:** Depois que o calor do meio-dia passou.

**24, 12: “Senhor”** – A história é pontuada com as orações e ações piedosas do servo (24, 26-27. 42-44. 52).

**24, 22: “anel de cinco gramas de ouro [...] dois braceletes”** – presentes de noivado.

**24, 58: “Queres ir?”** – O êxito da missão depende, em parte, do consentimento de Rebeca (24, 5. 8).

**24, 62: “Lai-Rói”** – Na região de Negueb, no sul de Canaã, onde o nascimento de Ismael foi anunciado pela primeira vez (16, 14).

**24, 63: “saiu para passear”** – Sugere que

Isaac é um homem espiritual que desenvolveu uma relação pessoal e de oração com o Senhor.

**24, 65: “meu senhor”** – Um momento decisivo na narrativa. Até agora, o servo tem repetidamente reconhecido Abraão – não Isaac – como seu senhor (24, 9-10. 12. 14, etc.). Mas agora que o herdeiro Isaac adquiriu uma esposa, ele se torna o mestre de todos os pertences de seu pai (25, 5).

**“E se cobriu”:** Por respeito a seu futuro marido, Rebeca desce do seu camelo (24, 64) e se cobre com um véu de noiva (Ct 4, 1).

**25** **Abraão se casa com Cetura** – <sup>1</sup>Abraão tomou outra mulher, de nome Cetura. <sup>2</sup>Dela nasceram Zaná, Jecsa, Madá, Madiã, Jesboc e Sué. <sup>3</sup>Jecsa gerou Sabá e Dadá. Filhos de Dadá são os assuritas, os latusitas e os loomitas. <sup>4</sup>Os filhos de Madiã foram Efa, Ofer, Henoc, Abida e Eldaá. Todos esses são filhos de Cetura. <sup>5</sup>Abraão, porém, deu todos os seus bens a Isaac. <sup>6</sup>Aos filhos das concubinas fez doações, mas ainda em vida afastou-os do filho Isaac, mandando-os rumo às terras do oriente.

#### COMENTÁRIOS

**25, 1-19:** Concluindo a narrativa Abraão está uma genealogia dos descendentes do patriarca: seis filhos com Cetura (25, 1-6), um com Agar (25, 12-18), e um com Sara (25, 19). No meio está um breve relato de sua morte e sepultamento aos cento e setenta e cinco anos de idade (25, 7-11).

**25, 1: “Cetura”** – Uma concubina tomada como a segunda esposa de Abraão após

a morte de Sara (1Cr 1, 32). Ela gera filhos adicionais para Abraão (25, 2), embora ele acabe mandando-a embora (25, 6), como fez com seu primogênito, Ismael (21, 1-14).

**25, 5: “deu todos os seus bens”** – Confirma que Isaac substituiu o irmão mais velho Ismael como o herdeiro das bênçãos abraâmicas. Ver Ensaio sobre um Tópico: Bênçãos e primogenitura em Gn 48.

**A morte de Abraão** – <sup>7</sup>Estes são os anos de vida de Abraão: viveu cento e setenta e cinco anos <sup>8</sup>e expirou. Morreu numa feliz velhice, idoso e cumulado de anos, e foi reunir-se a seus antepassados. <sup>9</sup>Os filhos Isaac e Ismael sepultaram-no na gruta de Macpela, no campo do heteu Efron, filho de Seor, em frente de Mambré. <sup>10</sup>Neste campo, comprado por Abraão aos heteus, foram sepultados Abraão e a mulher Sara. <sup>11</sup>Depois da morte de Abraão, Deus abençoou o filho Isaac, que ficou morando junto ao poço de Lai-Rói.

**25, 8: “reunir-se a seus antepassados”** – Significa que Abraão entrou no reino dos mortos para descansar com os seus antepassados falecidos (35, 29; 49, 29).

**25, 9: “gruta de Macpela”** – O local do sepultamento de Sara na parcela de terreno que Abraão comprara dos heteus em Hebron. Ver comentário sobre 23, 9.

**A descendência de Ismael** – <sup>12</sup>Estes são os descendentes de Ismael, o filho que Agar, a escrava egípcia de Sara, dera a Abraão. <sup>13</sup>Estes são os nomes dos filhos de Ismael, em ordem de nascimento. O primogênito de Ismael foi Nabaiot, depois Cedar, Adbeel, Mabsam, <sup>14</sup>Masma, Duma, Massa, <sup>15</sup>Hadad, Tema, Jetur, Nafis e Cedma. <sup>16</sup>São esses os filhos de Ismael e os seus nomes, de acordo com as aldeias e acampamentos: foram doze chefes de doze tribos. <sup>17</sup>Ismael viveu cento e trinta e sete anos e expirou. Morreu e foi reunir-se a seus antepassados. <sup>18</sup>Seus filhos habitavam desde Hévila até Sur, em frente ao Egito na direção de Assur. Assim, Ismael estabeleceu-se em frente de todos os seus irmãos.

---

25, 13-16: 1Cr 1, 29-31.

---

**25, 12-18:** A genealogia de Ismael. Seus doze filhos, nascidos de uma mulher egípcia (21, 21), distribuídos pelo norte da Arábia (25, 18). Ismael é tradicionalmente considerado o pai dos árabes na tradição judaica

(*Livro do Jubileu* 20, 12-13; Josephus, *Antigüidades* 1, 220-21).

**25, 16: “doze chefes”** – Em cumprimento da promessa de Deus a Abraão (17, 20).

**O nascimento de Esaú e Jacó** – <sup>19</sup>Eis a história dos descendentes de Isaac, filho de Abraão. Abraão gerou Isaac. <sup>20</sup>Isaac tinha quarenta anos quando se casou com Rebeca, filha do arameu Batuel e irmã do arameu Labão. Ela veio de Padã-Aram. <sup>21</sup>Isaac suplicou ao Senhor por sua mulher, que era estéril. Foi atendido pelo Senhor, e Rebeca concebeu. <sup>22</sup>Mas os meninos chocavam-se no ventre. Ela disse: “Se é assim, o que adianta viver?” E foi consultar o Senhor, <sup>23</sup>que lhe respondeu: “Duas nações trazes no ventre, em tuas entranhas dois povos se dividirão. Um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais novo”. <sup>24</sup>Quando chegou o tempo de dar à luz, ela tinha gêmeos no ventre. <sup>25</sup>O primeiro saiu todo ruivo, peludo como um manto de pele, e foi chamado Esaú. <sup>26</sup>Depois saiu o irmão, segurando com a mão o calcanhar de Esaú, e foi chamado Jacó. Isaac tinha sessenta anos quando eles nasceram.

**25, 19 – 36, 43:** Histórias de Isaac e de Jacó, o avô e o pai da Israel tribal. Menos atenção é dada a Isaac do que a Jacó nessas narrativas, embora ele seja um elo importante na

cadeia genealógica do Gênesis, porque passa a “bênção de Abraão” até Jacó (28, 4), que por sua vez passa a bênção para seus doze filhos, que compõem a família de Israel (49, 2-28).

**25, 19: “Eis a história dos descendentes”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**25, 20: “Padá-Aram”** – Alta Mesopotâmia, a casa de parentes de Abraão que vivem em Ará (11, 31; 24, 10; 28, 2).

**25, 21: “Isaac suplicou”** – Isaac é um intercessor poderoso como seu pai (20, 7). Isso porque ele é um homem justo e espiritual (24, 63; Tg 5, 16).

**“Era estéril”:** Rebeca carrega o fardo de não ter filhos como Sara antes dela (11, 30) e Raquel depois dela (30, 2).



**25, 22: “chocavam-se”** – Os gêmeos não nascidos já estão lutando pela primogenitura (condição de primogênito). Isso antecipa a rivalidade fraterna entre Jacó e Esaú, que atinge o ápice quando o irmão mais novo, Jacó, usurpa a bênção e primogenitura do primogênito Esaú (25, 33; 27, 36).

Além do horizonte do Gênesis, o “mais velho” vai servir o “mais novo” (25, 23), quando os israelitas (descendentes de Jacó) fazem os edomitas (descendentes de Esaú) de vassallos sob a liderança de Davi (2Sm 8, 13-14).

- Paulo vê nestes eventos o drama da eleição divina acontecendo na história (Rm 9, 10-13).

**25, 25: “ruivo”** – O termo hebraico assemelha-se a palavra “Edom”, que é um outro nome para Esaú (25, 30).

**“Peludo”:** O termo hebraico assemelha a palavra “Seir”, que é a região montanhosa do sudeste da Palestina, onde os descendentes de Esaú se estabeleceram (36, 8).

**25, 26: “Jacó”** – O nome hebraico *yá'aqob* lembra o “calcanhar” (*'aqeb*) que Jacó segurou quando criança, prenunciando como ele mais tarde “suplantaria” (*'aqab*) Esaú como o destinatário legítimo da bênção ao primogênito (27, 36).

**Esaú vende a primogenitura** – <sup>27</sup>Quando os meninos cresceram, Esaú tornou-se um hábil caçador e homem rude, ao passo que Jacó era pacífico e morava em tendas. <sup>28</sup>Isaac gostava mais de Esaú porque comia da caça, mas Rebeca preferia Jacó. <sup>29</sup>Certo dia, Jacó preparou uma sopa de lentilhas. Esaú chegou do campo, muito cansado <sup>30</sup>e disse a Jacó: “Dá-me de comer desse negócio vermelho, pois estou exausto”. Foi por isso que Esaú recebeu o nome de Edom. <sup>31</sup>Jacó respondeu-lhe: “Vende-me agora mesmo o teu direito de primogênito”. <sup>32</sup>Esaú ponderou: “Estou morrendo de fome, e de que me serve a primogenitura?” <sup>33</sup>Jacó insistiu: “Jura-me agora mesmo!” E Esaú jurou e vendeu o direito de primogênito a Jacó. <sup>34</sup>Então Jacó deu-lhe pão com a sopa de lentilhas. Esaú comeu e bebeu, levantou-se e foi embora. Desprezou assim a sua primogenitura.

**25, 27-34:** Como Isaac e Ismael, Jacó, o mais jovem, é exaltado acima do primogênito Esaú e se torna o herdeiro das promessas da aliança abraâmica.

**25, 30: “negócio vermelho”** – Um tipo de cozido de lentilhas (25, 34). Sua cor vermelha envolve outro jogo de palavras com o nome de Esaú, similar ao que está em 25, 25.

**26** **Isaac e Abimelec** – <sup>1</sup>Ocorreu novamente uma fome no país, depois daquela primeira no tempo de Abraão. Isaac foi até Gerara, junto a Abimelec, rei dos filisteus, <sup>2</sup>pois o Senhor lhe aparecera e tinha dito: “Não desças ao Egito. Vai morar na terra que eu te indico. <sup>3</sup>Nesta terra fica migrando, e eu estarei contigo e te abençoarei. Pois a ti e à tua descendência darei todas estas terras, cumprindo o juramento que fiz a teu pai Abraão. <sup>4</sup>Multiplicarei tua descendência como as estrelas do céu e lhe darei todas estas terras. Por tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra. <sup>5</sup>Isso, em consideração a Abraão, que obedeceu à minha voz e observou meu mandamento, os meus preceitos, as minhas prescrições e leis”. <sup>6</sup>Assim Isaac foi morar em Gerara. <sup>7</sup>Quando os homens do lugar lhe perguntavam por sua mulher, ele dizia: “É minha irmã”. Temia dizer que era sua mulher, para que os homens do lugar não o matassem por causa de Rebeca, pois era muito bonita. <sup>8</sup>Como se prolongasse sua permanência em Gerara, certo dia, Abimelec, rei dos filisteus, olhava pela janela e viu Isaac acariciando Rebeca, sua mulher. <sup>9</sup>Abimelec mandou chamar Isaac e lhe disse: “Não há dúvida que é tua mulher. Por que então dizes: ‘É minha irmã?’” Isaac respondeu: “Pensei comigo: vou ser morto por causa dela”. <sup>10</sup>Abimelec respondeu: “Por que nos fizeste isso? Faltou pouco para que alguém de nossa gente dormisse com tua mulher, e assim tu terias atraído sobre nós uma culpa”. <sup>11</sup>Então Abimelec decretou para todo o povo: “Aquele que tocar neste homem, ou em sua mulher, morrerá”. <sup>12</sup>Isaac fez naquela terra sua sementeira e colheu naquele ano cem vezes o que semeou, pois o Senhor o abençoou. <sup>13</sup>Foi enriquecendo sempre mais, até tornar-se um homem muito rico. <sup>14</sup>Possuía rebanhos de ovelhas e bois e numerosa criadagem, de modo que os filisteus ficaram com inveja dele. <sup>15</sup>Os filisteus entupiram todos os poços abertos pelos criados do pai Abraão, enchendo-os de terra. <sup>16</sup>E Abimelec disse a Isaac: “Vai-te embora daqui, porque chegaste a ser muito mais poderoso do que nós”. <sup>17</sup>Isaac partiu e acampou junto à torrente de Gerara, onde se estabeleceu. <sup>18</sup>Reabriu os poços cavados no tempo do pai Abraão e entupidos pelos filisteus depois da morte de Abraão, dando-lhes os mesmos nomes que seu pai lhes havia dado. <sup>19</sup>Os criados de Isaac cavaram um poço junto à torrente e descobriram um veio de água. <sup>20</sup>Mas os pastores de Gerara começaram a discutir com os de Isaac, afirmando que a água era deles. O poço recebeu o nome de Esec (Desafio), porque causa da contenda que suscitou. <sup>21</sup>Escavaram outro poço, que também causou discussão, e recebeu o nome de Sitna (Inimizade). <sup>22</sup>Indo mais longe, cavou mais um poço, pelo qual já não houve rixas, e pôs-lhe o nome de Reobot (Espaço), dizendo: “Agora o Senhor já nos deu espaço, e podemos prosperar nesta terra”. <sup>23</sup>Dali subiu para Bersabéia. <sup>24</sup>Naquela noite apareceu-lhe o Senhor e disse: “Eu sou o Deus de teu pai Abraão; nada temas, pois estou contigo. Eu te abençoarei e multiplicarei tua descendência por causa de meu servo Abraão”. <sup>25</sup>Ergueu ali um altar, invocou o nome do Senhor e armou o acampamento. Os criados de Isaac puseram-se a cavar ali um poço. <sup>26</sup>Abimelec veio visitá-lo de Gerara com seu amigo Ocozat e com Ficol, general do exército. <sup>27</sup>Isaac disse-lhes: “Por que viestes a mim, vós que me odiais e me expulsastes do vosso meio?” <sup>28</sup>Eles disseram: “Porque vimos claramente que o Senhor está contigo e achamos que deveria haver um juramento entre nós. Queremos fazer aliança contigo. <sup>29</sup>Jura que nunca nos farás mal algum, como nós nunca te atacamos mas te fizemos somente o bem, deixando-te partir em paz. Pois tu és o abençoado pelo Senhor”. <sup>30</sup>Isaac preparou-lhes um banquete, e eles comeram e beberam. <sup>31</sup>Na manhã seguinte levantaram-se e fizeram um juramento mútuo. Isaac os despediu, e eles partiram em paz. <sup>32</sup>Naquele mesmo dia vieram os servos de Isaac informá-lo acerca do poço que estavam cavando e disseram: “Achamos água”. <sup>33</sup>Isaac chamou o poço de Siba. Por isso a cidade se chama Bersabéia até hoje.

26,33: Gn 21, 31.

#### COMENTÁRIOS

**26, 1-35:** As únicas lembranças de Isaac | filisteus (Gn 26, 6-11. 17-33) e destacam as  
no auge de sua vida preservadas no Gên- | bênçãos divinas derramadas sobre ele (Gn  
sis. Dizem respeito a suas relações com os | 26, 3-5. 12-16. 28).

**26, 1: “uma fome”** – Todos os três dos Patriarcas enfrentaram tal escassez de alimentos durante a sua estada em Canaã (12, 10; 42, 1-5).

**“Gerara”:** Na região árida de Negeb no sul da Palestina.

**“Abimelec”:** Anteriormente um rei com esse nome ou título fez uma aliança com Abraão (21, 22-34).

**26, 3-5:** A renovação dos juramentos divinos feitos a Abraão. Deus havia prometido dar-lhe terra (15, 18), vários descendentes (22, 17), e as bênçãos para todas as nações (22, 18). Isaac é assim confirmado como o herdeiro das promessas da aliança (17, 21).

**26, 5: “Abraão, que obedeceu”** – Os benefícios prometidos a Abraão (terra, descendentes, bênção universal) foram prometidos como recompensa por sua lealdade para com o Senhor. Ver comentário sobre 22, 18.

**“Meus preceitos, minhas prescrições e leis”:** Os preceitos da lei moral natural inscrita no coração (Rm 2, 14-15). Esses preceitos são posteriormente explicitados na Torá revelada a Israel (Dt 11, 1).

**26, 6-11:** A permanência de Isaac em Gerara se assemelha a permanência de Abraão no Egito (12, 10-20) e Gerara (20, 1-18). Todos os três episódios têm o patriarca fazendo a matriarca passar por sua irmã, em vez de cônjuge. Aparentemente era perigoso neste momento viajar para o exterior com uma bela esposa (12, 11; 20, 11; 26, 7).

**26, 8: “acariciando”** – O hebraico *tsahaq* é um jogo de palavras com o nome “Isaac” (*yitshaq*).

**26, 12: “cem vezes”** – Uma colheita extraordinária para o primeiro ano. É uma prova das bênçãos do Senhor sobre Isaac.

**26, 17-33:** Uma série de disputas sobre poços escavados pelos patriarcas. Isaac se destaca em meio a contendas como um homem de paciência, esperando que o Senhor lhe dê “espaço” para reivindicar um poço para si (26, 22).

**26, 17: “torrente de Gerara”** – Isaac se desloca para outro local dentro da mesma região onde ele já escolheu para fazer a sua residência (26, 6).

**26, 25: “ergueu ali um altar”** – Isaac continua o legado sacerdotal do seu pai, Abraão, que consagrou vários locais em Canaã com altares de sacrifício (12, 7-8; 13, 18; 22, 9).

**26, 28: “aliança contigo”** – Abimelec procura um pacto de paz mútua com Isaac, como o que fez com Abraão anos anteriores. Ver comentário sobre 21, 22-34.

**26, 33: “Siba”** – O hebraico significa “sete” e assemelha-se a palavra para “juramento” (*shebu’ah*).

**“Bersabéia”:** Significa “poço de sete” ou “poço do juramento”. Foi lembrado como o lugar onde Abraão e Isaac fez alianças com os seus vizinhos (21, 22-34).

**Esposas hetéias de Esaú** – <sup>34</sup>Quando Esaú completou quarenta anos, casou-se com Judite, filha do heteu Beeri, e com Basemat, filha do heteu Elon. <sup>35</sup>Elas causaram muitos aborrecimentos a Isaac e Rebeca.

**26, 34: “casou-se”** – Ao contrário de Isaac e Jacó, que se casaram com mulheres semitas, os filhos deserdados dos Patriarcas, Ismael e Esaú, se casaram com mulheres camitas fora da família dos eleitos de Abraão (egípcia, 21, 21; hetéia, 26, 34; hevéia, 36, 2).

**27** Isaac abençoa Jacó – <sup>1</sup>Quando Isaac ficou velho, seus olhos se enfraqueceram e já não podia ver. Chamou, então, o filho mais velho Esaú: “Meu filho!” Este respondeu: “Aqui estou!” <sup>2</sup>Isaac lhe disse: “Como vês, já estou velho e não sei qual será o dia de minha morte. <sup>3</sup>Pega tuas armas, flechas e arco e sai para o campo. Se apanhares alguma caça, <sup>4</sup>prepara-me um saboroso assado, como sabes que eu gosto, e traze-o para que eu o coma e te dê a bênção antes de morrer”. <sup>5</sup>Rebeca escutava o que Isaac dizia a seu filho Esaú. Esaú saiu para o campo à procura de caça para o pai. <sup>6</sup>Rebeca disse a seu filho Jacó: “Olha, ouvi teu pai falar com teu irmão Esaú e dizer-lhe: <sup>7</sup>‘Traze-me uma caça e prepara-me um saboroso assado para que eu o coma e te abençoe diante do Senhor, antes de minha morte’. <sup>8</sup>Agora, meu filho, escuta bem o que te mando: <sup>9</sup>vai até ao rebanho e traze-me dois cabritos gordos. Com eles farei para teu pai um assado saboroso como ele gosta. <sup>10</sup>Depois, leva-o a teu pai para que ele coma e te dê a bênção antes da sua morte”. <sup>11</sup>Jacó respondeu a Rebeca, sua mãe: “Mas meu irmão Esaú é um homem peludo, enquanto minha pele é lisa! <sup>12</sup>Se o pai me tocar, vai me considerar um impostor, e atrairei sobre mim a maldição em vez da bênção”. <sup>13</sup>A mãe lhe disse: “Caia sobre mim tua maldição, meu filho, mas obedece-me. Vai pegar os cabritos para mim”. <sup>14</sup>Ele foi pegar os cabritos para a mãe, e ela preparou um assado saboroso como o pai gostava. <sup>15</sup>Rebeca tomou as melhores vestes que o filho mais velho, Esaú, tinha em casa e vestiu com elas o filho mais novo, Jacó. <sup>16</sup>Com as peles dos cabritos cobriu-lhe as mãos e a parte lisa do pescoço. <sup>17</sup>Pôs nas mãos do filho Jacó o assado e o pão que havia preparado. <sup>18</sup>Este os levou ao pai e disse: “Meu pai!” Isaac respondeu: “Estou ouvindo! Quem és tu, meu filho?” <sup>19</sup>E Jacó respondeu ao pai: “Eu sou Esaú, teu filho primogênito. Fiz como me ordenaste. Levanta-te, senta-te e come de minha caça, para me abençoares”. <sup>20</sup>Isaac disse ao filho: “Como conseguiste achar a caça tão depressa, meu filho?” Ele respondeu: “O Senhor teu Deus me deu sorte”. <sup>21</sup>Isaac disse a Jacó: “Vem cá, meu filho, para que eu te apalpe e veja se és ou não meu filho Esaú”. <sup>22</sup>Jacó achegou-se ao pai Isaac, que o apalpou e disse: “A voz é a voz de Jacó, mas as mãos são as de Esaú”. <sup>23</sup>E não o reconheceu, pois as mãos estavam peludas como as do irmão Esaú. Então decidiu abençoá-lo. <sup>24</sup>Perguntou-lhe ainda: “Tu és, de fato, meu filho Esaú?” Ele respondeu: “Sou”. <sup>25</sup>Isaac continuou: “Meu filho, serve-me da tua caça para eu comer e te abençoar”. Jacó o serviu e ele comeu. Trouxe-lhe também vinho e ele bebeu. <sup>26</sup>Disse-lhe então seu pai Isaac: “Aproxima-te, meu filho, e beija-me”. <sup>27</sup>Jacó se aproximou e o beijou. Quando sentiu o cheiro das suas roupas, abençoou-o dizendo: “Este é o cheiro do meu filho: é como o aroma de um campo que o Senhor abençoou!” <sup>28</sup>Que Deus te conceda o orvalho do céu e a fertilidade da terra, trigo e vinho em abundância. <sup>29</sup>Que os povos te sirvam e as nações se prostrem diante de ti; sê o senhor de teus irmãos, e diante de ti inclinem-se os filhos de tua mãe. Maldito seja quem te amaldiçoar e bendito, quem te abençoar”.

27, 5: Gn 12, 3; Nm 24, 9.

#### COMENTÁRIOS

**27, 1-46:** Jacó intercepta a bênção destinada a Esaú e impede sua herança de primogênito. Sua mãe, Rebeca, é o cérebro por trás do ardil, guiando-o a cada passo crucial. A narrativa do Gênesis não é cega aos seus caminhos escusos; ao contrário, desaprova

Jacó, o enganador, e quase se compadece Esaú, a vítima. É ciente, no entanto, que Esaú vergonhosamente desprezou o seu direito natural (25, 29-34). A história ilustra assim como Deus pode promover seu plano, apesar das falhas do seu povo. Deus já havia

elegido Jacó sobre Esaú para carregar as bênçãos da aliança abraâmica (25, 23; Rm 9, 10-13). Ver Ensaio sobre um Tópico: Bênçãos e primogenitura em Gn 48.

**27, 4: “antes de morrer”** – As bênçãos são dadas na véspera da separação da família, ou quando a morte do pai se aproxima (49, 1-33; Dt 33, 1-29), ou quando seus filhos estão prestes a ir embora (24, 60-61; 28, 1-5; 31, 55).

**27, 13: “Caia sobre mim tua maldição”** – Rebeca paga um preço amargo por sua astúcia quando seu amado Jacó é forçado a fugir de Canaã, para nunca mais voltar durante a vida dela.

**27, 21: “és ou não meu filho Esaú”** – Sugere que Isaac suspeitou desde o início,

aumentando o drama e suspense de todo o episódio.

**27, 22-27: Isaac é enganado por três dos quatro sentidos que lhe restavam.** Já cego (27, 1), seu sentido do tato (27, 22), paladar (27, 25) e olfato (27, 27) não conseguem detectar a fraude diante dele. Apenas sua audição prova ser fiável (27, 22).

**27, 28: “a fertilidade da terra”** – As bênçãos de prosperidade e abundância reservadas para Israel na Terra Prometida (Dt 7, 13; 33, 28).

**27, 29: “Senhor de teus irmãos”** – Olha adiante para a subjugação dos edomitas (descendentes de Esaú) sob o senhorio dos israelitas (descendentes de Jacó), nos dias do rei Davi (2Sm 8, 13-14).

**A bênção perdida de Esaú** – <sup>30</sup>Apenas Isaac tinha acabado de abençoar Jacó, que logo saíra da presença do pai, quando seu irmão Esaú voltou da caça. <sup>31</sup>Também ele preparou um assado saboroso, levou-o ao pai e disse: “Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho para abençoá-lo”. <sup>32</sup>Isaac, seu pai, perguntou-lhe: “Quem és tu?” E ele respondeu: “Sou teu filho primogênito Esaú”. <sup>33</sup>Isaac ficou profundamente perturbado e disse: “E quem, então, foi caçar e me trouxe a caça? Eu comi de tudo isso antes que vieses. Eu o abençoei, e abençoado ficará”. <sup>34</sup>Ao ouvir as palavras do pai, Esaú pôs-se a gritar e chorar amargamente e lhe disse: “Abençoa-me também a mim, meu pai”. <sup>35</sup>Mas Isaac respondeu: “Teu irmão veio com disfarce e usurpou tua bênção”. <sup>36</sup>Esaú lhe disse: “É com razão que se chama Jacó, pois com esta já são duas vezes que levou vantagem sobre mim; primeiro tirou-me a primogenitura e agora usurpou a minha bênção”. E acrescentou: “Não reservaste nenhuma bênção para mim?” <sup>37</sup>Respondeu Isaac e disse a Esaú: “Olha, eu fiz de Jacó o teu senhor, e todos os parentes o servirão. Eu lhe garanti o trigo e o vinho. Que poderia eu fazer por ti, meu filho?” <sup>38</sup>E Esaú disse ao pai: “Não tens mais do que uma bênção, meu pai? Abençoa-me também a mim, meu pai”. E chorou em voz alta. <sup>39</sup>Então Isaac o atendeu e disse: “Longe da terra fértil será a tua morada e sem o orvalho que desce do céu. <sup>40</sup>Viverás da tua espada e servirás a teu irmão; mas logo que te soltares, sacudirás o jugo de teu pescoço”.

**27, 33: “abençoadado ficará”** – Isaac insiste em que a bênção paternal não pode ser recobrada depois de proferida (Hb 12, 16-17).

**27, 36: “levou vantagem”** – Um jogo de palavras com o nome de Jacó. Ver comentário sobre 25, 26.

**27, 39: “longe da terra fértil”** – Esaú é

barrado da terra abençoada e fértil prometida a Jacó (27, 28). Historicamente, os edomitas viviam fora das fronteiras de Israel nas montanhas irregulares ao sul do Mar Morto.

**27, 40: “logo que te soltares”** – Prevê a revolta edomita contra o reino dividido de Israel vários séculos mais tarde (2Rs 8, 20-22).

**Jacó escapa da fúria de Esaú** – <sup>41</sup>Esaú começou a nutrir ódio contra Jacó por causa da bênção que o pai lhe dera, e dizia a si mesmo: “Estão perto os dias de luto por meu pai. Depois vou matar meu irmão Jacó”. <sup>42</sup>Rebeca soube o que seu filho mais velho Esaú havia dito e mandou chamar Jacó, o filho mais novo. Disse-lhe: “Olha, teu irmão Esaú planeja uma vingança mortal contra ti. <sup>43</sup>Escuta o que vou te dizer, meu filho: foge para Harã, para junto de meu irmão Labão. <sup>44</sup>Fica alguns anos com ele, até que passe a fúria de teu irmão, <sup>45</sup>a sua ira se amaine e ele se esqueça do que lhe fizeste. Depois mandarei buscar-te. Por que haveria eu de perder os dois num só dia?” <sup>46</sup>Rebeca queixou-se junto a Isaac: “Essas moças hetéias estão aborrecendo minha vida. Se Jacó se casar com uma dessas hetéias da região, que me adianta viver?”

**27, 43: “foge para Harã”** – Jacó é convidado a encontrar segurança em Harã na alta Mesopotâmia. Este é o lugar onde a família de Rebeca vive sob a liderança de seu irmão, Labão (24, 29).

**27, 45: “perder os dois”** – Rebeca teme

que Esaú também seja morto por vingança se ele conseguir matar Jacó como planejado (27, 41).

**27, 46: “moças hetéias”** – esposas de Esaú (26, 34).

**28** <sup>1</sup>Isaac chamou Jacó, deu-lhe a bênção e ordenou: “Não cases com nenhuma das moças de Canaã. <sup>2</sup>Vai a Padá-Aram, à casa de Batuel, teu avô materno. Casa-te lá com uma das filhas de Labão, irmão de tua mãe. <sup>3</sup>Que o Deus Poderoso te abençoe, te faça fecundo e te multiplique, para te tornares uma comunidade de povos. <sup>4</sup>Conceda-te a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência, a fim de possuíres a terra em que agora vives como migrante, e que Deus deu a Abraão”. <sup>5</sup>Isaac se despediu de Jacó, e este partiu para Padá-Aram, para junto de Labão, filho do arameu Batuel, irmão de Rebeca, mãe de Jacó e de Esaú.

#### COMENTÁRIOS

**28, 1: “moças de Canaã”** – Recorda como Abraão proibiu Isaac de se casar com os povos estrangeiros de Canaã (24, 3). Jacó, como Isaac, deve procurar uma esposa entre

seus parentes semitas (ver 24, 4. 10).

**28, 2: “Padá-Aram”** – Alta Mesopotâmia, a terra natal da mãe de Jacó, Rebeca (25, 20).

**Esaú se casa com a filha de Ismael** – <sup>6</sup>Esaú viu que Isaac tinha abençoado Jacó, mandando-o a Padá-Aram para escolher ali uma mulher, e que, ao lhe dar a bênção, havia dito: “Não te cases com uma cananéia”. <sup>7</sup>E Jacó, obedecendo aos pais, tinha ido a Padá-Aram. <sup>8</sup>Esaú percebeu então que o pai não gostava das moças de Canaã. <sup>9</sup>Foi para junto de Ismael, filho de Abraão, e tomou para mulher Maelet filha de Ismael e irmã de Nabaiot, além das mulheres que já tinha.

**O sonho de Jacó em Betel** – <sup>10</sup>Jacó saiu de Bersabéia e dirigiu-se a Hará. <sup>11</sup>Chegou a um lugar onde resolveu passar a noite, pois o sol já se havia posto. Serviu-se de uma das pedras do lugar como travesseiro e dormiu ali. <sup>12</sup>Em sonho, viu uma escada apoiada no chão e com a outra ponta tocando o céu. Por ela subiam e desciam os anjos de Deus. <sup>13</sup>No alto da escada estava o Senhor, que lhe dizia: “Eu sou o Senhor, Deus de teu pai Abraão, o Deus de Isaac. A ti e à tua descendência darei a terra em que estás dormindo. <sup>14</sup>Tua descendência será como a poeira da terra. Tu te expandirás para o ocidente e para o oriente, para o norte e para o sul. Em ti e em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. <sup>15</sup>Estou contigo e te guardarei aonde quer que vás, e te reconduzirei a esta terra. Nunca te abandonarei até cumprir o que te prometi”. <sup>16</sup>Ao despertar, Jacó disse: “Sem dúvida o Senhor está neste lugar, e eu não sabia”. <sup>17</sup>Cheio de pavor, acrescentou: “Como é terrível este lugar! Isto aqui só pode ser a casa de Deus e a porta do céu”. <sup>18</sup>Jacó levantou-se bem cedo, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, colocou-a de pé para servir de coluna sagrada e derramou óleo sobre ela. <sup>19</sup>Ele chamou aquele lugar Betel, Casa de Deus. Anteriormente, a cidade chamava-se Luza. <sup>20</sup>Jacó fez, então, este voto: “Se Deus estiver comigo e me proteger nesta viagem, se ele me der pão para comer e roupa para vestir, <sup>21</sup>se eu voltar são e salvo para a casa de meu pai, então o Senhor será meu Deus. <sup>22</sup>Esta pedra que ergui como coluna sagrada será transformada em casa de Deus, e eu te darei o dízimo de tudo o que me deres”.



**28, 12: “escada”** – O hebraico prevê, não uma escada com degraus, mas uma escada ascendente. Ela é usada por um exército de anjos, andando para cima e para baixo, ministrando segundo a vontade do Senhor. O sonho convence Jacó que ele está deitado perto da “porta” onde o Céu toca a Terra (28, 17).

- A escada de Jacó é uma imagem profética de Cristo, que faz uma ponte entre o Céu e a Terra pela união de suas naturezas divina e humana (Jo 1, 51). Isso faz dele o único perfeito mediador entre Deus e os homens (1Tm 2, 5).

**“Tocando o céu”:** Recorda os planos para a Torre de Babel, em 11, 4.

**28, 13-14:** Reitera as promessas feitas a Abraão por juramento divino. Os dons da aliança incluem terra (15, 18), vários descendentes (22, 17) e as bênçãos para todas as famílias do mundo (22, 18). Jacó é então confirmado como o herdeiro das promessas da aliança, assim como Isaac foi em 26, 3-5.

**28, 14: “tua descendência”** – A família tribal de Israel (Ex 1, 1-7).

**28, 15: “Estou contigo”** – O Senhor promete ficar com Jacó em suas viagens e prosperar o caminho por onde ele passar.

**28, 18: “coluna”** – Jacó unge o encosto de cabeça de pedra e o sustenta como um marco e memorial da presença do Senhor na Terra. A prática de erigir tais monumentos religiosos era bem conhecida na Canaã pré-israelita. Moisés mais tarde instruiu Israel a demolir cada coluna dedicada a um deus cananeu (Ex 23, 24; Dt 12, 1-3).

**28, 19: “Betel”** – significa “casa de Deus”, em alusão à descrição de Jacó em 28, 17. Betel foi um local sagrado desde os tempos de Abraão, que construiu um altar nas proximidades (12, 8).

**28, 21: “se”** – o voto de Jacó é condicional, sugerindo que ele é levemente cético das bênçãos extraordinárias prometidas a ele no sonho (28, 13-14). Assim, ele faz um acordo com o Senhor para testar sua fidelidade.

**28, 22: “darei o dízimo”** – Um voto para dar dez por cento de seus ganhos para o Senhor (14, 20). O dízimo foi posteriormente ordenado para Israel na Torá (Nm 18, 21-24).

**29** **Jacó encontra Raquel** – <sup>1</sup>Jacó continuou a viagem e chegou às terras do oriente. <sup>2</sup>Viu no campo um poço junto ao qual descansavam três rebanhos, pois era desse poço que os rebanhos bebiam água. Havia uma grande pedra na boca do poço. <sup>3</sup>Só quando todos os rebanhos estavam reunidos é que rolavam a pedra da boca do poço e davam de beber às ovelhas. Depois recolocavam a pedra em seu devido lugar. <sup>4</sup>Jacó perguntou-lhes: “De onde sois, irmãos?” – “Somos de Harã”, responderam. <sup>5</sup>E Jacó continuou: “Conheceis Labão filho de Nacor?” – “Conhecemos”, responderam. <sup>6</sup>“Ele está bem?”, perguntou Jacó. E disseram: “Sim, está bem. Olha, aí vem sua filha Raquel com as ovelhas”. <sup>7</sup>E ele lhes disse: “Ainda é cedo para reunir os rebanhos. Por que não dais de beber às ovelhas e não as levais de novo a pastar?” <sup>8</sup>Eles responderam: “Não podemos fazê-lo enquanto não se reunirem todos os rebanhos. Só então removeremos a pedra da boca do poço e daremos de beber às ovelhas”. <sup>9</sup>Jacó ainda conversava com eles quando chegou Raquel com o rebanho do pai, pois era pastora. <sup>10</sup>Ao ver Raquel filha da Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, Jacó aproximou-se, removeu a pedra de cima do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe. <sup>11</sup>Em seguida beijou Raquel e chorou em voz alta. <sup>12</sup>Contou a Raquel que era sobrinho de seu pai e filho de Rebeca, e ela foi correndo contar ao pai. <sup>13</sup>Logo que Labão soube das notícias de Jacó, filho de sua irmã, correu ao encontro dele, abraçou-o, beijou-o e o levou para casa. Jacó contou a Labão o que havia acontecido e <sup>14</sup>Labão lhe disse: “Realmente tu és meu osso e minha carne”. E Jacó ficou com Labão durante um mês.

#### COMENTÁRIOS

**29, 1-30:** O noivado e casamento de Jacó. No primeiro episódio, a divina Providência organiza o encontro entre Jacó e Raquel, inspira o amor entre eles, e desperta o entusiasmo de Labão pela sua união (29, 1-14). No segundo, a justiça divina alcança Jacó, o enganador, e dá-lhe a primeira amostra da crueldade do engano (29, 15-30).

**29, 1: “terras do oriente”** – Os povos semitas da Mesopotâmia. Jacó está à procura de Harã (29, 4), para onde Abraão se mudou com sua família antes de se aventurar em Canã (11, 31).

**29, 2: “um poço”** – Também o ambien-

te onde as noivas são encontradas por Isaac (24, 11-27) e Moisés (Ex 2, 15-21).

**29, 10: “removeu a pedra”** – Um feito impressionante para um homem apenas. Normalmente, eram necessários vários pastores trabalhando juntos para levantar a tampa do poço (29, 2-3).

**29, 11: “beijou [...] chorou”** – Expressões ligadas com as alegrias de uma reunião familiar (33, 4; 45, 15).

**29, 14: “meu osso e minha carne”** – Um reconhecimento do parentesco (Jz 9, 2; 2Sm 5, 1).

**Jacó se casa com a filha de Labão** – <sup>15</sup>Depois Labão disse a Jacó: “Será que me vais servir de graça por seres meu sobrinho? Dize-me qual deve ser o salário”. <sup>16</sup>Ora, Labão tinha duas filhas. A mais velha se chamava Lia e a mais nova Raquel. <sup>17</sup>Lia tinha um olhar apagado, mas Raquel era bonita de corpo e de rosto. <sup>18</sup>Jacó ficou enamorado de Raquel e disse a Labão: “Eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova”. <sup>19</sup>Labão respondeu: “É melhor confiá-la a ti do que entregá-la a um estranho. Fica comigo”. <sup>20</sup>Jacó serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram dias, tanto era o amor por ela. <sup>21</sup>Jacó disse a Labão: “Dá-me minha mulher, pois completou-se o tempo e quero viver com ela”. <sup>22</sup>Labão reuniu todos os homens do lugar e deu um banquete. <sup>23</sup>Chegada a noite, porém, tomou a filha Lia e levou-a a Jacó, que dormiu com ela. <sup>24</sup>(Labão dera à filha Lia a escrava Zelfa, para lhe servir de criada.) <sup>25</sup>Ao amanhecer, Jacó viu que era Lia e disse a Labão: “Por que fizeste isso comigo? Não te servi por Raquel? Por que me enganaste?” <sup>26</sup>E Labão respondeu: “Não é costume em nosso lugar dar a filha mais nova antes da mais velha. <sup>27</sup>Termina esta semana de festa e depois te será dada também a outra pelo serviço que me prestarás durante outros sete anos”. <sup>28</sup>Assim o fez Jacó. Completada a semana, Labão deu-lhe por mulher sua filha Raquel, <sup>29</sup>e com ela a escrava Bala para servi-la como criada. <sup>30</sup>Jacó se uniu também a Raquel e amou Raquel mais do que Lia. Por ela serviu mais sete anos.

**Deus dá filhos a Jacó** – <sup>31</sup>Quando o Senhor viu que Lia era desprezada, tornou-a fecunda, ao passo que Raquel permaneceu estéril. <sup>32</sup>Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben, pois dizia: “Agora que o Senhor olhou para minha aflição, meu marido me amará”. <sup>33</sup>Concebeu de novo e deu à luz outro filho, dizendo: “O Senhor ouviu que eu era desprezada e deu-me mais este”. E deu-lhe o nome de Simeão. <sup>34</sup>Concebeu outra vez e deu à luz um filho e disse: “Desta vez meu marido se apegará a mim, pois lhe dei três filhos”. Por isso o chamou Levi. <sup>35</sup>Concebeu novamente e deu à luz um filho, dizendo: “Agora sim posso louvar o Senhor”. Por isso o chamou Judá. E parou de ter filhos.

**29, 16: “duas filhas”** – Lia, a primogênita menos atraente (29, 26), e Raquel, a mais nova e bonita (29, 17). Em hebraico, Lia significa “vaca selvagem” e Raquel significa “cordeirinha”. Destinadas a se casar com o mesmo homem, as irmãs são forçadas a competir pelo tempo e atenção de Jacó. Mais tarde a lei proibiu um israelita de se casar com irmãs (Lv 18, 18).

**29, 17: “bonita”** – Como as outras matriarcas no Gênesis, Sara (12, 11) e Rebeca (24, 16).

**29, 25: “me enganaste”** – As noivas eram costumeiramente veladas até a noite de núpcias (24, 65). Isso, combinado com a escuridão da sua tenda, explica por que Jacó ficou cego para as intrigas de seu tio até a manhã seguinte. Percebe-se que Jacó está a



**30**<sup>1</sup>Vendo que não conseguia dar filhos a Jacó, Raquel ficou com ciúmes da irmã e disse a Jacó: “Dá-me filhos, senão eu morro!”<sup>2</sup>Jacó irritou-se com Raquel e lhe disse: “Por acaso estou no lugar de Deus que te fez estéril?”<sup>3</sup>Ela respondeu: “Aí tens minha escrava Bala. Une-te a ela para dar à luz sobre os meus joelhos. Assim terei filhos também eu por meio dela”.<sup>4</sup>Deu-lhe, pois, a escrava por mulher e Jacó se uniu a ela.<sup>5</sup>Bala concebeu e deu a Jacó um filho.<sup>6</sup>Raquel disse: “Deus me fez justiça, atendeu meu pedido e deu-me um filho”. Por isso, chamou-o Dã.<sup>7</sup>Bala, escrava de Raquel, concebeu outra vez e deu um segundo filho a Jacó.<sup>8</sup>E Raquel disse: “Batalhas sobre-humanas travei com minha irmã e a venci”. Por isso o chamou Neftali.<sup>9</sup>Percebendo que tinha parado de ter filhos, Lia tomou a escrava Zelfa e a deu a Jacó por mulher.<sup>10</sup>Zelfa, escrava de Lia, deu a Jacó um filho.<sup>11</sup>E Lia disse: “Que sorte!” e chamou-o Gad.<sup>12</sup>Zelfa, escrava de Lia, deu um segundo filho a Jacó.<sup>13</sup>Lia disse: “Para felicidade minha, pois as mulheres me felicitarão”; e chamou-o Aser.<sup>14</sup>Certo dia, na época da colheita do trigo, Rúben saiu e achou no campo umas mandrágoras. Ele as trouxe para Lia, sua mãe. Raquel disse a Lia: “Dá-me por favor algumas mandrágoras de teu filho”.<sup>15</sup>Lia respondeu: “Ainda te parece pouco tirar-me o marido, para quereses tirar-me também as mandrágoras que meu filho me deu?” – “Pois bem”, disse Raquel, “que Jacó durma esta noite contigo em troca das mandrágoras de teu filho”.<sup>16</sup>Quando Jacó voltou do campo pela tarde, Lia saiu-lhe ao encontro e disse: “Dorme comigo, pois comprei este direito em troca de algumas mandrágoras de meu filho”. E Jacó dormiu aquela noite com ela.<sup>17</sup>Deus atendeu Lia, que concebeu e deu a Jacó o quinto filho.<sup>18</sup>Lia disse: “Deus me recompensou por ter dado minha escrava a meu marido”. E deu ao filho o nome de Issacar.<sup>19</sup>Lia concebeu de novo e deu a Jacó o sexto filho<sup>20</sup>e disse: “Deus me fez um belo presente. Agora meu marido me honrará, pois dei-lhe seis filhos”. E chamou-o Zabulon.<sup>21</sup>Depois deu à luz uma filha, que ela chamou Dina.<sup>22</sup>Então Deus se lembrou de Raquel. Deus a atendeu, tornando-a fecunda.<sup>23</sup>Ela concebeu e deu à luz um filho e disse: “Deus retirou a minha desonra”.<sup>24</sup>Ela lhe deu o nome de José, pois disse: “Que o Senhor me dê mais um filho”.

## COMENTÁRIOS

**30, 2: “no lugar de Deus”** – A bênção da fecundidade depende inteiramente do Senhor, que é capaz de dar ou recusar de acordo com o seu propósito (1, 28; 25, 21; 30, 22; CIC 2374).

**30, 3: “sobre os meus joelhos”** – Alude a um antigo rito de adoção onde um recém-nascido é colocado no colo da mãe adotiva logo após o parto. Para o costume do Orien-

te Próximo da maternidade de aluguel, ver comentário sobre 16, 1-6.

**30, 14: “mandrágoras”** – raízes de ervas que se acreditava aumentar a fertilidade. Os antigos conheciam-nas como um afrodisíaco natural. Ironicamente, Lia negocia suas mandrágoras em troca de uma noite com Jacó, para depois conceber seu quinto filho sem elas (30, 17).

**Jacó prospera** –<sup>25</sup>Quando Raquel deu à luz José, Jacó disse a Labão: “Deixa-me ir para meu lugar, para minha terra.<sup>26</sup>Dá-me as mulheres, pelas quais te servi, e os meus filhos, pois vou partir. Bem sabes o quanto trabalhei para ti”.<sup>27</sup>Labão respondeu: “Sem dúvida fui favorecido com a tua presença: fiquei sabendo, por adivinhação, que o Senhor me abençoou por causa de ti.<sup>28</sup>Fixa o teu salário, e eu te pagarei”.<sup>29</sup>Jacó respondeu: “Sabes muito bem como te servi e como os rebanhos se desenvolveram sob os meus cuidados.<sup>30</sup>Era pouco o que possuías antes de minha chegada. Mas tudo aumentou consideravelmente, e o Senhor te abençoou por minha causa. Agora já é tempo de eu fazer algo também para minha família”.<sup>31</sup>Labão lhe disse: “Dize-me o que te devo dar”. “Não tens de me dar nada – respondeu Jacó – senão fazer o que vou dizer-te. Voltarei a apascentar e guardar teu rebanho.”<sup>32</sup>Hoje vou passar por toda a criação e separar todo

animal escuro entre os cordeiros e todo animal malhado ou listrado entre as cabras. Eles serão meu salário. <sup>33</sup>A minha honestidade ficará comprovada quando chegar o dia de receber o salário: todo animal meu que não for malhado ou listrado entre as cabras, ou escuro entre os cordeiros, seja considerado roubo”. <sup>34</sup>E Labão respondeu: “Pois bem, seja como dizes”. <sup>35</sup>Naquele mesmo dia Labão separou todos os bodes com malhas ou listras, todas as cabras malhadas ou com manchas brancas e os cordeiros de tonalidade escura e os entregou a seus filhos. <sup>36</sup>Colocou-os à distância de uns três dias de onde estava Jacó, o qual continuou a apascentar o resto do rebanho de Labão. <sup>37</sup>Jacó colheu varas verdes de álamo, de amendoeira e de plátano. Fez nelas algumas incisões e as descascou, deixando o branco das varas a descoberto. <sup>38</sup>Colocou depois as varas assim descascadas nos bebedouros, no lugar onde os animais iam beber e onde se acasalavam. <sup>39</sup>Assim, as fêmeas que eram cobertas diante das varas davam crias listradas, raiadas ou malhadas. <sup>40</sup>Jacó separava então esses cordeiros e dirigia as ovelhas para o que havia de listrado e escuro no rebanho de Labão. Assim constituiu um rebanho separado, que ele não deixava misturar-se com as ovelhas de Labão. <sup>41</sup>E sempre que as fêmeas vigorosas entravam em cio, Jacó punha as varas à vista, nos bebedouros, para que se acasalassem diante das varas. <sup>42</sup>Diante das fracas, porém, não as punha, e assim as crias fracas eram de Labão e as fortes de Jacó. <sup>43</sup>Deste modo Jacó tornou-se muito rico, dono de numerosos rebanhos, de escravos e escravas, de camelos e jumentos.

**30, 25-43:** Depois de anos de serviço leal, Jacó está pronto para se mudar com sua família de volta a Canaã, mas Labão, um oportunista dissimulado, tenta manipulá-lo para ficar. A história se desenrola como um jogo de inteligência entre os dois homens, com Jacó superando Labão em esperteza e ganhando vantagem.

**30, 27: “adivinhação”** – A arte ocultista de prever eventos futuros. A Escritura condena esta superstição como diabólica (Dt 18, 10).

**30, 32: “escuro [...] malhado [...] listrado”** – Colorações anormais. Ovelhas são geralmente brancas por inteiro e cabras são todas pretas ou marrons escuras.

**30, 37-43:** Pastores antigos acreditavam que os estímulos visuais podiam afetar a prole de animais reprodutores. Jacó recorre a esta medida com grande sucesso: ele fez com que as cabras olhassem para as varas descascadas enquanto acasalavam e as ovelhas olhassem para os cabritos de cor escura enquanto acasalavam.

**30, 43: “muito rico”** – Jacó se encontra enriquecido muito além das disposições básicas de alimentos e roupas que ele pediu ao Senhor (28, 20-21).

NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**31** **Jacó foge com sua família e rebanhos** – <sup>1</sup>Jacó ouviu os filhos de Labão dizerem: “Jacó tomou tudo o que era de nosso pai e com isso construiu toda esta riqueza”. <sup>2</sup>Notou também pelo rosto de Labão que este já não o tratava com os mesmos sentimentos de antes. <sup>3</sup>E o Senhor disse a Jacó: “Volta para a terra de teu pai, para tua terra natal, que eu estarei contigo”. <sup>4</sup>Então Jacó mandou chamar Raquel e Lia para que fossem ao campo onde estava com o rebanho <sup>5</sup>e disse: “Eu noto no semblante de vosso pai que ele já não me trata com os mesmos sentimentos de antes. Mas o Deus de meu pai está comigo. <sup>6</sup>Vós mesmas sabeis que servi vosso pai com todas as minhas forças <sup>7</sup>e que ele me explorou, mudando dez vezes meu salário. Mas Deus não permitiu que ele me prejudicasse. <sup>8</sup>Quando ele dizia: ‘Teu salário serão os animais malhados’, todos os animais davam à luz malhados; e quando dizia: ‘Os animais listrados serão teu salário’, todas as ovelhas davam à luz listrados. <sup>9</sup>Deus tirou assim o rebanho de vosso pai e o deu a mim. <sup>10</sup>Pois no tempo em que as ovelhas estão em cio, vi em sonhos que os carneiros, que cobriam as ovelhas, eram listrados, malhados ou pintados. <sup>11</sup>E o anjo de Deus me chamou no sonho: ‘Jacó!’ E eu lhe respondi: ‘Eis-me aqui’. <sup>12</sup>E ele disse: Levanta os olhos e vê: todos os carneiros que cobrem as ovelhas são listrados, malhados ou pintados, porque vi tudo o que Labão está fazendo contigo. <sup>13</sup>Eu sou o Deus que te apareceu em Betel, onde ungiste a coluna sagrada e me fizeste o voto. Levanta-te, sai desta terra e volta para tua terra natal”. <sup>14</sup>Raquel e Lia responderam: “Não temos direito a um dote ou herança na casa de nosso pai? <sup>15</sup>Acaso não nos trata como estrangeiras? Ele vendeu-nos e devorou o nosso dinheiro! <sup>16</sup>Não há dúvida, toda a riqueza que Deus tirou de nosso pai pertence a nós e a nossos filhos. Faze já o que Deus te mandou”. <sup>17</sup>Jacó levantou-se e fez montar as mulheres e os filhos nos camelos. <sup>18</sup>Foi levando consigo todo o gado e tudo o que havia adquirido em Padá-Aram, rumo à casa de seu pai Isaac, para a terra de Canaã. <sup>19</sup>Como Labão tinha ido à tosquia das ovelhas, Raquel roubou as estatuetas dos ídolos de seu pai. <sup>20</sup>Assim Jacó iludiu Labão, o arameu, fugindo sem que ele o soubesse. <sup>21</sup>Fugiu levando tudo o que tinha, atravessou o rio Eufrates e dirigiu-se ao monte Galaad.

## COMENTÁRIOS

**31, 1-16:** Com base na narrativa anterior, que enfatiza o elemento humano da esperteza de Jacó (30, 25- 43), a história é recontada para salientar o elemento divino, afirmando que Deus é o responsável final pela proteção e prosperidade de Jacó durante seus anos em Padá-Aram (Gn 31, 5. 7. 9).

**31, 19: “ídolos”** – Estatuetas de culto,

ou “terafins”, usados para a adivinhação (Ez 21, 21; Zc 10, 2). Que Raquel os contrabandeia pode sugerir uma inclinação para a religião pagã. Se assim for, ela será forçada a renunciar a seus caminhos idólatras quando a caravana chega a Betel (35, 1-4).

**31, 21: “Galaad”** – As montanhas a leste do rio Jordão.

**Labão alcança Jacó** – <sup>22</sup>Três dias depois informaram a Labão que Jacó tinha fugido. <sup>23</sup>Levou, então, consigo sua gente e o perseguiu durante sete dias até alcançá-lo no monte Galaad. <sup>24</sup>De noite Deus apareceu em sonho a Labão, o arameu, e lhe disse: “Cuida-te de não fazer qualquer ameaça a Jacó”. <sup>25</sup>Quando Labão alcançou Jacó, este havia armado sua tenda no monte, e Labão fez o mesmo com sua gente no monte Galaad. <sup>26</sup>Labão disse a Jacó: “Que foi que fizeste? Enganaste-me e levaste contigo minhas filhas, como se fossem prisioneiras de guerra! <sup>27</sup>Por que fugiste secretamente e me enganaste, em vez de me avisares para te fazer uma despedida com festa, cantos,

tímpanos e cítaras? <sup>28</sup>Nem sequer me deixaste beijar minhas filhas e meus netos. Agiste estupidamente. <sup>29</sup>Teria poder para vos fazer mal, mas o Deus de teu pai falou-me, na noite passada, dizendo: ‘Cuida-te de não fazer qualquer ameaça a Jacó’. <sup>30</sup>E se foi por sentires saudade da casa de teu pai que decidiste ir embora, por que então roubaste meus deuses?’ <sup>31</sup>Jacó respondeu a Labão: “Eu receava que talvez me tirasses tuas filhas. <sup>32</sup>Ora, quanto aos deuses, morra aquele com quem os encontrares. Na presença de nossa gente, busca tudo o que seja teu e leva-o”. Jacó não sabia que Raquel os tinha roubado. <sup>33</sup>Labão entrou para examinar as tendas de Jacó, de Lia e das duas servas, mas não achou nada. Enquanto saía da tenda de Lia e entrava na de Raquel, <sup>34</sup>Raquel pegou os ídolos, escondeu-os nos arreios do camelo e sentou-se em cima. Labão revirou toda a tenda, sem achar nada. <sup>35</sup>Raquel disse ao pai: “Não te irrites, meu Senhor, por não poder levantar-me em tua presença, uma vez que estou menstruada”. Assim, por mais que procurasse em toda parte, Labão não pôde achar os ídolos. <sup>36</sup>Jacó irritou-se e discutiu com Labão, dizendo-lhe: “Qual é o meu crime? Que pecado cometi, para assim me perseguires? <sup>37</sup>Depois de revirares todas as minhas coisas, que achaste de teu? Apresenta-o aqui diante de minha gente e da tua, para que eles julguem entre nós dois. <sup>38</sup>Nesses vinte anos que passei em tua casa, tuas ovelhas e tuas cabras não abortaram, nem comi os cordeiros de teus rebanhos. <sup>39</sup>Nem te apresentava os animais estroçalhados: a perda corria por minha conta. Reclamavas de mim o que me roubavam de dia e o que me roubavam de noite. <sup>40</sup>De dia me consumia o calor, de noite, o frio, e o sono me fugia dos olhos. <sup>41</sup>Assim passei vinte anos em tua casa. Catorze anos te servi por tuas filhas, seis por teu gado, e dez vezes mudaste o salário. <sup>42</sup>Se o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Deus Terrível de Isaac, não estivesse comigo, agora me terias despachado de mãos vazias. Deus viu a minha aflição, o trabalho de minhas mãos, e deu a sentença na noite passada”.

**31, 24: “qualquer ameaça a Jacó”** – O Senhor adverte Labão contra um confronto hostil com sua família que fugia. Jacó assume que esta é uma “sentença” (31, 42).

**31, 27: “festa, cantos”** – É duvidoso que Labão teria celebrado a partida de Jacó de forma tão grande. Ele vem lutando contra a perspectiva de Jacó partir (30, 25-36).

**31, 31: “Eu receava”** – Não responde a

acusação de roubo (31, 30), mas afirma a razão pela qual ele fugiu em segredo (31, 27). Jacó ainda não sabe que os ídolos foram roubados; caso contrário, ele não teria prometido a morte do culpado (31, 32), pondo em perigo a sua amada Raquel (31, 19).

**31, 35: “menstruada”** – Raquel finge estar “impura” pela menstruação e assim se desculpa por estar sentada no camelo (cf. Lv 15, 19-20).

**31, 39: “animais estraçalhados”** – No antigo Oriente Próximo, o pastor era obrigado a fazer a restituição de um animal roubado, mas era geralmente isento desta obrigação caso o animal fosse espancado até a morte por um predador e seus restos mortais pudessem ser mostrados para o proprietário.

Jacó foi além do dever, compensando tais perdas de qualquer maneira. Este fundo legal é evidente nos textos bíblico (Ex 22, 12-13) e textos babilônicos (*Código de Hamurabi* 266).

**31, 42: “Terrível de Isaac”** – Um título para o Senhor, Deus dos Patriarcas (31, 53).

**Labão e Jacó fazem uma aliança** – <sup>43</sup>Labão respondeu e disse a Jacó: “Estas filhas são minhas, estas crianças são meus filhos, estes rebanhos são meus rebanhos e tudo quanto vês é meu. Que poderia eu fazer hoje por estas minhas filhas e pelos filhos que elas deram à luz? <sup>44</sup>Vamos, portanto, fazer uma aliança nós dois para que sirva de garantia entre mim e ti”. <sup>45</sup>Tomou Jacó então uma pedra e a ergueu como coluna sagrada. <sup>46</sup>Depois deu ordem à sua gente para apanhar pedras e reuni-las num monte, junto ao qual comeram. <sup>47</sup>Labão lhe deu o nome de Jegar Saaduta, Monte do Testemunho, ao passo que Jacó o chamou de Galed. <sup>48</sup>Labão disse: “Hoje este monte é um testemunho entre mim e ti”. Por isso chamaram-no Galed, <sup>49</sup>e também Masfa, Espreita, pois tinha dito: “O Senhor vigie a nós dois quando nos separarmos um do outro. <sup>50</sup>Se maltratares minhas filhas ou tomares outras mulheres além delas, mesmo que não haja ninguém que presencie nossa conversa, Deus será testemunha entre nós”. <sup>51</sup>E Labão disse ainda a Jacó: “Veja este monte e esta coluna sagrada que levantei entre mim e ti. <sup>52</sup>Este monte e esta coluna sagrada são testemunhas de que não os ultrapassarei com intenção hostil, nem tu os ultrapassarás para me fazeres mal. <sup>53</sup>O Deus de Abraão e o Deus de Nacor julguem entre nós”. Jacó jurou pelo Deus Terrível de Isaac, seu pai. <sup>54</sup>Depois ofereceu sacrifícios no monte e convidou sua gente para comer. Comeram e passaram a noite no monte. <sup>55</sup>Labão levantou-se cedo, beijou os netos e as filhas e os abençoou. Depois foi embora, de volta para seu lugar.

**31, 43-55:** Jacó e Labão selam um pacto ao invocar testemunhas (31, 48-50), fazer juramentos (31, 53) e compartilhar uma refeição (31, 54). Na presença de Deus, eles se comprometem a viver como aliados em vez de inimigos. Alianças desse tipo foram feitas para estabelecer laços de parentesco legal ou fortalecer os laços de parentesco biológico. Para exemplos semelhantes de uma aliança de paz no Gênesis, ver 21, 22-34 e 26, 26-33.

**31, 47: “Jegar-Saaduta [...] Galed”** –

Ambas as expressões significam “um monte de testemunhas”, a primeira em aramaico e a segunda em hebraico. Essa tradição bilingüe espelha a distinção genealógica entre Labão, o arameu (31, 20), e Jacó, o neto de “Abraão, o hebreu” (14, 13).

**31, 49: “Masfa”** – O hebraico *mitspah* se assemelha ao ditado “O Senhor assiste” (*yitsep YHWH*). Era um antigo assentamento em Galaad (Jz 10, 17), presumivelmente onde a aliança entre Jacó e Labão foi ratificada (31, 25).

# 32

<sup>1</sup>Jacó prosseguiu a viagem e encontrou-se com alguns anjos de Deus. <sup>2</sup>Ao vê-los, Jacó disse: “Este é o acampamento de Deus”. Por isso deu ao lugar o nome de Maanaim.

## COMENTÁRIOS

**32, 1: “alguns anjos de Deus”** – Uma aparição de anjos cumprimenta Jacó em seu retorno para casa, assim como uma aparição de anjos expulsou-o há vinte anos (28, 10-17).

**32, 2: “acampamento de Deus”** – Ou “o exército de Deus”.

**“Maanaim”:** O hebraico significa “dois campos”, referindo-se tanto a dois campos de anjos ou um acampamento de Jacó (32, 21) e outro angélico. Havia um antigo assentamento com este nome em Galaad, a leste do Jordão (Js 21, 38).

**Jacó envia presentes para apaziguar Esaú** – <sup>3</sup>Jacó mandou adiante de si mensageiros a Esaú, seu irmão, na terra de Seir, nos campos de Edom. <sup>4</sup>Deu lhes estas instruções: “Assim direis a meu senhor Esaú: Assim fala teu servo Jacó: ‘Estive com Labão e morei com ele até agora. <sup>5</sup>Tenho bois, jumentos, ovelhas, escravos e escravas. Quero dar a notícia a meu senhor, para alcançar seu favor’”. <sup>6</sup>Os mensageiros voltaram e disseram a Jacó: “Estivemos com teu irmão Esaú, e ele vem ao teu encontro com quatrocentos homens”. <sup>7</sup>Jacó ficou com muito medo e angustiado; dividiu em dois acampamentos sua gente, as ovelhas, o gado e os camelos. <sup>8</sup>Ele pensou assim: “Se Esaú atacar um acampamento e o destroçar, talvez o outro fique a salvo”. <sup>9</sup>E Jacó orou: “Deus de meu pai Abraão, Deus de meu pai Isaac, Senhor que me disseste: ‘Volta para tua terra natal e serei bom para contigo’. <sup>10</sup>Não mereço tantos favores e toda essa fidelidade com que trataste teu servo. De fato passei este rio Jordão trazendo apenas o bastão e volto agora com dois acampamentos. <sup>11</sup>Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, pois tenho medo que ele venha a exterminar-me, as mães com os filhos. <sup>12</sup>Foste tu que me garantiste: ‘Eu serei bom para contigo e tornarei a tua descendência como as areias do mar, tão numerosas que não se podem contar’”. <sup>13</sup>Jacó passou ali a noite. Depois escolheu, do que tinha, presentes para o irmão Esaú: <sup>14</sup>duzentas cabras e vinte bodes; duzentas ovelhas e vinte carneiros; <sup>15</sup>trinta camelas com as crias; quarenta vacas e dez touros; vinte jumentas e dez jumentos. <sup>16</sup>Confiou cada rebanho a um servo separadamente e lhes disse: “Ide à minha frente, deixando um espaço entre os rebanhos”. <sup>17</sup>Ao primeiro deu esta ordem: “Se meu irmão Esaú te encontrar e te perguntar: ‘De quem és, aonde vais e de quem é o que levas aí?’, <sup>18</sup>tu lhe responderás: ‘De teu servo Jacó: é um presente que ele envia a meu Senhor Esaú; ele vem também atrás de nós’”. <sup>19</sup>A mesma ordem deu ao segundo, ao terceiro e a todos quantos levavam o gado, dizendo-lhes: “Assim deveis falar a Esaú quando o encontrardes. <sup>20</sup>E direis: ‘Olha, teu servo Jacó vem atrás de nós’”. Pois Jacó dizia consigo: “Vou aplacá-lo com os presentes que me precedem e depois o verei pessoalmente. Talvez assim ele me receba bem”. <sup>21</sup>Os presentes passaram adiante e ele ficou ali naquela noite no acampamento.

**32, 3: “terra de Seir”** – A região montanhosa ao sul do Mar Morto. Esta é a terra natal de Esaú e seus descendentes, os edomitas (36, 8).

**32, 4: “meu senhor [...] teu servo”** – Es-

tes títulos, utilizados várias vezes na seguinte narrativa (32, 18. 20; 33, 5. 8. 13. 15), implicam que Jacó está cedendo a sua autoridade a seu irmão mais velho enraivecido. Na verdade, isso inverte a relação fraterna estabelecida

na bênção de Isaac, que fez Jacó o “senhor” sobre Esaú (27, 29, 37) e aquele a quem Esaú deve “servir” (27, 40). Juntamente com outros fatores, essa estratégia ajuda a pavimentar o caminho para a acolhida inesperadamente afetuosa de Esaú a Jacó em 33, 4.

**32, 6: “quatrocentos homens”** – Para o Jacó medroso, que se separou do seu irmão de forma amarga, isso soa como um exército que se aproximava.

**32, 9-12:** Jacó apela ao Senhor e implora pela libertação de Esaú. No contexto mais amplo do Gênesis, é evidente que Jacó volta para casa um homem mais humilde e piedoso do que quando ele saiu.

**32, 13: “presentes”** – Um presente de mais de quinhentos e cinqüenta animais é extraordinariamente extravagante (32, 14-15). É calculado para “apaziguar” um Esaú amargurado (32, 20).

**Jacó luta em Peniel** – <sup>22</sup>Levantou-se, ainda de noite, tomou suas duas mulheres, as duas escravas e os onze filhos e passou o vau do Jaboc. <sup>23</sup>Jacó ajudou todos a passar a torrente e fez atravessar tudo o que tinha. <sup>24</sup>Quando depois ficou sozinho, um homem se pôs a lutar com ele até o raiar da aurora. <sup>25</sup>Vendo que não podia vencê-lo, atingiu a coxa de Jacó, de modo que o tendão se deslocou enquanto lutava com ele. <sup>26</sup>O homem disse a Jacó: “Larga-me, pois já surge a aurora”. Mas Jacó respondeu: “Não te largarei, se não me abençoares”. <sup>27</sup>E o homem lhe perguntou: “Qual é o teu nome?” – “Jacó”, respondeu. <sup>28</sup>E ele lhe disse: “Doravante não te chamarás Jacó, mas Israel, porque lutaste com Deus e com homens, e venceste”. <sup>29</sup>E Jacó lhe pediu: “Dize-me, por favor, teu nome”. Mas ele respondeu: “Para que perguntas por meu nome?” E ali mesmo o abençoou. <sup>30</sup>Jacó deu àquele lugar o nome de Fanuel, pois disse: “Vi Deus face a face e minha vida foi poupada”. <sup>31</sup>O sol surgia quando ele atravessava Fanuel; e ia mancando por causa da coxa. <sup>32</sup>Por isso os israelitas não comem até hoje o nervo da articulação da coxa, pois Jacó foi ferido nesse nervo.



**32, 22-32:** Uma luta misteriosa entre Jacó e um anjo sem nome (Os 12, 4). Após uma noite combatendo seu oponente, Jacó é renomeado “Israel” e sai mancando da cena com uma bênção e um quadril machucado.

• *Alegoricamente*,<sup>45</sup> o anjo é um tipo de Cristo, e sua derrota aponta para a Paixão de Cristo, que permitiu que seu próprio povo prevalecesse sobre ele. E assim como o Jacó vitorioso foi abençoado e ferido ao mesmo tempo, assim acontece com o povo de Israel: alguns são abençoados por crer em Cristo, enquanto outros são aleijados na incredulidade. *Moralmente*,<sup>46</sup> lutar com Deus é lutar pela virtude (CIC 2573).

**32, 22: “Jaboc”** – Um afluente que deságua no Jordão a partir do leste.

**32, 30: “face a face”** – Deus é visto não diretamente mas refletido no rosto do anjo (por exemplo, Jz 13, 21-22). Uma visão direta ou não-mediada de Deus não é concedida nesta vida, mas é uma bênção reservada para o Céu (1Cor 13, 12). Ver comentário sobre 16, 13 e Estudo da Palavra: O Anjo do Senhor, em 16, 7.

**“Fanuel”:** uma forma alternativa de “Peniel”, que significa “face de Deus” (32, 31). Era um antigo assentamento em Galaad, a leste do Jordão (Jz 8, 8).

**32, 32: “os israelitas não comem”** – Uma restrição alimentar mencionada somente aqui no Antigo Testamento.

45 Cf. Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, 16, 39.

46 Cf. Santo Ambrósio, *Sobre Jacó e a vida abençoada*, 7, 30.

### MAPA: JACÓ RETORNA À CANAÃ



### ESTUDO DA PALAVRA: ISRAEL (32, 28)

*Yisra'el* (hebraico): Traduz “Israel” e consiste em um jogo de palavras com o verbo *sarah* (lutar, contender) juntamente com o substantivo *‘el* (“Deus”). Apesar de nomes compostos como este serem comuns em hebraico e línguas semíticas, é incomum para o sufixo do nome divino representar o objeto ao invés do sujeito do elemento verbal. Mas nas Escrituras interpretam o nome Israel como “aquele que luta com Deus” e não o esperado “Deus luta” (Os 12, 3). Este é o novo nome dado a Jacó depois de lutar com o anjo de Deus (Gn 32, 28; 35, 10) e o nome nacional dado às doze tribos descendentes de Jacó (Gn 47, 27; Dt 1, 1). Na história bíblica posterior, o nome de Israel também pode significar o Reino do Norte, que se separou do Reino do Sul de Judá no século X a.C. (1Rs 12, 20; Am 1, 1).

**33** **Jacó encontra Esaú** – <sup>1</sup>Jacó ergueu os olhos e viu Esaú que vinha com quatrocentos homens. Então repartiu os filhos entre Lia, Raquel e as duas escravas, <sup>2</sup>pondo na frente estas duas com os filhos, depois Lia com os seus e por último Raquel com José. <sup>3</sup>Ele mesmo se pôs na frente de todos e se prostrou sete vezes em terra antes de se aproximar do irmão. <sup>4</sup>Esaú correu ao seu encontro, abraçou-o, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E ambos puseram-se a chorar. <sup>5</sup>Depois, levantando os olhos, Esaú viu as mulheres e as crianças; e perguntou: “Quem são estes que trazes contigo?” Jacó respondeu: “São os filhos com que Deus presenteou teu servo”. <sup>6</sup>Aproximaram-se as escravas com os filhos e se prostraram. <sup>7</sup>Aproximou-se também Lia com os seus e se prostraram. Depois acercaram-se José e Raquel e se prostraram. <sup>8</sup>Esaú lhe perguntou: “O que pretendes com todos esses rebanhos que vim encontrando?” Ele disse: “Conseguir o favor de meu senhor”. <sup>9</sup>Esaú respondeu: “Já tenho bastante, meu irmão. Fica com o que é teu”. <sup>10</sup>“Oh, não!”, respondeu Jacó. “Se alcancei teu favor, então aceita de minha mão o presente, pois vim à tua presença como se vem à presença de Deus, e tu me acolheste favoravelmente. <sup>11</sup>Aceita o presente que te mandei levar, pois Deus me ajudou, e não me falta nada”. Tanto insistiu que Esaú aceitou. <sup>12</sup>Este lhe disse: “Vamos andando. Eu te farei escolta”. <sup>13</sup>Mas Jacó lhe respondeu: “O meu senhor sabe muito bem que há aqui crianças franzinas e que trago ovelhas e vacas com crias. Bastaria um dia de marcha forçada e todo o rebanho morreria. <sup>14</sup>Passa meu Senhor na frente de seu servo, e eu seguirei lentamente, ao passo dos rebanhos que vão na frente e ao passo das crianças, até alcançar meu senhor em Seir”. <sup>15</sup>Esaú disse: “Deixarei contigo uma parte da gente que trago”. Mas Jacó respondeu: “E para quê, se alcancei o favor de meu senhor?” <sup>16</sup>Assim Esaú voltou a Seir por seu caminho naquele mesmo dia. <sup>17</sup>Jacó partiu para Sucot e ali fez para si uma casa e abrigos para o rebanho. Por isso chamou-se aquele lugar Sucot, as Tendas.

## COMENTÁRIOS

**33, 1-14:** A reunião fatídica de Jacó e Esaú, após vinte anos de separação. O encontro é inesperadamente afetuoso, dadas as intenções assassinas de Esaú anos antes (27, 41). A partir de agora, no Gênesis os irmãos vivem distantes, mas reconciliados (35, 29).

**33, 2: “por último Raquel com José”** – A esposa e o filho favoritos de Jacó recebem uma posição mais protegida na caravana.

**33, 3: “se prostrou”** – Como vassalos diante de um rei, Jacó e sua família se prostram diante de Esaú (33, 6-7) e o cumulam de presentes (33, 11). Para o significado disso, ver comentário sobre 32, 4.

**33, 8: “todos esses rebanhos”** – Refere-se não às esposas e filhos de Jacó (33, 5-7), mas ao presente dos bandos e manadas en-

viados à frente para ganhar o bom favor de Esaú (32, 13-21).

**33, 10: “como se vem à presença de Deus”** – Recorda o episódio anterior em Fanel, onde Jacó ficou surpreso ao ver a face de Deus e viver para contar a história (32, 30). Aqui, também, ele está aliviado ao ver o rosto de Esaú novamente e sair ileso.

**33, 14: “até alcançar”** – Parece ser uma mudança de direção, uma vez que Jacó não continua em direção ao sul para Seir, mas imediatamente vira para oeste para Canaã.

**33, 17: “Sucot”** – Na margem do rio Jaboque onde flui para o Jordão (Js 13, 27). O assentamento é nomeado segundo os “abrigos” (hebraico: *Sucot*) que Jacó criou para abrigar o seu gado.

**Jacó vai a Siquém** – <sup>18</sup>De volta de Padá-Aram, Jacó chegou são e salvo à cidade de Siquém, na terra de Canaã, e acampou em frente à cidade. <sup>19</sup>Por cem moedas de prata ele comprou aos filhos de Hemor, pai de Siquém, o terreno onde armou as tendas. <sup>20</sup>Levantou ali um altar que chamou “El, Deus de Israel”.

**33, 18: “Siquém”** – Uma cidade no centro da Palestina cerca de quinze quilômetros a oeste do Jordão. Recebe o nome de um dos filhos de Hamor, um chefe local, proprietário de terras, e porta-voz da cidade. Observe que Jacó está refazendo os passos de Abraão em seu retorno a Canaã da Mesopotâmia: ambos fizeram sua primeira parada em Siquém, onde construíram um altar (12, 5-7; 33, 20), e, em seguida, ambos se viraram para o sul para Betel, onde construíram um outro altar (12, 8; 35, 1. 6-7).

**33, 19: “o terreno”** – O conseqüente local de enterro do patriarca José (Js 24, 32). Para a versão Samaritana dessa tradição, ver comentário sobre 23, 9.

NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



**34** **Siquém corrompe Dina** – <sup>1</sup>Dina, a filha que Lia deu a Jacó, saiu um dia para visitar as moças daquela terra. <sup>2</sup>Siquém, filho de Hemor, o heveu, chefe daquela terra, viu-a, agarrou-a e deitou-se com ela, violentando-a. <sup>3</sup>Sentiu-se então apaixonado por Dina, a filha de Jacó, e, enamorado como estava, falou-lhe de modo amigo. <sup>4</sup>Siquém disse a seu pai Hemor: “Dá-me essa jovem em casamento”. <sup>5</sup>Jacó soube que Siquém tinha desonrado sua filha Dina. Mas, como seus filhos estavam no campo com o rebanho, calou-se até à volta deles. <sup>6</sup>Hemor, pai de Siquém, veio falar com Jacó. <sup>7</sup>Ao voltarem do campo, os filhos de Jacó ouviram a notícia e encheram-se de indignação e furor, pois Siquém havia cometido uma infâmia em Israel por ter dormido com a filha de Jacó, coisa que não se devia fazer. <sup>8</sup>Hemor lhes falou, dizendo: “Meu filho Siquém está apaixonado por vossa filha. Peço-vos que lhe seja dada em casamento. <sup>9</sup>Assim nos tornaremos parentes; poderéis dar-nos vossas filhas e tomar para vós as nossas <sup>10</sup>e habitar conosco. A terra estará à vossa disposição: habitai-a, percorrei-a e adquiri nela propriedades”. <sup>11</sup>Siquém disse ao pai e aos irmãos de Dina: “Encontre eu favor a vossos olhos, e vos darei o que me pedirdes. <sup>12</sup>Podeis aumentar o dote e as dádivas que devo dar. Tudo o que me pedirdes vo-lo darei, mas dai-me a moça em casamento”. <sup>13</sup>Ora, por causa do estupro de sua irmã Dina, os filhos de Jacó deram a Siquém e a seu pai Hemor uma resposta enganosa; <sup>14</sup>disseram-lhes: “Não podemos fazer uma coisa dessas, dar nossa irmã a um incircunciso. Seria para nós uma afronta. <sup>15</sup>Daremos nosso consentimento só com a condição de que vos torneis como nós, circuncidando todos os vossos homens. <sup>16</sup>Então poderemos dar nossas filhas e tomar as vossas, habitar juntos e formar um só povo. <sup>17</sup>Mas se não consentirdes em vos circuncidar, levaremos nossa filha conosco”. <sup>18</sup>Estas palavras agradaram a Hemor e a Siquém filho de Hemor. <sup>19</sup>O jovem não tardou em cumprir a exigência, tão enamorado estava da filha de Jacó, e por ser o mais respeitado da família do pai. <sup>20</sup>Hemor e Siquém foram até às portas da cidade e falaram com os concidadãos: <sup>21</sup>“Essa gente está em paz conosco. Que se estabeleçam no país e o percorram livremente. Sem dúvida a terra é bastante espaçosa. Tomaremos as suas filhas para mulheres e lhes daremos as nossas. <sup>22</sup>Mas eles só consentem em morar conosco e formar um só povo sob a condição de todos os homens se circuncidarem, assim como eles são circuncidados. <sup>23</sup>Os rebanhos, os bens e todos os animais domésticos serão assim nossos. Basta lhes darmos o consentimento e eles habitarão conosco”. <sup>24</sup>Todos os que freqüentavam a assembléia da cidade atenderam a Hemor e Siquém, e todos foram circuncidados.

## COMENTÁRIOS

**34, 1-31:** O estupro da filha de Jacó, Dina, que desencadeia uma resposta violenta contra Siquém e perturba o equilíbrio da paz na região. Jacó, que nem planejou nem consentiu o plano para atacar a cidade, fica com medo de represálias dos cananeus locais (34, 30).

**34, 2: “o heveu”** – Um dos povos cananeus (10, 17) que ocupou a Palestina antes da sua conquista pelos israelitas (Dt 7, 1).

**34, 9: “nos tornaremos parentes”** – Hemor negocia uma aliança pacífica entre Israel e Siquém com a esperança de casamentos mistos. Ele vende a idéia aos homens da cidade como uma oportunidade para ganho (34, 20-23). A oferta é barbaramente recu-

sada pelos filhos de Jacó, antecipando a lei deuteronomica posterior, que proibia o casamento entre israelitas e cananeus e chamando sua destruição (Dt 7, 1-3).

**34, 15: “circuncidando”** – A circuncisão é proposta como uma condição para o casamento misto. Mas, para os filhos de Jacó, é um meio astuto de incapacitar a força defensiva de Siquém.

**34, 24: “todos os que freqüentavam”** – Todos os homens em idade militar que poderiam “ir” para a guerra. Uma vez que todo o exército siquemita está temporariamente incapacitado pelas feridas da circuncisão, a cidade fica vulnerável a ataques (34, 25).

**Dina é vingada por seus irmãos** – <sup>25</sup>No terceiro dia, quando ainda sofriam as dores, os dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, que eram irmãos de Dina, penetraram tranqüilamente na cidade de espada em punho e mataram todos os homens. <sup>26</sup>Pas-saram a fio de espada Hemor e Siquém, tiraram Dina da casa de Siquém e saíram. <sup>27</sup>Então os outros filhos de Jacó lançaram-se sobre os cadáveres e saquearam a cidade por terem desonrado a irmã. <sup>28</sup>Levaram consigo as ovelhas, os bois, os jumentos, tudo o que havia na cidade e nos campos. <sup>29</sup>Levaram cativas todas as crianças e mu-lheres e pilharam todas as riquezas, tudo o que havia nas casas. <sup>30</sup>Jacó disse a Simeão e a Levi: “Tornastes minha vida difícil, fazendo-me odiado dos cananeus e dos fere-seus, que habitam esta terra. Tenho poucos homens. Quando se unirem contra mim para atacar, acabarão comigo e com minha família”. <sup>31</sup>Eles responderam: “Acaso nossa irmã devia ser tratada como uma prostituta?”

**34, 25: “Simeão e Levi”** – Dois dos ir-mãos mais velhos de Dina, todos os três fi-lhos de Lia (29, 31-34; 30, 21). Jacó, mais tarde, amaldiçoará sua raiva ardente (49, 5-7).

**35 Jacó retorna a Betel** – <sup>1</sup>Deus disse a Jacó: “Levanta-te, sobe a Betel para morar ali. Ergue ali um altar ao Deus que te apareceu quando estavas fugindo de teu irmão Esaú”. <sup>2</sup>Jacó disse à sua família e a todos os que estavam com ele: “Eliminai todos os deuses estranhos que houver entre vós. Purificai-vos, trocai vossas roupas. <sup>3</sup>Vamos subir a Betel e erguer ali um altar ao Deus que me ouviu no dia de minha angústia e esteve comigo durante a viagem que fiz”. <sup>4</sup>Eles entregaram a Jacó todos os deuses estranhos que tinham em seu poder e os brincos que levavam nas orelhas, e Jacó enterrou tudo debaixo do carvalho que fica perto da cidade de Siquém. <sup>5</sup>Quando partiram, Deus espalhou o terror sobre as cidades da redondeza, de modo que não se atreveram a perseguir os filhos de Jacó. <sup>6</sup>Assim, com toda sua gente, Jacó chegou a Luz (que é Betel), na terra de Canaã. <sup>7</sup>Ergueu ali um altar e deu ao lugar o nome de “Deus de Betel”, porque ali Deus lhe aparecera quando estava fugindo de seu irmão. <sup>8</sup>Por aquele tempo morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi enterrada ao sopé de Betel, à sombra de um carvalho que foi chamado Carvalho do Pranto. <sup>9</sup>Depois que Jacó voltou de Padã-Aram, Deus apareceu-lhe de novo e o abençoou, <sup>10</sup>dizendo: “Teu nome é Jacó, mas já não serás chamado Jacó; teu nome será Israel”. E deu-lhe o nome de Israel. <sup>11</sup>E Deus lhe falou: “Eu sou o Deus Poderoso: sê fecundo e multiplica-te. De ti sairá uma nação, uma comunidade de nações, e de tuas entranhas sairão reis. <sup>12</sup>A terra que dei a Abraão e a Isaac darei a ti e a tua descendência”. <sup>13</sup>Deus se retirou de junto dele, do lugar onde lhe tinha falado. <sup>14</sup>Então Jacó levantou uma coluna sagrada no lugar onde Deus lhe havia falado, uma coluna de pedra sobre a qual fez uma libação e derramou óleo. <sup>15</sup>Ao lugar onde Deus tinha falado com ele deu o nome de Betel.

#### COMENTÁRIOS

**35, 1-15:** Jacó retorna para Betel para cumprir o seu voto ao Senhor (28, 18-22). Ele expressa sua total fidelidade a Deus atra-vés da construção de um altar (35, 7), erigin-do uma coluna sagrada (35, 14), e livrando sua casa de ídolos e outros deuses (35, 2-4).

As narrativas que se interpõem entre a sua partida (capítulo 28) e retorno a Betel (capítulo 35) amplamente atestam a fidelidade de Deus em prover às suas necessidades, proteger sua vida, e prosperar seu caminho.

**35, 2: “Eliminai todos os deuses estranhos”** – Uma chamada para renunciar e descartar as imagens de ídolos que fizeram a viagem de Padá-Aram (31, 19. 33-35). Des-

**35, 9-12:** Jacó é novamente confirmado como o herdeiro da aliança com Abraão em Betel (também em 28, 13-14). As palavras ditas a Jacó se assemelham ao discurso divino com Abraão, em 17, 1-8, em que Deus muda o nome do patriarca (17, 5; 35, 10), se apresenta como Deus Todo-Poderoso (17, 1; 35, 11), promete torná-lo fecundo (17, 2. 6; 35, 11), o designa o pai das nações (17, 4-5;

**O nascimento de Benjamim e a morte de Raquel** – <sup>16</sup>Em seguida partiram de Betel. Faltava pouco para chegarem a Éfrata, quando Raquel deu à luz, num parto muito difícil. <sup>17</sup>Entre as angústias do parto disse-lhe a parteira: “Coragem, que este também é um menino!” <sup>18</sup>Estando prestes a morrer, já agonizante, ela deu-lhe o nome de Benoni, filho da dor, mas o pai o chamou Benjamim, filho da mão direita. <sup>19</sup>Raquel morreu e foi sepultada no caminho de Éfrata (que é Belém). <sup>20</sup>Jacó levantou sobre a tumba de Raquel uma coluna sagrada. É a coluna sagrada da tumba de Raquel, que existe até hoje. <sup>21</sup>Israel partiu e armou as tendas para além de Migdal-Eder, Torre do Rebanho. <sup>22</sup>Foi quando Israel morava nessa região, que Rúben dormiu com Bala, a concubina de seu pai, e Israel ficou sabendo. Os filhos de Jacó eram doze: <sup>23</sup>Filhos de Lia: Rúben, o primogênito de Jacó, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon. <sup>24</sup>Os filhos de Raquel: José e Benjamim. <sup>25</sup>Filhos de Bala, a escrava de Raquel: Dã e Neftali. <sup>26</sup>Filhos de Zelfa, a escrava de Lia: Gad e Aser. São esses os filhos de Jacó que nasceram em Padá-Aram.

ta forma, a comitiva de Jacó se prepara para adorar o Deus verdadeiro em Betel. Para outro ato de renúncia aos ídolos em Siquém, ver Js 24, 14-25.

**35, 4: “brincos”** – Amuletos supersticiosos.

**“Carvalho”:** Possivelmente o carvalho de Morá, onde Deus apareceu a Abraão em Canaã pela primeira vez (12, 6-7).

**35, 5: “Deus espalhou o terror”** – O pânico toma a região quando a notícia da destruição de Siquém começa a se espalhar (34, 30). O Senhor incita esse medo para garantir a segurança da família eleita de Jacó. Para uma proteção semelhante dada à entrada dos israelitas em Canaã, ver Ex 23, 27 e Js 2, 9.

35, 11), compromete-se a gerar reis da sua linhagem (17, 6; 35, 11) e concede-lhe uma herança de terra (17, 8; 35, 12).

**35, 14: “coluna sagrada”** – Esta é a segunda estela memorial que Jacó erige em Betel (28, 18-19).

**35, 15: “Betel”** – significa “casa de Deus”. Ver comentário sobre 28,19.

**35, 18: “prestes a morrer”** – Raquel morre enquanto ela entrega seu segundo filho a Jacó. Sua oração por outro filho depois de José foi respondida (30, 24).

**“Benoni”:** Raquel chama o infante de “filho da dor”.

**“Benjamim”:** Jacó muda o nome do bebê para “filho da mão direita” ou “filho do sul”. O último significado expressa o que

**A morte de Isaac** – <sup>27</sup>Jacó foi para junto de seu pai Isaac, para Mambré, em Cariat-Arbe (que é Hebron), onde haviam morado Abraão e Isaac. <sup>28</sup>Isaac viveu cento e oitenta anos <sup>29</sup>e faleceu. Morreu e foi reunir-se aos antepassados, velho e com muitos anos. Os filhos Esaú e Jacó o sepultaram.

é exclusivo à criança: os onze filhos mais velhos de Jacó nasceram em Padá-Ará, nordeste da Palestina, enquanto apenas Benjamim nasceu depois que Jacó mudou com sua família para o sul em Canaã. Narrativas bíblicas posteriores também indicam que a tribo de Benjamim herdou terras da parte sul da Palestina (Js 18, 11-28), e nos dias da monarquia dividida, os filhos de Benjamim se estabeleceram ao Reino do Sul de Judá (1Rs 12, 21).



**35, 20: “tumba de Raquel”** – Seu tradicional lugar de repouso ainda é lembrado em Belém hoje.

- O evangelista Mateus assume conhecimento dessa tradição quando fala de Raquel chorando pelos bebês assassinados de Belém (Mt 2, 16-18).

**35, 21: “Torre do Rebanho”** – Sul de Belém no caminho de Hebron.

**35, 22: “Rúben [...] dormiu com Bala”** – Um movimento agressivo para garantir sua autoridade de primogênito sobre os outros filhos de Jacó. Ironicamente, esse projeto pecaminoso de poder privará Rúben da bênção e da herança que ele tinha direito de receber em virtude do seu lugar na ordem de nascimento. Irritado e ofendido por esta traição, Jacó vai passar o direito de primogenitura de Rúben para José, o primogênito de Raquel (49, 3- 4; 1Cr 5, 1-2). Ver Ensaio sobre um Tópico: Bênçãos e primogenitura em Gn 48.

**35, 29: “e faleceu”** – A impressão é que

Isaac morre depois de em encontro final com Jacó. É possível, porém, que o relato da sua morte e sepultamento não está na ordem cronológica correta, ou seja, é movido aqui para concluir as principais histórias de Isaac e Jacó antes de se voltar para um relato detalhado da história de José (37, 1 – 50, 26). Lembre-se que Isaac já estava em seu leito de morte, em 27, 1-2, cerca de vinte anos antes do retorno de Jacó para Canaã.

**“Esaú e Jacó o sepultaram”:** Recorda como os irmãos rivais, Isaac e Ismael, se reuniram para enterrar seu pai, Abraão (25, 9).

NOTAS

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**36** **Os descendentes de Esaú** – <sup>1</sup>Estes são os descendentes de Esaú (que é Edom). <sup>2</sup>Esaú casou-se com mulheres cananéias: Ada, filha de Elon o heteu, e Oolibama, filha de Ana, filha de Sebeon, o heveu. <sup>3</sup>Além dessas, tomou Basemat, filha de Ismael, irmã de Nabaiot. <sup>4</sup>Ada deu um filho a Esaú, Elifaz, e Basemat lhe deu Rael. <sup>5</sup>Oolibama lhe deu Jeús, Jalam e Coré. São esses os filhos de Esaú que nasceram na terra de Canaã. <sup>6</sup>Esaú levou as mulheres, os filhos, as filhas e todas as pessoas de sua casa, o gado, todos os animais e os bens que havia adquirido na terra de Canaã, e foi para Seir, longe do irmão Jacó. <sup>7</sup>Como tivessem muitos bens, não podiam habitar juntos, e a terra em que estavam migrando não bastava para os rebanhos. <sup>8</sup>Assim, Esaú estabeleceu-se na montanha de Seir. (Esaú é Edom.) <sup>9</sup>Estes são os descendentes de Esaú, antepassado dos edomitas, na montanha de Seir. <sup>10</sup>Eis os nomes dos filhos de Esaú: Elifaz filho de Ada, mulher de Esaú, e Rael filho de Basemat, mulher de Esaú. <sup>11</sup>Os filhos de Elifaz foram: Temã, Omar, Sefo, Gatam e Cenez. <sup>12</sup>Tamna foi concubina de Elifaz filho de Esaú, e lhe deu Amalec. Eles são netos de Ada, mulher de Esaú. <sup>13</sup>Filhos de Rael: Naat, Zara, Sama e Meza. Eles são netos de Basemat, mulher de Esaú. <sup>14</sup>Os filhos de Oolibama, mulher de Esaú, filha de Ana filho de Sebeon, foram Jeús, Jalam e Coré.

36, 2: Gn 26, 34; 28, 9.

#### COMENTÁRIOS

**36, 1-43:** O capítulo 36 é um registro genealógico dos edomitas e dos amorreus. A primeira parte reúne as esposas de Esaú (36, 1-5), seus filhos e netos (36, 6-14), e seus chefes (36, 15-19), e a segunda inclui uma lista de clãs hurritas (36, 20-30), uma lista edomita de reis (36, 31-39), e outra lista de chefes edomitas (36, 40-43).

**36, 1: “Estes são os descendentes”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.

**36, 7: “muitos bens”** – A superlotação pressiona Jacó e Esaú para separarem suas tribos, assim como forçou Abraão e Ló a se separarem e estabelecerem suas famílias e rebanhos em diferentes terras (13, 2-18). A semelhança é teologicamente significativa: em ambos os casos, o patriarca eleito fica para trás em Canaã (Abraão, Jacó), enquanto seus parentes se aventuram fora de suas fronteiras, excluindo-se das bênçãos da Terra Prometida (Ló, Esaú



**Chefes e reis de Edom** – <sup>15</sup>Estes são os chefes de tribo dos filhos de Esaú. Filhos de Elifaz, primogênito de Esaú: o chefe Temã, o chefe Omar, o chefe Sefo, o chefe Cenez, <sup>16</sup>chefe Coré, o chefe Gatam, o chefe Amalec. São esses os chefes de Elifaz na terra de Edom; são netos de Ada. <sup>17</sup>Filhos de Raul filho de Esaú: o chefe Naat, o chefe Zara, o chefe Sama e o chefe Meza. São esses os chefes de Raul na terra de Edom; são netos de Basemat, mulher de Esaú. <sup>18</sup>Filhos de Oolibama, mulher de Esaú: o chefe Jeús, o chefe Jalam e o chefe Coré. São esses os chefes de Oolibama, filha de Aná e mulher de Esaú. <sup>19</sup>Todos esses são descendentes de Esaú e chefes de sua gente, isto é, de Edom. <sup>20</sup>Estes são os filhos de Seir, o hurrita, que habitava o país: Lotã, Sobal, Sebeon, Ana, <sup>21</sup>Dison, Eser, Disã; eles são os chefes dos hurritas, descendentes de Seir, na terra de Edom. <sup>22</sup>Os filhos de Lotã são Hori e Hemã, e a irmã de Lotã é Tamna. <sup>23</sup>Estes são os filhos de Sobal: Alvã, Manaat, Ebal, Sefo e Onam. <sup>24</sup>Estes são os filhos de Sebeon: Aia e Ana. Foi este Aná que achou no deserto os mananciais de água quente enquanto apascentava os jumentos de seu pai Sebeon. <sup>25</sup>Estes são os filhos de Ana: Dison e Oolibama filha de Ana. <sup>26</sup>Estes são os filhos de Dison: Hamdã, Esebã, Jetrã e Carã. <sup>27</sup>Estes são os filhos de Eser: Balaã, Zavã e Acã. <sup>28</sup>Estes são os filhos de Disã: Hus e Aran. <sup>29</sup>São esses os chefes dos hurritas: o chefe Lotã, o chefe Sobal, o chefe Sebeon, o chefe Ana, <sup>30</sup>O chefe Dison, o chefe Eser, o chefe Disã. Todos esses são chefes dos hurritas, segundo as tribos, na terra de Seir. <sup>31</sup>Estes são os reis que reinaram na terra de Edom antes que os israelitas tivessem um rei. <sup>32</sup>Em Edom reinou Bela, filho de Beor, e o nome de sua cidade era Danaba. <sup>33</sup>Bela morreu, e Jobab, filho de Zara, de Bosra, sucedeu-lhe no trono. <sup>34</sup>Morreu Jobab e sucedeu-lhe no trono Husam, da terra dos temanitas. <sup>35</sup>Morreu Husam e sucedeu-lhe no trono Adad filho de Badad, que derrotou Madiã no campo de Moab; o nome de sua cidade era Avit. <sup>36</sup>Morreu Adad e sucedeu-lhe Semla, de Masreca. <sup>37</sup>Morreu Semla e sucedeu-lhe Saul, de Reobot, perto do rio. <sup>38</sup>Morreu Saul e sucedeu-lhe Baalanã, filho de Acobor. <sup>39</sup>Morreu Baalanã, filho de Acobor, e sucedeu-lhe no trono Adad; o nome de sua cidade era Fau, e sua mulher se chamava Meetabel filha de Matred, a filha de Mezaab. <sup>40</sup>Estes são os nomes dos chefes de Esaú segundo suas famílias, seus territórios e nomes: o chefe Tamna, o chefe Alva, o chefe Jetet, <sup>41</sup>o chefe Oolibama, o chefe Ela, o chefe Finon, <sup>42</sup>o chefe Cenez, o chefe Temã, o chefe Mabsar, <sup>43</sup>o chefe Magdiel, o chefe Iram. São esses os chefes de Edom segundo as regiões que ocupam na terra que lhes pertence. Esse, pois, é Esaú, o antepassado de Edom.

36, 20-28: 1Cr 1, 38-42. 36, 31-43: 1Cr 1, 43-53.

**36, 20: “hurritas”** – Um dos povos indígenas de Seir, ao sul do Mar Morto (14, 6). Os hurritas foram eventualmente invadidos pelos edomitas, a quem Deus havia dado a sua terra por herança (Dt 2, 12; Js 24, 4).

**36, 31: “antes que [...] tivessem um rei”** – Talvez um comentário editorial inserido no Gênesis algum tempo depois do surgimento da monarquia israelita no início do primeiro milênio a.C..



**37** Os sonhos de grandeza de José – <sup>1</sup>Jacó foi morar na terra de Canaã, onde seu pai tinha vivido como migrante. <sup>2</sup>Segue aqui a história dos descendentes de Jacó. Quando tinha dezessete anos, José apascentava as ovelhas com os irmãos, como a judante dos filhos de Bala e Zelfa, mulheres de seu pai. E José falou ao pai da péssima fama deles. <sup>3</sup>Ora, Israel amava mais a José do que a todos os outros filhos, porque lhe tinha nascido na velhice; e por isso mandou fazer para ele uma túnica de mangas compridas. <sup>4</sup>Os irmãos, percebendo que o pai o amava mais do que a todos eles, odiavam-no e já não podiam falar-lhe pacificamente. <sup>5</sup>Ora, José teve um sonho e contou-o aos irmãos, que o ficaram odiando ainda mais. <sup>6</sup>Disse-lhes ele: “Escutai o sonho que tive: <sup>7</sup>Estávamos no campo atando feixes de trigo. De repente o meu feixe se levantou e ficou de pé, enquanto os vossos o cercaram e se prostraram diante do meu”. <sup>8</sup>Os irmãos lhe disseram: “Será que irás mesmo reinar sobre nós e dominar-nos?” E odiavam-no mais ainda por causa de seus sonhos e de suas palavras. <sup>9</sup>José teve ainda outro sonho, que contou aos irmãos. “Tive outro sonho”, disse, “e vi que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam diante de mim”. <sup>10</sup>Quando contou o sonho ao pai e aos irmãos, o pai o repreendeu, dizendo: “Que sonho é esse que sonhaste? Acaso vamos prostrar-nos por terra diante de ti, eu, tua mãe e teus irmãos?” <sup>11</sup>Os irmãos o invejavam, mas o pai guardou o assunto.

37, 11. 28: At 7, 9.

#### COMENTÁRIOS

**37, 1 – 50, 26:** O enredo final no Gênesis é dedicado aos filhos de Jacó, especialmente José e, em menor medida, Judá. Este material constrói uma ponte entre as narrativas patriarcais do livro do Êxodo, explicando como a família de Israel veio a residir no Egito. Vários detalhes nesta seção referentes aos nomes dos egípcios, costumes, práticas funerárias, e administração do Estado foram comprovados como historicamente autênticos.

**37, 2: “Segue aqui a história”** – Uma fórmula que introduz novas fases da história e narrativa no Gênesis. Ver Introdução: Estrutura.



**37, 3: “amava mais a José”** – O amor preferencial novamente semeia divisão na família, tal como tinha acontecido com os próprios pais de Jacó (25, 28).

**“Na velhice”:** José foi o último filho nascido de Jacó durante sua estada em Padá-Aram (30, 22-24).

**“Uma túnica de mangas compridas”:** Um sinal visível do favor de Jacó. A LXX grega sugere que a túnica era listrada ou multicolorida.

- *Alegoricamente*,<sup>47</sup> o manto multicolorido prefigura a glória com que o Pai revestiu o Filho na sua vinda. E, assim como os filhos de Jacó ficaram furiosos com José, o amado de seu pai, assim os fariseus ardiam de raiva contra Cristo, embora ele estivesse destinado a ser o seu superior.



**37, 8: “reinar sobre nós?”** – Cumprido quando José é nomeado primeiro-ministro do Egito (41, 39-43) e seus irmãos caem prostrados diante dele (42, 6).

<sup>47</sup> Cf. São Cirilo de Alexandria, *Glaphyra in Genesim*, 6, 4.

• *Alegoricamente*,<sup>48</sup> o sonho de José revela o Rei que há de vir, pois o feixe de pé é o Senhor ressuscitado, e os feixes virados para baixo são os santos de Joelhos.

**37, 11: “guardou o assunto”** – Jacó pondera as alegadas visões, ciente de que

Deus revelou o plano para a sua própria vida desta forma (28, 12-15). Talvez esses sonhos influenciaram sua decisão do leito de morte para dar a José a bênção do primogênito (49, 22-26; 1Cr 5, 1-3).

**José é vendido pelos irmãos** – <sup>12</sup>Ora, como os irmãos de José tinham ido apascentar os rebanhos do pai em Siquém, <sup>13</sup>Israel disse a José: “Teus irmãos devem estar com os rebanhos em Siquém. Vem! Vou enviar-te a eles”. Ele respondeu-lhe: “Aqui estou”. <sup>14</sup>Disse-lhe Israel: “Vai ver se teus irmãos e os rebanhos estão passando bem e traze-me notícias”. Assim o enviou do vale de Hebron, e José chegou a Siquém. <sup>15</sup>Um homem o encontrou vagando pelo campo e perguntou: “Que procuras?” <sup>16</sup>Ele respondeu: “Estou procurando meus irmãos. Dize-me, por favor, onde estão apascentando”. <sup>17</sup>O homem respondeu: “Eles foram embora daqui, pois os ouvi dizer: ‘Vamos para Dotain’”. José foi à procura dos irmãos e encontrou-os em Dotain. <sup>18</sup>Eles, porém, tendo-o o visto de longe, antes que se aproximasse, tramaram a sua morte. <sup>19</sup>Disseram uns aos outros: “Aí vem o sonhador! <sup>20</sup>Vamos matá-lo e lançá-lo numa cisterna. Depois diremos que um animal feroz o devorou. Assim veremos de que lhe servem os sonhos”. <sup>21</sup>Rúben, porém, ouvindo isto, tentou livrá-lo de suas mãos e disse: “Não lhe tiremos a vida!” <sup>22</sup>E acrescentou: “Não derrameis sangue. Lançai-o naquela cisterna no deserto, mas não levanteis a mão contra ele”. Dizia isso porque queria livrá-lo das mãos deles e devolvê-lo ao pai. <sup>23</sup>Assim que José se aproximou dos irmãos, estes o despojaram da túnica, a túnica de mangas compridas que trazia, <sup>24</sup>agarraram-no e o lançaram numa cisterna que estava sem água. <sup>25</sup>Depois sentaram-se para comer. Levantando os olhos, avistaram uma caravana de ismaelitas, que se aproximava, proveniente de Galaad. Os camelos iam carregados de especiarias, bálsamo e resina, que transportavam para o Egito. <sup>26</sup>E Judá disse aos irmãos: “Que proveito teríamos em matar nosso irmão e ocultar o crime? <sup>27</sup>É melhor vendê-lo a esses ismaelitas. Não levantemos contra ele nossa mão, pois ele é nosso irmão, nossa carne”. E os irmãos concordaram. <sup>28</sup>Ao passarem os comerciantes madianitas, os irmãos tiraram José da cisterna e por vinte moedas de prata o venderam aos ismaelitas, que o levaram para o Egito. <sup>29</sup>Quando Rúben voltou à cisterna e não encontrou José, rasgou as vestes de dor. <sup>30</sup>Voltando para junto dos irmãos disse: “O menino sumiu! E eu, para onde irei agora?” <sup>31</sup>Então os irmãos tomaram a túnica de mangas compridas de José, mataram um cabrito e, embecendo-a de sangue, <sup>32</sup>mandaram levar a túnica para o pai, dizendo: “Encontramos isso. Examina para ver se é ou não a túnica de teu filho”. <sup>33</sup>Jacó reconheceu-a e disse: “É a túnica de meu filho. Um animal feroz devorou José, estraçalhou-o por inteiro”. <sup>34</sup>Jacó rasgou as vestes de dor, vestiu-se de luto e chorou a morte do filho por muitos dias. <sup>35</sup>Todos os filhos e filhas vinham consolá-lo, mas ele recusava qualquer consolo, dizendo: “Em prantos descerei até meu filho no reino dos mortos”. Assim o chorava o pai. <sup>36</sup>Entretanto, os madianitas venderam José no Egito a Putifar, ministro do faraó e chefe da guarda.

**37, 15: “um homem”** – O misterioso estranho pode ser um anjo, como os visitantes que vieram a Abraão (18, 2) e o homem celestial que lutou com Jacó (32, 24).

**37, 17: “Dotain”** – Não muito longe de Siquém ao noroeste.

**37, 18-28:** A conspiração contra José por

seus irmãos mais velhos ressentidos. Seu assassinato é parcamente evitado por Rúben, o mais velho, que os convence a jogá-lo em uma cisterna, e Judá, o quarto filho, que aconselha a vendê-lo para os comerciantes árabes que iam ao Egito.

<sup>48</sup> Cf. Santo Ambrósio, *Sobre José*, 2, 7.

**37, 28: “comerciantes madianitas [...] ismaelitas”** – grupos tribais descendentes de Abraão, mas fora da linhagem eleita de Isaac (25, 1-2. 12-18). Alguns vêem a disparidade de nomes neste versículo como um indicador de que duas tradições diferentes sobre José foram combinadas sem serem harmonizadas. A mais provável, as designações madianitas/ismaelitas eram funcionalmente sinônimas, ambas referentes aos comerciantes do deserto da Arábia como uma origem comum de Abraão (como parece ser o caso também em Jz 8, 22-24).

**“Vinte moedas de prata”:** Um detalhe autêntico reflexivo do início do segundo milênio a.C.. O preço de um escravo subiu para trinta moedas de prata na metade do segundo milênio (como em Ex 21, 32) e tornou-se

muito maior no primeiro milênio a.C..

**37, 29: “rasgou as vestes”** – Um sinal de sofrimento extremo e tristeza (37, 34; 44, 13).

**37, 31: “embebendo-a de sangue”** – O plano para enganar Jacó é embebido com ironia. Assim como Jacó enganou seu próprio pai com peles de cabrito e roupas de Esaú (27, 15-16), ele próprio é enganado com sangue de cabrito e o vestuário de José (37, 31-33). Para outras indicações de que a astúcia de Jacó no capítulo 27 volta para assombrá-lo mais tarde na vida, ver comentário sobre 29, 25.

**37, 35: “reino dos mortos”** – Descrições bíblicas o relatam como uma terra sombria e lúgubre no coração da terra (42, 38). Ver o Estudo da Palavra: *Sheol* em Nm 16, 30.



JOSÉ VENDIDO AO EGITO

Gustave Doré (1832-1883), *Ilustrações da Bíblia*

### ESTUDO DA PALAVRA: SONHO (37, 5)

*Halom* (hebraico): um “sonho” vivido durante o sono. Acreditava-se amplamente no antigo Oriente Próximo que visões noturnas continham mensagens significativas, muitas vezes criptografadas em símbolos e histórias incomuns. Na tradição bíblica, os sonhos são importantes canais de comunicação divina. Por meio deles o Senhor emite avisos e instruções (Gn 20, 3-7; 31, 24), revela a sua glória e bênçãos (Gn 28, 12-15; 1Rs 3, 5-15), e faz declarações proféticas para o futuro (Nm 12, 6; Dn 2, 1-45). Os sonhos têm um papel especialmente importante na vida de José, que sonha com a sua própria proeminência na família de Jacó (37, 5-11) e interpreta as visões simbólicas do Faraó (Gn 41, 1-32) e seus servos reais (Gn 40, 5-19). Como José reconhece, sua capacidade de entender os sonhos é um dom de Deus (Gn 40, 8; 41, 16). Daniel igualmente possuirá do dom da interpretação dos sonhos muitos séculos depois (Dn 1, 17; 2, 47).

### MAPA: JOSÉ E SEUS IRMÃOS



**38** Judá e Tamar – <sup>1</sup>Por esse tempo, Judá desceu da montanha e, afastando-se dos irmãos, foi parar junto a um homem de Odolam, de nome Hira. <sup>2</sup>Ao ver ali a filha de um cananeu chamado Sué, casou-se e viveu com ela. <sup>3</sup>Ela concebeu e deu à luz um filho a quem chamou Her. <sup>4</sup>Concebeu de novo e deu à luz outro filho, a quem chamou Onã. <sup>5</sup>Tornou a conceber e deu à luz outro filho, a quem chamou Sela. Quando lhe nasceu este último, achava-se em Casib. <sup>6</sup>Judá escolheu para Her, o primogênito, uma mulher chamada Tamar. <sup>7</sup>Mas Her, primogênito de Judá, desagradou ao Senhor, e o Senhor o fez morrer. <sup>8</sup>Então Judá disse a Onã: “Une-te à mulher de teu irmão para cumprir a obrigação de cunhado e assegurar uma descendência para teu irmão”. <sup>9</sup>Mas Onã sabia que o filho não seria seu; por isso, quando se juntava com a mulher do irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência ao irmão. <sup>10</sup>O proceder de Onã desagradou ao Senhor, que o fez morrer também. <sup>11</sup>Judá disse, então, à sua nora Tamar: “Fica como viúva em casa de teu pai até que meu filho Sela se torne adulto”. Dizia isso pensando: “Não vá também ele morrer como os irmãos”. E assim, Tamar foi morar na casa do pai. <sup>12</sup>Tempos depois morreu a filha de Sué, mulher de Judá. Passado o luto, Judá subiu com o amigo Hira de Odolam, para a tosquia das ovelhas em Tamna. <sup>13</sup>Comunicaram-no a Tamar, dizendo-lhe: “Olha, teu sogro foi a Tamna para tosquiar as ovelhas”. <sup>14</sup>Ela trocou suas vestes de viúva, cobriu-se com um véu e, assim disfarçada, sentou-se à entrada de Enaim, no caminho de Tamna, pois percebeu que Sela, apesar de já adulto, não lhe tinha sido dado por marido. <sup>15</sup>Judá a viu e a tomou por uma prostituta, pois estava com o rosto coberto. <sup>16</sup>Dirigiu-se até ela e disse-lhe: “Deixa-me ir contigo”, pois não percebeu que era a nora. Ela perguntou: “Que me darás para te unires comigo?” <sup>17</sup>Ele respondeu: “Vou mandar-te um cabrito do rebanho”. Ela lhe disse: “Só se me deres alguma coisa como garantia de que o mandarás”. – <sup>18</sup>“Que garantia queres que te dê?” perguntou ele. Ela respondeu: “O teu sinete, o cordão e o bastão que trazes na mão”. Ele os deu e uniu-se com ela, que ficou grávida. <sup>19</sup>Depois ela se levantou e foi embora, tirou o véu e retomou as vestes de viúva. <sup>20</sup>Mais tarde, Judá mandou o cabrito por intermédio do amigo, o odolamita, para que retirasse a garantia das mãos da mulher. Mas ele não a encontrou. <sup>21</sup>Perguntou aos homens do lugar: “Onde está a prostituta que ficava esperando à beira do caminho em Enaim?” Mas eles responderam: “Nunca houve prostituta nesse lugar”. <sup>22</sup>Hira voltou e disse a Judá: “Não a encontrei, e os homens do lugar me disseram que ali nunca houve prostituta alguma”. <sup>23</sup>Judá respondeu: “Pois que fique por isso, para não cairmos no ridículo, eu mandando o cabrito prometido e tu não encontrando a prostituta”. <sup>24</sup>Passados uns três meses, comunicaram a Judá: “Tua nora Tamar prostituiu-se e, em conseqüência, está grávida”. Judá respondeu: “Traze-a para fora para que seja queimada”. <sup>25</sup>Quando a levavam para fora, Tamar mandou dizer ao sogro: “O homem a quem pertencem estas coisas deixou-me grávida. Verifica de quem são o sinete, o cordão e o bastão”. <sup>26</sup>Judá os reconheceu e disse: “Ela foi mais honesta do que eu. É que não lhe dei meu filho Sela para marido”. E não tornou a conhecê-la. <sup>27</sup>Quando chegou a hora do parto, viram que ela teria gêmeos. <sup>28</sup>Durante o parto, um deles pôs uma das mãos para fora, e a parteira pegou-a e atou-lhe um fio vermelho, dizendo: “Este foi o primeiro a sair”. <sup>29</sup>Mas ele recolheu a mão, e saiu o irmão: “Que brecha abriste para ti!” disse ela, e lhe deu o nome de Farés. <sup>30</sup>Depois saiu o irmão, com o fio atado à mão, e ela o chamou Zara.

## COMENTÁRIOS

**38, 1-30:** O foco se volta por um breve momento de José a Judá. Além de insinuar que Israel está começando a ser assimilado em seus arredores cananeus, o capítulo explica como Judá gerou Farés, o ancestral genealógico do Rei Davi (Re 4, 18-22) e, finalmente, de Jesus o Messias (Mt 1, 3-16).

**38, 1: “homem de Odolam”** – Um morador da cidade cananéia de Odolam (Js 12, 15), que posteriormente é parte do território tribal de Judá (Js 15, 35).

**38, 2: “um cananeu”** – Judá desconsidera os padrões de seu pai (Jacó) e avô (Isaac), que fizeram um grande esforço para evitar

o casamento com os cananeus (24, 3-4; 27, 46 – 28, 2).

**38, 8: “a obrigação”** – O costume de casamento levirato (*levir* é “cunhado” em latim). Na sociedade semita antiga, se um homem casado morresse sem ter um filho, esperava-se que um dos seus irmãos se casasse com sua viúva, na esperança de que o segundo casamento fosse produzir um sucessor legal que poderia herdar nome e propriedade do irmão falecido. Tecnicamente, a obrigação que caía sobre o cunhado poderia ser rejeitada, mas isso era considerado vergonhoso. A obrigação de levirato mais tarde foi transformada em lei (Dt 25, 5-10).

**38, 9: “derramava”** – O hebraico também pode ser traduzido como “desperdiçava” (Jz 6, 5; Pv 23, 8) ou “destruía” (6, 17; 2Sm 1, 14).

**“Sêmen na terra”:** Onã comete pecado grave quando ele se retira da relação sexual pouco antes da inseminação. Isso era “desagradável” para o Senhor (38, 10), como era intenção desonrosa de Onã em manter a posse da propriedade de seu irmão em vez de fornecer-lhe um herdeiro legal. Ainda assim, a gravidade do seu pecado está ligada a sua ação (*o que ele fez*) e não pode ser exclusivamente ligada a sua intenção (*por que ele fez*). A razão para essa conclusão é dupla. (1) Se o pecado de Onã consistia simplesmente em seu desrespeito por um costume cultural (ver comentário sobre 38, 8), não haveria razão para soletrar os detalhes obscenos do seu comportamento íntimo, especialmente dado à delicadeza com que a Bíblia descreve normalmente a atividade sexual. No mínimo, parece que Onã era culpado de luxúria; caso contrário, a recusa de ter relações sexuais no casamento teria sido

suficiente para negar a descendência a seu irmão. (2) O desrespeito pelo costume levirato, por mais que fosse desaprovado nos tempos antigos, nunca foi considerado um crime capital. Na sua forma codificada, a lei levirata prescreve apenas um ritual de humilhação pública para aquele que se recusa a cumprir o dever de gerar um herdeiro para seu irmão falecido (Dt 25, 7-10). Mas já que o Senhor “matou” Onã, fica claro que sua ação foi uma transgressão grave, em pé de igualdade com os pecados sexuais como o adultério, a atividade homossexual, e bestialidade, os quais merecem a pena de morte na lei bíblica (Lv 20, 10. 13. 15-16). Na teologia moral católica, o pecado de “onanismo” abrange a relação sexual contraceptiva (incluindo, mas não restrita ao coito interrompido), bem como a masturbação (CIC 2352, 2370).

**38, 15: “uma prostituta”** – Disfarçada como uma prostituta, Tamar é na verdade uma viúva em busca da proteção do casamento que ela tinha direito com o terceiro filho de Judá, Sela (38, 14).

**38, 18: “sinete”** – Um pequeno cilindro com as insígnias pessoais usado para assinar os contratos e outros documentos legais ao deslizar-lo na cera ou argila.

**38, 21: “a prostituta”** – Não é a mesma palavra usada para uma prostituta de beira de estrada em 38, 15, mas o termo hebraico para uma sacerdotisa do culto que se envolve em prostituição ritual na religião cananéia. Esta mudança sutil na terminologia sugere que o Odolamita está se esforçando para dignificar o ato impróprio de Judá.

**38, 24: “que seja queimada”** – A punição aplicada mais tarde à filha promíscua de um sacerdote levita (Lv 21, 9).

**38, 26: “mais honesta”** – A questão não é que as táticas de Tamar fossem em todos os aspectos honrosas, mas que ela estava mais no direito do que Judá para agir no interesse de sua família e do seu futuro, quando Judá

persistiu em reter seu filho dela injustamente.

**38, 29: “Farés”** – O hebraico significa “quebra”. Ver Ensaio sobre um Tópico: Bênçãos e primogenitura em Gn 48.

**39** José e a mulher de Putifar – <sup>1</sup>José foi levado para o Egito. Putifar, um egípcio, ministro do faraó e chefe da guarda do palácio, comprou-o dos ismaelitas que o tinham levado para lá. <sup>2</sup>Mas o Senhor estava com José, e ele se tornou um homem bem sucedido, morando na casa de seu senhor egípcio. <sup>3</sup>O patrão notou que o Senhor estava com ele e fazia prosperar tudo o que empreendia. <sup>4</sup>José conquistou as boas graças do patrão e ficou a seu serviço. O patrão o nomeou administrador de sua casa, confiando-lhe todos os seus bens. <sup>5</sup>E a partir desse momento, o Senhor abençoou, em atenção a José, a casa do egípcio e derramou sua bênção sobre tudo o que possuía em casa e no campo. <sup>6</sup>O patrão entregou tudo nas mãos de José e não se preocupava com coisa alguma, a não ser com o que comia. Ora, José tinha um belo porte e era bonito de rosto. <sup>7</sup>Aconteceu, depois, que a mulher de seu patrão pôs nele os olhos e lhe disse: “Dorme comigo”. <sup>8</sup>Ele recusou, dizendo à mulher de seu patrão: “Em verdade, meu senhor não me pede contas do que há na casa, confiando-me todos os bens. <sup>9</sup>Ele próprio não é mais importante do que eu nesta casa. Nada me proibiu senão a ti, por seres sua mulher. Como poderia eu fazer tamanha maldade pecando contra Deus!” <sup>10</sup>E embora ela insistisse diariamente com José, ele se recusou a dormir ou ficar com ela. <sup>11</sup>Certo dia, José entrou na casa para seus afazeres, e nenhum dos domésticos estava em casa. <sup>12</sup>A mulher agarrou-o pelo manto e disse: “Dorme comigo”. Mas ele largou-lhe nas mãos o manto e fugiu correndo para fora. <sup>13</sup>Vendo que lhe tinha deixado nas mãos o manto e escapado para fora, <sup>14</sup>ela se pôs a gritar e a chamar os empregados, dizendo: “Vede! Trouxeram-nos esse hebreu para abusar de nós. Ele me abordou para dormir comigo, mas eu comecei a gritar em alta voz. <sup>15</sup>Quando percebeu que levantei a voz e gritei, largou o manto aqui comigo e fugiu correndo para fora”. <sup>16</sup>A mulher ficou com o manto de José até o marido voltar para casa. <sup>17</sup>Então falou-lhe nos mesmos termos, dizendo: “Esse escravo hebreu que nos trouxeste abordou-me querendo abusar de mim. <sup>18</sup>Quando levantei a voz e comecei a gritar, largou o manto aqui comigo e fugiu para fora”. <sup>19</sup>Ao ouvir o que a mulher contava – “Assim é que me tratou teu escravo” – o marido ficou furioso. <sup>20</sup>Mandou prender José e lançou-o no cárcere onde se guardavam os presos do rei. E José ficou no cárcere. <sup>21</sup>Mas o Senhor estava com José e concedeu-lhe seu favor, atraindo-lhe a simpatia do carcereiro-chefe. <sup>22</sup>Este confiou a seus cuidados todos os que se achavam presos. Era ele que organizava tudo quanto lá se fazia. <sup>23</sup>O carcereiro-chefe não se preocupava com coisa alguma que lhe fora confiada, porque o Senhor estava com José e fazia prosperar tudo o que fazia.

39, 1. 2. 21: At 7, 9.

#### COMENTÁRIOS

**39, 1: “Putifar”** – Chefe da unidade de guarda de elite do Faraó. Seu nome, em alusão à divindade egípcia Re, significa “aquele a quem Re deu”.

**“Faraó”:** Um título do rei do Egito.

**39, 2: “o Senhor estava com José”** – A

mão de Deus traz o sucesso a José no Egito e prospera todos os seus empreendimentos (39, 3. 21. 23). O Senhor está fazendo de José um líder e administrador eficaz para que ele possa ser um mediador da bênção para os outros (39, 5; 50, 20).

**39, 4: “administrador”** – A autoridade de José sobre o palácio e as posses de Putifar antecipa a sua supervisão da prisão real (39, 22) e, finalmente, sua exaltação sobre o reino do Egito (41, 39-44).

**39, 6-18:** José resiste aos avanços da mulher de Putifar com a armadura de castidade e pensamento sábio. Ciente de suas próprias fraquezas, ele se recusa a dialogar com suas paixões, e ele evita ainda a menor ocasião de pecado, recusando-se a trabalhar na presença da mulher sedutora (39, 10; Pr 5, 3-8). Fu-

gindo do palácio nu, José foge com sua pureza, mesmo quando ele deixa o seu manto e seu honrado posto para trás.

**39, 14: “hebreu”** – Um semita descendentes de “Héber” (10, 21. 25; 11, 16).

**39, 20: “cárcere”** – Uma punição leve, considerando que José é um escravo estrangeiro acusado de tentativa de estupro de uma mulher nobre egípcia. O fato de José ser confinado em vez de morto pode sugerir que Putifar tinha suas dúvidas sobre as alegações de sua esposa.

**40** Os sonhos dos dois prisioneiros – <sup>1</sup>Sucedeu, depois, que o copeiro e o padeiro do rei do Egito ofenderam seu Senhor, o rei do Egito. <sup>2</sup>O faraó encolerizou-se contra os dois ministros, o chefe dos copeiros e o chefe dos padeiros, <sup>3</sup>e os lançou no cárcere da casa do chefe da guarda – o cárcere onde José estava preso. <sup>4</sup>O chefe da guarda indicou-lhes José para servi-los. Passaram algum tempo no cárcere. <sup>5</sup>Certa noite, o chefe dos copeiros e o chefe dos padeiros do rei do Egito, que estavam presos no cárcere, tiveram um sonho, cada qual com significado diferente. <sup>6</sup>Ao entrar, pela manhã, José os encontrou com o rosto abatido. <sup>7</sup>Perguntou então aos ministros do faraó, que com ele estavam presos na casa de seu senhor: “Por que estais hoje com o rosto mais triste?” <sup>8</sup>Eles responderam: “Tivemos um sonho e não há quem o interprete”. José disse: “Por acaso não cabe a Deus a interpretação dos sonhos? Contai-me os sonhos”. <sup>9</sup>O chefe dos copeiros contou o sonho a José, dizendo: “No meu sonho, vi diante de mim uma videira <sup>10</sup>com três ramos, e, logo que as folhas saíam, florescia e as uvas amadureciam. <sup>11</sup>Como eu segurava em minhas mãos a taça do faraó, colhi os cachos, espremi as uvas na taça do faraó e a pus em suas mãos”. <sup>12</sup>José lhe disse: “Este é o significado do sonho: os três ramos são três dias. <sup>13</sup>Dentro de três dias o faraó levantará tua cabeça: ele te reconduzirá a teu cargo, e porás a taça do faraó em suas mãos, como antes o fazias, quando eras copeiro. <sup>14</sup>Mas, quando as coisas te correrem bem, lembra-te de mim e faze-me o favor de me recomendar ao faraó para que me tire desta prisão. <sup>15</sup>Com efeito, fui seqüestrado da terra dos hebreus e, mesmo aqui, nada fiz para me trancarem na prisão”. <sup>16</sup>Quando o chefe dos padeiros viu que José explicava bem o sonho, disse-lhe: “Eu também tive um sonho: carregava sobre a cabeça três balaios de pão branco. <sup>17</sup>No balaio de cima havia toda sorte de guloseimas preparadas pelos padeiros para o faraó, e as aves comiam do balaio que eu levava sobre a cabeça”. <sup>18</sup>José respondeu: “Este é o significado: os três balaios são três dias. <sup>19</sup>Dentro de três dias o faraó levantará tua cabeça: ele te pendurará numa árvore para as aves comerem tua carne”. <sup>20</sup>Ora, realmente, ao terceiro dia o faraó celebrava o aniversário e ofereceu um banquete a todos os servidores e, de fato, “levantou a cabeça” do chefe dos copeiros e do chefe dos padeiros entre os servidores: <sup>21</sup>reconduziu o chefe dos copeiros ao cargo de servir a taça ao faraó; <sup>22</sup>e quanto ao chefe dos padeiros, mandou enforcá-lo, conforme a interpretação que José lhe havia dado. <sup>23</sup>Mas o chefe dos copeiros não pensou mais em José; esqueceu-o.

#### COMENTÁRIOS

**40, 8: “cabe a Deus as interpretações”** – Também reconhecido pelo profeta Daniel (Dn 2, 26-28). Ver o Estudo da Palavra: Sonho em 37, 5.

**40, 13: “levantará tua cabeça”** – Expressão sujeita a um trocadilho. Para o copeiro, a expressão significa que o faraó vai restaurá-lo ao serviço por um ato de clemência. Para o

padeiro, isso significa que o faraó vai separar sua cabeça do corpo por um horrível ato de execução (40, 19).

**40, 15: “prisão”** – O mesmo termo hebraico é traduzido como “cisterna” em 37, 24, dando a entender que José encontra-se no mesmo lugar em que começou, nova-

mente lançado no confinamento como a vítima da crueldade de outro.

**40, 19: “cabeça”** – Não um enforcamento público por uma corda no pescoço, mas a exposição pública do seu cadáver amarrado ou empalado a uma árvore (cf. Dt 21, 22).

**41 José interpreta os sonhos do Faraó** – <sup>1</sup>Passados dois anos, o faraó teve um sonho: achava-se às margens do rio Nilo <sup>2</sup>e viu subir dele sete vacas bonitas e gordas para pastar na várzea. <sup>3</sup>Mas atrás delas subiam do rio outras sete vacas feias e magras, que se colocaram junto às sete que já estavam à margem do rio. <sup>4</sup>As vacas feias e magras devoraram as sete vacas bonitas e gordas. Nisso o faraó acordou. <sup>5</sup>Depois adormeceu e sonhou pela segunda vez: viu sete espigas bem graúdas e belas saindo do mesmo caule. <sup>6</sup>Mas atrás delas brotaram sete espigas chochas, ressequidas pelo vento leste. <sup>7</sup>As sete espigas chochas engoliram as sete espigas graúdas e cheias. Então o faraó acordou e viu que era um sonho. <sup>8</sup>Pela manhã, com o espírito perturbado, mandou chamar todos os adivinhos e sábios do Egito. Contou-lhes os sonhos, mas não houve quem os interpretasse ao faraó. <sup>9</sup>Então o copeiro-mor falou ao faraó e disse: “Hoje devo recordar minha falta. <sup>10</sup>O faraó esteve irritado contra os servos e os mandou encarcerar na casa do chefe da guarda, a mim e ao chefe dos padeiros. <sup>11</sup>Na mesma noite, ambos tivemos um sonho, cada qual com um sentido diferente. <sup>12</sup>Havia lá conosco um jovem hebreu, escravo do chefe da guarda. Contamos os sonhos, e ele os interpretou, dando a cada um a sua interpretação. <sup>13</sup>Aconteceu tal como nos interpretou: eu fui reconduzido ao cargo e o outro foi pendurado”. <sup>14</sup>O faraó mandou chamar José, e depressa o tiraram da prisão. José barbeou-se, mudou de roupa e apresentou-se ao faraó. <sup>15</sup>O faraó disse a José: “Tive um sonho, e não há quem o interprete. Ouvi dizer que, apenas ouves um sonho, logo o interpretas”. <sup>16</sup>José respondeu ao faraó: “Não eu, mas Deus dará uma resposta plausível ao faraó”. <sup>17</sup>Então o faraó contou a José: “Em meu sonho estava de pé, às margens do rio, <sup>18</sup>e vi subir do rio sete vacas gordas, de bela aparência, que se puseram a pastar na várzea. <sup>19</sup>E logo atrás delas subiram outras sete vacas miseráveis, de aparência muito feia, tão magras e feias como nunca tinha visto em todo o Egito. <sup>20</sup>E as vacas magras e feias devoraram as sete primeiras vacas gordas, <sup>21</sup>mas entraram-lhes no ventre sem que se notasse diferença alguma, pois seu aspecto continuou tão ruim como antes. Nisto acordei. <sup>22</sup>Depois vi em sonho que saíam do mesmo caule sete espigas cheias e bonitas. <sup>23</sup>Atrás delas surgiram sete espigas mirradas, chochas e ressequidas pelo vento leste. <sup>24</sup>E as sete espigas chochas engoliram as sete espigas bonitas. Conte o sonho aos adivinhos, mas não há quem me revele o sentido”. <sup>25</sup>José disse ao faraó: “O sonho do faraó constitui uma unidade. Deus deu a conhecer ao faraó o que vai fazer. <sup>26</sup>As sete vacas bonitas são sete anos e as sete espigas bonitas são sete anos. Pois o sonho constitui uma unidade. <sup>27</sup>As sete vacas magras e feias que subiam atrás das outras são outros sete anos, e as sete espigas chochas e ressequidas pelo vento leste correspondem a sete anos de fome. <sup>28</sup>É como eu disse ao faraó: Deus lhe fez ver o que vai fazer. <sup>29</sup>Virão sete anos de grande fartura em todo o Egito. <sup>30</sup>Depois virão sete anos de carestia, que farão esquecer toda a fartura na terra do Egito, e a fome acabará com o país. <sup>31</sup>Esquecerão que houve fartura no país, por causa da fome que seguirá, pois será terrível. <sup>32</sup>A repetição do sonho por duas vezes significa que da parte de Deus o fato já está decretado e que ele se apressará em executá-lo. <sup>33</sup>Portanto, o faraó procure um homem inteligente e sábio e o ponha à frente do Egito. <sup>34</sup>Nomeie o faraó fiscais pelo país e recolha a quinta parte das colheitas do Egito durante os sete anos de fartura. <sup>35</sup>Reúnam todos os víveres dos anos bons que virão e, por ordem do faraó, armazenem o trigo e o guardem como provisão nas cidades. <sup>36</sup>Esses mantimentos servirão de provisão ao país para os sete anos de fome que virão sobre o Egito, a fim de que o país não pereça de fome”.



**Ascensão de José ao poder no Egito** – <sup>37</sup>Essas palavras agradaram ao faraó e a todos os seus servidores. <sup>38</sup>E o faraó disse aos servidores: “Poderíamos por acaso encontrar outro homem como este, dotado do espírito de Deus?” <sup>39</sup>E disse para José: “Uma vez que Deus te revelou essas coisas, não há pessoa tão inteligente e tão sábia como tu. <sup>40</sup>Serás tu quem governará o meu palácio; a teu comando, todo o povo te obedecerá. Só pelo trono serei maior do que tu”. <sup>41</sup>E o faraó disse ainda a José: “Olha, eu te ponho à frente de todo o Egito”. <sup>42</sup>O faraó tirou o seu anel da mão e o colocou na mão de José. Mandou vesti-lo com vestes de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. <sup>43</sup>Depois o fez subir no seu segundo carro e proclamar à sua frente: “De joelhos!” Assim, José foi posto à frente de todo o Egito. <sup>44</sup>O faraó disse a José: “Eu sou o faraó, mas sem ti ninguém moverá a mão nem o pé em todo o Egito”. <sup>45</sup>O faraó deu a José o nome de Safenat Fanec e deu-lhe em casamento Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. José viajou por toda terra do Egito. <sup>46</sup>José tinha trinta anos quando se pôs a serviço do faraó, rei do Egito. José saiu da presença do faraó e percorreu todo o Egito. <sup>47</sup>Durante os sete anos de fartura o país conheceu grande fertilidade. <sup>48</sup>José recolheu a produção dos sete anos em que houve fartura no Egito e armazenou-a nas cidades, depositando em cada uma a produção dos campos que a rodeavam. <sup>49</sup>José chegou a reunir trigo em tamanha quantidade como as areias do mar, de maneira que desistiu de contá-lo, porque ultrapassava toda medida. <sup>50</sup>Antes de chegar o primeiro ano da fome, José teve dois filhos com Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. <sup>51</sup>Ao primeiro deu o nome de Manassés, pois dizia: “Deus me fez esquecer todos os meus sofrimentos e a família de meu pai”. <sup>52</sup>Ao segundo chamou Efraim, dizendo: “Deus tornou-me fecundo na terra de minha aflição”. <sup>53</sup>Terminados os sete anos de fartura no Egito, <sup>54</sup>começaram a vir os sete anos de fome, como José havia dito. Em todos os países grassava a fome, mas no Egito inteiro havia o que comer. <sup>55</sup>E quando também todo o Egito começou a sentir fome, o povo se pôs a clamar ao faraó, pedindo pão. O faraó disse à população: “Dirigi-vos a José e fazei o que ele vos disser”. <sup>56</sup>Quando a fome se estendeu a todo o país, José abriu todos os armazéns e começou a vender o trigo aos egípcios, pois a fome se agravara também no Egito. <sup>57</sup>De toda a terra vinham ao Egito comprar alimento de José, pois a fome era dura em toda a terra.

---

41, 38-45: At 7, 10. 41, 54: At 7, 11.

---

**41, 39-44:** José é promovido ao cargo de vizir ou primeiro-ministro do Egito, isto é, aquele a quem é dada autoridade sobre a casa real (41, 40; Sl 105, 21). Isso faz dele o mais alto oficial na terra, perdendo apenas para o faraó. O anel do faraó é entregue a ele, que recebe autoridade para promulgar decretos reais (47, 26); e vestido de linho e ouro, ele tem o direito à honra e submissão do povo egípcio. O prestígio do vizir era amplamente reconhecido no antigo Oriente Próximo, onde existiam posições governamentais semelhantes nos reinos da Babilônia (Dn 2, 48), Pérsia (Est 8, 2. 15; 10, 3) e Israel (Is 22, 15-23). Ver o Estudo da Palavra: Sobre a criadagem em 1º Reis 16, 9.

**41, 45: “Safenat Fanec”** – Um nome egípcio de significado incerto. As propostas incluem “o deus fala e vive” e “aquele que é chamado *Ip-ankh*” (*Ip-ankh* era um nome comum no segundo milênio a.C.).

**“Asenet”:** Um nome egípcio que provavelmente significa “pertencente à deusa Neith”.

**“Putifar”:** Considerado uma pequena variação do nome “Putifar” como o ex-senhor de José (39, 1).

**“On”:** Dez milhas ao norte da atual Cairo. A cidade também era conhecida por seu nome grego, “*Heliopolis*” (Jr 43, 13), que significa “Cidade do Sol” (Is 19, 18). Era um

centro de aprendizagem em tempos antigos e um centro de culto ao deus-sol. Que José se casa na casta sacerdotal em On significa que ele se junta às fileiras da nobreza egípcia.

**41, 46: “trinta anos”** – Um total de treze anos após José ter sonhado com a grandeza pela primeira vez (37, 2-11) e ser vendido ao Egito (37, 25-36).

**41, 51-52:** José gerou dois filhos com

suas esposas egípcias: Manassés, cujo nome é semelhante à expressão hebraica “Deus me fez esquecer”, de Efraim, cujo nome lembra a afirmação: “Deus me fez fecundo”. Esses filhos encarnam a alegria e o contentamento da nova vida de José no Egito.

**41, 57: “vinham ao Egito”** – Também um lugar de refúgio contra a fome nos dias de Abraão (12, 10).

**42** Os irmãos de José vão ao Egito – <sup>1</sup>Ao ver que havia cereais no Egito, Jacó disse aos filhos: “Por que ficais aí parados olhando uns para os outros? <sup>2</sup>Ouvi dizer que no Egito há trigo. Descei até lá e comprai trigo para nós, a fim de nos mantermos vivos e não morrermos”. <sup>3</sup>Assim, dez dos irmãos de José desceram para comprar trigo no Egito. <sup>4</sup>Jacó, porém, não deixou Benjamim, irmão de José, ir com os irmãos, com medo que lhe acontecesse alguma desgraça. <sup>5</sup>Os filhos de Israel chegaram com outros que também vinham comprar cereais, pois havia fome em Canaã. <sup>6</sup>José governava o país e era ele quem vendia cereais a toda a população. Quando chegaram, os irmãos de José prostraram-se diante dele com o rosto em terra. <sup>7</sup>Ao ver os irmãos, José os reconheceu, mas comportou-se com eles como um estranho e lhes falou com rispidez. “De onde estais vindo?”, perguntou. Eles responderam: “De Canaã, para comprar víveres”. <sup>8</sup>José reconheceu os irmãos, mas eles não o reconheceram. <sup>9</sup>José lembrou-se dos sonhos que teve a respeito deles e lhes falou: “Vós sois uns espíões. Viestes ver os pontos fracos do país”. <sup>10</sup>Eles disseram: “Não, Senhor! Teus servos vieram comprar mantimentos. <sup>11</sup>Todos nós somos filhos do mesmo pai, somos gente honesta; teus servos não são espíões”. <sup>12</sup>Ele lhes replicou: “Não é verdade, viestes ver os pontos fracos do país”. <sup>13</sup>Eles disseram: “Nós, teus servos, éramos doze irmãos, filhos do mesmo pai na terra de Canaã. O mais novo ficou com o pai e um dos doze já não existe”. <sup>14</sup>José insistiu: “Sois mesmo o que vos disse: uns espíões. <sup>15</sup>Mas vou pôr-vos à prova quanto a isso. Eu juro pela vida do faraó, não saireis daqui enquanto não vier vosso irmão menor. <sup>16</sup>Mandai um de vós buscar vosso irmão, e vós outros ficareis aqui presos. Assim provareis se o que dizeis é verdade. Caso contrário, pela vida do faraó, juro, sois uns espíões.” <sup>17</sup>E mandou metê-los na prisão durante três dias. <sup>18</sup>No terceiro dia José disse-lhes: “Deveis fazer o seguinte para salvardes a vida – pois eu temo a Deus –: <sup>19</sup>se realmente sois gente honesta, fique um dos irmãos aqui no cárcere, e vós outros ide levar o trigo que comprastes para alimentar vossas casas. <sup>20</sup>Mas trazei-me o vosso irmão mais novo, para que eu possa provar a verdade de vossa palavra se vós não precisais morrer”. Eles aceitaram fazer assim <sup>21</sup>e diziam uns aos outros: “É justo sofreremos estas coisas, pois pecamos contra o nosso irmão. Vimos sua angústia quando nos pedia compaixão e não o atendemos. É por isso que nos veio esta desgraça”. <sup>22</sup>Rúben lhes disse: “Não vos adverti para que não pecásseis contra o menino? Mas vós não me escutastes, e agora nos pedem contas do seu sangue”. <sup>23</sup>Eles não sabiam que José os entendia, pois lhes falava por meio de intérprete. <sup>24</sup>Então José se afastou deles e chorou. Pouco depois voltou e falou com eles; escolheu Simeão e mandou amarrá-lo à vista deles. <sup>25</sup>José mandou que lhes enchessem de trigo os sacos, colocassem neles o respectivo dinheiro e lhes dessem provisões para o caminho. E assim se fez.

42, 2: At 7, 12. 42, 5: At 7, 11.

#### COMENTÁRIOS

**42, 4: “não deixou Benjamim”** – Jacó | ele é o caçula de seus filhos, e (2) porque protege especialmente Benjamin porque (1) | sume que Benjamin seja o último filho vivo

de sua amada esposa Raquel (44, 20). José, que é o único irmão completo de Benjamin, foi igualmente favorecido por Jacó (37, 3), antes de a sua morte ser fraudada por seus irmãos (37, 31-35).

**42, 6: “prostraram-se”** – A realização dos sonhos de José (37, 7, 9).

**42, 9: “Vós sois uns espíões”** – Uma acusação falsa que José usa para reunir informações sobre Benjamim e efetuar um plano maior para reunir sua família no Egito. Alcança êxito em ambos (42, 31; 43, 7; 46, 1-7).

**42, 21: “pecamos”** – Depois de três dias de prisão (42, 17), os irmãos são assombrados por memórias de sua crueldade para com José. Com o coração pesado e com remorso, eles começam a perceber que a justiça divina está os alcançando (42, 22).

**42, 22: “não vos adverti”** – Foi Rúben que primeiro interveio para resgatar José dos planos assassinos de seus irmãos (37, 21).

**42, 23: “José os entendia”** – Apenas fingindo precisar de um intérprete, José segue tudo o que seus irmãos estão dizendo quando conversam em seu dialeto semita nativo.

**Os irmãos de José retornam a Canaã** – <sup>26</sup>Eles carregaram o trigo sobre os jumentos e partiram. <sup>27</sup>Quando, no lugar onde pernoitaram, um deles abriu o saco para dar ração ao jumento, viu que o dinheiro estava na boca do saco. <sup>28</sup>Ele disse aos irmãos: “Devolveram-me o dinheiro, está aqui no saco”. Então perderam a coragem e muito preocupados diziam uns aos outros: “Que será isso que Deus está fazendo conosco?” <sup>29</sup>Retornando junto ao pai Jacó, na terra de Canaã, contaram-lhe tudo o que havia acontecido e disseram: <sup>30</sup>“O homem que governa aquela terra falou-nos com dureza e nos tratou como espíões do país. <sup>31</sup>Nós lhe dissemos: ‘Somos gente honesta, não somos espíões. <sup>32</sup>Éramos doze irmãos, filhos do mesmo pai; um desapareceu e o menor está no momento com o pai na terra de Canaã’. <sup>33</sup>E nos disse o homem que governa o país: ‘Nisto saberei se sois gente honesta: deixai comigo um de vós, levai mantimentos para matar a fome de vossas famílias e parti. <sup>34</sup>Trazei-me depois o irmão mais novo. Assim saberei que não sois espíões, mas gente honesta. Então vos devolverei o irmão e podereis circular pelo país’”. <sup>35</sup>Quando esvaziaram os sacos, encontraram a bolsa de dinheiro em cada saco. Vendo as bolsas com o dinheiro, tanto eles como o pai ficaram com medo. <sup>36</sup>Jacó, o pai, lhes disse: “Ides deixar-me sem filhos! José desapareceu, Simeão já não está aqui e quereis levar Benjamim também? Tudo se volta contra mim!” <sup>37</sup>Rúben disse ao pai: “Poderás matar meus dois filhos se não te devolver Benjamim. Confia-o a mim, que eu o devolverei a ti”. <sup>38</sup>Ele lhe respondeu: “Meu filho não descera convosco. Seu irmão morreu, só resta ele. Se na viagem, que ides fazer, lhe acontecer uma desgraça, de tanta dor fareis descer este velho de cabelos brancos à morada dos mortos”.

**42, 34: “podereis circular”** – Os irmãos escondem de Jacó que José ameaçou-os com a morte caso voltassem para o Egito sem Benjamim (42, 18-19).

**42, 37: “Matar meus dois filhos”** – Assim como Rúben, seguido de Judá, interveio para salvar a vida de José (37, 21. 26), novamente Rúben, seguido de Judá, se voluntariou para proteger a vida de Benjamim (43, 8-9).

**42, 38: “não descerá”** – Jacó recusa-se

terminantemente a enviar Benjamim ao Egito nesta primeira proposta. É só depois de a fome se arrastar e a oferta de alimentos ficar baixa que ele concorda em deixá-lo ir (43, 1-14).

**“Morada dos mortos”:** Ver comentário sobre 37, 35.

**43** Os irmãos de José levam Benjamin ao Egito – <sup>1</sup>Ora, a fome grassava pela terra. <sup>2</sup>Acabadas as provisões trazidas do Egito, o pai lhes disse: “Voltai para comprar para nós alguns mantimentos”. <sup>3</sup>Mas Judá respondeu-lhe: “Aquele homem nos jurou: ‘Não me apareçais sem vosso irmão’. <sup>4</sup>Se deixas ir conosco nosso irmão, desceremos para te comprar as provisões. <sup>5</sup>Se não o mandas, não vamos descer, pois aquele homem nos disse: ‘Não apareçais sem o vosso irmão’”. <sup>6</sup>E Israel disse: “Por que me fizestes esse mal, contando àquele homem que tínheis outro irmão?” <sup>7</sup>E eles lhe responderam: “Aquele homem nos interrogou insistentemente sobre nós e nossa família e nos perguntou: ‘Vosso pai ainda está vivo? Tendes algum outro irmão?’ E nós respondemos segundo as perguntas. Podíamos acaso saber que ele ia nos dizer: ‘Trazei vosso irmão?’” <sup>8</sup>E Judá disse ao pai Israel: “Deixa ir comigo o menino para que possamos pôr-nos a caminho e conservar-nos vivos; do contrário, morreremos nós, tu e nossos filhos. <sup>9</sup>Responsabilizo-me por ele, de mim tu o reclamarás. Se não o trouxer de volta, colocando-o em tua presença, serei culpado para sempre diante de ti. <sup>10</sup>Se não nos tivéssemos atrasado tanto, já estaríamos de volta pela segunda vez”. <sup>11</sup>Disse-lhes o pai Israel: “Sendo assim, fazei o seguinte: escolhei para bagagem alguns dos melhores produtos desta terra e levai-os como presente a esse homem: um pouco de bálsamo, um pouco de mel, especiarias, resina, terebinto e amêndoas. <sup>12</sup>Levai convosco o dobro de dinheiro para devolver o que foi posto nos sacos, pois talvez tenha sido um engano. <sup>13</sup>Tomai vosso irmão e retornai para junto desse homem. <sup>14</sup>E o Deus Poderoso faça que esse homem vos mostre compaixão, para que deixe voltar convosco o irmão que ficou ali e também Benjamim. Quanto a mim, se tiver de ser privado de meus filhos, que seja”. <sup>15</sup>Levaram consigo presentes, o dobro de dinheiro e Benjamim, desceram para o Egito e apresentaram-se a José. <sup>16</sup>Assim que José viu Benjamim com eles, disse ao mordomo: “Faze entrar estes homens em casa; mata um animal e prepara-o, pois estes homens comerão comigo ao meio-dia”. <sup>17</sup>O mordomo fez o que José lhe tinha ordenado e os introduziu na casa de José. <sup>18</sup>Enquanto entravam na casa de José, cheios de temor diziam entre si: “É por causa do dinheiro da outra vez, colocado em nossos sacos, que nos trazem aqui. É um pretexto para nos espoliar e cair sobre nós, fazendo-nos escravos com nossos jumentos”. <sup>19</sup>Aproximando-se do mordomo, falaram-lhe à entrada da casa, <sup>20</sup>dizendo: “Perdão, Senhor! Nós já viemos aqui uma vez para comprar mantimentos. <sup>21</sup>Ao chegarmos ao lugar onde na volta passamos a noite, abrimos os sacos e vimos que o dinheiro de cada um estava na boca do respectivo saco. Nós o trouxemos de volta, <sup>22</sup>com outra quantia igual para comprar provisões. Não sabemos quem pôs o dinheiro no saco”. <sup>23</sup>“Ficai tranquilos – disse-lhes o mordomo – não temais! Foi vosso Deus, o Deus de vosso pai quem vos pôs este tesouro nos sacos. Eu recebi vosso dinheiro”. E mandou trazer-lhes Simeão. <sup>24</sup>Depois de fazê-los entrar na residência de José, deu-lhes água para lavarem os pés e deu também ração aos jumentos. <sup>25</sup>Eles prepararam os presentes, esperando que José viesse ao meio-dia, pois haviam sido avisados de que comeriam ali. <sup>26</sup>Quando José chegou em casa, eles lhe apresentaram os presentes que haviam trazido consigo, prostrando-se por terra diante dele. <sup>27</sup>Perguntou-lhes se estavam bem e lhes disse: “Vosso velho pai, de quem me falastes, está bem? Ainda vive?” <sup>28</sup>Eles lhe responderam: “Teu servo está bem, nosso pai ainda vive”, e inclinaram-se profundamente. <sup>29</sup>José ergueu os olhos e viu Benjamim, seu irmão, filho de sua mãe, e disse: “É este vosso irmão mais novo do qual me falastes?” E acrescentou: “Deus te seja favorável, meu filho”.

<sup>30</sup>Ficou todo comovido por causa do irmão e estava prestes a chorar. Entrou por isso apressadamente nos aposentos, onde desatou em prantos. <sup>31</sup>Depois de lavar o rosto, reapareceu, fazendo esforços para se conter e disse: “Servi a comida”. <sup>32</sup>Serviram separadamente a José, aos irmãos e também aos egípcios que com ele comiam, pois os egípcios não podem comer com os hebreus, por ser isso coisa abominável para eles. <sup>33</sup>Assentaram-se diante dele por ordem de idade, desde o mais velho até o mais novo, olhando espantados uns para os outros. <sup>34</sup>José mandou servir-lhes porções de sua mesa, mas a porção de Benjamim era cinco vezes maior do que a dos outros. Eles beberam e ficaram muito alegres em sua companhia.

**43, 1-34:** Os filhos de Jacó fazem uma segunda viagem para o Egito em busca de mantimentos. Desta vez eles levam Benjamim, sob a proteção pessoal de Judá, juntamente com um presente de boa vontade para José.

**43, 9: “responsabilizo-me por ele”** – Judá promete assumir a responsabilidade pessoal pelo bem-estar de Benjamim na viagem. Como um fiador vivo, ele se voluntaria para sacrificar-se para o bem de seu irmão mais novo e suportar as conseqüências se algo der errado (44, 32; Eclo 29, 15).

**43, 14: “o irmão que ficou ali”** – Simeão, que ainda está preso na prisão de José (42, 19. 24).

**43, 26: “prostrando-se”** – A segunda vez que seus irmãos se prostram em homenagem (42, 6), novamente em realização dos sonhos de José (como em 37, 7. 9).

**43, 29: “meu filho”** – Benjamim é chamado assim porque ele é muito mais jovem do que José.

**43, 32: “serviram separadamente”** – Arranjos de assentos separados para a refeição são um reflexo de todas as classes e raças entre os participantes. A razão por que os egípcios se recusam à comunhão da mesa com os hebreus é obscura, embora possa estar relacionada com a ocupação dos hebreus como pastores que se envolviam em sacrifícios de animais. Esta interpretação é sustentada por que o abominável para os egípcios é mencionado em outras partes do Pentateuco apenas em conexão com o pastorear (46, 34) e sacrifício ritual (Ex 8, 26). Ver comentário sobre 46, 34.

**43, 33: “espantados”** – Os irmãos se espantam quando José os acomoda à mesa na ordem exata do seu nascimento.

**43, 34: “cinco vezes”** – As várias porções são provas de amor preferencial de José por Benjamim. Este favoritismo quántuplo também é mostrado em 45, 22.



**44** José detém Benjamin – <sup>1</sup>José deu ao seu administrador esta ordem: “Enche os sacos destes homens de víveres quanto couber e põe o dinheiro de cada um na boca do saco. <sup>2</sup>Põe também minha taça, a taça de prata, na boca do saco do mais moço, juntamente com o dinheiro do trigo”. O mordomo fez o que José lhe havia ordenado. <sup>3</sup>Ao amanhecer, deixaram partir os hebreus com seus jumentos. <sup>4</sup>Estando eles ainda não muito longe, pois apenas tinham saído da cidade, José disse ao seu administrador: “Sai em perseguição desses homens e dize-lhes quando os alcançares: ‘Por que pagastes o bem com o mal? Não é por acaso esta a taça em que bebe meu patrão? É com ela que ele se põe a adivinhar. Fizestes mal em agir assim’”. <sup>6</sup>Quando os alcançou, repetiu-lhes o mordomo estas mesmas palavras. <sup>7</sup>Eles responderam: “Por que fala assim o meu senhor? Longe de teus servos fazer uma coisa dessas! <sup>8</sup>Até o dinheiro achado na boca de nossos sacos te trouxemos de volta da terra de Canaã, como então iríamos furtar ouro ou prata da casa de teu senhor? <sup>9</sup>Morra aquele de teus servos em cujo poder se encontrar a taça, e nós sejamos reduzidos a escravos de teu senhor”. <sup>10</sup>E ele respondeu: “Quanto ao que dizeis, fica assim: aquele com quem se encontrar a taça será meu escravo, e vós outros estareis livres”. <sup>11</sup>Cada um descarregou depressa o saco em terra e o abriu. <sup>12</sup>Começando pelo mais velho e acabando pelo mais novo, o mordomo os examinou e a taça foi encontrada no saco de Benjamin. <sup>13</sup>Então, num gesto de dor, eles rasgaram as vestes, carregaram de novo os jumentos e voltaram à cidade. <sup>14</sup>Quando Judá chegou com os irmãos à residência de José que ainda ali estava, prostraram-se com o rosto em terra. <sup>15</sup>José lhes perguntou: “O que foi que fizestes? Não sabíeis que um homem como eu é capaz de adivinhar?” <sup>16</sup>Judá respondeu: “O que podemos dizer a meu senhor? Como falar, como mostrar nossa inocência? Deus descobriu a culpa de teus servos. Tanto nós como aquele em cujo poder foi encontrada a taça nos tornamos agora teus escravos”. <sup>17</sup>Ele, porém, respondeu: “Longe de mim fazer isso! Aquele com quem se encontrou a taça será meu escravo. Quanto a vós, voltaí em paz junto de vosso pai”.

**44, 1-13:** José encena um teste final para apurar o amor de seus irmãos por Benjamin, bem como sua lealdade para com Jacó. Ao colocar a sua taça de prata no saco de grãos de Benjamin consegue focar estas duas questões relacionadas.

**44, 5: “se põe a adivinhar”** – A taça real é também uma taça de adivinhação. Quando líquidos, óleos e outros objetos são derramados na taça, considera-se que as formações resultantes revelam informações sobre o futuro de maneira simbólica. A prática era comum no antigo Oriente Próximo, e os detalhes acrescentam um toque de autenticidade ao relato. No entanto, não há nenhuma indicação clara de que José seja praticante dessas artes supersticiosas; todos os indícios até o momento sugere que ele recebe revelação di-

retamente de Deus (40, 8; 41, 16. 25. 32).

**44, 9: “morra”** – Recorda como Raquel roubou os ídolos do pai (31, 19), e Jacó, sem saber do plano dela, prometeu a morte para o ladrão (31, 32).

**44, 13: “rasgaram as vestes”** – Um sinal de sofrimento extremo (37, 29. 34).

**44, 16: “a culpa”** – A culpa de desmentir José e enganar Jacó sobre o seu destino. Judá sente que a punição divina para esta maldade finalmente chegou a eles. Note-se declaração semelhante por Rúben em 42, 22.

**“Teus escravos”:** Uma inversão irônica de papéis. José, uma vez vendido como escravo por seus irmãos, está agora em uma posição para escravizar esses mesmos irmãos no Egito.

**Judá defende a soltura de Benjamin** – <sup>18</sup>Aproximou-se então Judá e, com confiança, disse: “Perdão, meu senhor! Permite ao teu servo falar uma palavra aos teus ouvidos, sem que se acenda tua cólera contra mim. Pois tu és como o próprio faraó. <sup>19</sup>Foi meu senhor quem perguntou a seus servos: ‘Ainda tendes pai e algum outro irmão?’ <sup>20</sup>E nós respondemos: ‘Temos um pai já velho e temos o irmão mais novo, nascido em sua velhice. Este tinha um irmão, que morreu; ele é o único filho que resta de sua mãe, e seu pai o ama com muita ternura. <sup>21</sup>Tu disseste a teus servos: ‘Trazei-o a mim para que eu possa vê-lo’. <sup>22</sup>Nós te dissemos: ‘O menino não pode deixar o pai. Se o deixar, o pai morrerá’. <sup>23</sup>Mas tu disseste a teus servos: ‘Se não vier convosco o irmão mais novo, não me apareçais aqui’. <sup>24</sup>Quando, pois, voltamos para junto de teu servo, nosso pai, contamos-lhe tudo o que meu senhor tinha dito. <sup>25</sup>Mais tarde disse-nos o pai: ‘Voltai para comprar alguns mantimentos’, <sup>26</sup>e nós lhe respondemos: ‘Não podemos ir, a não ser que o irmão mais novo vá conosco. Se o irmão não nos acompanhar, não poderemos apresentar-nos àquele homem’. <sup>27</sup>E o teu servo, nosso pai, respondeu: ‘Bem sabeis que minha mulher me deu apenas dois filhos. <sup>28</sup>Um deles saiu de casa e eu disse: um animal feroz o devorou. Até agora não apareceu. <sup>29</sup>Se me levardes também este e lhe acontecer alguma desgraça, fareis descer de desgosto meus cabelos brancos à morada dos mortos’. <sup>30</sup>Se eu voltar agora para teu servo meu pai, sem o menino, a quem está intimamente afeiçoado, <sup>31</sup>quando der pela falta do menino, morrerá. E nós teremos feito descer, de tristeza, à morada dos mortos teu servo de cabelos brancos, nosso pai. <sup>32</sup>Eu, teu servo, me tornei responsável pelo menino ao tirá-lo do pai e disse: ‘Se não o trouxer de volta, serei eternamente culpado perante meu pai’. <sup>33</sup>Deixa, pois, que teu servo fique como escravo de meu Senhor em lugar do menino, para que ele possa subir de volta com os irmãos. <sup>34</sup>Do contrário, como poderei voltar para junto de meu pai sem o menino? Não gostaria de ver meu pai atingido pela desgraça”.

**44, 18-34:** Judá avança para entregar um discurso emocionado a José. Ele está pedindo misericórdia, não apenas para Benjamin e para os irmãos em geral, mas para o velho Jacó, que com certeza vai morrer de tristeza se seu filho mais novo não retornar a ele. Judá está até mesmo disposto a substituir-se

por Benjamim e aceitar os grilhões da escravidão para evitar isso. Seu apelo desesperado deixa José em lágrimas (45, 1-3). Ver comentário sobre 43, 9.

**44, 31: “morada dos mortos”** – Ver comentário sobre 37, 35.



**45** José se dá a conhecer a seus irmãos – <sup>1</sup>Então José não pôde mais conter-se diante de todos os que o rodeavam e gritou: “Mandai sair toda a gente”. E assim, ninguém mais ficou com ele quando se deu a conhecer aos irmãos. <sup>2</sup>José rompeu num choro tão forte, que os egípcios o ouviram e até mesmo a casa do faraó. <sup>3</sup>E José disse a seus irmãos: “Eu sou José! Meu pai ainda vive?” Mas os irmãos não conseguiam responder nada, pois ficaram estarelecidos diante dele. <sup>4</sup>José, cheio de clemência, disse aos irmãos: “Aproximai-vos de mim”. Tendo eles se aproximado, ele repetiu: “Eu sou José, vosso irmão, que vendestes para o Egito. <sup>5</sup>Entretanto, não vos aflijais, nem vos atormenteis por me terdes vendido a este país, pois foi para conservar-vos a vida que Deus me enviou à vossa frente. <sup>6</sup>De fato este é o segundo ano de fome no país, e durante outros cinco não haverá sementeira nem colheita. <sup>7</sup>Deus me enviou à vossa frente para assegurar-vos a sobrevivência no país e preservar-vos as vidas para uma libertação grandiosa. <sup>8</sup>Portanto não fostes vós que me enviastes para cá, mas Deus. Ele me constituiu tutor do faraó, administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito. <sup>9</sup>Voltai depressa para dizer a meu pai: ‘Assim diz teu filho José: Deus me constituiu administrador de todo o Egito. Desce, pois, para junto de mim sem tardar. <sup>10</sup>Habitáreis na terra de Gessen e estarás perto de mim com os filhos e netos, com as ovelhas e bois e tudo o que tens. <sup>11</sup>Lá eu te sustentarei, pois ainda restam outros cinco anos de fome, para que não venhas a cair na indigência com a família e tudo o que tens’. <sup>12</sup>Com os vossos próprios olhos estais vendo, e meu irmão Benjamim o vê com os seus que sou eu mesmo que vos falo. <sup>13</sup>Contai a meu pai quanto é o meu prestígio no Egito e tudo o que vistes, e apressai-vos em trazer para cá meu pai”. <sup>14</sup>Então abraçou seu irmão Benjamim e pôs-se a chorar. Benjamim também chorava abraçado a José. <sup>15</sup>Em seguida beijou todos os irmãos, chorando enquanto os abraçava. Depois os irmãos conversaram com ele. <sup>16</sup>Correu pela casa do faraó a notícia: “Chegaram os irmãos de José”. Isto trouxe satisfação ao faraó e a seus servidores. <sup>17</sup>E o faraó disse a José: “Dize a teus irmãos: ‘Fazei o seguinte: carregai os animais e retornai à terra de Canaã. <sup>18</sup>Buscai vosso pai e vossas famílias e voltai a mim. Eu vos darei as terras mais férteis do Egito e comereis o que há de melhor no país’. <sup>19</sup>Tu, transmite a teus irmãos esta ordem: ‘Levai do Egito carros para transportar os filhos e as mulheres, e voltai quanto antes para cá, trazendo vosso pai. <sup>20</sup>Não tenhais pena de deixar vossos bens, pois será vosso o que de melhor há no Egito”. <sup>21</sup>Assim fizeram os filhos de Israel, e José lhes deu carros, segundo a ordem do faraó, e provisões para a viagem. <sup>22</sup>Deu-lhes também a cada um mudas de roupa e a Benjamim trezentas moedas de prata e cinco vestes. <sup>23</sup>Enviou também ao pai dez jumentos carregados com o que de melhor havia no Egito e dez jumentas carregadas de trigo, de pão e víveres para a viagem do pai. <sup>24</sup>Depois, ao despedir-se dos irmãos, quando iam partir, disse-lhes: “Não fiquéis perturbados pelo caminho”. <sup>25</sup>Saíram, pois, do Egito e chegaram à terra de Canaã, para junto do pai, <sup>26</sup>e lhe comunicaram a notícia: “José ainda está vivo. Ele é o governador de todo o Egito”. Mas Jacó ficou perplexo, pois não podia acreditar neles. <sup>27</sup>Eles, então, contaram tudo o que José lhes dissera. Depois, ao ver os carros que José lhe mandava para transportá-lo, reanimou-se o espírito de seu pai Jacó. <sup>28</sup>E Israel disse: “Basta! Meu filho José ainda vive! Irei vê-lo antes de morrer”.

45, 1: At 7, 13.

#### COMENTÁRIOS

**45, 1-15:** O ponto alto da história de José, quando ele revela sua identidade, se reconcilia com seus irmãos, e reflete sobre o plano de salvação de Deus.

**45, 2: “rompeu num choro tão forte”**  
– A terceira e última vez que José é tomado

pela emoção na luta para esconder sua identidade de sua família (42, 24; 43, 30).



**45, 5: “não vos aflijais”** – Implica que José perdoou seus irmãos e não tem planos para se vingar deles.

**“Deus me enviou à vossa frente”:** José



**46** Jacó leva sua família inteira para o Egito – <sup>1</sup>Israel partiu com tudo o que tinha. Ao chegar a Bersabéia, ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaac. <sup>2</sup>Deus falou a Israel em visão noturna, dizendo-lhe: “Jacó! Jacó!” E ele respondeu: “Aqui estou!” <sup>3</sup>E Deus lhe falou: “Eu sou Deus, o Deus de teu pai. Não tenhas medo de descer ao Egito, pois lá farei de ti uma grande nação. <sup>4</sup>Eu mesmo descerei contigo ao Egito e de lá te farei subir, e é José que te fechará os olhos”. <sup>5</sup>Jacó levantou-se e deixou Bersabéia. Os filhos de Israel puseram o pai Jacó, as crianças e as mulheres sobre os carros que o faraó enviara para os transportar. <sup>6</sup>Levaram também consigo os rebanhos e os bens que possuíam na terra de Canaã, e Jacó se encaminhou para o Egito com toda a descendência: <sup>7</sup>os filhos e netos, as filhas e netas, toda a descendência, ele os levou consigo para o Egito. <sup>8</sup>Eis aqui os nomes dos israelitas, Jacó e os filhos, que entraram no Egito. O primogênito de Jacó, Rúben. <sup>9</sup>Filhos de Rúben: Henoc, Falu, Hesron e Carmi. <sup>10</sup>Filhos de Simeão: Jamuel, Jamin, Aod, Jaquin, Soar e Saul, filho da cananéia. <sup>11</sup>Filhos de Levi: Gérson, Caat e Merari. <sup>12</sup>Filhos de Judá: Her, Onã, Sela, Farés e Zara; porém, Her e Onã morreram na terra de Canaã. Filhos de Farés: Hesron e Hamul. <sup>13</sup>Filhos de Issacar: Tola, Fua, Jasub e Semron. <sup>14</sup>Filhos de Zabulon: Sared, Elon e Jael. <sup>15</sup>São esses os filhos que Lia deu a Jacó em Padá-Aram, além da filha Dina. Total de seus filhos e filhas: trinta e três pessoas. <sup>16</sup>Filhos de Gad: Safon, Hagi, Suni, Esebon, Eri, Arodi e Areli. <sup>17</sup>Filhos de Aser: Jamne, Jesua, Jessui, Beria e a irmã Sera. Filhos de Beria eram Héber e Melquiel. <sup>18</sup>São esses os filhos de Zelfa, a escrava que Labão havia dado à sua filha Lia, e que ela deu a Jacó: dezesseis pessoas. <sup>19</sup>Filhos de Raquel, mulher de Jacó: José e Benjamim. <sup>20</sup>No Egito José teve Manassés e Efraim, nascidos de Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. <sup>21</sup>Filhos de Benjamim: Bela, Bocor, Asbel, Gera, Naamá, Equi, Ros, Mofim, Ofim e Ared. <sup>22</sup>São esses os filhos de Raquel, os que ela deu a Jacó: catorze pessoas ao todo. <sup>23</sup>Filhos de Dã: Husim. <sup>24</sup>Filhos de Neftali: Jasiel, Guni, Jeser e Salém. <sup>25</sup>São esses os filhos de Bala, a escrava que Labão deu à filha Raquel. Ao todo, deu sete pessoas a Jacó. <sup>26</sup>O total das pessoas que emigraram com Jacó para o Egito, descendentes dele, sem contar as mulheres dos filhos, era de sessenta e seis pessoas. <sup>27</sup>Os filhos de José nascidos no Egito eram dois. A casa toda de Jacó, que emigrou para o Egito, constava de setenta pessoas.

46, 6: At 7, 14-15. 46, 8-27: Ex 1, 1-4; Nm 26, 4-50. 46, 27: At 7, 14.

#### COMENTÁRIOS

**46, 1-4:** A última aparição do Senhor aos Patriarcas observada nas Escrituras. Não até Moisés se curvar diante da sarça ardente, mais de quatrocentos anos depois, outro israelita vai encontrar a voz e presença de Deus desta maneira notável (Ex 3, 1-22). A promessa feita a Jacó nesta ocasião – que o Senhor estará com ele e o levará de volta a Canaã – recorda a promessa semelhante feita na véspera de sua primeira partida de Canaã, em 28, 15.

**46, 1: “Bersabéia”** – Assentamento no sul de Canaã já consagrado ao culto por Abraão (21, 33) e Isaac (26, 23-25).

**“Ofereceu sacrifícios”:** Uma dimensão importante da religião patriarcal (4, 3-4; 8, 20; 22, 13; Jó 1, 5).

**46, 3: “uma grande nação”** – Cumpre a promessa feita a Abraão no seu chamado em 12, 2. Ver Ensaio sobre um Tópico: A Aliança abraâmica em Gn 12.

**46, 8-27:** A família de Jacó estabelecida no Egito. O texto hebraico conta setenta descendentes do patriarca (46, 27), um número que lembra a tabela anterior das setenta nações descendentes de Noé e seus filhos (10, 6-32; Dt 32, 8). A LXX grega dá uma lista mais expandida de setenta e cinco des-

cendentes, que inclui três filhos e dois netos de Efraim e Manassés (46, 20). Estevão segue esta segunda tradição em Atos 7, 14.

**46, 8: “entraram no Egito”** – Uma leitu-

ra literal da cronologia bíblica aloca o início da permanência de Israel no Egito por volta de 1876 a.C., um total de quatrocentos e trinta anos antes do Êxodo (Ex 12, 40-41).

**Jacó habita na terra de Gessem** – <sup>28</sup>Jacó enviou Judá na frente para avisar José e fazê-lo vir ao seu encontro em Gessen. Quando chegaram à terra de Gessen, <sup>29</sup>José mandou atrelar seu carro e dirigiu-se a Gessen ao encontro de seu pai Israel. Logo que o viu, lançou-se ao seu pescoço e, abraçado, chorou longamente. <sup>30</sup>Israel disse a José: “Agora que vi teu rosto, posso morrer, pois ainda estás vivo”. <sup>31</sup>José disse aos irmãos e à família do pai: “Vou subir para informar ao faraó e lhe dizer: ‘Vieram meus irmãos com toda a família de meu pai, que estavam na terra de Canaã. <sup>32</sup>São pastores e têm rebanhos de ovelhas e bois, e vieram trazendo tudo consigo’. <sup>33</sup>Por isso, quando o faraó vos chamar e vos perguntar qual a vossa profissão, <sup>34</sup>respondereis: ‘Nós, teus servos, somos proprietários de rebanhos desde a infância até agora, como o foram nossos pais’. Assim podereis habitar na região de Gessen”. (Os egípcios, de fato, abominam todos os pastores de ovelhas.)

**46, 29: “lançou-se ao seu pescoço”** – Este abraço emocional, encharcado de lágrimas, é característica de encontros familiares no Gênesis (33, 4; 45, 14).

**46, 34: “abominam todo pastor de ovelhas”** – A razão para isso não é especificada, mas parece que os egípcios desprezavam pastores como criminosos contra a sua religião. Isso ocorre porque vários animais de rebanho eram reverenciados como símbolos de divindades egípcias. O pastoreio, que implicava usar esses animais para a alimentação e suas peles para diversos fins domésticos, provavelmente era considerado profanação e dessacralização dessas representações sagradas dos deuses. Para a tensão explosiva criada pelo sacrifício do rebanho no Egito, ver comentário sobre Ex 8, 26 e Ensaio sobre um Tópico: Sacrifício no Antigo Testamento em Lv 9.

NOTAS

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

**47**<sup>1</sup>José foi anunciar ao faraó: “Meu pai e meus irmãos vieram da terra de Canaã, com as ovelhas e bois e tudo o que têm. Estão agora na terra de Gessen”. <sup>2</sup>Tendo levado cinco dos irmãos, apresentou-os ao faraó. <sup>3</sup>E o faraó lhes perguntou: “Qual é vossa profissão?” Eles responderam ao faraó: “Nós, teus servos, somos pastores de ovelhas, como já o foram nossos pais”. <sup>4</sup>Disseram-lhe também: “Vimos para viver como migrantes neste país, pois não há mais pastagens para os rebanhos, e a fome é grande na terra de Canaã. Permite, pois, que teus servos sejam assentados na terra de Gessen”. <sup>5</sup>O faraó disse a José: “Teu pai e teus irmãos vieram a ti. <sup>6</sup>Tens à disposição a terra do Egito. Instala teu pai e irmãos na melhor parte do país: que habitem na terra de Gessen. Se conheces alguns homens experimentados entre eles, coloca-os como responsáveis pelos meus rebanhos”. <sup>7</sup>José mandou vir seu pai Jacó e apresentou-o ao faraó. Jacó abençoou o faraó. <sup>8</sup>Então o faraó lhe perguntou: “Quantos anos tens?” <sup>9</sup>Jacó respondeu: “Cento e trinta são os anos de minha vida migrante pela terra. Poucos e difíceis foram os anos de minha vida, que não chegaram a igualar os anos vividos por meus pais em suas migrações”. <sup>10</sup>Jacó tornou aabençoar o faraó e retirou-se de sua presença. <sup>11</sup>José instalou o pai e os irmãos, dando-lhes uma propriedade no Egito, na melhor parte do país, no distrito de Ramsés, como o faraó havia determinado. <sup>12</sup>Forneceu também víveres ao pai, aos irmãos e a toda a família do pai segundo o número dos filhos.

#### COMENTÁRIOS

**47, 7: “Jacó abençoou o faraó”** – O pastor idoso de Canaã pronuncia uma bênção sobre o poderoso rei do Egito. Jacó é o mais exaltado dos dois aos olhos de Deus (cf. Hb 7, 7).

**47, 9: “minha vida migrante”** – Não os vinte anos em que Jacó passou no estrangeiro, na Mesopotâmia (31, 38), mas toda a extensão de sua vida até este ponto. A idéia é que o homem é apenas um peregrino de passagem por este mundo, um conceito que aparece

alhures em Sl 39, 12 e Hb 11, 13-16.

**47, 11: “distrito de Ramsés”** – Outro nome para Gessen no delta oriental do Nilo. Já que o homônimo da região, o faraó Ramsés II, reinou no Egito de 1304 a 1236 a.C., muito tempo depois da época de José, fica claro que o nome “Ramsés” adentra a história em algum momento após o século XIII a.C., presumivelmente por meio de um editor ou copista preocupado em atualizar o livro do Gênesis para uma geração posterior de leitores.

**A fome no Egito e Canaã** – <sup>13</sup>Faltava comida em todo o país, pois a fome se agravava. Tanto o Egito como Canaã estavam esgotados pela fome. <sup>14</sup>Com a venda do trigo, José chegou a recolher todo o dinheiro que havia no Egito e em Canaã, e depositou-o no palácio do faraó. <sup>15</sup>Esgotado o dinheiro do Egito e de Canaã, os egípcios em peso recorriam a José, pedindo: “Dá-nos pão! Ou será que teremos de morrer em tua presença porque o dinheiro acabou?” <sup>16</sup>José lhes respondia: “Já que vos falta dinheiro, trazei-me vossos rebanhos, e eu vos darei pão em troca”. <sup>17</sup>Eles trouxeram os animais, e José lhes deu pão em troca de cavalos, ovelhas, bois e jumentos. Naquele ano forneceu-lhes pão em troca de todos os rebanhos. <sup>18</sup>Passado aquele ano, vieram no ano seguinte e lhe disseram: “Não podemos esconder ao senhor que nosso dinheiro acabou. Ora, já te demos nosso gado, não resta outra coisa para oferecer-te senão nosso corpo e nossas

terras. <sup>19</sup>Por que haveríamos de perecer diante de ti, nós e nossas terras? Compra-nos junto com as terras em troca de pão, e nós com as terras serviremos ao faraó. Dá-nos sementes para que possamos viver e não morramos, e nossas terras não fiquem abandonadas”. <sup>20</sup>Então José adquiriu para o faraó todas as terras do Egito, porque os egípcios eram obrigados, por causa da fome, a vender cada um seu campo. Assim a terra veio a ser propriedade do faraó, <sup>21</sup>e José submeteu o povo à servidão do faraó, de um extremo ao outro do território do Egito. <sup>22</sup>Só deixou de comprar as terras dos sacerdotes porque eles recebiam do faraó uma subvenção. Como vivessem da subvenção, não tiveram de vender as terras. <sup>23</sup>E José disse ao povo: “Hoje vos comprei junto com as terras para o faraó. Aqui tendes as sementes com que sementeis as terras. <sup>24</sup>No tempo da colheita dareis a quinta parte ao faraó. As outras quatro partes servirão para semear os campos e para sustento vosso, de vossas famílias e de vossos filhos”. <sup>25</sup>Eles disseram: “Devolvete-nos a vida. Alcançamos teu favor e nos tornaremos escravos do faraó”. <sup>26</sup>José fez disso uma lei que existe ainda hoje. Por esta lei pertence ao faraó a quinta parte do produto das terras do Egito. Somente as terras dos sacerdotes não passaram para o faraó.

**47, 13-26:** O Egito mergulha na inanição e no colapso econômico à medida que a fome oprime. Logo a moeda em circulação está esgotada, e as massas egípcias são forçadas a vender o seu gado, as suas terras, e até mesmo suas vidas ao faraó. Apenas José é capaz de orientá-los por essa crise e, por fim, é saudado como um salvador (47, 25). A impressão em 47, 27 é que Israel continua a

prosperar em Gessen, mesmo enquanto seu país anfitrião luta para sobreviver.

**47, 17: “animais [...] rebanhos [...] jumentos”** – O fato de os egípcios se recusarem a comer seus animais, mesmo em tempos de fome e desespero, mostra como eles acreditavam firmemente que eram representações sagradas dos deuses do Egito. Ver comentário sobre 46, 34.

**Os últimos dias de Jacó** – <sup>27</sup>Israel estabeleceu-se no Egito, na região de Gessen. Ali adquiriram propriedades, tornando-se fecundos e muito numerosos. <sup>28</sup>Jacó viveu dezessete anos no Egito, e a duração de sua vida foi de cento e quarenta e sete anos. <sup>29</sup>Aproximando-se o dia da morte de Israel, ele chamou seu filho José e lhe disse: “Se realmente ganhei o teu favor, põe a mão debaixo de minha coxa e promete tratar-me com amor e fidelidade: não me sepultes no Egito. <sup>30</sup>Quando eu descansar com meus pais, leva-me do Egito e enterra-me na sepultura deles”. José respondeu: “Farei o que pediste”. <sup>31</sup>E seu pai insistiu: “Jura-me!” E ele jurou. Então Israel inclinou-se sobre a cabeça do seu leito.

**47, 27: “Israel”** – A primeira vez nas Escrituras em que o novo nome dado a Jacó torna-se o nome nacional portado pela família da aliança que descende dele. Para o seu significado, veja o Estudo da Palavra: Israel em 32, 28.

**“Fecundos e muito numerosos”:** No cumprimento das promessas que Deus fez a Abraão (17, 2. 6), Isaac (26, 4), e Jacó (28,

14; 48, 4). Israel continua a prosperar e crescer no Egito até a época de Moisés (Ex 1, 7).

**47, 29: “a mão debaixo de minha coxa”** – Um gesto simbólico de juramento. Ver comentário sobre 24, 2.

**47, 31: “leito”** – O termo hebraico também pode ser vocalizado para significar “bastão”, que é a leitura da LXX grega e Hb 11, 21.

**48** Jacó abençoa José e seus filhos – <sup>1</sup>Depois desses acontecimentos comunicaram a José: “Teu pai está doente”. José tomou consigo os dois filhos, Manassés e Efraim, <sup>2</sup>e mandou avisar a Jacó: “Teu filho José veio te visitar”. Então Israel, com muito esforço, sentou-se no leito. <sup>3</sup>Depois Jacó disse a José: “O Deus Poderoso me apareceu em Luza, na terra de Canaã, abençoou-me <sup>4</sup>e me disse: ‘Eu te farei fecundo e numeroso, transformando-te numa comunidade de povos; à tua descendência darei esta terra como propriedade perpétua.’ <sup>5</sup>Quanto aos dois filhos que tiveste no Egito, antes de vir para junto de ti, serão meus. Efraim e Manassés serão meus como Rúben e Simeão. <sup>6</sup>Os que te nascerem depois deles serão teus e em nome de seus irmãos receberão a herança. <sup>7</sup>É que, ao voltar de Padá-Aram, morreu-me Raquel durante a viagem, na terra de Canaã, pouco antes de chegar a Éfrata. Eu a sequelei ali mesmo no caminho de Éfrata, que é Belém”. <sup>8</sup>Ao ver os filhos de José, Israel perguntou: “Quem são estes?” <sup>9</sup>José respondeu: “São meus filhos que Deus me deu aqui”. “Faze-os aproximar-se de mim para que os abençoe”, disse Jacó. <sup>10</sup>Israel tinha os olhos enfraquecidos pela idade e enxergava mal. José, então, os fez aproximar-se, e Israel os beijou e abraçou, <sup>11</sup>dizendo a José: “Não esperava ver nem teu rosto e eis que Deus ainda me fez ver também teus filhos”. <sup>12</sup>José os tirou do colo do pai e prostrou-se com o rosto em terra. <sup>13</sup>Depois, tomando os dois, Efraim à direita e Manassés à esquerda, aproximou-se de Israel para que Manassés ficasse à direita de Israel e Efraim à esquerda. <sup>14</sup>Mas Israel estendeu a mão direita e a colocou sobre a cabeça de Efraim, que era o mais moço, e a esquerda sobre a cabeça de Manassés, cruzando as mãos, embora Manassés fosse o primogênito. <sup>15</sup>Abençoou a José dizendo: “O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaac, o Deus que foi meu pastor desde que existo até hoje, <sup>16</sup>o Anjo que me livrou de todo mal, abençoe estes meninos. Que por meio deles seja recordado o meu nome e o nome de meus pais, Abraão e Isaac, e que eles se tornem uma multidão na terra”. <sup>17</sup>José viu o pai colocando a mão direita sobre a cabeça de Efraim e ficou contrariado. Pegou a mão do pai, removendo-a da cabeça de Efraim para a de Manassés, <sup>18</sup>e lhe disse: “Não é assim, meu pai! O primogênito é este! Põe a mão direita sobre a cabeça dele”. <sup>19</sup>Mas o pai se recusou, dizendo: “Eu sei, meu filho, eu sei. Também ele se tornará um povo, também ele será grande. Não obstante, seu irmão menor será maior do que ele e sua descendência se tornará uma multidão de nações”. <sup>20</sup>Abençoou-os naquele dia, dizendo: “Por vós o povo de Israel pronunciará bênçãos e dirá: Deus te faça semelhante a Efraim e Manassés”. Assim Jacó pôs Efraim à frente de Manassés. <sup>21</sup>Depois Israel disse a José: “Eu vou morrer, mas Deus estará convosco e vos reconduzirá à terra de vossos pais. <sup>22</sup>Dou-te uma parte a mais que teus irmãos, Siquém, que tomei aos amorreus com minha espada e arco”.

#### COMENTÁRIOS

**48, 1-22:** Jacó cego e acamado adota seus netos, Manassés e Efraim. Os meninos são, assim, elevados a uma posição de igualdade

com os filhos de Jacó e se tornam fundadores de duas das tribos israelitas. Apesar de ser o mais jovem de todos, Efraim recebe a bênção



## ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: BÊNÇÃOS E PRIMOGENITURA

O Gênesis dá atenção considerável para as famílias e a vida familiar. Repetidas vezes o enredo dá um giro e se volta à ação de pais e mães, maridos e esposas, tios e sobrinhos, irmãos e irmãs. Isso não é extraordinário em si, mas um padrão distinto surge no Gênesis que, em sua maior parte, é contrário aos costumes sociais e domésticos do mundo bíblico. Várias vezes lemos no Gênesis que Deus ignora um filho primogênito e abençoa um dos seus irmãos mais novos em seu lugar. Isso era altamente irregular em sociedades tribais antigas, onde filhos primogênitos tinham direito, por sua posição na ordem de nascimento, de inúmeros privilégios familiares não compartilhados com seus outros irmãos.

O primogênito, por exemplo, estava destinado a receber uma bênção especial do seu pai e herdar a maior parcela da propriedade. Era visto como uma figura paterna para seus irmãos, porque estava na fila para ser o próximo líder, protetor e mestre da família. Filhos primogênitos na era patriarcal também sucediam seus pais em assumir as responsabilidades sacerdotais na vida familiar. Em todos os aspectos essenciais, o filho mais velho que se tornava o patriarca era o esteio social e espiritual do grupo de parentesco reunido em torno dele.

Apenas três filhos primogênitos no Gênesis mostram-se digno de tais bênçãos. Noé (Gn 5, 28-30; 6, 9), Sem (Gn 6, 10; 9, 26), e Abraão (11, 27; 12, 1-3). Todos os outros primogênitos identificáveis são transpostos e perdem sua posição preeminente para um irmão mais novo. Muitas vezes, os filhos mais velhos no Gênesis são orgulhosos e indignos das honras que esperam por eles; com efeito, eles se abstêm do seu direito de primogenitura natural. Outras vezes, a questão da culpa ou culpabilidade não é mencionada, e Deus simplesmente elege o filho mais novo sobre o mais velho para levar seus planos adiante. Seja qual for o caso, a preferência de Deus pelo irmão mais novo e o mais fraco em relação ao mais velho e o mais forte é manifestada e forma um enredo secundário significativo no livro. Seis vezes esse padrão se repete no Gênesis.

1. Abel é favorecido sobre Caim, o primogênito de Adão (Gn 4, 1-7).
2. Isaac é favorecido sobre Ismael, o primogênito de Abraão (Gn 17, 18-21; 21, 8-14).
3. Jacó é favorecido sobre Esaú, o primogênito de Isaac (Gn 25, 19-34; 27, 1-45).
4. Farés é favorecido sobre Zara, o primogênito de Judá por Tamar (Gn 38, 24-30).
5. José é favorecido sobre Rúben, o primogênito de Jacó (Gn 35, 22; 1Cr 5, 1).
6. Efraim é favorecido sobre Manassés, o primogênito de José (Gn 48, 1-20).

**49** Últimas palavras de Jacó a seus filhos – Jacó chamou os filhos e lhes disse: “Reuni-vos para que eu vos anuncie o que sucederá nos dias vindouros: <sup>2</sup>Reuni-vos e escutai, filhos de Jacó, escutai Israel, vosso pai. <sup>3</sup>Rúben, tu és o meu primogênito, minha força e o primeiro fruto de meu vigor, primeiro em autoridade e primeiro em poder. <sup>4</sup>Impetuoso como a água, não manterás a primazia! Pois subiste na cama de teu pai, profanando então o meu leito. <sup>5</sup>Simeão e Levi são irmãos. Instrumentos de violência são suas espadas. <sup>6</sup>Jamais assistirei a seu conselho, nem minha honra será cúmplice de suas tramas. Porque no furor degolaram homens, e por capricho a touros cortaram os tendões. <sup>7</sup>Maldita, cólera tão violenta, maldito, furor tão cruel. Vou reparti-los em Jacó e dispersá-los em Israel. <sup>8</sup>A ti, Judá, teus irmãos renderão homenagem, tua mão pesará sobre a nuca de teus inimigos. Diante de ti se prostrarão os filhos de teu pai. <sup>9</sup>Judá, filhote de leão! Voltaste, meu filho, da pilhagem. Agacha-se e deita-se, como leão e como leoa; quem o despertará? <sup>10</sup>O cetro não será tirado de Judá nem o bastão de comando de entre seus pés, até que venha aquele a quem pertencem e a quem obedecerão os povos. <sup>11</sup>Ele ata à videira o jumentinho, à parreira escolhida o filho da jumenta; lava no vinho a veste e no sangue das uvas a roupa. <sup>12</sup>Seus olhos são mais escuros que o vinho e os dentes mais brancos que o leite. <sup>13</sup>Zabulon habita na costa do mar, serve de porto aos navios, e sua fronteira irá até Sidônia. <sup>14</sup>Issacar é um jumento robusto deitado no meio dos currais. <sup>15</sup>Vendo que o repouso era bom e que a terra era excelente, ofereceu o lombo à carga, foi submetido a trabalho escravo. <sup>16</sup>Dã julgará seu povo, como qualquer uma das tribos de Israel. <sup>17</sup>Dã seja como serpente no caminho, como víbora no atalho, que morde os calcanhares do cavalo e faz cair para trás o cavaleiro. <sup>18</sup>Tua salvação espero, ó Senhor! <sup>19</sup>Gad: assaltado por bandos de guerrilheiros, ele também os ataca pelas costas. <sup>20</sup>Aser: seu pão é nutritivo, fornece produtos deliciosos aos reis. <sup>21</sup>Naftali é uma corça em liberdade, que tem crias graciosas. <sup>22</sup>José é como planta nova, árvore frutífera junto à fonte, seus galhos sobem pelo muro. <sup>23</sup>Provocaram-no com flechas, atacaram-no os atiradores de setas. <sup>24</sup>Mas permanece retesado seu arco, e ágeis se mostram as mãos. Foi pelas mãos do Soberano de Jacó, pelo nome do Pastor, a Rocha de Israel. <sup>25</sup>Pelo Deus de teu pai, que te ajude, pelo Deus Poderoso, que te abençoe com bênçãos que descem do céu; bênçãos do Abismo sob a terra, bênçãos dos peitos e do ventre; <sup>26</sup>bênçãos de teu pai, superiores às bênçãos dos montes antigos, às delícias das colinas eternas. Desçam elas sobre a cabeça de José, sobre a fronte do consagrado entre os irmãos. <sup>27</sup>Benjamim é lobo voraz: pela manhã devora a presa e à tarde reparte despojos”.

---

49, 9-10: Nm 24, 9; Ap 5, 5.

---

#### COMENTÁRIOS

**49, 1-27:** Os doze filhos de Jacó se reúnem em torno de seu leito de morte para receber sua bênção. As bênçãos, proferidas em verso poético, são oráculos proféticos sobre o futuro das tribos de Israel. Alusões são feitas para a ocupação de Canaã sob Josué e os Juízes, a ascensão da monarquia israelita sob Davi e seus sucessores, e o alvorecer da era messiânica. Os nomes dos filhos são agrupados de acordo com suas respectivas mães: Jacó abençoa primeiro os filhos de Lia (Rúben, Simeão, Levi, Judá, Zabulon, Issa-

car; 49, 3-15), então os filhos de suas concubinas (Dã, Gad, Aser, Naftali; 49, 16-21), e, em seguida, os filhos de Raquel (José, Benjamim; 49, 22-27). A Judá e José, que recebem o foco na porção final do Gênesis (capítulos 37-48), são dadas bênçãos visivelmente mais exaltadas do que aos outros (49, 8-12. 22-26). Para bênçãos semelhantes de Moisés idoso, ver Dt 33, 1-29.

**49, 1: “dias vindouros”** – Transmite uma expressão hebraica que aparece em outros poemas proféticos sobre o futuro de Is-

rael (Nm 24, 14; Dt 31, 29; Is 2, 2; Os 3, 5).

**49, 3-4:** O filho mais velho de Jacó, Rúben, é repreendido por seu orgulho e agressão sexual, depois de ter desonrado seu pai dormindo com a sua concubina, Bala (35, 22). Isso o tornou inapto para receber a bênção honrosa do primogênito (1Cr 5, 1).

**49, 5-7:** Jacó amaldiçoa a fúria de Simeão e Levi, que conspiraram para matar a cidade indefesa de Siquém, para irritação do seu pai (34, 25-30). O oráculo prevê como Simeão acabará por se dividir e dissolver em várias cidades do território de Judá (Js 19, 1-9) e os levitas se dispersarão ao longo de Canaã, para habitar em quarenta e oito cidades separadas (Js 21, 1-42)

**49, 8-12:** A tribo de Judá está destinada a ser a tribo real em Israel. É representada tanto como um leão, satisfeito com a presa, e como um rei, governando sobre outras nações com cetro na mão. Alusões a esta bênção aparecem em outras partes do Antigo Testamento em Nm 24, 9 (“leão”), Nm 24, 17 (“cetro”) e Ez 21, 27 (“até que Ele venha”).

**49, 8: “se prostrarão”** – Recorda como José sonhou com seus irmãos prostrando-se diante dele em homenagem (37, 7. 9; 42, 6). Aqui ele indica que todas as tribos de Israel reconhecerão o reinado de Judá (cf. 2Sm 5, 1-3).



**49, 10: “a quem pertencem”** – Um governante universal está por vir da linhagem de Judá. O oráculo é preliminarmente cumprido em Davi e Salomão, ambos da tribo de Judá, quando reinam sobre Israel e as nações vizinhas (2Sm 8, 1-14; 1Rs 4, 20-21).

• Seu cumprimento final vem com a entronização celestial de Jesus Cristo, que é ao mesmo tempo o Senhor de todas as nações e o Leão da tribo de Judá (Ap 5, 5).



**49, 11: “sangue das uvas”** – A descrição poética do suco de uva ou vinho (Dt 32, 14). A idéia é que o vinho será tão abundante na era messiânica que as pessoas vão usá-lo para tarefas domésticas tais como lavar roupas (Jl 3, 18; Am 9, 13).

• *Alegoricamente*,<sup>49</sup> as manchas de vinho apontam para as manchas de sangue do Messias, cuja morte limpou a roupa do mundo do pecado.

**49, 13:** A tribo de Zabulon vai prosperar como um povo marítimo no noroeste de Canaã.

**49, 14-15:** A tribo de Issacar vai se curvar ao jugo da escravidão cananéia apenas para desfrutar da planície fértil que lhe é atribuída no centro de Palestina.

**49, 16-18:** A tribo de Dã, embora pequena, vai derrubar inimigos maiores como a víbora que derrubou o cavaleiro desavisado.

**49, 19:** A tribo de Gad será forçada a retaliar contra saqueadores do deserto que invadem e saqueiam seus assentamentos no leste do Jordão.

**49, 20:** A tribo de Aser vai desfrutar de uma abundância de escolha de alimentos.

**49, 21:** A tribo de Naftali será tão fecunda e graciosa como uma mãe cerva.

**49, 22-26:** A tribo de José será extremamente abençoada, como sugerido pela repetição sêxtupla da raiz hebraica para “abençoar” nas estrofes finais. O foco semelhante

<sup>49</sup> Cf. São Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 32.

sobre a fecundidade de José na estrofe inicial é uma alusão ao seu filho, Efraim, cujo nome lembra a afirmação: “Deus me fez fecundo” (cf. 41, 52).

**49, 24: “Pastor [...] Rocha”** – Dois títulos para o Senhor, o primeiro que celebra sua

condução de Israel (Sl 23, 1; Ez 34, 15) e o segundo, a sua proteção para Israel (Dt 32, 4; Sl 18, 31).

**49, 27:** A tribo de Benjamin vai devorar seus inimigos como um lobo que se alimenta de sua presa.

**Morte e sepultamento de Jacó** –<sup>28</sup>São essas as doze tribos de Israel, e isso foi o que lhes falou o pai ao abençoá-los, dando a cada um sua bênção. <sup>29</sup>Depois, Jacó deu-lhes esta instrução: “Vou reunir-me a meus antepassados; sepultai-me com meus pais na gruta de Macpela, no campo de Efron, o heteu, <sup>30</sup>na gruta que fica no campo de Macpela, em frente de Mambré, na terra de Canaã. É a gruta que Abraão comprou a Efron, o heteu, junto com o campo, como propriedade funerária. <sup>31</sup>Lá foram sepultados Abraão e sua mulher Sara, Isaac e sua mulher Rebeca, e foi lá que sepultei Lia”. <sup>32</sup>(Trata-se do campo com a gruta comprados dos heteus.) <sup>33</sup>Quando Jacó acabou de dar essas instruções aos filhos, recolheu os pés sobre a cama e expirou. E foi reunir-se aos seus antepassados.

**49, 28: “doze tribos de Israel”** – Os descendentes dos filhos de Jacó, renomeado como Israel. Nota-se que a bênção concedida a José, em 49, 22-26 foi dividida entre Efraim e Manassés, que foram adotados por Jacó em 48, 1-22. Isso explica por que Israel é doravante uma família de treze tribos.

**49, 29: “na gruta”** – Comprada por

Abraão como um túmulo para Sara em 23, 1-20. Tornou-se o lugar do enterro de todos os Patriarcas e suas primeiras esposas (49, 31; 50, 13).

**49, 33: “reunir-se aos seus antepassados”** – Significa que Jacó entrou no reino dos mortos para descansar com os seus antepassados falecidos (25, 8; 35, 29).



**50**<sup>1</sup>Então José lançou-se sobre o rosto do pai, chorando e beijando-o. <sup>2</sup>Mandou os médicos, que tinha a seu serviço, embalsamar o pai. E os médicos embalsamaram Israel. <sup>3</sup>Gastaram nisso quarenta dias, o tempo que se leva para embalsamar. E os egípcios guardaram luto durante setenta dias. <sup>4</sup>Passados os dias do luto, José falou assim ao pessoal da casa do faraó: “Se me quereis fazer um favor, fazei chegar aos ouvidos do faraó <sup>5</sup>o juramento que meu pai me pediu, dizendo: ‘Quando eu morrer, me sepultará na sepultura que escavei para mim em Canaã’. Quero portanto, agora, subir para sepultar meu pai e depois voltarei”. <sup>6</sup>E o faraó lhe respondeu: “Sobe e sepulta teu pai conforme ele te fez jurar”. <sup>7</sup>José subiu então para sepultar o pai, acompanhado por todos os anciãos a serviço do faraó e todos os anciãos do Egito, <sup>8</sup>toda a família de José, seus irmãos e a família do pai. Deixaram na região de Gessen apenas as crianças, as ovelhas e os bois. <sup>9</sup>Subiram também com ele carros e cavaleiros, de modo que o cortejo era muito imponente. Situado no Além-Jordão, Gad está muito exposto às incursões dos nômades. <sup>10</sup>Quando chegaram à eira de debulhar o trigo, em Atad, do outro lado do Jordão, organizaram ali um grande e solene funeral, e José fez um luto de sete dias pelo pai. <sup>11</sup>Os moradores da terra, os cananeus, ao verem esse luto na eira de Atad, comentaram: “Este foi um grande luto para o Egito”. Por isso se deu a esse lugar, no Além-Jordão, o nome de Abelmessraim, Luto do Egito”. <sup>12</sup>Os filhos de Jacó fizeram com o pai assim como ele os havia instruído. <sup>13</sup>Levaram-no a Canaã e o sepultaram na gruta do campo de Macpela, que Abraão tinha comprado ao heteu Efron, como propriedade funerária diante de Mambré. <sup>14</sup>Depois de sepultar o pai, José voltou para o Egito com os irmãos e com todos os que haviam subido com ele para o enterro do pai. <sup>15</sup>Ao verem que o pai tinha morrido, os irmãos de José disseram entre si: “Não aconteça que José se lembre da injúria que sofreu e nos faça pagar todo o mal que lhe fizemos”. <sup>16</sup>E mandaram dizer a José: “Teu pai, antes de morrer, ordenou-nos <sup>17</sup>que te disséssemos estas palavras: ‘Peço-te que esqueças o crime de teus irmãos, o pecado e a maldade que usaram contra ti’. Portanto, perdoa o crime dos servidores do Deus de teu pai”. Ouvindo isso, José pôs-se a chorar. <sup>18</sup>Vieram seus irmãos e prostraram-se diante dele, dizendo: “Somos teus servos”. <sup>19</sup>José lhes disse: “Não tendes medo! Estou eu, por acaso, no lugar de Deus? <sup>20</sup>Vós planejastes fazer o mal contra mim. Deus, porém, converteu-o em bem: quis exaltar-me para dar vida a um povo numeroso, como hoje estais vendo. <sup>21</sup>Não temais, pois. Continuarei sustentando-vos junto com os vossos filhos”. Assim os confortou, falando-lhes com doçura e mansidão.

50, 13: At 7, 16.

#### COMENTÁRIOS

**50, 2: “embalsamar”** – A arte da mumificação egípcia, um processo longo e caro que envolvia a desidratação do corpo, besuntando-o com especiarias e ungüentos conservantes, e envolvendo-o firmemente com tiras de pano de linho. José receberá esta mesma honra depois de sua morte (50, 26).

**50, 7-9:** O faraó concede a José e sua família em luto uma escolta militar para transportar o corpo de Jacó de volta a Canaã. Tudo isto aconteceu para se cumprir a ordem que Jacó impôs sobre seus filhos: enterrá-lo no túmulo dos Patriarcas (49, 29-32).

**50, 10: “à eira de debulhar o trigo”** – Uma pedra ou plataforma de terra, geralmente em uma elevação ventosa, onde o grão era peneirado em preparação para o armazenamento.

**“Do outro lado do Jordão”:** isto é, a leste do Jordão.

**50, 11: “Abelmessraim”:** envolve um jogo de palavras com o primeiro elemento (*‘abel*), que se assemelha a palavra hebraica para “luto” (*‘ebel*).

**50, 13: “Macpela”:** O campo perto de Hebron, onde os Patriarcas (Abraão, Isaac e

agora Jacó) são enterrados com suas esposas (Sara, Rebeca, e Lia). Para a compra do terreno, ver 23, 1-20.

**50, 18: “prostraram-se diante dele”:** A realização final dos sonhos de José (37, 7. 9). Para realizações anteriores, ver 42, 6 e 43, 26.

**50, 19: “no lugar de Deus?”:** A pergunta retórica também proferida por Jacó em 30, 2.

**50, 20: “Deus, porém, converteu-o em bem”:** A interpretação teológica de toda a história de José. Ver comentário sobre 45, 5.

**Os últimos dias e a morte de José** – <sup>22</sup>José ficou morando no Egito junto com a família de seu pai e viveu cento e dez anos. <sup>23</sup>José viu os filhos de Efraim até à terceira geração, bem como os filhos de Maquir filho de Manassés. Ao nascerem, adotou-os, recebendo-os sobre os joelhos. <sup>24</sup>Depois José disse a seus irmãos: “Eu vou morrer, mas Deus intervirá em vosso favor e vos fará subir deste país para a terra que ele jurou dar a Abraão, Isaac e Jacó”. <sup>25</sup>José fez os filhos de Israel jurarem, dizendo-lhes: “Quando Deus vos visitar, levai daqui meus ossos convosco”. <sup>26</sup>José morreu no Egito aos cento e dez anos; foi embalsamado e posto num sarcófago no Egito.

**50, 23: “sobre os joelhos”** – Sugere que José adotou seus bisnetos, assim como Jacó adotou seus netos em 48, 1-12. Ver comentário sobre 30, 3.

**50, 24: “Deus intervirá em vosso favor”** – Olha adiante para o evento do Êxodo, quando o Senhor vai ouvir o gemido de Israel no Egito e virá para visitar a nação com a salvação (Ex 4, 31).

**50, 25: “levai daqui meus ossos”** – Cumprido quando Moisés transporta os ossos de José do Egito (Ex 13, 19) e a próxima geração de israelitas os enterra em Siquém, no centro de Canaã (Js 24, 32).

**50, 26: “cento e dez anos”** – Registros egípcios listam cento e dez anos como o tempo de vida ideal.

# QUESTÕES PARA ESTUDO

## CAPÍTULO I

### *Para compreender*

1. (cf. 1, 1 — 2, 4) O comentário enumera oito ensinamentos do primeiro relato da criação. Quais são eles? De acordo com o comentário, qual é a importância do número sete?
2. (cf. 1, 2) Porque a tradução RSV de “Espírito de Deus” é preferível à tradução “um vento de Deus” ou “um vento forte” neste versículo?
3. (cf. 1, 26) Se o plural “Façamos” no discurso de Deus não implica uma crença em vários deuses, como deve ser interpretado?
4. (cf. *Estudo da Palavra: Imagem e Semelhança* 1, 26) O que as palavras hebraicas para “imagem” e “semelhança” geralmente denotam? A quais conceitos o Gênesis associa essas duas palavras? Como o Gênesis aplica a prerrogativa da filiação de uma maneira diferente das ideologias políticas do antigo Oriente Próximo?

### *Para meditar*

1. (cf. 1, 6-19) As descobertas modernas do tamanho e da natureza do universo desafiaram a sua visão de Deus? Como você lidou com esse desafio?
2. (cf. 1, 26) O que significa para você ser um ser criado? De que modo ser criado à imagem e semelhança de Deus afeta sua imagem de si mesmo?
3. (cf. 1, 27) Como encara a sua própria sexualidade, tendo em conta essa “imagem e semelhança”?
4. (cf. 1, 28) Como as suas experiências familiares moldaram suas atitudes em relação à procriação? Como essas atitudes se comparam com a visão bíblica da procriação como uma bênção?

## CAPÍTULO 2

### *Para compreender*

1. (cf. 2, 2) Para o homem, o que significa carregar a imagem de Deus? Do que o sábadó é sinal no Antigo Testamento? E no Novo Testamento?
2. (cf. 2, 7) Qual jogo de palavras em hebraico é usado para descrever a criação do homem? O que o pó simboliza? O que torna o homem único?
3. (cf. 2, 9) Se o “conhecimento do bem e do mal” não é uma consciência moral de certo e errado, o que é? O que mais tarde Adão deveria fazer então?
4. (cf. 2, 21-24) Quais quatro características Deus designou para a aliança de casamento? Como uma união permanente dos cônjuges, o que a aliança de casamento simboliza?

### *Para meditar*

1. (cf. 2, 15) Embora existam muitos benefícios por realizar o trabalho, que benefícios pessoais o trabalho pode fornecer? Como o trabalho físico torna as pessoas melhores como seres humanos?
2. (cf. 2, 16-17) Como definir limites ajuda a disciplinar as crianças? Em sua experiência, quer como criança ou como pai, que função a ameaça de terríveis conseqüências serviu na disciplina? Como um pai deve orientar as crianças para reconhecer as conseqüências da desobediência?
3. (cf. 2, 24) De que modo a visão do casamento como uma aliança difere da visão do casamento como um contrato? Uma vez que uma aliança que forma uma família começa, quando ela vai acabar?
4. (cf. 2, 25) Qual é a ligação entre nudez e vergonha? Além da nudez física, que outros tipos de nudez pode haver? Que tipos de vergonha podem estar ligados a eles?

## CAPÍTULO 3

### *Para compreender*

1. (cf. 3, 1) Embora o termo hebraico *nahash* muitas vezes refira-se a uma cobra, a que mais ele pode se referir? De que modo a serpente é “astuta” ou esperta? O que a questão da serpente insinua sobre Deus?
2. (cf. 3, 6) O que torna a sujeição de Adão ao pecado diferente da sujeição de Eva? Se o desejo de Adão não era de “discernir o bem do mal”, o que era? Que armas Cristo usa para derrotar o diabo?

3. (cf. 3, 15) A quem as frases “tua descendência” e “a dela” se referem? O que a palavra “ferir” significa em relação ao enganador? Para a descendência da mulher? Como a tradição cristã interpreta esse texto?
4. (cf. 3, 17) Como é que a maldição da futilidade e decadência afeta a Terra? Como afeta a labuta humana? Como Jesus reverte essa maldição, de acordo com São Cirilo de Jerusalém?

*Para meditar*

1. (cf. 3, 1-3) Qual você considera ser a maneira mais eficaz de dizer uma mentira? Por que a mentira da serpente é tão eficaz com Eva? Quais erros Eva comete quando a serpente se dirige a ela pela primeira vez? (Compare com Tg 4, 4-8).
2. (cf. 3, 7) Reflita sobre aqueles momentos em que você fez algo que prefere que Deus não saiba. Quais foram as conseqüências ao seu relacionamento com ele? Elas foram resolvidas?
3. (cf. 3, 11-13) Como jogar o “jogo da culpa” afetou seus relacionamentos com os outros? Por que você acha que é tão difícil de assumir a responsabilidade pelo dano que você fez? Qual poderia ser o antídoto?
4. (cf. 3, 16b-17a) Você já experimentou áreas de tensão e desconfiança entre os sexos? Se sim, de que eram elas? Como têm afetado suas atitudes em relação ao sexo oposto? Como você pode crescer em relação saudável com o outro sexo?

## CAPÍTULO 4

*Para compreender*

1. (cf. 4, 4) O que uma oferta de “primícias” representa? O que parece ser a principal diferença entre o sacrifício de Abel a Deus e o de Caim?
2. (cf. 4, 7) O que Deus avisa a Caim sobre o pecado? Além do culto negligente, a quais pecados Caim se entregou? O que a realidade do pecado em tempos primitivos pressupõe sobre a lei natural?
3. (cf. 4, 15) O que o “sinal de Caim” significa? Parece que Caim teme o quê?
4. (cf. 4, 17-24) Que características boas e vergonhosas descrevem-se dos descendentes de Caim? Qual é o objetivo de apresentar a genealogia de Caim desta forma?

*Para meditar*

1. (cf. 4, 3-4) Qual é a diferença entre um relacionamento íntimo e um relacionamento casual com uma pessoa importante? Quão apropriado é ser casual

em nosso culto a Deus? De que modo uma atitude casual em relação ao culto poderia diminuir o devido respeito para com Deus?

2. (cf. 4, 6-7) Como o risco de cair em pecado pode parecer como um animal selvagem pronto para atacar? Olhe para Mt 5, 21-22. Considerando o exemplo do pecado de Caim, o que você acha que Jesus quer dizer sobre a raiva e o perigo de julgamento ou até mesmo o fogo do inferno?
3. (cf. 4, 17-24) Mesmo que a nossa era seja de grande avanço tecnológico e científico, que perigos para a nossa civilização ela oferece? O que precisa acontecer para que possamos evitá-los?
4. (cf. 4, 23-24) Quando você sentiu o desejo de se vingar? Como você lidou com esse desejo? Considerando a vocação cristã, como se deve lidar com os desejos de vingança?

## CAPÍTULOS 5 – 6, 10

### *Para compreender*

1. (cf. 5, 1-32) Quais são alguns dos contrastes entre a linhagem de Caim e a de Set? Qual linhagem o dilúvio vai destruir, e qual linhagem vai preservar?
2. (cf. 5, 5) Quais são algumas das abordagens que foram tomadas para explicar os ciclos de vida imensamente longos das pessoas antes do dilúvio? Quais são as dificuldades com essas abordagens? O que parece ser a melhor hipótese?
3. (cf. 6, 1-4) Quais são as duas interpretações da tradição judaica e cristã que explicam o significado dos “filhos de Deus” se unindo às “filhas dos humanos”?
4. (cf. 6, 6) Por que a expressão “o Senhor arrependeu-se” não deve ser tomada literalmente? De que modo a Bíblia descreve muitas vezes os pensamentos e ações de Deus, e por quê? O que essas e outras figuras de linguagem comunicam a respeito de Deus?
5. (cf. 6, 9 – 9, 19) A história bíblica do dilúvio tem afinidades literárias com quê? Qual é o significado teológico da história? Quais são os paralelos com a história da criação no primeiro capítulo do Gênesis? Que significado alegórico que os Padres da Igreja encontram na história?

### *Para meditar*

1. (cf. 5, 4-31) Por que você acha que os jovens querem viver até a velhice e os velhos muitas vezes querem morrer? Quais são as suas próprias atitudes sobre viver até uma idade avançada? Como essas atitudes refletem ou contradizem a esperança cristã do Céu?

2. (cf. 5, 28-29) Quais esperanças os pais de recém-nascidos muitas vezes têm sobre seus filhos? Como essas esperanças se refletem nos nomes que eles escolhem? Que medos os pais podem ter sobre os seus filhos?
3. (cf. 6, 1-3) Leia os comentários para os versículos 1-4 e para o versículo 2. Por que você acha que é moralmente e espiritualmente perigoso para os cristãos comprometidos se casar com pessoas que não compartilham da sua fé?
4. (cf. 6, 5) De acordo com esse versículo, de onde é que vêm os maus pensamentos? Como esse versículo se compara com o que Jesus diz em Mt 15, 17-19? Qual é o antídoto?

## CAPÍTULOS 6, 11 – 8

### *Para compreender*

1. (cf. 6, 18) O que a expressão hebraica relativa à aliança de Deus com Noé implica a respeito? O que ela pressupõe?
2. (cf. 7, 2) Por que apenas pares únicos de animais impuros foram levados para a arca, enquanto sete pares de animais puros são levados a bordo? O que o número sete pode simbolizar?
3. (cf. 8, 6-12) Por que o corvo, quando solto, volta para a arca, mas não a pomba?
4. (cf. 8, 20 – 9, 17) Conforme expresso no sinal do arco-íris, que obrigação da aliança Deus toma sobre si? A aliança de Noé é uma renovação do quê?

### *Para meditar*

1. (cf. 6, 18) Alguma vez você já sentiu que Deus estava preparando-o para um problema iminente? Como você reagiu? Por exemplo, quais os preparativos que você fez ou deixou de fazer?
2. (cf. 7, 11-12) Você já passou por uma inundação ou outro tipo de desastre natural, ou você conhece alguém que tenha tido essa experiência? Como é que se lida com o sentimento de desamparo em tais situações? Como a fé em Deus pode ajudar?
3. (cf. 7, 21-23) O que é “culpa do sobrevivente”? Por que alguém pode se sentir culpado por ter sobrevivido a uma catástrofe que tomou a vida de outros? Como pode tal culpa ser amenizada?
4. (cf. 8, 20) Porque Noé levou os animais e aves puros para holocaustos em vez de soltá-los? De que forma esse sacrifício foi de acordo com o personagem de Noé?

## CAPÍTULO 9

### *Para compreender*

1. (cf. 9, 6) O assassinato é um crime contra o quê? Embora o Senhor possa delegar os seus poderes judiciais a pessoas físicas ou estados para vingar mortes equivocadas, qual política limita a vingança?
2. (cf. 9, 22) A expressão hebraica “viu a nudez do seu pai” é um eufemismo do quê? Do que Cam é culpado? A perversidade de Cam provavelmente fornece história de fundo a quê?
3. (cf. 9, 24) O detalhe de Cam ser o filho mais novo pode sugerir o que sobre seu motivo? Quais são outros exemplos do Antigo Testamento das tentativas dos membros das famílias para usurpar a autoridade de outro?
4. (cf. 9, 26) De que modo a bênção de Sem é única? Quando a maldição sobre Canaã entra em vigor?

### *Para meditar*

1. (cf. 9, 2-3) Mesmo que Deus dê animais e plantas ao homem como alimentos, “o domínio do homem sobre os seres vivos e inanimados concedido pelo Criador não é absoluto” (CIC 2415). A que objetivo o domínio do homem sobre estas criaturas é destinado a servir?
2. (cf. 9, 9-11) Para quem a renovação da aliança de Deus se aplica? Sugere que a atitude da humanidade em relação à criação deve ser como?
3. (cf. 9, 23) Que responsabilidade temos sobre as vítimas do crime? Quais virtudes podem influenciar como nós exercemos essa responsabilidade?
4. (cf. 9, 25) Considerando a explicação do crime de Cam no comentário do versículo 22, por que Noé amaldiçoa o filho de Cam em vez do próprio Cam? O que muitas vezes parece ser o destino dos filhos de criminosos, violadores, e alcoólatras? Apesar desse fado, qual é a atitude de Deus para com eles?

## CAPÍTULOS 10 – 11

### *Para compreender*

1. (cf. 10, 1-32) O que a tabela das nações neste capítulo nos diz sobre a diversidade nacional, geográfica e lingüística do antigo Oriente Próximo? Geograficamente, o que a tabela esboça? Por que a Palestina está situada no centro deste mapa do mundo?

2. (cf. 10, 21) De quem os israelitas são descendentes? De onde vem o nome *hebraico*?
3. (cf. 11, 1-9) O que o incidente da Torre de Babel explica? O que as torres de tijolos de lama possivelmente representam?
4. (cf. 11, 4) O que a família do homem se une para fazer? Quem realmente adquire o “nome” que os pecadores de Babel cobiçam? Que medo motiva a torre? Quais são suas últimas conseqüências?

*Para meditar*

1. (cf. 11, 4) Os cidadãos de Babel queriam “fazer um nome” para si próprios. Qual tem sido a ambição que conduz sua vida (por exemplo, fama, riqueza, capacidade atlética)? Você tem tido êxito em realizá-lo? Qual tem sido o seu efeito sobre sua vida espiritual?
2. (cf. 11, 6) Quais são alguns dos avanços tecnológicos dos últimos cem anos ou mais que eram considerados impossíveis em séculos anteriores? Quais são alguns dos bons e maus usos em que foram colocados? Quão semelhante você acha que a moderna mentalidade científica está da mentalidade dos cidadãos de Babel?
3. (cf. 11, 7-8) Uma falha de comunicação já causou divisão em sua família? Em caso afirmativo, quais foram algumas das dificuldades para restabelecer a comunicação?

CAPÍTULO 12

*Para compreender*

1. (cf. 12, 1 – 50, 26) Como são as narrativas patriarcais geralmente classificadas? Que considerações favorecem a historicidade das narrativas?
2. (cf. *Ensaio sobre um tópico: A aliança abraâmica*) Quais são as três promessas que Deus fez a Abraão? Quando é que a cada promessa se torna uma aliança? Como as promessas e alianças são realizadas?
3. (cf. 12, 7) Como Abrão santifica a terra de Canaã? Quais são algumas das características da religião patriarcal? Qual o papel religioso os Patriarcas desempenhavam em suas famílias?
4. (cf. 12, 10 – 13, 1) Como a estadia de Abraão no Egito prenuncia a história do Êxodo?

*Para meditar*

1. (cf. 12, 1) Alguma vez sentiu que Deus falou com você pessoalmente? Por que você acha que ele falaria ou não com você? Como você pôde discernir se ele fez isso ou não?
2. (cf. 12, 4-5) Em que pontos da sua vida você se separou do seu local de nascimento, seus parentes, e sua família imediata? O que provocou as separações? Quais, se houver, conseqüências religiosas ou espirituais resultaram disso?
3. (cf. 12, 13) Você acha que Abrão está simplesmente ocultando uma parte da verdade, ou ele está mentindo abertamente? O que é uma mentira? É sempre oportuno divulgar apenas uma parte da verdade, a fim de proteger a si mesmo ou outra pessoa? (Compare suas respostas com CIC 2483-84, 2489).

### CAPÍTULOS 13 – 14

*Para compreender*

1. (cf. 13, 2 – 18) Qual é o objetivo da história de Ló e Abrão seguirem caminhos separados?
2. (cf. 14, 18) O que significa o título “Melquisedec”? Muitos estudiosos acreditam que Melquisedec era quem? Por que Melquisedec traz pão e vinho à chegada de Abrão em Salém? Alegoricamente, o que as ações de Melquisedec prefiguram?
3. (cf. 14, 20) O que o dízimo de Abrão a Melquisedec antecipa?

*Para meditar*

1. (cf. 13, 8-9) Abrão resolve uma contenda, permitindo Ló escolher entre soluções alternativas. Como a abordagem de Abrão demonstra sabedoria? Como contendas como essa são tratadas em sua família?
2. (cf. 13, 10-11) Ló escolhe o que parece ser a melhor alternativa, embora a escolha mais tarde se mostre desastrosa para ele e sua família. Como é que você decide sobre um curso de ação que poderia moldar a direção da sua vida? Em que você baseia suas decisões? Como o seu relacionamento com Deus figura em sua tomada de decisão?
3. (cf. 14, 18) De acordo com o comentário sobre este versículo, Melquisedec pode trazer pão e vinho como uma oferta de agradecimento após a vitória de Abrão. A gratidão figura em seu sentimento de realização pessoal? Como você concretamente expressa gratidão a Deus por aquilo que você tem ou realizou?

4. (cf. 14, 20) Abrão dá a Melquisedec “o dízimo de tudo”. O que você dá para o Senhor? Que limites você coloca em sua doação?

## CAPÍTULO 15

### *Para compreender*

1. (cf. 15, 1-6) Como esses versículos marcam um momento crítico na jornada espiritual de Abrão? Que oportunidade Deus está dando a Abrão?
2. (cf. 15, 6) Na narrativa do Gênesis, que atos indicam que Abrão põe sua confiança no Senhor? O que o Novo Testamento diz que podemos aprender com Abrão sobre a fé? O que é “justiça”?
3. (cf. 15, 10) Qual é o significado de cortar os animais pelo meio? Quem se coloca sob a ameaça de uma maldição nesta cerimônia?
4. (cf. 15, 12-14) O que está implícito sobre a relação de Abrão à Terra Prometida, quando Deus lhe diz que Israel vai experimentar quatrocentos anos de opressão antes de ganhar a sua posse?

### *Para meditar*

1. (cf. 15, 1-6) A Escritura contém muitas promessas que revelam o cuidado amoroso de Deus por nós, como a salvação, a vida eterna, e assim por diante. De que modo promessas como essas podem testar a sua fé? O que impede você de confiar que Deus vai cumpri-las?
2. (cf. 15, 8) Abrão pergunta como pode saber se vai receber o que Deus prometeu. Quando você ora para obter algo para si mesmo ou um ente querido, que tipos de garantia você espera? É apropriado pedir a Deus tal garantia?
3. (cf. 15, 12) Abrão experimenta a abordagem de Deus como medo e grande escuridão. Alguma vez você já sentiu a aproximação ou presença de Deus? Qual foi a experiência?
4. (cf. 15, 13-16) Às vezes, as promessas de Deus levam tempo e circunstâncias certas para serem realizadas. Quão facilmente você desiste de esperar quando alguém promete uma coisa boa, mas não diz quando a promessa será cumprida?

## CAPÍTULO 16

### *Para compreender*

1. (cf. 16, 1-6) Quais são as conseqüências da decisão fatídica de Sara em dar a Agar o abraço de seu marido? O que os achados arqueológicos mostram sobre a antiga prática da barriga de aluguel?

2. (cf. 16, 2) Quais eram os direitos de legítima esposa de um homem sobre a criança nascida de uma mãe de aluguel? Por que Abrão “ouvir” sua esposa foi uma nota ominosa na narrativa?
3. (cf. *Estudo da Palavra: Anjo do Senhor 16*, 7) Como essa figura às vezes aparece? Com que característica o anjo do Senhor é dotado, e quais são algumas de suas muitas tarefas?
4. (cf. 16, 12) Por que Ismael é chamado de “jumento selvagem”?

*Para meditar*

1. (cf. 16, 2) Quais são alguns dos métodos disponíveis hoje para ajudar casais sem filhos a ter filhos? Daqueles que você pode nomear, quais são moralmente permissíveis e quais não são? (Compare suas respostas com CIC 2373-79).
2. (cf. 16, 4) Alguma vez você já considerou com desprezo alguém na sua família, no seu círculo de amigos, ou no seu ambiente de trabalho? O que provocou essa atitude? Como você acha que o Senhor considera tanto desprezo?
3. (cf. 16, 5-6) Em sua família imediata, sobre o que você mais frequentemente discute? Qual papel que você tende a desempenhar: a vítima injustiçada, o trapaceiro astuto, o lógico moderado, ou algo mais? Como você se sente sobre si mesmo durante uma discussão?
4. (cf. 16, 12) Você conhece alguém com características pessoais como Ismael? Como você se relaciona com esta pessoa? Como você acha que o Senhor quer que você se relacione?

## CAPÍTULO 17

*Para compreender*

1. (cf. 17, 1-21) Qual padrão a aliança de circuncisão segue? Quais são as características que tal aliança tem?
2. (cf. 17, 4) Que povos antigos são descendentes de Abraão? O que o Novo Testamento revela sobre o destino de Abraão?
3. (cf. 17, 5) Quais são os significados original e expandido dos nomes Abrão/ Abraão? O que significa uma mudança de nome?
4. (cf. 17, 11) Quais os papéis que a circuncisão desempenha na aliança abraâmica? Teologicamente, em que direção ela aponta? Historicamente, quem praticou a circuncisão? Na Nova Aliança, como o Batismo atua como a contraparte da circuncisão?

5. (cf. 17, 15-21) Qual é a definição mais precisa da promessa de Deus a Abraão, em 15, 18-21?

*Para meditar*

1. (cf. 17, 5) O que você acha do seu nome? Se você tivesse a oportunidade de mudá-lo, que nome você escolheria? Qual seria o significado disso para você? Por exemplo, o que isso poderia sugerir sobre o seu caráter ou como você vê o seu destino?
2. (cf. 17, 7) Como um membro da Nova Aliança, como você experimenta a sua relação de aliança com Deus? Como a sua família a experimenta?
3. (cf. 17, 10-11) Qual é o “sinal” de um cristão? Qual diferença prática isso faz em sua vida cotidiana como batizado?
4. (cf. 17, 18-21) Mesmo que o mais velho Ismael tenha sido circuncidado (versículo 23), as bênçãos da aliança de Deus vem através da linhagem mais jovem de Isaac (versículo 21). Em que posição fica Ismael? Considerando toda a narrativa de Abraão até agora, quais os fatores podem explicar a preferência de Deus por Isaac ainda não nascido?

## CAPÍTULO 18

*Para compreender*

1. (cf. 18, 2-3) Quem eram os três homens que vieram visitar Abraão? Por que Abraão adora apenas um deles?
2. (cf. 18, 6) Por que Abraão diz a Sara para preparar três medidas de farinha? Em um sentido moral, quais virtudes as três medidas representam? O que elas contêm?
3. (cf. 18, 14) Para o que é que este versículo prepara? Como repercute no Novo Testamento?
4. (cf. 18, 22-33) O que esse diálogo diz sobre o caráter de Deus? Como estes temas se concluem no próximo episódio?

*Para meditar*

1. (cf. 18, 1-8) Você já recebeu hospitalidade exagerada como Abraão mostra aos três homens? Qual foi sua reação quando isso lhe foi oferecido? Quando surge uma oportunidade para mostrar hospitalidade aos seus convidados, o que você lhes oferece?

2. (cf. 18, 11-12) Alguma vez você já questionou ou duvidou da capacidade do Senhor de prover para você? O que o resultado final fez para melhorar ou prejudicar a sua confiança na providência de Deus?
3. (cf. 18, 14) Muitos ateus questionam o poder de Deus por causa do mal no mundo, argumentando que um Deus todo-poderoso deve ser capaz de impedir que o mal aconteça. Como você responderia a eles?
4. (cf. 18, 20-32) Alguma vez você já se encontrou, de fato, negociando com Deus sobre o resultado de uma intenção de oração? Pelo que você estava orando? Como a oração foi respondida?

## CAPÍTULO 19

### *Para compreender*

1. (cf. 19, 1) O que Ló “sentado à porta da cidade” pode indicar a respeito dele? Como é que ele se comporta com os dois visitantes?
2. (cf. 19, 5) Que motivo a multidão tem para cercar a casa de Ló? Qual a forma de depravação sexual era desenfreada entre os cananeus? Como isso era punido na antiga Israel?
3. (cf. 19, 24-29) O que acontece com as cidades do vale? A qual a função que a memória desta catástrofe serve?
4. (cf. 19, 30-38) O que esses versículos relatam? Qual outro episódio de embriaguez eles recordam?

### *Para meditar*

1. (cf. 19, 2) Quais são alguns dos perigos de passar a noite na rua, como moradores de rua muitas vezes têm de fazer? Quais serviços para os desabrigados existem na sua área? Que serviço, se for o caso, você presta nessas instalações?
2. (cf. 19, 12-14) Por que você acha que as pessoas ignoram os avisos de desastres iminentes? Se Deus fosse hoje alertar sobre a destruição que se aproxima caso as pessoas não se arrependam, qual você acha que seria a resposta? Você consegue pensar em todas as vezes na história em que Deus forneceu tais avisos?
3. (cf. 19, 24-25) Quando ocorre um desastre natural, como um dilúvio, uma erupção vulcânica ou um terremoto, produzindo várias mortes, a causa deve ser atribuída a Deus? Que outras causas podem haver?
4. (cf. 19, 31-38) O que torna o ato de ridicularizar os ancestrais dos seus inimigos tão ofensivo? Que função a calúnia ou zombaria serve para aqueles que

cometem o insulto? Qual poderia ser a resposta cristã àqueles que insultam a família?

## CAPÍTULO 20

### *Para compreender*

1. (cf. 20, 1-18) O que este episódio mostra sobre a promessa de Deus a Abraão? O que acontece com Sara?
2. (cf. 20, 2) O que o nome Abimelec significa? Qual sua função? Quem mais encontra alguém com esse nome anos depois?
3. (cf. 20, 7) O que a palavra “profeta” significa em relação a Abraão?
4. (cf. 20, 12) Abraão está dizendo a verdade sobre Sara ser sua irmã? Quando é que as proibições contra os casamentos entre parentes próximos surgiram?

### *Para meditar*

1. (cf. 20, 3-7) Alguma vez você já teve um sonho que era tão vívido ou memorável que você sentiu a necessidade de levá-lo a sério? Que tipo de diferença (por exemplo, moral ou religiosa) causou? De que forma poderia ter sido uma graça de Deus?
2. (cf. 20, 11) Abraão admite distorcer a si mesmo por medo de uma comunidade estranha e possivelmente hostil. Quando você entra em um tipo semelhante de comunidade, como é que você tende a se proteger? Essa autoproteção foi justificada ou não?
3. (cf. 20, 14-16) Abimelec faz gestos extravagantes para provar suas boas intenções e regularizar a situação. Quando você comete um erro, como você sabe quando um simples pedido de desculpas é suficiente e quando deve ir além disso para corrigir as coisas?

## CAPÍTULO 21

### *Para compreender*

1. (cf. 21, 3) O que o nome Isaac significa? O que ele recorda?
2. (cf. 21, 9) Que sentido negativo a palavra hebraica para “brincar” tem neste versículo? O que o adolescente Ismael está fazendo? Como Paulo mais tarde interpreta este incidente?
3. (cf. 21, 22-34) Qual padrão a aliança de Abraão com Abimelec segue? O que ambas as partes fazem durante a cerimônia de ratificação?

4. (cf. 21, 31) Como as duas traduções do nome Bersabéia são relacionadas? Neste episódio, como Abraão decreta seu juramento?

*Para meditar*

1. (cf. 21, 6-7) Sara responde ao nascimento de Isaac com uma certa alegria, dizendo que Deus providenciou o riso para ela. Que papel o riso ou a alegria desempenha em seu relacionamento com Deus? Quão agradável isso é para você? O que você acha do “senso de humor” de Deus em coincidências felizes?
2. (cf. 21, 9-10) O que você acha do senso de humor de Sara nesta passagem? Se você é um pai ou um educador, como você reage quando julga inapropriada a conduta dos amigos de seus filhos?
3. (cf. 21, 17) Um anjo pergunta à proscrita Agar o que a perturba e a incentiva a não ter medo. O que mais perturba você ou faz com que você tenha medo? Em um nível espiritual, como você lida com o medo?

## CAPÍTULO 22

*Para compreender*

1. (cf. 22, 2) O que a versão hebraica deste texto transmite sobre Isaac? Como o Antigo Testamento grego traduz “filho único”? De que modo Isaac é um tipo de Cristo? O que mais tarde é localizado no Monte Moriá?
2. (cf. 22, 16-18) De acordo com a discussão de Paulo em Gl 3, o que o juramento divino neste capítulo indica que Deus vai fazer? Segundo Paulo, o que a amarração de Isaac prefigura?
3. (cf. *Estudo da palavra: Descendentes 22, 18*) A palavra hebraica para “semente” se refere possivelmente a quê? Quais são seus significados individuais e coletivos? Como Paulo enxerga Isaac (sentido individual) e Israel (sentido coletivo)?
4. (cf. *Ensaio sobre um tópico: O sacrifício de Isaac*) Como alguns comentaristas interpretam o significado desse episódio? Em termos de seu significado espiritual, que parte ele pode desempenhar no desenvolvimento da relação de Abraão com o Senhor? Qual é a importância da lição que Abraão aprende? Em termos do significado teológico do episódio, como o judaísmo entende o significado do sacrifício de Isaac? Como a teologia cristã vê o episódio a partir de perspectivas proféticas e tipológicas?

*Para meditar*

1. (cf. 22, 1) O que é um “teste” de Deus? Ele já testou você alguma vez? Qual foi o resultado?

2. (cf. 22, 2) Muitas pessoas evitam ou atrasam a entrega de tudo ao Senhor, temendo que ele vá tirar-lhes algo ou alguém que elas apreciam. O que você teme que o Senhor tire de você?
3. (cf. 22, 16-18) Como você pode estar retendo do Senhor algo de si mesmo? Qual seria o benefício de entregar isso a ele?
4. (cf. 22, 18) O que “obediência” significa para você? A obediência à voz de Deus resulta em libertação ou escravidão?

## CAPÍTULOS 23 – 24

### *Para compreender*

1. (cf. 23, 1-20) O que este capítulo salienta sobre a negociação de Abraão por uma sepultura para Sara? O que a compra do terreno antecipa?
2. (cf. 23, 9) Quem será enterrado na gruta de Macpela? Embora o texto diga que o terreno está em Hebron, onde é que a tradição samaritana o localiza?
3. (cf. 24, 2) O que quadris ou coxas representam no Gênesis? Que tipo de gesto representa colocar a mão debaixo da coxa? No contexto deste versículo, o que o juramento exige do servo?
4. (cf. 24, 10) Por que o servo leva dez camelos em sua jornada? O que sabemos sobre a domesticação de camelos?
5. (cf. 24, 65) Qual é a importância da resposta do servo: “Ele é meu mestre”, à pergunta de Rebeca? Por que Rebeca se cobre ao ouvir a resposta?

### *Para meditar*

1. (cf. 24, 3-4) Por causa do chamado de Deus, Abraão não quer uma mulher cananéia como uma esposa para seu filho. Que relações, pessoais ou culturais, vem junto com o parceiro de casamento escolhido? Que obstáculos espirituais algumas dessas relações podem trazer para o casamento?
2. (cf. 24, 6-8) De que modo o local em que você vive afeta seu relacionamento com o Senhor?
3. (cf. 24, 12-14) O servo ora por um sinal para confirmar sua escolha de uma esposa para Isaac. Quais os padrões que as pessoas de seu conhecimento usam para selecionar um parceiro de casamento? Como se poderia julgar se a seleção é espiritualmente benéfica ou não?
4. (cf. 24, 67) Isaac aprende a amar Rebeca depois de se casar com ela. É essa a

ordem promovida pela nossa cultura moderna? De que modo aprender a amar o cônjuge depois do casamento pode ser bom para o casamento?

## CAPÍTULO 25

### *Para compreender*

1. (cf. 25, 19 – 36, 43) Embora menos atenção seja dada a Isaac que Jacó nestes capítulos, por que Isaac é um elo importante na cadeia genealógica do Gênesis?
2. (cf. 25, 21) De que modo Isaac é como seu pai Abraão? Por quê?
3. (cf. 25, 22) Por que os gêmeos em gestação se chocam no ventre de Rebeca? O que a luta antecipa, tanto neste capítulo como além do horizonte do Gênesis? O que Paulo vê nestes eventos?
4. (cf. 25, 26) De que modo o nome de Jacó prenuncia o seu futuro?

### *Para meditar*

1. (cf. 25, 21) Isaac ora por sua esposa Rebeca. Com que frequência você ora por membros de sua família? Em geral, pelo que você reza? Como essas orações foram respondidas?
2. (cf. 25, 27-28) Conscientemente ou não, os pais podem preferir os traços pessoais ou temperamentais de uma criança sobre outra. Que perigos que tais preferências apresentam para as relações familiares? O que os pais podem fazer para minimizar as preferências pelo “filho favorito”?
3. (cf. 25, 29-34) Neste episódio, a rivalidade entre irmãos em uma questão aparentemente trivial revela traços que amadurecem mais tarde. Qual é a sua experiência de contendas juvenis entre irmãos? Será que essas contendas revelaram traços de caráter que se resolveram quando os filhos amadureceram?

## CAPÍTULOS 26 – 27

### *Para compreender*

1. (cf. 26, 5) Quais foram os benefícios da aliança prometida a Abraão, e por que eles foram concedidos? O que Deus quer dizer com “os meus preceitos, minhas prescrições e leis”?
2. (cf. 27, 1-46) Neste capítulo, o que Jacó faz, e qual é o papel de Rebeca? Qual é a atitude do relato do Gênesis para Esau? O que a história pretende ilustrar?
3. (cf. 27, 13) Que preço Rebeca paga por seu papel nesta história?

4. (cf. 27, 29) O que a bênção de Isaac prevê? Quando a profecia se cumpriu?

*Para meditar*

1. (cf. 26, 14) O que é inveja? Por que é descrita no Catecismo como um dos “pecados capitais” (CIC 2538-40)? De que modo a inveja tem afetado sua vida?
2. (cf. 26, 17-22) O que você acha do modo de Isaac lidar com esta situação? Como você lida com pessoas que tomaram crédito por – ou até mesmo assumiram – seus esforços? Que abordagem, a sua ou a de Isaac, parece mais capaz de alcançar os projetos do Senhor para sua vida?
3. (cf. 27, 5-19) Quem você acha que leva a maior culpa pela decepção de Isaac: Rebeca, que instiga o engano, ou Jacó, que coopera com ele? Que efeito moral enganar os outros tem sobre o enganador?
4. (cf. 27, 33-41) Disputas sobre uma herança muitas vezes deixam cicatrizes permanentes nas relações familiares. Como sua família lidou com a distribuição da propriedade de um membro que faleceu? Qual poderia ser uma forma cristã de lidar com disputas sobre tais bens?

## CAPÍTULO 28

*Para compreender*

1. (cf. 28, 12) Que tipo de escada o hebraico deste versículo prevê? Do que o sonho convence Jacó? De que modo a escada de Jacó é uma imagem profética de Cristo?
2. (cf. 28, 18) Por que Jacó faz uma coluna da pedra que lhe serviu de travesseiro? O que Moisés mais tarde instruiu Israel a fazer com certas colunas?
3. (cf. 28, 21) Porque o voto de Jacó com Deus é condicional? O que Jacó, portanto, está fazendo com o Senhor?

*Para meditar*

1. (cf. 28, 1-2) Os pais de hoje raramente determinam com quem os seus filhos vão se casar, ou mesmo se eles vão se casar. Já que a escolha de um filho de um parceiro afeta a família inteira, você acha que os pais devem ter algo a dizer sobre o assunto? O que os pais devem fazer se eles desaprovam a escolha do filho, especialmente se desaprovam por motivos religiosos ou morais?
2. (cf. 28, 3-4) Em algumas famílias, os pais ocasionalmente abençoam seus filhos, por exemplo, antes de enviá-los para fora da casa. Você está familiarizado

com esta prática? Quais os benefícios que você vê nela para ambos os pais e os filhos?

3. (cf. 28, 16-17) Não raro, as pessoas têm uma sensação quase física da presença de Deus em determinados locais, como em uma igreja em particular ou em uma floresta. Como e onde você experimentou a presença de Deus? Qual foi o efeito religioso ou moral em você?
4. (cf. 28, 20-22) O que é um voto? (Compare sua resposta com CIC 2102). Quando pode ser inapropriado para um voto ser condicional, como o de Jacó? Qual é a importância de se cumprir uma promessa feita em privado?

## CAPÍTULO 29

### *Para compreender*

1. (cf. 29, 1-30) O que é que a Providência divina manda para Jacó no primeiro destes dois episódios? O que acontece com ele no segundo?
2. (cf. 29, 16) O que os nomes de Lia e Raquel significam em hebraico? O que os seus destinos de serem casadas com o mesmo homem forçam as irmãs a fazer?
3. (cf. 29, 25) Como Jacó pôde ser enganado quanto à identidade da sua esposa? De que modo a sua cegueira é justa pena para Jacó? O que o truque de Labão em relação à irmã primogênita recorda sobre a própria trapaça de Jacó?
4. (cf. 29, 31) O que significa Lia ser “desprezada”? O que pode indicar a gravidez de Lia sobre o amor preferencial de Jacó por Raquel?

### *Para meditar*

1. (cf. 29, 10-12) Histórias da família de como cônjuges se conheceram algumas vezes podem conter lições sobre a providência de Deus à família. Que histórias circulam em sua família, e o que você pode aprender com elas a respeito da providência de Deus?
2. (cf. 29, 16-17) Apesar da boa aparência física inicialmente atrair, que características devem, em última instância, determinar sua escolha de um cônjuge? Que qualidades você procura, e por quê?
3. (cf. 29, 23-30) Apesar do engano de Labão, Jacó cumpre sua parte do contrato de serviço. Qual obrigação você sentiria de concluir um acordo, se a outra parte tivesse levado vantagem sobre você por uma questão técnica?
4. (cf. 29, 31) Quais pressões a incapacidade de conceber pode ter em um casa-

mento? Quais são algumas formas cristãs de reduzir essas pressões ou resolver essas dificuldades?

## CAPÍTULO 30

### *Para compreender*

1. (cf. 29, 32 – 30, 24) Que tipo de jogo de palavras que os nomes dos filhos de Jacó envolvem? O que os seus vários nomes significam? Quando e onde foi que Benjamim nasceu?
2. (cf. 30, 3) A qual antigo ritual a expressão “dar à luz sobre os meus joelhos” se refere?
3. (cf. 30, 14) O que significa mandrágoras? Qual é a ironia nesta passagem?
4. (cf. 30, 27) O que significa adivinhação? Qual é o julgamento da Escritura sobre isso?
5. (cf. 30, 37-43) Qual era a crença dos pastores antigos sobre estímulos visuais na criação de animais? Como Jacó age em relação à crença?

### *Para meditar*

1. (cf. 30, 1-24) No contexto do seu casamento com Jacó, por que Lia e Raquel estão presas em uma competição tão amarga de ter filhos? Poderia essa rivalidade entre irmãs ocorrer ainda hoje? A partir de qual dos sete pecados capitais essa rivalidade poderia surgir?
2. (cf. 30, 1-24) O que você acha do papel de Jacó nessa competição? Como pode sua aquiescência contribuir à rivalidade das irmãs? Como um marido de hoje pode apoiar sua esposa quando ela está perturbada com a infertilidade?
3. (cf. 30, 31-36) Como Labão tenta garantir que ele leve a melhor sobre Jacó neste acordo? Se você fosse um empregador, como você determinaria o salário de um empregado para que você ainda pudesse ter lucro sem enganar o trabalhador?
4. (cf. 30, 37-43) Jacó revida usando seu conhecimento da criação de animais para obter para si o salário que lhe foi prometido, minimizando o aumento da riqueza de Labão. Jacó é justificado ao usar este estratagema? Por que é inadequado enganar alguém que enganou você?

## CAPÍTULO 31

### *Para compreender*

1. (cf. 31, 1-16) O que a narrativa anterior no capítulo 30 destaca? Por que a história é recontada no capítulo atual?
2. (cf. 31, 39) No antigo Oriente Próximo, quais obrigações o pastor tinha para com seu empregador se um animal fosse roubado ou atacado por animais selvagens? De que modo Jacó vai além do seu dever?
3. (cf. 31, 43-55) O que Jacó e Labão fazem para selar a sua aliança? O que eles prometem? Por que alianças desse tipo eram feitas?
4. (cf. 31, 47) Por que Labão e Jacó chamam o mesmo local por nomes diferentes? O que a tradição bilíngüe reflete?

### *Para meditar*

1. (cf. 31, 14-16) Queixas na infância contra os pais muitas vezes são transportadas à idade adulta. Você já fez queixas contra seus pais? Que virtudes cristãs podem ajudar a minimizar ou eliminar tais queixas?
2. (cf. 31, 19) Nem toda criança que sai de casa rouba seus pais, mas todo mundo tira algo de valor quando vai embora. Supondo que você tenha deixado a casa dos seus pais, quais foram seus motivos? Que valor isso tem para você? Para seus pais?
3. (cf. 31, 20) Reveja os motivos de Jacó nos versículos de 1-20 para fugir do serviço de Labão. Quais são eles? À medida que você reflete sobre sua saída da casa dos seus pais, quais foram as suas motivações? Quão vantajosas eram elas? Quais eram reais, e quais podem ter sido racionalizações?
4. (cf. 31, 36) Alguma vez você já foi acusado injustamente? Como você respondeu à acusação? Considerando o exemplo de Jesus em suas várias provações, como você deveria ter respondido?

## CAPÍTULO 32

### *Para compreender*

1. (cf. 32, 4) O que os títulos que Jacó usa implicam em relação a Esau? Com efeito, o que Jacó está fazendo? O que esta estratégia realiza?
2. (cf. 32, 22-32) Qual é o resultado dessa luta misteriosa? Alegoricamente, o que a derrota do anjo representa? Como esta interpretação se aplica ao povo de Israel? Em um nível moral, o que significa lutar com um anjo?

3. (cf. *Estudo da palavra: Israel 32, 28*) Qual é o jogo de palavras envolvido com o nome Israel? O que é incomum sobre o caráter composto deste nome? O que se entende do nome nas Escrituras? Na história bíblica posterior, qual grupo o nome representa?
4. (cf. 32, 30) Como Jacó enxerga Deus “face a face”? O que o nome Fanuel significa, e onde é localizado?

*Para meditar*

1. (cf. 32, 7-12) Como é que Jacó administra o seu medo e angústia diante da aproximação de Esaú? Como você costuma lidar com o medo? Como a oração pode ser útil no modo com que você lida com o medo?
2. (cf. 32, 12-13) Reflita sobre a exortação de Jesus em Mt 25-34 e a passagem semelhante em Lc 12, 22-31. Quanta confiança você coloca nas promessas de Deus nas Escrituras quando você sente que o seu bem-estar está ameaçado? Quão facilmente, por exemplo, essas promessas vêm à mente em momentos de inquietação?
3. (cf. 32, 24-26) O Catecismo chama conversão de uma luta (CIC 1426) e a oração uma batalha (CIC 2573ff.). De que forma elas são um esforço e uma batalha para você? Você age como Jacó na continuação da luta?
4. (cf. 32, 28) Na sua luta com Deus, Jacó “prevalece”. Na oração de petição, o que muda: a mente de Deus ou a do homem? O que significa “prevalecer” em oração?

## CAPÍTULOS 33 – 34

*Para compreender*

1. (cf. 33, 18) Onde é Siquém? Recebeu o nome de quem? Qual percurso Jacó está seguindo?
2. (cf. 34, 1-31) Do que este capítulo trata? Qual é o papel de Jacó nesse episódio?
3. (cf. 34, 9) O que Hamor está negociando entre Israel e Siquém? O que isso tem a ver com os cidadãos de Siquém? Como os filhos de Jacó reagem?
4. (cf. 34, 15) Qual é a condição para uniões conjugais entre Israel e Siquém? O que os filhos de Jacó pretendem ao propor isso?

*Para meditar*

1. (cf. 33, 12-15) A degradação de Jacó e suas ações posteriores sugerem que ele não confia plenamente no seu irmão, mesmo que os dois estejam aparentemente-

te reconciliados. Quando a confiança é quebrada, como pode ser reconstruída? Como você sabe quando a confiança foi firmemente estabelecida?

2. (cf. 34, 1-2) A palavra “estupro” vem de uma palavra latina que significa “roubar” pela força. Quando um estupro ocorre, o que é roubado? Compare sua resposta com a do Catecismo (CIC 2256).
3. (cf. 34, 25-27) Irmãos de Dina se vingam, matando todos os homens na cidade de Siquém e recuperando sua irmã. Em sua área, qual é a punição legal para o crime de estupro? Em comparação com a vingança tomada pelos filhos de Jacó, você acha que a punição legal de hoje é adequada? A que objetivo a punição por tal crime deve servir?
4. (cf. 34, 30-31) Os filhos de Jacó indeferem o pedido de seu pai que suas ações têm trazido medo e culpa a ele. Qual o impacto que o crime de estupro tem sobre a família da vítima? E sobre a do agressor?

## CAPÍTULO 35

### *Para compreender*

1. (cf. 35, 9-12) O que acontece com Jacó em Betel? Como as palavras ditas a Jacó se assemelham ao discurso divino a Abraão no capítulo 17?
2. (cf. 35, 18) Como Raquel morre? Qual é o significado do nome que ela dá ao seu bebê? Qual é o significado do nome que Jacó dá a ele? Como este nome mostra o que é único na criança? O que as narrativas bíblicas posteriores indicam sobre a tribo de Benjamim?
3. (cf. 35, 22) O que Rúben estava tentando ao deitar-se com Bala? Que ironia resulta disso? O que vai fazer Jacó com o direito de primogenitura de Rúben?
4. (cf. 35, 29) Qual impressão é criada ao colocar a história da morte de Isaac aqui? Onde mais ela poderia ter sido colocada? Que outra história de um enterro e irmãos brigados se recorda aqui?

### *Para meditar*

1. (cf. 35, 4) Muitas pessoas – talvez você mesmo – possuem imagens ou usam jóias que são na verdade emblemas de outras religiões, como um bracelete ou uma estátua de Buda. Qual pode ser o perigo, mesmo no mundo moderno, de possuir ou usar essas imagens? O que o Catecismo diz sobre as imagens de Deus? Compare sua resposta com a do Catecismo (CIC 476, 1159-1162).

2. (cf. 35, 11-12) Por que você acha que Deus repete as promessas da aliança para sucessivas gerações de patriarcas? Por que você acha que precisamos ouvir promessas repetidas?
3. (cf. 35, 17-20) Por que as famílias criam marcadores de sepultamento, mesmo que não tenham nenhuma intenção de voltar para o local de enterro? O que tais marcadores indicam sobre aqueles que ainda estão vivos?
4. (cf. 35, 22-25) Reveja o comentário para o versículo 22. Com a esposa favorita de Jacó, Raquel, morta, por que Bala é tão importante para Rúben? Se você quisesse o acesso a uma pessoa famosa, mas essa pessoa fosse inacessível, a quem você iria?

## CAPÍTULOS 36 – 37

### *Para compreender*

1. (cf. 36, 7) O que obriga Jacó e Esaú a separarem suas tribos? Por que o paralelo com Abraão e Ló é significativo?
2. (cf. 37, 1 – 50, 26) A que este enredo é dedicado? Qual é a ligação entre este material e o do livro do Êxodo? O que neste material foi comprovado como historicamente autêntico?
3. (cf. 37, 3) O que o amor preferencial de Jacó por José causa à sua família? Qual é o significado do manto que Jacó dá a José? Qual é o seu significado alegórico?
4. (cf. *Estudo da Palavra: Sonho 37, 5*) O que as pessoas no antigo Oriente Médio acreditam sobre sonhos? Na tradição bíblica, por que os sonhos são importantes? O que o Senhor revela por meio deles? Qual o papel que eles desempenham na vida de José?
5. (cf. 37, 28) Quem são os comerciantes madianitas? Será que a soma de vinte moedas de prata, paga pela escravidão de José, está de acordo com a evidência histórica pelo preço dos escravos durante esse período? Quando foi que o preço subiu para trinta moedas de prata?

### *Para meditar*

1. (cf. 37, 3-4) Em uma família com vários filhos, como os pais podem evitar mostrar favoritismo? Por que é tão necessário evitar?
2. (cf. 37, 5-11) Em uma família com vários filhos, como é que as crianças tendem a afirmar a sua própria importância? Nesta passagem, como é que Jacó responde ao seu filho? Como um pai de hoje deve responder?

3. (cf. 37, 19-27) Em uma família com vários filhos, a inveja fraterna de um irmão promissor pode acabar de uma variedade de maneiras por trás das costas dos pais. Alguma vez você já teve a experiência desse tipo de retaliação contra um irmão favorecido? Como a idade ou a experiência mudou ou confirmou as atitudes dos outros irmãos (incluindo você mesmo, se for o caso)?
4. (cf. 37, 34-35) Em comparação com a expressão de Jacó de luto pela perda de um filho, que atitude um pai cristão deve mostrar?

## CAPÍTULO 38

### *Para compreender*

1. (cf. 38, 1-30) De quem é o centro das atenções neste capítulo? O que a história sugere, e o que ela explica?
2. (cf. 38, 8) A qual “dever” Judá está se referindo aqui? Quando este direito foi transformado em lei?
3. (cf. 38, 9) Além de interromper a relação sexual, o que mais fez o pecado de Onã tão gravemente desagradável ao Senhor? Qual é a razão dupla para a gravidade do que ele fez? Na sua forma codificada, qual é a punição usual pela violação da lei levirata nas Escrituras? Na teologia moral católica, o que o pecado de “onanismo” abrange?
4. (cf. 38, 21) Qual é o significado da palavra hebraica usada neste versículo? O que a mudança de terminologia sugere?
5. (cf. 38, 26) Por que Judá diz que Tamar foi “mais honesta” do que ele?

### *Para meditar*

1. (cf. 38, 2) Leia o comentário para este versículo. Que padrões seus pais tinham em relação à seleção de um parceiro de casamento de seus filhos? Qual o papel que a religião desempenhou nesses padrões? Qual o papel deveria desempenhar?
2. (cf. 38, 9) De acordo com a doutrina da Igreja Católica, “todo casamento deve permanecer aberto à transmissão da vida” (*Humanae Vitae*, II). Quais são algumas das razões que casais modernos alegam para evitar ou retardar a vinda dos filhos? Quais meios de regular os nascimentos são moralmente aceitáveis e quais não são? O que torna a contracepção intrinsecamente contraditória para a aliança de casamento? (Consulte CIC 2368-71).

3. (cf. 38, 13-19) O que Tamar está tentando fazer por suas ações com Judá? Considerando o costume levirata do tempo, de que modo ela é justificada ao tomar o caso em suas próprias mãos?

## CAPÍTULOS 39 – 40

### *Para compreender*

1. (cf. 39, 4) O que a autoridade sobre palácio e posses de Putifar antecipa?
2. (cf. 39, 6-18) Como José resiste aos avanços da mulher de Putifar? Ciente de sua própria fraqueza, o que ele recusa e o que ele evita?
3. (cf. 39, 20) Por que a prisão é uma punição leve para José?
4. (cf. 40, 13) Qual é o significado deste jogo de palavras para o copeiro? E para o padeiro?

### *Para meditar*

1. (cf. 39, 7-12) Você já lidou com a tentação sexual? O que tais tentações ensinaram sobre você mesmo? Por que pode ser melhor fugir de tal tentação do que combatê-la?
2. (cf. 39, 21-23) Que talentos ou habilidades você possui que lhe trouxeram sucesso em longo prazo, apesar dos contratemplos? O Senhor pode ser responsável por eles? Se não, a quem você geralmente dá os créditos por tais talentos ou habilidades?
3. (cf. 40, 8) Apesar da condenação da Igreja, muitos cristãos ainda praticam alguma forma de adivinhação, tais como consultar horóscopos. Qual é a diferença entre o uso de adivinhação para interpretar os sonhos e a maneira que José os interpreta? Por que a Igreja condena práticas como a adivinhação? (Consulte CIC 2116). Que mal podem fazer para a pessoa que os usa?

## CAPÍTULO 41

### *Para compreender*

1. (cf. 41, 1-57) Como Deus prepara a elevação de José ao poder real no Egito? Quais são algumas das semelhanças entre este capítulo e o capítulo 2 do Livro de Daniel?
2. (cf. 41, 39-44) Como vizir do Egito, que autoridade José tem? O que significam os símbolos do seu ofício? Além do Egito, quais outros países do Oriente Próximo reconhecem a posição do vizir?

3. (cf. 41, 45) Quais são os significados de alguns dos nomes egípcios neste versículo? Qual era o nome grego para a cidade de On, e por que era famosa? O que o casamento de José na casta sacerdotal significa?

*Para meditar*

1. (cf. 41, 8) Sempre que você tem um problema pessoal ou espiritual significativo, como você procura a resolução? A quem você se volta para obter ajuda? De que modo você está disposto a tomar o conselho que é oferecido?
2. (cf. 41, 14) Qual a importância de aparecer limpo e bem vestido na presença de oficiais importantes? O que você acha que explica a tendência atual de aparecer em traje casual ou desgastado na presença de Deus na liturgia? Como você classifica a sua própria veste quando participa da liturgia?
3. (cf. 41, 16) O Catecismo discute dons carismáticos como maneiras pelas quais o Espírito Santo “torna o fiel ‘apto e pronto para realizar várias tarefas e ofícios para a renovação e edificação da Igreja’ [*Lumen Gentium*, 12 §2]” (CIC 798). Quais carismas o Espírito Santo lhe deu para esse propósito? Como você os reconhece?
4. (cf. 41, 47-57) Como a vida espiritual alterna entre “altos” e “baixos” espirituais, como você deve se preparar espiritualmente para os períodos de deserto e desolação que tendem a seguir os períodos de crescimento e de consolação? Por exemplo, quais práticas espirituais você deve fortalecer, e com quais você ainda não se comprometeu e deve começar?

## CAPÍTULOS 42 – 44

*Para compreender*

1. (cf. 42, 34) Que ameaça e que promessa os irmãos de José escondem de Jacó?
2. (cf. 43, 32) Por que houve arranjos de assentos separados nesta refeição? Por que os egípcios recusam a comunhão na mesa com os hebreus? Que outras referências no Pentateuco sustentam essa interpretação?
3. (cf. 44, 5) Como uma taça de bebida era utilizada para a adivinhação? Que indicação temos de que José praticava essas artes supersticiosas?
4. (cf. 44, 16) Sobre qual culpa Judá está falando na sua resposta a José? Qual é a ironia aqui?

*Para meditar*

1. (cf. 42, 28) Quando acontece um desastre, especialmente um que toma muitas vidas, em que as pessoas tendem a colocar a culpa? Quais desafios à fé tais catástrofes podem representar? Que respostas a fé deve dar a esses desafios?

2. (cf. 43, 1-14) Quão verdadeiro é o ditado, “Não decidir é decidir”? Alguma vez você já adiou a tomada de uma decisão vital por medo das conseqüências? Quais foram os seus motivos? O que finalmente o levou a uma decisão?
3. (cf. 44, 1-13) Depois de ter tratado Benjamim com tanta bondade no dia da festa no capítulo 43, José encena um truque que coloca a culpa em Benjamim pelo roubo, e a escravidão no Egito é a pena. Qual é motivo de José? Que “mensagem” ele pode estar enviando aos irmãos de Benjamim? Como essa mensagem pode estar relacionada ao que aconteceu com o próprio José?

## CAPÍTULO 45

### *Para compreender*

1. (cf. 45, 5) O que as palavras de José aos seus irmãos implicam sobre sua atitude e intenção? Como José interpreta sua rejeição por seus irmãos? Qual lição teológica está contida aqui? Que comparação entre Jesus e José Estevão implica em seu discurso de defesa em Atos?
2. (cf. 45, 10) Onde é Gessen? A terra era ideal para quê?
3. (cf. 45, 24) José admoesta seus irmãos para não se perturbarem durante a viagem para casa por quê?

### *Para meditar*

1. (cf. 45, 4) O Papa João XXIII, cujo nome de batismo era Giuseppe (José), cumprimentou uma delegação de judeus no Vaticano, citando este versículo. O que você acha que ele queria dizer a eles? De que modo os cristãos, nas palavras de Pio XI, são “espiritualmente semitas”?
2. (cf. 45, 7-8) Você pode pensar em outros incidentes na história em que Deus tirou o bem do mal? Como pode um revés ou desastre em sua própria vida ter sido uma bênção disfarçada?
3. (cf. 45, 24) Leia o comentário para este versículo. Por que José suspeitaria que seus irmãos pudessem se perturbar depois de tal sorte? Quais podem ser os motivos para tais perturbações?

## CAPÍTULO 46

### *Para compreender*

1. (cf. 46, 1-4) Por que esta aparição do Senhor a Jacó é importante? Quanto tempo levará até que outro israelita encontre a presença de Deus desta maneira? O que a promessa feita a Jacó recorda nesta ocasião?

2. (cf. 46, 8-27) Neste inventário da família de Jacó no Egito, quantos descendentes o texto hebraico relata? Do que esse número é reminescente? Como é que o Antigo Testamento grego expande essa lista, e qual tradição Estevão segue no Novo Testamento?
3. (cf. 46, 8) Por volta de que ano uma leitura literal da cronologia bíblica coloca o início da estada no Egito?
4. (cf. 46, 34) Por que “cada pastor é uma abominação” para os egípcios? Do que os animais de rebanho eram símbolo, e que aspectos do pastoreio fazem essa profissão representar uma profanação da sua religião?

*Para meditar*

1. (cf. 46, 5-7) Quantas vezes sua família fez uma grande mudança de um local para outro? Qual foi a ocasião de cada mudança, e quão difícil foi? Quais foram os efeitos em longo prazo das mudanças em sua família?
2. (cf. 46, 8-27) Genealogias ocorrem com frequência nas Escrituras. Quão bem você sabe a genealogia de sua própria família? Que importância tem para você saber quem foram os seus antepassados, de onde eles vieram, e que tipo de pessoas eram eles?
3. (cf. 46, 32-34) Você considera a sua ocupação como uma vocação, como uma carreira, ou como um emprego? Qual é a diferença? Como você selecionou sua ocupação, e como você se sente sobre isso? De que modo pode usá-la para honrar o Senhor?

## CAPÍTULO 47

*Para compreender*

1. (cf. 47, 9) O que Jacó quer dizer com “minha vida migrante”? Qual é o seu objetivo?
2. (cf. 47, 11) Para o que é o outro nome de Ramsés neste versículo? Quem atualizou esse nome? Quando o homônimo da região realmente reinou?
3. (cf. 47, 13-26) O que acontece com os egípcios quando a fome oprime? Quem os dirige através da crise? Que impressão é dada em 47, 27 sobre Israel?
4. (cf. 47, 27) Como é o nome de Israel usado aqui pela primeira vez nas Escrituras? De que modo as promessas de Deus a Abraão e Isaac são cumpridas aqui?

*Para meditar*

1. (cf. 47, 12-13) Cuidar de um pai idoso ou um parente portador de deficiência não é uma situação de acontecimento único; em vez disso, o percurso geralmente dura anos. O que está envolvido em tais cuidados? Que efeitos os cuidados contínuos têm sobre o cuidador e a família do cuidador? Como esses cuidados refletem obediência ao quarto mandamento?
2. (cf. 47, 13-26) A política de racionamento de José envolve a venda de mantimentos para os egípcios ou fazer permuta do seu serviço ao invés de dar mantimentos a eles. Considerando os seus efeitos sobre a população, o que você acha da política? Como um governo moderno pode lidar com uma emergência alimentar similar?
3. (cf. 47, 29-30) Quais são os motivos de Jacó para querer ser enterrado, não no Egito, mas com seus pais? Por que o lugar do enterro é significativo? Que importância religiosa o lugar do enterro pode ter?

## CAPÍTULO 48

*Para compreender*

1. (cf. *Ensaio sobre um tópico: Bênçãos e Primogenitura*) Que padrão distinto surge no Gênesis que tende a ir contra os costumes domésticos do mundo bíblico? Quais eram alguns privilégios que filhos primogênitos tipicamente tinham? Quem foram os únicos primogênitos no Gênesis que receberam as bênçãos habituais? Por que a maioria dos primogênitos perde suas posições? Com que frequência o padrão de preferência de Deus pelos filhos mais novos se repete, e a quem beneficia?
2. (cf. 48, 1-22) O que Jacó cego e acamado faz neste capítulo? Qual é a sua importância para os filhos de José? Qual bênção é dada a Efraim, o mais novo?
3. (cf. 48, 5) Como foi que Rúben e Simeão se tornaram inaptos de receber a bênção do primogênito? Quem toma os seus lugares?
4. (cf. 48, 22) Onde a cidade de Siquém está localizada? Qual é a sua relação com José?

*Para meditar*

1. (cf. 48, 1-2) Quando notificados de que o pai está morrendo, os filhos muitas vezes correm para estar presente antes da morte ocorrer, mesmo que o pai não esteja consciente. Quais são algumas das razões que podem compeli-los a ir?

Que motivos religiosos podem induzi-los, mesmo que eles próprios não sejam religiosos?

2. (cf. 48, 3-4) Jacó lembra José das promessas da aliança de Deus a ele. O que torna as últimas palavras de uma pessoa que está morrendo importante àqueles deixados para trás? Quais são as últimas palavras relatadas ou reais de pessoas que você conheceu ou leu a respeito que mais impressionou você? O que as torna memoráveis?
3. (cf. 48, 15-16) A bênção de Jacó parece passar para Efraim e Manassés as bênçãos que ele recebeu de Deus. Se você tivesse uma bênção para transmitir aos entes queridos, qual seria?

## CAPÍTULO 49

### *Para compreender*

1. (cf. 49, 1-27) Que tipo de bênçãos Jacó dá a seus filhos? Como elas são agrupadas? De que modo as bênçãos dadas a Judá e José são diferentes das outras?
2. (cf. 49, 5-7) O que Jacó tem a dizer sobre Simeão e Levi? O que o oráculo prevê sobre suas tribos?
3. (cf. 49, 8-12) Qual é o destino da tribo de Judá? Como Judá é retratado? Onde mais no Antigo Testamento alusões a esta bênção aparecem?
4. (cf. 49, 10) Quem cumpre o oráculo de um governante universal a partir da linhagem de Judá? Quando o cumprimento final acontece?
5. (cf. 49, 11) O que é o “sangue das uvas”? Que idéia transmite? Alegoricamente, a que as manchas de vinho apontam?
6. (cf. 49, 24) O que proclamam os dois títulos para Javé?

### *Para meditar*

1. (cf. 49, 3-27) A atitude dos pais em relação aos filhos pode indicar para o bem ou mal os tipos de pessoas que os filhos se tornarão. De que forma as atitudes de seus pais determinaram o rumo da sua vida até agora? Você consciente ou inconscientemente resistiu às expectativas de seus pais para a sua vida? Se você é pai, você já transmitiu tais atitudes para seus filhos?
2. (cf. 49, 9) Jesus é descrito em Apocalipse 5, 5 como o Leão da tribo de Judá. Que traços leoninos Jesus têm? De que modo esta é uma descrição adequada a ele?

3. (cf. 49, 11) Leia o comentário para este versículo. Que relação você vê entre a expressão “sangue das uvas” e o cálice da Eucaristia?

## CAPÍTULO 50

### *Para compreender*

1. (cf. 50, 2) O que era o embalsamamento egípcio? O que o processo envolvia?
2. (cf. 50, 10) O que era uma “eira de debulhar o trigo”? A que direção “outro lado do Jordão” se refere?
3. (cf. 50, 25) Quando o pedido de José para levar seus ossos para fora do Egito foi cumprido? Onde os israelitas os enterraram?

### *Para meditar*

1. (cf. 50, 7-13) Além de enterrar uma pessoa falecida, qual é o propósito de um funeral? Por que a liturgia fúnebre da Igreja inclui elementos como cobrir o caixão com uma mortalha, incensá-lo, e aspergir água benta sobre ele?
2. (cf. 50, 20-21) Leia com atenção a resposta de José ao apelo de seus irmãos por perdão. O que ele diz sobre a transgressão de seus irmãos? De que forma a sua resposta pode servir de modelo do verdadeiro perdão?
3. (cf. 50, 24-25) No Antigo Testamento, a previsão de uma “visita” de Deus pode ser uma promessa ou uma ameaça, dependendo das circunstâncias. Qual delas José está prevendo? Você já experimentou pessoalmente tal “visita” de Deus? Como você caracterizaria a experiência?

FICHA CATALOGRÁFICA

Hahn, Scott; Mitch, Curtis; Walters, Dennis

O livro do Gênesis – Cadernos de estudo bíblico /  
Scott Hahn, Curtis Mitch e Dennis Walters; tradução de  
Alessandra Lass – Campinas, SP: Ecclesiae, 2015.

Título original: *Genesis (Catholic Study Bible)*

ISBN: 978-85-8491-017-5

1. Estudos Bíblicos 2. Igreja Católica

I. Autores II. Título.

CDD – 220.7

282

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Estudos Bíblicos – 220.7
2. Igreja Católica – 282



Este livro foi impresso pela Gráfica Santuario.  
O miolo deste livro foi feito com papel  
Offset 90g, e a capa com cartão supremo 250g.